4211
5
0

O BRAZIL

E AS

COLONIAS

PORTUGUEZAS

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

5.ª edição, augmentada

1920

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold, it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RETURNED	DATE DUE	RETURNED
JUN 20 2005			

00023622849

O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

Historia da civilisação iberica, 6.ª ed., 1 volume.
Historia de Portugal, 10.ª ed., 2 volumes.
O Brazil e as colonias portuguezas, 4.ª ed., 1 volume.
Portugal contemporaneo, 5.ª ed., 2 volumes.
Portugal nos mares, 2.ª ed., 1 volume.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal, 1.ª ed., 1 volum
A vida de Nun'Alvares, 3.ª ed., 1 volume.
Os filhos de D. João I, 3.ª ed., 1 volume.
O principe perfeito, 2.ª ed., 1 volume.

II. Historia geral:

Elementos de anthropologia, 5.ª ed., 1 volume.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 3.ª ed., 2 volumes.
Systema dos mythos religiosos, 3.ª ed., 1 volume.
Quadro das instituições primitivas, 3.ª ed., 1 volume.
Regime das riquezas, 3.ª ed., 1 volume.
Historia da republica romana, 3.ª ed., 2 volumes.
O hellenismo e a civilisação christã, 3.ª ed., 1 volume.
Taboas de chronologia e geographia historica, 1 volume.

III. Varia:

A circulação fiduciaria, 2.ª ed., 1 volume.
A reorganisação do Banco de Portugal, opusculo.
Projecto de lei de fomento rural, apresentado á camara dos dep tados na sessão de 1887, 1 volume.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante, 3.ª ed., 1 volume.
Cartas peninsulares, 1 volume.
O artigo «Banco» no Diccionario Univers l Portuguez, 1 volume
Carteira de um jornalista: I, Portugal a Africa, 1 volume.
Politica de economia nacional, 1 volume.

Parceria A. M. Pereira — Livraria editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA

O BRAZIL

E AS

COLONIAS

PORTUGUEZAS

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

5.ª edição, augmentada

JV4211
.B5
1920

1920

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
JUN 18 [illegible]			

ADVERTENCIA

Qanc clim veteres vitam coluere Sabini;
Hanc Remus et frater; sic fortis Etruria crevit
Scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma.

VIRG. GEORG II, 532-5.

Não encontrará o leitor, n'esta obra, a historia do nosso dominio no Oriente. Tratemos agora de *colonias*, e não de *conquistas*, especiaes, a nosso vêr, inteiramente diversas.

A conquista ou vassallagem das costas e ilhas do oceano indico, pelos portuguezes, foi já por nós estudada, summaria e rapidamente, como convem no plano d'estes livros, e em episodio ruidoso, brilhante se quizerem, para a nossa patria, mas sem maior alcance para a historia do mundo.

D'essa *Viagem da India*, (1) em que Portugal se embarcou, restam ainda salvados, como quando, depois do naufragio, fluctuam sobre as ondas as estilhas do navio despedaçado: Timor, Macau que principiou por ser um ninho de piratas, e a cidade do Albuquerque terribil, Gôa, com um alfoz, recentemente enfeodado á Inglaterra. Resta ainda um

(1) *Historia de Portugal*, l. IV; no tomo II, pp. 197-276 (4.ª ed.)

largo trato da costa oriental da Africa, depois de perdido o Zanzibar ao norte, e ao sul o Cabo com o porto a que Vasco da Gama chamou do Natal.

Em Moçambique, porém, e na vasta Zambezia, não acharam os portuguezes uma civilisação indigena ou implantada, como a da India, ou a que os arabes tinham estendido ao longo da costa oriental de Africa, na sua metade norte. Eram territorios habitados por selvagens, como o eram os da costa occidental, como o eram os do Brazil. Moçambique prende-se, pois, á historia colonial portugueza; dando a esta expressão o sentido restricto que em nosso entender lhe convem. Conquistar pelas armas e impôr o dominio proprio a nações cultas, embora o sejam de um modo diverso do europeu, differe essencialmente do facto de amansar tribus selvagens, de as exterminar, de povoar territorios nús, de desbravar florestas virgens, e abrir o solo ás culturas productivas; e ainda que usualmente demos o nome de colonias (1) a todos os estabelecimentos fundados por europeus fóra da Europa, é fóra de duvida que esta condição geographica importa muito menos, do que a distincção proveniente do caracter d'esses estabelecimentos.

N'este livro, pois, estudaremos a colonisação dos portuguezes na America e na Africa; estudal-a-hemos conjunctamente, porque os territorios nacionaes formavam n'essas duas partes do mundo um systema que se desenvolvia de um modo parallelo ao systema das conquistas orientaes. No Oriente os portuguezes davam largas no seu genio guerreiro e mercantil; na Africa e America obedeciam aos impulsos mais felizes do seu genio indagador e audaz. A mesma tenacidade com que antes tinham

(1) V. *Hist. da rep. romana*, I, pp. 211-14.

querido desvendar, e tinham desvendado, os segredos do mar, (1) era a que os impellia agora a descobrir os segredos d'esses vastos e espessos sertões da Asia e da America austraes.

Tão incapazes e infelizes provaram ser n'uma empreza, como aptos e afortunados se mostraram na outra. Os portuguezes foram os primeiros colonisadores europeus; e as ilhas do Atlantico o primeiro exemplar de colonias propriamente ditas. As sementes lançadas á terra da America germinaram, e o imperio do novo continente veio dar um maior testemunho posterior do nosso genio. Fortuna diversa coube á Africa, por isso que ella foi quasi até nossos dias, uma dependencia do Brazil. A' obra do arroteamento e cultura na America faltavam braços, e na Africa sobravam negros: as duas colonias formavam um systema, como atraz dissemos; mas se provinha d'ahi o fomento de uma, provinha tambem a condemnação da outra. Emancipado o Brazil e abolida a escravidão, a Africa entrou recentemente n'uma éra nova, a que nós, a seu tempo, buscaremos descorticar o futuro.

Uma nação formada, livre e forte, na America, e quasi metade da metade austral da Africa a colonisar ou a explorar: eis ahi o que foi e o que é a obra dos portuguezes. A sua historia não ficaria completa, se se lhe não juntasse a das suas colonias — até porque ellas serão para o futuro o melhor testemunho, acaso o unico vivo testemunho, da sua existencia no mundo, da sua intervenção activa na civilisação europêa.

Essa historia da formação e desenvolvimento das colonias, nem por ser destituida dos episodios brilhantes, dos casos dramaticos, das intrigas enre-

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) I, pp. 51-2 e 163-222.

dadas que a intervenção dos caracteres dos homens põe na existencia das nações, deixa de merecer uma attenção viva. E' um estudo de embriologia social. Vê-se ahi na confusão muda das cousas primitivas, o como que germinar da semente, e assiste-se ao dominio franco das leis da natureza e dos instinctos humanos — que são tambem uma expressão d'essas leis. A historia reduz-se a fastos, mas cada uma d'essas datas simples: a exploração de um rio, a construcção de uma casa, o morticinio de uma tribu indigena, o desembarque das mulheres vindas do reino, ou o rapto das dos indios; cada um d'esses factos acorda no espirito do observador o conjuncto de condições e de leis a que obedecem o nascer e o crescer das sociedades. «Assim viveram os velhos sabinos, assim Remo e seu irmão; assim cresceu a poderosa Etruria; assim Roma se tornou a maravilha do mundo!» (1)

---

(1) V. *Hist. da rep. romana introd.*, pp. IX e segg.

O BRAZIL

E AS

COLONIAS PORTUGUEZAS

LIVRO PRIMEIRO

Formação das colonias na Africa e America

(1418-1654)

I

A descoberta e a occupação

As causas que levaram os portuguezes a embarcar-se na exploração do mar Atlantico têm sido demoradamente estudadas e são conhecidas: (1) não nos occuparemos pois d'ellas. O periodo que vae do primeiro quartel do seculo XV até ao segundo do XVI é a grande epocha das descobertas maritimas. Na primeira metade do seculo XV a Africa occidental é reconhecida, pela costa, até á Serra-Leoa, e são descobertas as ilhas do Atlantico; na

(1) V. *Civil. iber.* (3.ª ed.) l. VI, 5-6; e *Hist. de Port.* (4.ª ed.) l. III.

segunda metade apparece o archipelago de Cabo-Verde, as ilhas do golpho da Guiné, e completa-se a exploração da costa occidental até ao Cabo, e d'ahi a da costa oriental, na viagem de Vasco da Gama a Kalikodu. O primeiro quartel do XVI seculo é a éra da descoberta litoral do Brazil, effectuada por navegadores portuguezes e estrangeiros. (1)

As ilhas do Atlantico eram territorios despovoa-

---

(1)

1.º periodo

1418 — Descoberta de Porto-Santo por Bartholomeu Perestrello.
1419 — Idem da Madeira por Zarco e Tristão Vaz.
1429 — Reconhecimento da costa, ao cabo Bojador por Gil Eannes.
1432 — Descoberta de Santa Maria (Açores) por Gonçalo Cabral.
1434-5 — Reconhecimento da Costa ate Rio do Ouro por Gil Eannes.
1436 — Idem até Angra de Cavallos por Baldaya.
1440 — Idem até ás boccas do Senegal por D. Fernandes.
1443 — Idem até Cabo Verde pelo mesmo.
1444 — Descoberta de S. Migael (Açores) por Gonçalo Cabral.
1445 — Reconh. da costa de Gambia por Cadamosto.
1446 — Idem de Guiné, até Cabo-roxo pelo mesmo.
1447 — Idem até Rio Tabete por Tristão e Fernandes.
1449 — Descoberta da Terçeira e S. Jorge (Açores) por Bruges.
1453 — Idem das outras ilhas dos Açores.

2.º periodo

1460 — Descoberta das ilhas de Maio, S. Thiago e Fogo (Cabo-Verde).
1460-1 — Reconhecimento da costa até Cabo Mesurado por Cintra.
1469 — Idem ao cabo Santa Catharina, por Santarem.
1469-71 — Idem do Gabão e descoberta das ilhas do golpho da Guiné; Formosa. Fernando-Pó, Corisco, Anno-Bom, S. Thomé (70), e Principe (71).
1484-5 — Reconhecimento da costa ás boccas do Congo, até ao cabo Negro por Diogo Cam.
1486 — Reconhecimento ao cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias.
1497-8 — Idem a Melinde (na costa oriental). por Vasco da Gama.
1501 — Descoberta das ilhas Ascenção e S. Helena por João da Nova.

dos (1) e o typo de colonisação que desde logo occorreu aos homens do fim da Edade-media, ainda saturados das tradições aristocraticas, (2) foi um typo feodal. Assim, na madeira e nos Açores se crearam capitanías, nome com que aprouve denominar os novos senhorios. N'este primeiro momento da historia da colonisação portugueza, vêem-se como dois reis na nação portugueza: o monarcha, por direito historico, e o infante D. Henrique, (3) pro-

---

3.º periodo (as costas do Brazil)

1499-500 — Pinzon visita a foz do Amazonas e cabo do Norte (2º N.)
1500 — Lepé reconhece o cabo Santo Agostinho (8º S.)
» — Cabral desembarca em Porto-Seguro (16º 30' S.)
1501 — Gonçalo Coelho vae de Lisboa a explorar a Terra de Santa Cruz de 5º a 32º S.
1501-2 — Vespucci vae de Portugal ao cabo S. Roque (5º), reconhecendo a costa até 35º.
1503 — Christovão Jacques explora a costa brazileira até ao cabo das Virgens, á entrada do estreito de Magalhães.
1503-4 — Vespucci e Coelho vão de Portugal, á ilha de Fernando Noronha; e da Bahia (13º) a cabo-Frio.
1503 — A esquadra de Affonso de Albuquerque, a caminho da India, reconhece a costa do Brazil e ahi desembarca.
1505 — Idem, a esquadra de D. Francisco d'Almeida.
1506 — Idem, a esquadra de Tristão da Cunha.
1508-9 — Pinzon e Solis, por Castella, vão ao cabo S. Agostinho, descendo a costa até 40º.
1515-16 — Solis, por Castella, vae a cabo-Frio; dobra o cabo Natividade e o Cananéa (25º), visita a ilha dos Patos, a bahia dos Perdidos (27º) e entra no Mar-doce, ou de Solis (Rio-da-Prata), onde morreu.
1516 — Thomaz Perth, pela Inglaterra, explora as costas do Brazil.
1519 — Fernão de Magalhães, a caminho do Pacifico, descobre a bahia do Rio de Janeiro.
1520 — Os Parmantier, de Dieppe, visitam a costa de Pernambuco. A posse do Brazil, disputada entre Castella e Portugal, ficou ao ultimo pelo tratado de Tordesillas.

(1) V. *Raças humanas*, I, pp. XI-II. — (2) V. *Civil. iber.*, II, 2; e III, 3. — (3) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) III, 1.

motor aventurado das descobertas, senhor dos territorios ultramarinos, cujo dominio o papa, suzerano espiritual dos principes catholicos, lhe conferira pela bulla de 1454.

A descoberta parecia attribuir um direito analogo ao direito da conquista nos tempos medievaes; (1) e os navegadores eram investidos nas capitanías, em que se repartiam os territorios, como que conquistados ao mar. A Madeira e Porto-Santo foram em 1425 divididas em duas capitanías, a do Funchal, e a de Machico, dando-se a primeira a Zarco e a segunda a Tristão Vaz. Nos Açores seguiu-se o mesmo systema. Colonisadas com algarvios e minhotos pelos seus donatarios, as ilhas do Atlantico breve prosperaram á sombra de um clima benigno e de um solo uberrimo. Funchal era villa em 1451 e cidade em 1508. No meiado do XV seculo, isto é, trinta ou quarenta annos depois de descoberta, a Madeira contava quatro povoações importantes, punha em armas 800 homens, produzia grãos para alimento proprio, e assucar que, cem annos mais tarde, chegou a pesar quatro mil toneladas.

Já não succedeu outrotanto aos territorios descobertos ao longo das costas occidentaes da Africa, onde o clima impedia a fixação dos colonos portuguezes, e onde, principalmente por serem essas regiões habitadas, não faltavam braços para extraír os productos da terra. Os navegadores, ao aportarem nas bahias, ao entrarem nos estuarios dos rios, e nas lagoas d'essa baixa e pantanosa costa da Guiné, encontravam os enxames de negros com quem *resgatavam* os productos indigenas. (2) O commercio, e não a colonisação, estava

(1) V. *Instit. primit.*, pp. 253-75. — (2) V. *Regime das riquezas*, pp. 107-8.

desde logo indicado como o futuro do aproveitamento d'essas regiões descobertas; e acima de todos os commercios, o dos negros, de que tanto careciam as selvas bravias das ilhas açorianas e os cannaveaes de assucar da Madeira: o commercio dos negros, em que os berbéres se occupavam desde immemoraveis tempos, e a quem nós substituimos, depois de termos comprado de suas mãos os primeiros escravos da Guiné.

A's ilhas de Cabo Verde, porém, como deshabitadas, pensou-se applicar o systema que tão excellente provára nos Açores e na Madeira. Doadas ao infante D. Fernando, as tentativas que este fez para as colonisar com criados seus e gente da Guiné, sem falharem de todo, não corresponderam ás esperanças. Pouco ou nenhum resultado se obteve tambem do primeiro ensaio de colonisação de S. Thomé, a qual em 1485 tinha um foral, e em 1490 era elevada a capitanía doada a João Pereira.

Um caso fortuito, porém, deu azo á prosperidade da ilha: a questão dos judeus. (1) Em 1493 a capitanía de S. Thomé foi transferida a Alvaro de Caminha, que se estabeleceu na colonia com judeus e degredados, dando-se *a cada huu huua escrava pera a ter & se de ella servir avendo o principal respeito a se a dita ilha povoar.*

Tal é, em resumidos traços, o esboço da primeira epocha da historia ultramarina portugueza. As ilhas do Atlantico, povoadas e agricultadas, dando a primeira prova da capacidade colonial dos portuguezes, em breve espaço adquirem uma phisionomia europêa: são como pedaços de Portugal, destacados do continente, embora só muito

(1) V. *Civil. iber.* (3.ª ed.) IV, 7; *Hist. de Portugal* (4.ª ed.) tom. II, pp. 5-10.

mais tarde a administração consagrasse esse facto. A Africa oriental, visitada, já em pontos occupada, nos primeiros annos do XVI seculo, (1) prende-se porém ainda ao systema do imperio militar e da exploração commercial do Oriente, para onde todas as attenções se voltam exclusivamente durante o reinado de D. Manuel. Do Brazil, apenas descoberto, ninguem cura: são demais as terras para tão pouca gente, e o minotauro da India devora todas as forças e absorve todas as cubiças. Nas ilhas africanas de Cabo Verde e S. Thomé germinam obscuramente as sementes de uma população mestiça; e a costa occidental, abandonada ao sul do equador, é, ao norte, em toda a volta do golpho da Guiné e até ao Senegal, um mercado, onde de espaço a espaço se encontra uma feitoria e uma fortaleza. Não ha uma occupação contínua, e, ao lado dos estabelecimentos portuguezes, começam a vêr-se, senão outros estabelecimentos, pelo menos as tripulações dos navios dos armadores do norte da Europa que, desembarcadas, mercadejam com os naturaes nos pontos não avassallados por nós. O infante D. Henrique construira o forte de Arguim, para assegurar o monopolio da bandeira portugueza n'esse ponto, onde os negroides do Sudão (2) vinham trocar o ouro e os escravos por trigos e tecidos de fabrica europêa. Esse *resgate* de Arguim era arrendado a companhias de armadores; e assim como os principios do direito feodal vingavam na divisão das terras colonisaveis, assim appareciam aqui transformados em monopolios mercantís. Ao forte de Arguim juntou D. João II o de S. Jorge da Mina, sem que, porém, jámais se con-

(1) 1505, creação da capitania de Sofala; 1508, fundação da fortaleza de Moçambique. — (2) V. *Raças humanas*, I, pp. 93-6.

seguisse dominar exclusivamente n'essa costa mortifera da Guiné, nem monopolisar o *resgate* dos escravos, o *resgate* de ouro, o *resgate* da malagueta, sobre que todas as gentes do norte da Europa tinham os olhos ávidamente abertos e a cubiça despertada com furor.

II

A organisação

O governo de D. João III foi o fundador da colonisação portugueza nos continentes ultramarinos. E' a partir de 1530 que principia a exportação de colonos do reino para diversos pontos das dilatadas e apenas conhecidas terras da monarchia, na Africa e America. Estava no apogeu da prosperidade o edificio das conquistas orientaes: já Albuquerque fundára o vasto imperio banhado pelo oceano indico, desde o cabo da Boa-Esperança até Malaka, (1) e tratava-se da conquista de Diu, para avassallar a costa de Kambay, (2) quando o governo da metropole se decidiu a olhar para a Africa e para a America, e a continuar, em larga escala, os ensaios de colonisação do seculo anterior.

As ilhas de Cabo Verde, onde os povoadores tinham conseguido medrar ao abandono, foram as primeiras para que o governo se voltou. Povoam-se S. Nicolau, Boa-Vista, Maio e S. Antão; revêem-se e confirmam-se as doações; applica-se a lei das sesmarias a esses territorios novos, onde sobretudo é necessario impedir o desleixo e a ociosidade dos

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) I, pp. 249-74. — (2) *Ibid.*, pp. 275 e segg.

colonos; e o resultado do systema de medidas empregado é tal que, em 1532, o desenvolvimento da população exige a creação de um bispado, independente do Funchal que era até então metropolita de todos os territorios africanos.

Outrotanto succedera em S. Thomé: tambem a população florescera a ponto que, em 1522 já a ilha contava 60 engenhos que produziam por anno 150 mil arrobas de assucar. Tambem em 1534 foi ahi creado um bispado, do qual se fez depender o territorio portuguez na costa austral do occidente da Africa. Desde então as colonias afro-americanas destacam-se completamente das ilhas atlanticas, já povoadas e europeisadas.

Se na Guiné, pelo clima e pelo commercio absorvente dos negros e do ouro, as cousas se conservavam como de antes, não succedia o mesmo em Moçambique. Já na Zambezia se tinham fundado os presidios interiores de Sena e Tete; já Inhambane e Lourenço-Marques eram feitorias commerciaes na costa, e Quelimane veiu depois (1544) completar o systema de focos de colonisação. Angola continuava ainda abandonada.

O Brazil, porém, que, durante o reinado de D. Manuel não merecera a attenção dos estadistas, embriagados com a exploração da India, deve o principio da sua existencia ao governo de D. João III, o rei colonisador. Essa funebre tragedia da Inquisição que lançou modernamente aos hombros do successor de D. Manuel o pezo de um supposto crime com que se lhe desvirtuou a memoria, fez esquecer a grande divida da nação ao primeiro governo que nos abriu as portas da America; ao soberano que, sem se deixar ensandecer com o esplendor carthaginez do imperio oriental, se consumiu em vão a buscar organisal-o, moralisal-o,

empregando-se ao mesmo tempo a fundar, nos sertões americanos, um novo Portugal — nossa honra historica, e por tanto tempo o amparo da nossa existencia europêa. Nós, que já tentámos vingar a memoria de D. João III, (1) deixamos aqui indicado o melhor titulo que o recommenda á posteridade: foi o rei colonisador.

A occupação portugueza do Brazil data de 1525. O rei mandou Christovam Jacques á America com o titulo de capitão-mór. O enviado aportou ao logar chamado Bahia-de-todos-os-Santos, por ahi ter chegado no 1.º de novembro a primeira expedição exploradora de 1501; fundou uma feitoria na costa fronteira a Itamaracá, levantou padrões, e regressou ao reino. A este primeiro ensaio seguiram-se medidas mais decisivas. Em 1530, Martim Affonso de Sousa, que depois foi, e vergonhosamente, governador da India, (2) partia para o Brazil, então constituido em governo da «America lusitana», ou Terras brazilicas», e fundava a capitania de S. Vicente.

A estas duas primeiras expedições seguiu-se logo a constituição e colonisação systematica. Os judeus, os degredados, forneciam o primeiro nucleo de população. Do reino iam carregamentos de mulheres mais ou menos perdidas. O Brazil era além d'isso azylo, *couto* e *homizio* garantido a todos os criminosos que ahi quizessem ir morar, com a excepção unica dos réus de herezia, traição sodomia e moeda falsa.

Para a constituição politica das colonias não havia nas idéas do tempo noções diversas das que no seculo anterior se tinham applicado ás ilhas atlanticas: isto é, o enfeodamento dos territorios. Em

(1) V. *Civil. iber.*, (3.ª ed.) pp. 272-6 — (2) V. *Hist. de Port.*, (4.ª ed.) I, p. 281.

1530-35 o Brazil foi, pois, dividido em 12 capitanias, (1) cujos donatarios tinham poderes soberanos, salvo o de cunhar moeda. O tributo do dizimo dos productos para a corôa era a expressão do

---

(1) Eis aqui, resumidamente, os fastos da organisação feodal do Brazil:

I Capitanias, de 1530-35

Doação	Donatarios	Titulos	Reversão á corôa	Primeiras povoações
1534	João de Barros	Rio-grande-do-norte	1540?	Natal
»	Ayres da Cunha	Maranhão	»	S. Luis
»	Alvares de Andrade	Jurucuará	«	Tutoya
»	Cardoso de Barros	Ceará	1556?	Aquiraz
»	P. Lopes de Souza	Itamaracá	1743	Itamaracá
	»	Santo Amaro	1709	Laguna
»	D. Coelho Pereira	Pernambuco	1654	Igarassu
»	F. Pereira Coutinho	Bahia	1548	Villa-Velha
1535	J. Fig. Corrêa	Ilheus	1761	Ilheus
1534	P. Tourinho	Porto Seguro	1759	Porto Seguro
»	V. Fr. Coutinho	Espirito Santo	1718	Espirito Santo
1530-4	M. Affonso de Sousa	S. Vicente	1791	S. Vicente

II Capitanias creadas posteriormente

1557	D. Alvaro da Costa	Paraguassu	?	Itaparica
1567	A Corôa	Rio de Janeiro	—	V. Velha do Rio
1590	»	Sergipe	—	Aracajú
1615	»	Grão-Pará	—	Belem
»	»	Cabo-frio	—	Cabo-frio
1620	»	S. Pedro d'Elrey	—	Estreito
»	F. de Albuquerque	Cuman	1630	Alcantara
1633	F. Coelho de Carvalho	Camutá	1637	Camutá
1637	D. Maciel Parente	Cabo do norte	1642	Macapá
1665	A. Souza Macedo	Marajó	1764	Monforte
1674	V. d'Asseca	Parahyba do Sul	?	S. João da Barra

dominio soberano d'esta ultima. Cada capitania devia corresponder a 50 ou 60 leguas de costa, podendo estender-se para o sertão á medida que se alargassem as conquistas dos donatarios.

Uma politica de sensata liberdade insentava a agricultura, a industria e o commercio de restricções vexatorias, franqueando a colonia aos estrangeiros, mediante o pagamento de leves direitos differenciaes. Os impostos eram moderados, poucos os artigos estancados, e era livre a translação dos individuos de umas para outras capitanias, e de qualquer d'ellas para o estrangeiro.

Tal foi a primeira constituição da America por-

Este quadro demonstra:

1.º Que até ao fim do XVII seculo se continuou a empregar o systema feodal, apesar da constituição do governo central da Bahia; mas que os feodos particulares de 1620-74, creados quasi todos nos sertões invios do valle do Amazonas, não poderam vingar;

2.º Que a vitalidade do systema, introduzido por D. João III em 1543, era tal que de 1567-620 se instituem feodos ou capitanias da corôa; á imitação do que tambem succedera na Europa medieval;

3.º Que a reversão á corôa, movimento que traduz a victoria do systema centralisador sobre o feodal, salvos os casos fortuitos, só é decisivo no XVIII seculo: só então as idéas de soberania absoluta vingaram decididamente.

As capitanias foram successivamente caindo no dominio da corôa, ou por abandono, ou por morte dos donatarios, sem herdeiros, ou por confisco, ou finalmente por compra de direitos, processo principalmente seguido no XVIII seculo.

A constituição do governo central da Bahia em 1548 aboliu a capitania creada em 34 n'essa parte da costa, onde o soberano fundava agora a séde do seu poder eminente; as successivas capitanias que vemos crearem-se (1567-620) em favor da corôa, provêm da apropriação de territorios conquistados pelos governadores:

1615 Grão-Pará, por F. Caldeira Castellobranco.
1590 Sergipe, por Christovam de Barros.
1615 Cabo-frio, por Constantino de Menelau.
1567 Rio de Janeiro, por Estacio de Sá.

Assim, vemos reproduzir-se na America os fastos da historia da Europa. A corôa tem a suzerania; mas o rei, suzerano, é tambem vassallo, como donatario V. *Civil. iberica* (3.ª ed.) pp. 149-52; e por outro lado dá-se o concurso da fórma feodal e da fórma monarchica do governo, até que por fim a primeira cede inteiramente o logar á segunda.

tugueza; e as consequencias d'esse systema imprimiram á colonisação do Brazil um cunho ainda hoje evidente por modos diversos. Por um lado a população, especialmente no norte, constituiu-se aristocraticamente: isto é, as *cazas* de Portugal enviaram ramos para o ultramar, e desde todo o principio a colonia apresentou um aspecto diverso das turbulentas immigrações dos castelhanos na America central e occidental. Por outro lado, a divisão de tão vastos territorios em capitanias que os abrangiam todos, deu logar a uma creação sporadica de focos de colonisação no litoral, sem ligação entre si, sem unidade, cada um dos quaes era como uma colonia independente. Juntando a esta circumstancia a de que os capitães ou donatarios podiam alargar o seu dominio para o sertão, por lh'o consentirem as bacias hydrographicas, do interior, cortadas por grandes rios navegaveis: vêem-se claramente as causas d'essa colonisação dispersa, que ainda hoje é um dos sérios embaraços ao desenvolvimento da nação.

«Um territorio vastissimo, diz um moderno escriptor brazileiro, foi dividido em doze capitanias, maiores algumas do que os maiores reinos da Europa, e enfeodado perpetuamente a alguns validos e capitães, homens de côrte e de guerra, a cuja amplissima jurisdicção ficou pertencendo a distribuição e exploração do sólo, a povoação e defeza dos campos e cidades, o exercicio da justiça e a maior parte dos outros attributos da soberania; tudo em tal desaccordo e desproporção com as suas forças, que os mais d'elles, depois de uma lucta prolongada e de grandes desastres, abriam mão de taes emprezas, exhaustos e arruinados.»

Facto é, porém, que, ainda em tempos muito posteriores, os governos metropolitanos da Europa só poderam fomentar a colonisação e exploração

dos territorios ultramarinos por instituições, senão juridicamente feodaes, evidentemente nascidas dos exemplos da historia, e creadas á imagem d'essas capitanias com que D. João III realisou a sua empreza ultramarina. Essas instituições são as companhias das Indias, que á Hollanda e á Inglaterra serviram para fundar os seus imperios coloniaes, e que tinham attribuições soberanas, como os donatarios do Brazil. Apesar da vastidão dos seus recursos, a companhia hollandeza não pôde tampouco manter a conquista de Pernambuco no seculo XVII.

Não ha duvida, comtudo, que as primeiras tentativas dos donatarios do Brazil provaram em parte estereis. O acaso concorreu muito para isso; e se a desgraça do naufragio da expedição de 10 naus que João de Barros, Ayres da Cunha e Alvares de Andrade mandaram á conquista das suas capitanias, não póde considerar-se argumento, pelo facto de elles as abandonarem, arruinados por esse caso imprevisto, mais graves considerações merecem as discordias, as villanias, os crimes, as luctas á mão armada, dos capitães ou seus tenentes. Taes desordens, que no ultramar reproduziram, com uma côr nova, os fastos da historia feodal europêa, levaram D. João III a pôr ao lado dos capitães, para os enfrear, um governador ou vice-rei — do mesmo modo que tambem na Europa os monarchas tinham representado similhante papel perante os seus barões. Assim nasceu o governo geral do Brazil em 1548, escolhendo-se a Bahia para capital, abolindo-se a capitania d'essa parte da costa, e construindo-se uma nova cidade.

A tentativa de organisação feodal e federativa recebeu com isto o primeiro golpe, e foi gradualmente cedendo o passo a diversa politica administrativa. O imperialismo, que vingava na mãe-

patria, transplantou-se para a colonia; e depois, as crises provenientes dos ataques maritimos de francezes e hollandezes, principalmente, deram a victoria decisiva a uma administração centralisadora, monopolisadora, protectora, *absolutista*, conforme as idéas tambem ao tempo vigentes na Europa. Logo que Thomé de Souza, primeiro governador-geral, se installou como tenente do soberano na Bahia, com um milhar de soldados e degredados que levava comsigo, prohibiu-se a communicação dos colonos das diversas capitanias sem licença especial, e o aportar onde não houvesse alfandegas; logo se fizeram regulamentos para a cultura e fabrico do assucar exigindo-se licenças para a construcção de navios. O novo Brazil monarchico breve lançou raizes: em quatro mezes a cidade da Bahia, capital, contava cem fogos.

Apesar dos vicios do systema primeiro adoptado, apesar dos embaraços da distancia, da inhospitalidade do clima, do bravio das florestas inçadas de animaes ferozes e de indios não mais humanos, os quatorze annos, que medeiam entre a creação das capitanías e a do governo geral da Bahia não foram cheios sómente de erros.

Esboçavam-se já os lineamentos da futura nação. Erguiam-se ao longo da costa, desde Pernambuco até S. Vicente, os focos de colonisação ulterior. Já se viam rudimentos de cidades e — cousa de certo fecunda para o progresso futuro — esses rudimentos apresentavam a phisionomia européa, e não a desordenada e confusa mistura de raças diversas, não a anarchia dissoluta dos estabelecimentos castelhanos, mineiros e não agricolas quaes eram os do Brazil. A occupação da costa não excedia por um lado 7° N. e pelo outro 24° S. — proximamente um terço do desenvolvimento

total — entre as duas colonias florescentes de Pernambuco e de Santos. Do cabo Branco ao Oyapock pelo norte, e de Santos á lagoa dos Patos pelo sul, não havia ainda estabelecimentos. Mas, nas duas colonias então extremas, e que depois vieram a ser o coração dos dous Brazis do XVII seculo, em Santos (S. Paulo) ao sul, e em Pernambuco ao norte, divisavam-se já os symptomas da primeira epocha da vida historica da America portugueza.

Eis ahi esboçados os traços cardeaes da politica ultramarina do governo de D. João III, ao qual caberá eternamente a gloria de ter sido o fundador do systema colonial portuguez — a melhor obra civilisadora da nação, já illustre pelas navegações no oceano, agora celebre pelas explorações dos continentes ignotos.

Para fixar bem no espirito do leitor os elementos constitucionaes d'estas novas cidades, fundadas pelos portuguezes no ultramar, convem resumil-os:

a) Materia prima de colonisação: — os condemnados e os judeus, deportados pelo soberano; — os criminosos homisiados; — os colonos levados pelos donatarios; — no Brazil, os indios escravisados; e por toda a parte os negros da Guiné, exportados, como instrumentos de trabalho.

b) Especie de exploração colonial: — a agricola, quasi exclusivamente caracterisada pela cultura da cana e fabrico do assucar.

c) Constituição social: — a feodal por doações e senhorios ou capitanías territoriaes; ou por exclusivos mercantís, como na Guiné, — conjuntamente com os governos geraes, representantes do soberano. — Organisação

ecclesiastica, á imitação do reino, em bispados e parochias. — Missões livres, principalmente de jesuitas.

III

A exploração dos sertões

Desde a segunda metade do XVI seculo, elementos novos vém entrar no systema da colonisação nacional: são o desejo ardente de descobrir, nos territorios portuguezes, esses metaes preciosos de que se julgavam saturados os continentes africano e americano, e que no ultimo faziam das colonias castelhanas inexhauriveis thesouros; são, por outro lado, os conflictos creados pelas missões jesuitas, já com o Estado por quererem dar uma constituição theocratica aos povos indigenas, já com os colonos por isso que no Brazil esse programma se oppunha á escravisação dos indios, instrumentos de trabalho.

D'estes dous elementos novos, o primeiro, sem conduzir ás desejadas descobertas mineiras, foi todavia um incentivo poderoso para alargar a exploração dos sertões da Africa e da America.

Em Angola, onde desde o fim do seculo anterior as missões do Congo tinham sido um meio de commercio com os negros, começára na segunda metade do XVI seculo uma occupação regular. Em 1560 Paulo Dias visita pela primeira vez a barra do Quanza; e volta em 74, já nomeado *governador e conquistador,* a estabelecer-se em Loanda, primeira cidade portugueza. Começam d'ahi as interminaveis guerras com os negros, fomentadas principal-

mente, no dizer do governador Luiz Mendes (1617), pelo resgate de escravos do sertão que elle prohibiu sem exito; e d'essas guerras ficou a memoria do cerco de Massangano (1595), primeiro baluarte do dominio portuguez em Angola. As victorias successivas sobre os regulos africanos, embora entremeiadas de sangrentos morticinios, embora as febres mortiferas andassem sempre alliadas aos negros, permittiram a fixação e alargamento do estabelecimento de Angola. Varios presidios o defendiam já; mas a colonia ia-se desenhando com traços analogos aos da Guiné: não se cultivava a terra, commerciava-se, principalmente, ou até exclusivamente, em negros; não crescia a população, dizimada pelas febres. Só em 1595 foram do reino doze mulheres brancas, as primeiras.

Assente, assim, um dominio militar, a cuja sombra se explorava o commercio da gente negra, acordou a tradição das montanhas de prata de Cambambe; e a cubiça dos metaes preciosos imprimiu um novo movimento á exploração sertaneja com as expedições successivas e mallogradas de 1594 e de 1602, que levaram á occupação do districto, sem conduzirem á descoberta das minas. Por outro lado, corria que o sertão de Benguella era um deposito de cobre; e desde que a prata falhára, esta nova esperança conduziu os exploradores á conquista de Benguella (1617), onde tampouco se achou o cobre: apenas uma região mortifera.

Em Moçambique vogavam mais promettedoras tradições. Sofala era o antigo Ophir; o interior d'essa vasta bacia do Zambeze, incognito e mysterioso, suppunha-se conter depositos incontaveis do ouro mais puro, o ouro de Salomão! D. Sebastião dividira em tres governos o imperio oriental (1571), e o primeiro d'elles (do cabo das Correntes ao

Jar-ha-fûn) incluia Moçambique e as costas do Zanzibar, posteriormente perdidas. Francisco Barreto, primeiro governador da Africa oriental, foi com ordens de descobrir o Ophir — e o ouro com que a imaginação ardente do nosso rei Quichote (1) sonhava para conquistar o imperio que veiu a ser Alcacerquibir, mas que então acaso o rei não localisava ainda fóra da propria phantasia.

A expedição de Barreto (2) mallogrou-se, e o governador morreu em Sena. Por Sena e Tete, nas margens do Zambeze, vivia já em certo grau de desenvolvimento um paraguay jesuita. As missões aldeavam cafres, os missionarios eram fetiches vivos dos submissos neophitos. Contra as missões teve de parar Vasco Homem que proseguia o plano do governador. Retirou, mas voltou no anno seguinte com tropas e artilheria bastante para convencer os padres. Passou. Explorou o valle do Zambeze; chegou a Quiteve, visitou Chiconga, e tornou dizendo ter visto as minas cuja lavra, em seu parecer, não compensaria o trabalho.

Adquirida a convicção de que nenhuma das Africas podia ser um Perú nem um Mexico, voltaram-se todas as attenções para a America. As colonias africanas, Angola, Moçambique, tornaram-se decididamente uma mina de ouro negro — de escravos robustos e resistentes á acção deleteria dos climas tropicaes, instrumento inapreciavel com que no Brazil se faria o assucar e se lavrariam as minas.

Era antiga entre nós a esperança de achar na America oriental o que na occidental enriquecia o visinho reino de Castella; mas essa esperança só um seculo mais tarde veiu a tornar-se realidade.

(1) *Hist. de Port.* (4.ª ed.) L. v, 3. — (2) V. *Raças humanas*, 2, p. 7.

Já em 1539, quando D. João III, por João de Barros renunciara a capitania do Maranhão, a deu a Luiz de Mello, este partira do reino com cinco navios para penetrar pelo Amazonas *até ás minas a leste do Perú*. Mallograda esta empreza pelo naufragio do segundo donatario do Maranhão, a pesquiza de minas cedeu o passo á colonisação agricola até quasi ao fim do seculo. A população crescia, multiplicavam-se as povoações. Santos recebia fóros de cidade (1546); fundavam-se Itanhaem (1562), Cananéa (1587), e ao lado do desenvolvimento da hoje provincia de S. Paulo, conquistava-se para a corôa Sergipe d'Elrey. Foi nos ultimos annos do seculo que a ambição das minas acordou de novo. Gabriel Soares, em busca do *verdadeiro* El-dorado, percorre o rio de S. Francisco até ás nascentes do Paraguassu. Em 1603 o governador do Brazil manda Pedro Coelho em expedição ao Ceará, á busca de ouro. Se Coelho o não achou, fundou na volta Nova-Lisboa, ephemero acampamento já porém dissolvido em 1607.

Assim, as pesquizas de minas, nas duas Africas e no Brazil, infructiferas em si, tiveram o alcance enorme de alongarem os exploradores pelo interior dos sertões. A face do homem branco apparecia pela primeira vez no seio d'essas regiões mysteriosas; e esse homem era o portuguez, que com audacia egual se aventurára, primeiro ao mar incognito, agora aos sertões bravios.

Se já na Africa o chamava para o interior a caça dos negros, antes de ahi ir em busca de minas, outrotanto succedia na America, onde as *bandeiras* trilhavam os sertões para *descer indios*.

IV

As missões

As guerras com os indigenas da America e da Africa representam na historia o que ella teria presenciado (se já houvesse historia n'esses tempos remotos) nas invasões da Europa pela raça branca. N'esta lucta contra os aborigenes, vê-se o processo pelo qual a natureza, forçando a uma selecção, foi gradualmente desenvolvendo a capacidade e o imperio dos seres superiores. (1) A adaptação da raça peninsular ao clima americano-austral trouxe comsigo o exterminio das tribus indias; ao passo que a inhospitalidade da Africa não consentiu, nem a extincção do negro, apesar da escravatura, nem a formação de uma sub-raça mestiça, apesar das successivas immigrações de brancos.

No XVI seculo não se comprehendiam assim as relações e movimentos das diversas raças. O espiritualismo christão fazia crêr que, por virtude de uma alma sempre irman, aninhada dentro do corpo de individuos de côr e fórmas diversas, todos os homens eram uma e a mesma cousa. O principio da identidade em Jesus Christo, prégado nos primeiros tempos christãos «para o grego e para o barbaro,» estendiam-no agora os jesuitas e a Egreja ao negro e ao indio. A natureza das cousas rebellava-se decerto contra esta piedosa noção; e por isso vemos os missionarios escravisarem tambem os pretos e fruirem d'esse *resgate;* por

(1) *Th. da hist. universal,* nas *Taboas de chronol.*, pp. XIV-XXII.

isso vemos que o aldeamento dos indios da America só se distingue da escravisação secular em ser uma fórma mais benigna e mais intelligente de exploração. Por outro lado, nas missões jesuitas apparece um elemento estranho que complica as questões de um modo imprevisto. Renovadores do catholicismo, os discipulos de Loyola (1) punham em pratica o plano de dominar o mundo em nome de Deus, não só com as armas espirituaes, mas tambem com os instrumentos mundanos — a riqueza, a arte, e até a força. Evidentemente pensaram em crear, com os aborigenes da Africa, principalmente com os da America, estados ou nações jesuitas; e d'ahi provinham os conflictos constantes com a authoridade civil. Ao mesmo tempo, reclamando todos os indios, para si, para as suas aldeias, para as suas fazendas, vieram a crear uma guerra constante com os demais colonos, que á busca de braços iam á caça ao sertão.

A barbarie e a crueldade com que os capitães e os colonos procediam, significavam a um tempo a necessidade da defeza e a rudeza dos temperamentos. Eguaes sentimentos governavam no Oriente; e se, mais tarde, as homilias jesuitas condemnam o mau trato dos indios, quando as plantações das missões concorrem com as seculares na exploração do trabalho indigena; é facto que, a principio, a guerra e a escravisação se afiguravam puras de todo o peccado aos mais piedosos espiritos. João de Barros dizia que os negros arrancados á Africa mais vinham receber a salvação do que o captiveiro; e Nobrega e Anchieta, os fundadores das missões do Brazil, cooperavam com os capitães nas guerras contra os indigenas — em vez de defende-

(1) V. *Civil iber.* (3.ª ed.) L. IV, 3 e pag. 289 e segg.; *H. de Port.* L. IV, 1.

rem os indios contra os capitães (conforme os successores fizeram depois) por pensarem que só á força o selvagem se convertia, (1) e que as *bandeiras* do *resgate* do sertão iam salvar os prisioneiros das guerras intestinas da androphagia e da perdição eterna.

O desenvolvimento das culturas, tornando poucos todos os braços, o desenvolvimento da força e do numero da população colonial, a importancia das missões protegidas pela corôa e enriquecidas com as plantações nas *aldeias* indias — eis ahi os elementos dos conflictos que assignalam a segunda epocha da existencia colonial do Brazil. Esses conflictos são, em si proprios, a prova do progresso da colonia.

Na Africa, a historia das missões não tem o interesse do Brazil. O clima e o negocio absorvente da escravatura negra não consentiam a creação de plantações, nem o augmento da população branca. Os negros do Congo tinham-se *convertido* em massa; o rei, a côrte, os subditos, eram todos *christãos,* porque assim chamavam os padres aos que recebiam o baptismo, e adoravam os novos fetiches (2) com a mesma fé com que tinham adorado os antigos. As lucraticas relações que, para os do Congo, as missões creavam com o trato dos europeus, são a causa d'essa milagrosa conversão, perdida e esquecida, porém, logo que o estabelecimento portuguez de Angola veiu fundar na costa um dominio eminente sobre as tribus, antes exploradas pelo *christão* do Congo apenas. Os missionarios evacuaram o terreno.

Em 1553, um anno depois da creação do bispa-

(1) «Os indios mais por medo que por amor se hão de remir.» — (2) V. *Syst. dos mythos religiosos,* pp. 48-62

do, foram franciscanos missionar em Cabo Verde e na Guiné; mas o nenhum valor da catechese repetiu-se na tentativa feita depois em S. Thomé, a cujo bispado Angola pertenceu até 1596, quando a Sé do Congo para ahi foi transferida. Em 1560 dizia o bispo de S. Thomé que duvidava muito da conversão das gentes de Angola; (1) e os factos deram razão ao mesmo bispo que reclamava missionarios commerciantes.

Em 1604 Balthasar Barreira partiu para Angola: coubera-lhe essa provincia, na repartição do mundo colonial hispano-portuguez, feita pelos jesuitas, omnipotentes na Peninsula. A Companhia declarou-se, na Africa, o que já então se declarava na America — ama e protectora dos negros, na phrase de Barros; ou defensora dos indigenas contra os governadores, representantes do Estado. D. Francisco de Almeida, que não quiz sujeitar-se á tutella jesuita, fôra expulso de Angola, fugindo em 1593, diante dos padres levados por Paulo Dias, ainda antes da organisação da missão por Barreira. Desde então, Angola é por um tempo colonia jesuita: os padres governam, os governadores são pupillos seus, e o clero secular e os bispos em vão protestam e reagem contra os intrusos. Não havia, porém, em Angola, nem meios, nem utilidade em aldear negros e plantar cana; havia apenas um rendoso negocio, a escravatura, para a qual eram des-

---

(1) «Eu estou muito descomfiado de se fazer cristamdade *não lhe damdo ho trato he neguocio de mercadorias* como dizem que vossa Alteza manda que de nenhuma maneyra se trate e mais por ser enformado que hos anguolas tem hidallos aos quais o demonio hos tem mui atados e lhes perturba ho Juizo e entemdimento natural.» Carta, em evy, *Hist. do Congo*, doc. V. *Raças humanas*, I, pag. LV.

necessarias catechese e *protecção* dos indigenas. Por isso as missões jesuitas caíram em Angola (como as do Congo tinham anteriormente caído) e a *Companhia* deitou-se ao negocio dos escravos (baptisados, *convertidos,* escusado é dizel-o) obtendo o privilegio da exportação de umas centenas, em tres navios ao anno, isentos de direitos.

V

Os jesuitas e os indigenas no Brazil

No Brazil, conforme se tem dito, as condições eram outras. O portuguez podia ahi habitar, fixar-se, cultivar o solo; e por isso batia e expulsava as populações indigenas. Desde o anno de 1531 que esse exterminio das raças aborigenes começára. Martim Affonso de Sousa fundára a sua capitanía de S. Vicente entre os carijós; e o irmão, Lopes de Sousa, estabelecia-se em Itamaracá, batendo os pitagoares. Ao mesmo tempo Goes fundava a Parahyba; Coutinho o Espirito-Santo, domando os tupininquis; ao mesmo tempo Corrêa occupava os Ilheus, e Duarte Coelho Pereira, batendo os cahetés e alliado aos tabayares, fundava Olinda. Taes foram os primeiros episodios d'essa historia da exterminação dos indios. Ao passo que estes donatarios conseguiam estabelecer-se nas suas capitanías, vimos a perda da expedição do Maranhão, que não foi unica. Em 1510 naufragára uma tripulação portugueza nas costas da Bahia; um certo Corrêa, o lendario Caramurú, (1) ahi casára

(1) V. *Raças humanas,* 1, p. LXI.

com uma india, e Coutinho, o donatario da costa, ao chegar lá em 1534, achou-o, e, por agencia d'elle, se lavrou uma paz que foi, porém, breve. Ahi os tupinambas levaram a melhor; mataram e devoraram o donatario e sua gente: só o Corrêa escapou para voltar ao seio da sua familia india, até á occupação de 1549.

Da éra do estabelecimento do governo geral da Bahia data a entrada dos jesuitas no Brazil. Nobrega foi com Thomé de Souza, e com o segundo governador (1) foi Anchietta, em 1553, levando a constituição que erigia o Brazil em provincia independente, na Sociedade universal. Installou-se logo no sul, em Piratininga (S. Paulo) o primeiro collegio, e o primeiro ensaio de catechese dos indios. D'ahi lavrou a rede de missões por todo o Brazil, e o plano systematico dos aldeamentos, origem dos conflictos com os colonos europeus. Os jesuitas dividiram entre si o paiz: a Nobrege e Anchietta, S. Paulo, capital das missões; a Navarro, Porto-Seguro; a Affonso Braz e Simão Gonçalves,

---

(1) Catalogo dos governadores do Brazil até á constituição do estado do Maranhão, em 1624:

1	1549	Thomé de Souza.
2	1553	Duarte da Costa.
3	1558	Mem de Sá.
4	1570	D. Luiz de Vasconcellos (morto em viagem).
5	1572	Luiz de Brito de Almeida.
6	1578	Diogo Lourenço da Veiga.
7	1582	Manuel Telles Barreto.
8	1591	D. Francisco de Sousa.
9	1602	Diogo Botelho.
10	1608	D. Diogo de Menezes.
11	1613	Gaspar de Souza.
12	1617	D. Luiz de Souza.
13	1622	Diogo de Mendonça Furtado.

o Espirito-Santo. Estudavam o tupi, e baptisavam indios aos centos em cada dia; fundavam aldeias, deslumbravam os selvagens com os esplendores do culto catholico, explorando habilmente a conhecida acção da musica sobre toda a casta de animaes.

Desde logo os colonos de S. Paulo começaram a queixar-se. Ahi começára, com o principio da occupação, o *resgate* dos indios. Havia uma feitoria d'onde as *bandeiras* saíam para o sertão a *descer* escravos; e a crueldade d'esse commercio era feroz: a morte esperava os que resistiam á escravidão, a venda no *curral* era a sorte dos submissos. Os morticinios e as atrocidades commettidas não tém conta: era uma guerra selvagem, primitiva, sem vislumbre de humanidade. Referir os episodios d'essa historia seria uma tarefa ardua e inutil. Em 1665, isto é, um seculo depois dos tempos em que nos achamos, um certo Favilla incendiou 800 *malocas*, matou mais de mil indios e trouxe escravisado um rebanho de quatrocentos.

Mas, se a necessidade de braços para as plantações era uma fatal condição da existencia dos colonos, é fóra de duvida que a defeza tambem obrigava a represalias terriveis. A gente de Coutinho fôra trucidada e devorada na Bahia; em Iguarassu noventa europeus e trinta negros a custo defenderam a vida contra muitos milhares de cahetés sublevados (1548); e por toda a parte occorriam casos proprios para demonstrar a extrema ferocidade das tribus indigenas. A descida dos aymores ou *botocudos* (como os colonos lhes chamavam) em 1560 encheu de sangue e ruinas a costa de entre o Rio e a Bahia, e a essa destruição feroz das colonias nascentes respondeu uma reacção não menos feroz tambem.

Os primeiros jesuitas propozeram-se a domar os

selvagens como se faz ás feras: magnetisando-os, segundo vulgarmente se diz. Para esses educadores, formados na idéa de que o homem é um ser passivo e como que abstracto, os processos variavam com as pessoas e os logares; mas o que se propunham fazer da gente selvagem da America, era essencialmente o mesmo que na Europa faziam a toda a gente culta: domestical-a para Jesus. Por isso no Ultramar procediam com os indios como um domador com uma féra: estudavam-lhes a lingua, como o arlequim estuda os gestos mudos do animal; deslumbravam-nos com as ceremonias vistosas, os utensilios brilhantes do culto; encantavam-nos com a musica; e appareciam-lhes como seres superiores, quasi-deuses. Anchietta era para os indios o grande *Payé*, o deus supremo; e Leonardo Nunes, cuja ubiquidade no meio da agitada vida das primitivas missões é maravilhosa, era o *Abaze-Bebe*, o padre-voador, um deus tambem. (1)

Se a protecção, o amor, a meiguice, foram sempre as principaes condições de domesticação dos animaes bravios, é fóra de duvida que o chicote de ferro do domador é indispensavel, desde que apparece á flôr da vontade a rebeldia da féra. Era isto o que Nobrega e Anchietta comprehendiam; e por isso, ao mesmo tempo que nascia, com a fundação das missões, a concorrencia dos jesuitas e dos colonos, estes ultimos achavam nos padres efficazes alliados para submetterem as tribus sublevadas. Foi o que a historia das guerras do sul, na segunda metade do XVI seculo, demonstrou.

A installação de uma colonia de calvinistas francezes, sob o commando de Villegagnon, no Rio de

(1) V. *Syst. dos mythos relig.* pp. 53-7.

Janeiro (1555), veiu complicar com um elemento novo os anteriores motivos de desordem. A fixação dos recemchegados não convinha, nem ao governo, por serem francezes, nem aos jesuitas, por serem protestantes. A sua expulsão foi resolvida em 1560.

Naturalmente, os atacados buscaram auxilio nas tribus indigenas, cujo inimigo era o portuguez que as escravisava, e vinha roubar-lhes a posse desde todo o sempre indisputada das suas florestas. Mem de Sá, em 1560, pôde expulsar os francezes do forte Coligny, pôde forçal-os a emigrar da costa para uma ilha da bahia; mas não pôde vencer as tribus tupinambas que combatiam ao lado dos novos colonos. N'esse mesmo anno de 1560 os aymores desciam a saquear o litoral, e os tamoyos atacavam S. Paulo. A pequena colonia franceza era o foco de uma alliança das tribus d'essa parte do Brazil, e o estado de rebeldia geral ameaçava de ruina o sul do futuro imperio.

Durante os cinco annos temerosos, (1560-65) Mem de Sá, os colonos, Nobrega e Anchietta, alliados todos na defeza commum, encontraram um prodigioso protector n'um facto de ordem natural, sempre repetido, embora ainda não explicado; a extraordinaria severidade das epidemias nas raças aborigenes em contacto com immigrantes.(1) Assim, emquanto, na impossibilidade de expulsar totalmente os francezes, o governador ia vingar os morticinios da costa da Bahia, perseguindo os aymores; emquanto os jesuitas faziam milagres de astucia e coragem para submetter os tamoyos; as bexigas (1564) lavrando nos indios, exterminavam-nos: vendiam-se, famintos, para escravos e abandonavam os filhos, fugindo á peste.

(1) V. *Raças humanas*, I, pp. XXXVIII-IX.

Dos alliados dos francezes restavam apenas os tupinambas do Rio; mas já a esse tempo os dois jesuitas tinham pelo seu lado os restos dos tamoyos. O governador, a quem de Portugal tinham chegado reforços, partiu para o sul (1565); e as tropas combinadas, do governo e das missões, expulsaram de todo os francezes. Fundou-se então (1567) o Rio de Janeiro.

Metade do Brazil estava salva, e lançadas as bases da futura prosperidade de todo elle, com a posse da grande bahia do continente austral. Mem de Sá, que foi o fundador d'essa nação nova, não pôde, porém, como o nosso Affonso Henriques (1) não pudera, levar sósinho a empreza a cabo. O papel que no XII seculo coube na metropole ao papado, pertencia no XVI, na colonia, aos jesuitas. A crise manifestára a força d'elles, e a victoria dava-lhes metade do throno.

Os conflictos, apenas nascentes outr'ora, vão apparecer de um modo evidente e grave. Entre a crise do sul que é um prenuncio, e a posterior e mais grave crise do norte, determinada pela invasão hollandeza, está o reinado dos jesuitas e a edade dourada das suas missões brazileiras. Depois, os tempos e as cousas vão gradualmente mudando, até se consummar a ruina de que Pombal foi o author.

Agora, porém, expulsos os francezes, dominados os indios, as missões expandem-se no sertão e os jesuitas governam na Bahia. Os governadores que ousam resistir-lhes, têm de abdicar e fugir como succedera em Angola; e a colonia encaminhar-se-hia para o typo de um outro *paraguay*, se ao lado dos padres e dos seus indios, não houvesse n'ella

(1) V. *Hist. de Portugal*, (4.ª ed.) 1, pp. 64 e segg.

os portuguezes. Quem sabe até, se o futuro do Brazil teria variado, a não ser a escravidão negra, que permittia o desenvolvimento das plantações, independentemente dos indios? Monopolisado o trabalho indigena pelas missões, que restaria aos portuguezes senão emigrar, deixando aos padres e ás suas *aldeias* a posse indisputada das vastas regiões da colonia?

N'essas aldeias, os jesuitas monopolisavam o trabalho dos indigenas em proveito proprio. Os colonos, feridos sériamente por essa concorrencia, queixavam-se de lhes não ser licito alugar sequer os indios aldeados; e a nova situação das cousas fomentava a multiplicidade das *bandeiras* que subiam á caça de trabalhadores, embora successivas ordens prohibissem terminantemente a escravisação dos indios. Os interesses oppostos dos colonos, jesuitas e não jesuitas, pleiteavam-se em Lisboa e Madrid; e á maneira que um ou outro partido conseguia dominar na côrte, assim as disposições legaes favoreciam ou impediam o captiveiro dos indigenas. A victoria decisiva pendia, porém, para o lado das missões; (1) o que não obstava a que, apesar das leis, os colonos, do sul principalmente, proseguissem á mão-armada um trafico indispensavel ao fomento das suas culturas.

---

(1) Em 1570 decreta-se terminantemente que os indios não podem ser reduzidos ao captiveiro; em 1587, porém, apparece uma lei restrictiva da liberdade dos indios; mas em 1595 prohibem-se todas as guerras aos indigenas feitas sem provisão regia *(bandeiras)*, e declaram-se illegitimos os captivos de taes guerras. Em 1605 e 8 os indios são abertamente proclamados forros e livres; e finalmente em 1609 a condição dos indigenas, mesmo selvagens, é equiparada á dos colonos; e os jesuitas são officialmente declarados curadores dos indios.

VI

A crise no Ultramar

Apesar dos embaraços que as missões creavam ao franco desenvolvimento do Brazil; apesar do evidente proposito de o vêr transformado n'um systema de aldeias de indios baptisados e cretinisados: systema dentro do qual não haveria lugar para a colonisação livre, por ella não poder ter braços que a servissem; apesar da inhospitalidade do clima e da fereza das tribus indigenas — a colonia caminhava a passos largos no desenvolvimento da povoação, da riqueza e da exploração interior. E o sul, onde o regimen da colonisação livre era dominante, progredia mais segura, embora menos opulentamente, do que as colonias do litoral do norte. No sul desenvolviam-se de um modo espontaneo os elementos de uma nação futura; emquanto o norte sujeito a uma administração corrupta e meticulosa, dependente da introducção dos negros e de uma cultura exotica, pagava a opulencia com uma vida menos estavel e uma população menos homogenea. Sem exagerar demasiado o valor d'este termo, póde dizer-se que, pelos fins do XVI seculo, a região de S. Paulo apresentava os rudimentos de uma nação; (1) ao passo

(1) Os chronistas dão a arboricultura, a creação de gado e os cereaes, como exploração agricola da antiga capitania de S. Vicente. A população de Santos é em parte mestiça; mas S. Paulo prospera com o trabalho dos indigenas, escravos ou aldeãos. D'ahi

que a Bahia e as dependencias do norte eram uma *fazenda* de Portugal na America.

Os governos coloniaes não descansavam na obra da exploração do interior do Brazil; e o valle do Amazonas, com as suas vastidões infinitas, tentava constantemente a insaciavel ambição dos dominadores. (1) Se o estabelecimento recente do Rio de Janeiro não merecia ainda o nome de colonia no fim do XVI seculo; se outrotanto succedia aos do norte de Pernambuco, em Itamaracá e na Parahyba; e se as colonias maritimas da provincia de S. Paulo (Santos, S. Vicente) declinavam, porque essa região se desenvolvia agricolamente — o pro-

---

saem as explorações do interior; e em parte alguma do Brazil a creação de povoações é tão grande, como n'esta região, durante a primeira metade do XVII seculo; Mugidas-Cruzes (1611); Parnaiba (1625); S. Sebastião (1636); Ubatuba (1638); Taubaté, Paranaguá, Coritiba (1640); Alcantara (1648). E' de 1620 a 48 que os paulistas assolam os guaranys do Paraná e conquistam a região que veiu a ser de Minas.

(1) Pomos aqui, para não embaraçar, com esta historia a ulterior, os fastos da exploração na America portugueza durante a primeira metade do XVII seculo: era o tempo em que a colonia estava a braços com a invasão hollandeza.

1608 — Nova tentativa frustrada para occupar o Ceará.
1615 — Fundação do Pará (Belem) e exploração da foz do Amazonas; fundação do Cabo-frio (Rio de Janeiro).
1623 — Exploração do Amazonas; reconhecimento do delta do rio por Vasconcellos, Maciel e Teixeira, batendo os indios e as feitorias hollandezas e francezas que encontraram estabelecidas.
1637-9 — Pedro Teixeira, com 70 soldados e 1:000 indios, sobre o Amazonas e funda uma colonia na foz do Agarique, seguindo ávante até Quito, no Perú, d'onde voltou ao Pará.

A creação do estado do Maranhão, em 1624, demonstra como as attenções dos governos se voltavam para a exploração do Brazil equatorial até essa epocha esquecido.

gresso era manifesto em todas as colonias litoraes, cujo centro foram Pernambuco e a Bahia. Cresciam as plantações, augmentava o commercio; e computava-se em 160 contos o consumo annual de generos do reino; em 120 o numero dos engenhos de assucar, produzindo ao todo setenta mil caixas ou quarenta mil toneladas. (1)

Uma tão grande riqueza aguçou a cubiça dos hollandezes que no principio do XVII seculo, assim

---

(1) Estatistica economica do Brazil no fim do XVI seculo (1576; Pero de Magalhães, *Tratado*, etc.)

1. *Itamaracá* — 1 engenho de assucar, 2 em construcção. Muito páo brazil e algodão. 100 visinhos.
2. *Pernambuco* — 2 povoações: Olinda e Garassú. 1:000 visinhos. 23 engenhos, movidos a bois ou a agua. Producção, de 50 a 70 mil arrobas de assucar. 1 convento de jesuitas. Muitos escravos indios «que é a principal fazenda da terra, d'aqui os levam e compram para todalas outras capitanias.» Muito páo brazil e algodão.
3. *Bahia* — Séde do governo geral. 3 povoações: S. Salvador; Villa-velha, junto á barra; Paripem, no interior. 1:100 visinhos. 18 engenhos. Os moradores preferem á canna o algodão, cuja cultura se dá melhor na terra. Collegio de jesuitas «no qual se ensina latim e *casos de consciencia*».
4. *Ilheus* — 200 visinhos. 8 engenhos. Convento de jesuitas.
5. *Porto-Seguro* — 3 povoações: Porto-Seguro, Santo Amaro e Santa Cruz. 200 visinhos. 5 engenhos. Convento de jesuitas. Assolada pelos aymores como a precedente.
6. *Espirito-Santo* — 180 visinhos. 1 engenho. «Tira-se d'elle o melhor assucar que ha em todo o Brazil.» Muito algodão e muito páo brazil. Convento de jesuitas.
7. *Rio de Janeiro* — 140 visinhos. «Esta é a mais fertil e viçosa terra que ha no Brazil». Muito páo brazil. Jesuitas.
8. S. *Vicente* — 2 povoações: Santos, S. Vicente, cada qual com seu convento de jesuitas. 500 visinhos. 4 engenhos.

A' excepção dos aymores (no Porto-Seguro e Ilheus), todas as tribus da costa se achavam submettidas em parte, em parte exterminadas, em parte repellidas para o interior do sertão: cahetés, de Pernambuco; tabayares e tupinambas, da Bahia; petiguares, de Itamaracá. Os jesuitas tinham dissolvido a federação

como herdaram o nosso imperio oriental, se propozeram despojar-nos da Africa e do Brazil.

E' de uso dizer-se que, á annexação de Portugal a Hespanha em 1580 se deve a perda do imperio ultramarino portuguez; e n'um sentido é verdade isto, porque a guerra que a nação nossa visinha debatia por esse tempo com as Provincias-Unidas envolveu-nos a nós em um pleito, a que eramos alheios. Não é menos verdade, porém, que, se essa é a causa immediata, não é por fórma al-

---

das tribus do sul e a sujeição dos goyanazes punha S. Paulo ao abrigo de futuras invasões.

Eis aqui os orçamentos coloniaes portuguezes no anno de 1607:. (V. Falcão, *Livro de toda a fazenda*, etc.)

Brazil

Renda do páo brazil.....	24.000:000
Id. dos dizimos, contractados por seis annos (1601-7) com Gabriel Ribeiro, a.....	42.000:000

DESPEZAS DO ESTADO

	Officiaes de fazenda, justiça e donatarios	*Cleresia*	*Guerra*	*Total*
Pernambuco...	6.211:917	1.517:300	4.799:200	12.528:417
Itamaracá	293.660	105:000	—	398.660
Parahyba.....	144:000	351:270	1.759.800	2.255:070
Sergipe	196.000	100:000	—	296.000
Rio Grande....	100:000	249:660	2.875:520	3.225:180
Bahia.....	3.820:600	5.032:000	10.880:000	19.732:600
Espirito Santo.	160:000	65:000	128:120	353:120
Ilheus	—	40:000	—	40:000
Porto-Seguro..	—	40:000	—	40:000
Rio de Janeiro.	100:000	315:000	1.600:000	2.015:000
V. Vicente e S. Amaro.....	64:220	242:000	1.161.600	1.467:820
	11.090:397	8.057:230	23.204:240	42.351:867

guma a causa essencial; e sem se ser demasiadamente audaz, póde affirmar-se que a India se teria perdido, embora os Philippes não reinassem em Hespanha; assim como se póde affirmar que o Brazil se salvou, *apesar* dos Braganças reinarem em Portugal. (1)

A' decadencia da nossa sociedade — e por essa causa perdemos a independencia — correspondia a cubiça de povos, então na mocidade de um desenvolvimento vigoroso; e os erros, as vilanias da nossa administração oriental abriam a porta aos inglezes, aos hollandezes. Ser-lhes-hia muito difficil achar um motivo, ou um pretexto, para nos declararem a guerra, se a annexação á Hespanha

---

Africa

S. Thomé.....	1.484:000	3.487:240	316.000	5.187:240
Cabo Verde.....	1.604:600	4.015:516	443:600	6.063:716
Angola.....	?	?	?	2.156:000
Mina.....	—	—	9.306:480	9.306:480

RENDAS: *S. Thomé*, arr. por 10 annos (606-16) a Jorge Roiz, a.....	9.500:000
Cabo Verde, id. por 9 annos (602-11) a Jacome Fischer, a.....	27.000:000
Angola, id. por 8 annos (607-15) a Duarte Dias Henriques, a.....	21.000:000
Mina, id. a Francisco Rovelasca por 24 contos e mais as despezas de fortalezas, *supra*.....	33.306:480

Rendas liquidas das colonias para o Thesouro:

Brazil.....	23.648:133
Africa.....	68.093:044

(1) Entre as causas nacionaes da ruina do nosso imperio colonial, é mistér pôr á frente a decadencia das artes da construcção naval e de marear. (V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) I, pp. 304 e segg.) Falcão dá-nos a tal respeito as estatisticas mais eloquentes: ahi se vê em que relação estão as perdas por naufragio, para com as que a guerra com hollandezes e inglezes occasionava.

O typo da nau da India media de 500 a 600 toneladas, com a

nos não tivesse envolvido na guerra já existente? Não parece; até porque vemos que os ataques ás colonias portuguezas precedem 1580, e vão além de 1640.

Destruida a esperança de se estabelecerem no sul do Brazil, os francezes infestavam as costas do norte; e em 1579 resolveu-se expulsal os violentamente da Parahyba, conseguindo-se finalmente isso, em 1584-5. Em 1567 tinham saqueado S. Thomé, então no auge da prosperidade. A essa rede de systematicas depredações, que enchem o ultimo quartel do XVI seculo e ameaçam as colonias ultramarinas, juntam-se, para engrossar os perigos, os cancros da administração corrompida de An-

---

tripulação de 120 pessoas e a guarnição de 250 soldados. Custava em media 20 contos. De 1697 a 1712 foram de Portugal para a India 806 naus, o que dá a media de 7 por anno. Eis o destino que tiveram:

Voltaram ao reino	425	
Arribaram	20	
Perderam-se por naufragio	66	— 7,7 %
» tomadas por inimigos	4	— 0,5 »
» por incendio	6	— 0,7 »
Ficaram na India	285	

Comparando agora este largo periodo de mais do um seculo com os annos criticos de 1585 a 97, achamos sobre um total de 66 naus:

Vieram a salvamento ao reino	34	
Arribaram	7	
Perderam-se por naufragio	18	— 27,4 %
» tomadas por inimigos	2	— 3 »
» por incendio	4	— 6 »
Ficaram na India	1	

As perdas por naufragio e incendio representam no periodo total 8,4 e no periodo especial 33,4 %! Leia-se a tal respeito a *Historia tragico-maritima* em geral, mas especialmente pp. 531-3 do 2.º vol.

gola; e em S. Thomé a lugubre tragedia da revolta dos escravos negros. Um Sparthaco (1) africano alagou a ilha em sangue, queimou os engenhos, destruiu as plantações (1574); e expulsou os colonos, que foram para o Brazil e para o reino contar a sua ruina, chorar as suas desgraças. Quando, em 1600, os hollandezes deram um saque á ilha, só acharam os restos da prosperidade antiga.

Já senhores do norte do Brazil, considerando-se firmes em Pernambuco — logo veremos como isso foi — os hollandezes careciam como nós da Africa, dependencia necessaria da colonia americana como mina de escravos. Saqueada S. Thomé, onde não acharam valer a pena fixar-se, seguiram para a costa e occuparam successivamente os portos portuguezes da Guiné. Estabeleceram-se no Gabão, no cabo Lopo, no rio d'Elrey, em Calabar, em Fernando-Pó; e em 1637 tomaram, sem disparar um tiro, a antiga fortaleza de S. Jorge-da-Mina. Estavam senhores do golpho da Guiné, quando, pela separação de Portugal em 1640, se acharam nossos alliados contra a Hespanha. (2) Admittido por nós o principio do *statuo-quo* colonial, e abandonada a idéa de revindicações, os hollandezes, não considerando ainda bem garantido o exclusivo do seu dominio no norte do Brazil e na Africa, aproveitaram á pressa o anno de 1641, para vêr se podiam antedatar as suas occupações. Tomam, no Brazil o Maranhão, e na Africa, Loanda; resolvendo tambem completar o dominio da Guiné com a occupação de Anno-bom, e de S. Thomé que a natureza creara para estação de refresco dos na-

(1) V. *Hist. da repub. romana*, II, pp. 163-72. — (2) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) II, pp. 120 e segg.

vios negreiros. Loanda e S. Thomé foram reconquistadas para nós (1642-4); mas o resto ficou perdido na Africa equatorial: apenas em 1680 se estabeleceu um novo presidio em Ajudá.

Na Africa oriental, ao terminar a crise, o dominio portuguez apparece tambem reduzido ao que até hoje veiu sendo. Pelo sul, os hollandezes tinham-se apoderado do Cabo (1651), e esses pontos illustrados pelos nomes de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama passaram a mãos estranhas. Os francezes estabeleciam-se tambem em Madagascar (1655); e Mascate (1650) e todo o Zanzibar estava perdido, pelas mesmas causas e meios que destruiam o nosso imperio oriental. As esperanças de o restaurar eram chimeras, porque os restos eram migalhas, e as coisas tinham inteiramente mudado. A epocha das conquistas estava concluida, mas não a das colonias: porque na Africa restava-nos o centro das duas costas, as boccas dos dois grandes rios — o Congo, o Zambeze — e principalmente porque o Brazil, pudera salvar-se, apesar de tudo o que D. João IV fez para o perder.

VII

Os hollandezes em Pernambuco

A invasão dos hollandezes foi precedida por ataques de inglezes e francezes: a prosperidade e a opulencia da colonia americana aguçavam a cubiça de todos. Em 1591 um pirata — mas as expedições d'estes piratas eram organisadas e armadas de sociedade com as cidades mercantís-maritimas — um pirata inglez, por nome Cavendish, desce

ao sul, sem se atrever contra as colonias de Pernambuco e Bahia, e saqueia Santos, queima S. Vicente, vindo, no regresso, assaltar infructiferamente o Espirito-Santo. As boas cousas que o pirata levou comsigo induziram os mercadores de Londres a armar a expedição de 1595, confiada ao commando de Lencaster. O resultado foi brilhante. Lencaster não só apresou um comboyo de navios no mar, como deu no Recife (Pernambuco) abarrotando os seus navios de assucar. De volta a Inglaterra, os mercadores gaudentes acclamaram-no; e Sir Walter Raleigh viu apropinquar-se o verdadeiro *El-dorado* dos sonhos ultramarinos dos pobertões do norte da Europa.

Emquanto os inglezes davam largas ao seu genio maritimo e commercial, os francezes não desistiam de fixar no Brazil uma colonia duravel. A ruina da tentativa do Rio, a expulsão da Parahyba, não os descoroçoavam. Os de Dieppe mandam (1594) uma colonia ao Maranhão, com Riffault; e logo que foi fundada, La Rivardière (1611) segue a engrossar o estabelecimento nascente. Ao contrario dos inglezes, cujo proposito era pilhar o fructo do trabalho alheio, os francezes, antes e agora, buscavam os lugares desoccupados, ignorados, assentavam arrayaes, insinuavam-se no animo das tribus selvagens com quem conviviam. Assim tinham antes, no sul, opposto ás forças portuguezas as legiões dos tupinambas; assim agora, no norte, as oppunham ás tropas de Jeronymo de Albuquerque, enviado para os desalojar (1614). Não foram porém mais afortunados na segunda tentativa do que na primeira; e tiveram de evacuar o Brazil (1615) — sorte egual á que aos inglezes coube mais tarde (1630), na sua tentativa de occupação do Pará.

As expedições de inglezes e francezes eram emprezas particulares dos armadores e negociantes: não eram actos dos governos. Faltava-lhes a organisação, a fixidez, e escasseavam-lhes os recursos para renovar as tentativas até conseguir os resultados. Felizes, os mercadores enthesouravam o saque; perdidos, não queriam arriscar os seus bens em perigosas aventuras. Succedeu, porém, formar-se na Europa um Estado que era apenas uma companhia mercantil com autonomia politica sobre um certo territorio. Esse estado foi a Hollanda. O que em Inglaterra faziam as sociedades de negociantes de Londres ou Liverpool, isto é, crearem um fundo para piratearem, passaram a fazel-o os hollandezes, official, politicamente. A companhia das Indias orientaes, assim nascida, levou á formação de outra companhia das Indias occidentaes, cujo fim era a conquista e o saque do Brazil e o apresamento dos comboyos da prata do Perú e do Mexico, nas aguas do Atlantico. As duas emprezas combinavam-se simultaneamente, com os mesmos meios; as esquadras da companhia, ao mesmo tempo que submetteriam Pernambuco e a Bahia, podiam vigiar essa garganta do Atlantico, entre o cabo Branco e a Senegambia, passagem forçada dos comboyos hespanhoes.

Formou-se pois, em 1621, a companhia das Indias occidentaes. Tinha de capital 18 milhões de florins; tinha por vinte e quatro annos o exclusivo do trafego e navegação da Africa e America; nomeava e demittia os governadores e empregados das colonias que conquistasse; declarava e fazia a guerra, tratava as pazes e allianças, levantava fortalezas, assoldava armadas e exercitos. Os Estados-geraes subsidiavam-na com duzentos mil florins por anno, durante os primeiros cinco annos;

mas esses desembolsos deviam ser pagos com a metade das prezas, até estarem saldadas as contas. A administração da companhia compunha-se de cinco secções, onde se achavam representados os senados de Amsterdam e da Zelandia, de Rotterdam e Hoorn, de Frisia e Goringa. Tinha duas sédes: uma em Amsterdam, outra em Middleburgo.

Como se vê, a organisação era, em larga Escala, a reproducção do que antes, e particularmente, faziam os mercadores de Londres. Era um estado constituido em companhia de piratas. Quaesquer que fossem os erros e os vicios do imperio portuguez — para nossa honra devemos dizel-o — a nobreza, embora barbara, dos conquistadores do Oriente vale mais do que a tacanha cubiça dos mercadores da Hollanda. Accusem-nos de termos installado na America um systema feodal, accusem-se os vicios da nossa administração colonial; mas o facto é que ella *creou* nações, fez germinar e nascer as sementes de novas patrias ultramarinas, ao passo que as companhias dos hollandezes jámais crearam cousa alguma, a não ser um systema habil de rapinar o trabalho indigena, depois de terminado o periodo das rendosas piratarias. Saquear e enthesoirar, eis ahi o proposito d'essas instituições, exclusivamente nascidas do espirito mercantil; e se o acanhado da ambição facilitava a empreza e engrossava os lucros, (1) facto é que, ausente todo e qualquer pensamento religioso, politico, civilisador, essas emprezas não contam na historia das manifestações nobres do genio humano.

---

(1) A companhia distribuia dividendos de até 95 por cento do capital e a media dos lucros, no periodo dos primeiros 10 annos, foi de 50.

Tal era o instrumento da já resolvida conquista do Brazil.

Desde logo appareceu uma esquadra em frente da Bahia (1624), que os hollandezes tomaram sem resistencia: tal era o estado de abandono e fraqueza da capital do Brazil. O saque foi abundante, as egrejas profanadas, o governador enviado prisioneiro para a Hollanda; e com o fim de terem por seu lado os naturaes, os hollandezes declararam abolida a escravidão dos indios, e forros todos os tapuyas. A companhia exultava e enthesoirava.

Vencido o primeiro terror dos colonos fugidos, o bispo, D. Marcos Teixeira, poz-se á frente d'elles, trocou o baculo pela espada, como nos tempos medievaes, e investiu contra os invasores, de cruz alçada á frente das tropas. Os hollandezes foram vencidos, mas não se pôde reconquistar a cidade. Em 1625, porém, chegava do reino uma esquadra, um novo governador, e os hollandezes foram expulsos. Em 1627 tornaram com Piet Heyn; e se não poderam entrar na Bahia, nem por isso a viagem foi perdida: saquearam o porto, apresaram navios, e regressaram carregados de assucar. Os mercadores não ambicionavam glorias, nem façanhas; queriam caixas.

Pela terceira vez tornaram em 1630; mas, para não consumirem em vão os caros petrechos de guerra, desistiram da Bahia, dirigindo-se á opulenta Pernambuco, ainda virgem, onde havia decerto muito a roubar. Mathias de Albuquerque, enviado a defender a cidade, não lhes podendo resistir, retirou para o campo entrincheirado do *Bom Jesus*, que foi o primeiro baluarte da independencia do norte do Brazil. Caíram Olinda e o Recife: os portuguezes emigraram para o arrayal, e o general foi rechassado quando tentou reconquistar o

perdido. A lição da Bahia servia agora aos hollandezes, que tenazmente se fortificavam, preparando-se para a guerra, planeando a conquista de todo o Brazil.

As suas primeiras tentativas foram, porém, infelizes. Dirigiram para o norte um ataque a Itamaracá, mas foram repellidos; o mesmo lhes succedia na Parahyba e no Rio-grande-do-norte; o mesmo ao sul, no ataque ao Pontal-da-Nazareth (1632).

Entretanto (1631) uma esquadra hespanhola descera da Europa, a defender o Brazil e o comboyo que do Perú vinha carregado de prata. Oquendo e Patry, os almirantes das duas armadas, bateram-se nas aguas de Pernambuco: os hespanhoes venceram, salvando os seus galeões; e a esquadra partiu com elles, depois de deixar um reforço de tres mil homens no arrayal do *Bom-Jesus*. Os hollandezes, julgando-se perdidos, incendiaram Olinda e acolheram-se fortemente ao Recife, esperando soccorros.

Nenhum auxilio podia valer mais para elles do que o do mulato Calabar, que se lhes foi offerecer para os guiar pelos caminhos mal trilhados do sertão, pelas angras e canaes da costa, que elle conhecia de cór com a agudeza de sentidos de um selvagem. Acaso a traição do mulato foi a expiação da dura sorte que a fereza dos colonos impunha aos povos escravisados.

A partir de 1632 a fortuna declara se pelos hollandezes, guiados por Calabar, seu general verdadeiro. Com elle saem para o norte e saqueiam Iguarassu (1632), e Itamaracá (1633); com elle se alongam pela varzea do Capibaribe, o thesouro de Pernambuco, e tomam os engenhos e se fortificam; com elle vão a Porto-Calvo, onde entram;

com elle, pela costa do sul ás Lagoas, e pela do norte ao Rio grande; com elle, por toda a parte afortunados, saqueiam, arrazam, destroem as plantações e os engenhos.

O anno de 1634 é decisivo. Os hollandezes em balde tinham investido contra o Bom-Jesus; em vão os portuguezes tinham atacado o Recife: nenhum dos baluartes cedia, e emquanto ambos existissem, para ninguem era seguro o dominio de Pernambuco. Mas, ao passo que os nossos, invenciveis no seu arrayal, nada faziam; os hollandezes iam successivamente occupando os portos e assenhoreando-se da costa. A Parahyba cae em poder d'elles depois de se terem apossado do Pontal da Nazareth. Em 1635 restavam-nos apenas o arrayal e um forte no cabo de Santo-Agostinho: a queda d'este ultimo decidiu a evacuação de Pernambuco. Os portuguezes retiraram para o sul, a acolher-se á Bahia, abandonando a provincia inteiramente perdida.

Na retirada, porém, entraram em Porto-Calvo, onde Calabar, o instrumento da sua ruina, lhes caíu nas mãos. O mulato, enforcado e esquartejado, pagou com a vida a vingança que, morrendo, via consummada. O exodo dos pernambucanos é uma pagina funebre e sangrenta da historia brazileira. Perdidos pelos sertões bravios, asseteados pelos indios, amarellos de febres, sequiosos e famintos, caíam aos centos; e a columna que avançava ia deixando uma esteira de cadaveres, logo devorados, cujas ossadas brancas similhavam as listas de espuma que os navios largam ao passarem rapidos sobre a onda do mar sombrio e duro.

Toda a costa do rio Formoso ao Rio-Grande, era hollandeza; e para o interior havia apenas, na Lagoa e em Porto-Calvo, dois focos de resistencia

á nova occupação. Os accionistas da companhia, que eram homens d'Estado flamengos, exultavam e enriqueciam: os dividendos eram cada vez maiores, e toda a fortuna movel dos colonos portuguezes, mercadorias e alfaias, thesouros e fazendas, vinha para a Europa.

A companhia mandou um principe governar os seus estados: Mauricio de Nassau (1637). O que ainda restava de portuguezes em Pernambuco foi batido. Bagnuolo, Duarte de Albuquerque, Dias, e o *Camarão*, retiraram para S. Francisco, acolheram-se a Sergipe, d'onde fugiram por fim, rotos, famintos e perseguidos, a entrar na Bahia. O dominio hollandez desceu até ao rio S. Francisco, alongando-se para o norte ao Ceará: toda a prôa macissa do continente sul-americano, na costa oriental deixou de ser portugueza.

Pouco depois de chegar, o principe atacou a Bahia (1638) para consummar a conquista do Brazil; mas os restos do exercito do norte bastaram para o repellir. Rechassado, passou a occupar-se da consolidação e organisação da nova colonia; e n'isso consumiu os annos de 1638 a 1842 sem que a posse lhe fosse disputada. Quando Portugal se separou da Hespanha, o principe, esperando conservar o que o tratado luso-hollandez garantia, quiz obter um pedaço mais e tomou Sergipe e o Maranhão (1641-2), como outros socios da companhia tomavam S. Thomé e Angola. Foi isso que o perdeu.

O Maranhão sublevou-se, trucidou os hollandezes, e expulsou-os de S. Luiz. A' perda do Maranhão seguiu-se a do Ceará (1644), e a companhia, ciosa da gloria de Nassau, o fundador de um Brazil hollandez; a companhia que receiava vêr-se burlada por um que não era bem dos seus; a companhia

que queria para o seu serviço um bom caixeiro e não um principe sabio e audaz, chamou Nassau á Europa, demittindo-o do seu serviço. Calabar morrera, Nassau partira: ficavam apenas os guarda-livros em Pernambuco.

A inepcia d'esse governo soez, e os exemplos do Ceará e do Maranhão, levaram o que ainda havia de portuguezes em Pernambuco a insurreccionar-se (1644).

Não contaremos detalhadamente os fastos d'essa illiada pernambucana. O norte do Brazil ganhou então, por um acto de coragem, os foros de uma independencia, que o sul ia conquistando todos os dias, de um modo lento, mas seguro; obscuro, mas infallivel. Vieira, Vidal de Negreiros, Dias, Camarão, os portuguezes, os já brazileiros, os negros, os indios, appareciam reunidos na acclamação de uma patria nova. Na antiga patria portugueza reinava D. João IV, de braço dado ao padre Vieira; e as ordens de Lisboa mandavam aos sublevados que depozessem as armas, que deixassem aos hollandezes, o que os tratados lhes garantiam, porque, dizia o padre Vieira, abandonar Pernambuco é o meio de salvar a India. Ainda se pensava em salvar a India!

Contra o rei e o seu conselheiro, contra os hollandezes e a poderosa armada que os foi sustentar (1647), combateram os brazileiros bombardeando o Recife. Em 1648 e 49 ganharam as duas batalhas decisivas de Guarapes; e por fim, em 1654, depois de dez annos de guerra, D. João IV, já mais senhor de si, decidiu-se afinal a acceitar o que os pernambucanos tinham conquistado. Uma esquadra portugueza foi ao Recife consummar a expulsão dos hollandezes.

Se, no norte, o facto de uma autonomia se de-

monstra de um modo tão evidente, embora o sentimento d'ella se não manifestasse ainda por idéas de separação da metropole; no sul havia, não só o facto, mas o sentimento da realidade de uma patria nova. Como as aves, aconchegadas no ninho sob as pennas da mãe, esvoaçam para a liberdade, logo que as azas começam a agitar-se: assim os filhos de uma nação querem tambem a liberdade, desde que sentem em si borbulhar os alentos de uma individualidade nova. A independencia dos filhos nunca foi hostilidade para com os paes, senão quando estes insensatamente pretendem prolongar uma dependencia anachronica. Na vida dos filhos se continúa e se prolonga a vida dos paes; e a succcessão infinita das gerações é para os homens e para as sociedades a pura expressão d'essa immortalidade que a imaginação attribuiu aos deuses.

O Brazil, legitimo filho da sociedade portugueza, protestando, por um lado, contra os dictames de uma politica insensata, ganhava para si a independencia do jugo estrangeiro; protestando, ao sul, clara e definidamente, contra a nova dynastia, que a politica levantava no throno portuguez, definia por modo diverso o sentimento de uma virilidade que todos os males da occupação (1) não tinham abatido.

D'este modo se encerra a primeira epocha da historia da America portugueza. Na segunda, em que vamos entrar, observaremos um regime transitorio que, no norte e no sul, auxiliando o fomento

---

(1) Calcula-se que perdemos nos dezeseis annos de 23-38 mais de 28 milhões de florins em 547 navios tomados com suas cargas, nos saques das povoações, na ruina de plantações e engenhos.

da nação, adia por cento e cincoenta annos o fermentar das idéas de independencia. Ao norte, uma organisação forte e a larga exploração da escravatura africana robustecem as plantações; ao sul, as descobertas das minas criam um novo Perú, um segundo Mexico.

LIVRO SEGUNDO

Negros, assucar e ouro

(1654-1808)

I

O trafico da escravatura

Entre as colonias militares-commerciaes, como foram as dos antigos (1) e das quaes a occupação portugueza da India deu o ultimo exemplo historico, e as colonias agricolas de emigração livre, quaes são hoje o Canadá e a Australia, a occupação da America tropical veiu crear um typo diverso e até certo ponto novo.

As regiões descobertas entre os tropicos na segunda metade do XV seculo appareciam habitadas por povos de natureza e aspecto tão diverso do indo-europeu, que só as idéas espiritualistas do catholicismo, então dominante, podiam levar á affirmação de que, entre essas raças acobreadas ou negras e a raça branca, não havia essenciaes differenças. O instincto rude insurgia-se, porém, contra esta abstracção protestando praticamente. Da mes-

(1) V. *Hist. da rep. romana*, I, pp. 184-91 e 429-35; *Taboas de Chronologia*, pp. 86-91, e *Raças humanas*, II, pp. 192-209.

ma fórma que os portuguezes em Kalikodu suppozeram vêr christãos nos indios, por julgarem, na sua ingenua ignorancia, que os idolos do Industão eram os mesmos idolos catholicos, (1) incapazes de conceberem a existencia de duas religiões similhantes, embora diversas; da mesma fórma os descobridores, e mais ainda os missionarios, viam, nas raças de côr differente, novas manifestações da grandeza de um Deus que do cazal de homens, amassado e soprado no Eden, fizera saír uma descendencia multicolor.

A descoberta dos jazigos mineiros, e o extraordinario producto de certas culturas exoticas, combinados com o apparecimento de numerosas raças selvagens, deram ás colonias do XVI seculo um cunho até então desconhecido. O europeu sentia-se mal entre os tropicos: enfraquecia, adoecia, morria. Por outro lado, a vastidão dos thesouros mineiros ou agricolas que a natureza lhe offerecia era demasiada para o exiguo numero dos colonos. Nasceu d'ahi a tentação de aproveitar em serviço proprio o trabalho d'essas raças que, apesar da religião lhe dizer serem suas irmãs, elle via completamente inferiores e gravemente diversas. Assim nasceu tambem a moderna escravidão na Africa e na America.

Nós já vimos como a tentativa dos missionarios foi inutil no Brazil, porque os colonos a contrariavam, e porque os indios fugiam, desappareciam, morriam. Vimos tambem que, na Africa, procedendo as missões de um modo diverso, os proprios jesuitas se tornaram mercadores de escravos. Resta-nos dizer que o pensamento de chamar essas raças aborigenes a uma civilisação, para

(1) V. *Hist. de Portugal*, (4.ª ed.) I, p. 215.

que a natureza as não dotára, foi uma das nobres chimeras do espirito catholico no XVI seculo; e é, no XIX, a repetição de um desvario egual do sentimento philanthropico. A Serra-Leoa e a Liberia, missões dos sympathicos successores dos jesuitas, dão a prova da limitada capacidade das raças negras. A extincção das raças americanas, nos Estados-Unidos e no Brazil, é, por modo diverso, outra prova de inadaptação.

Como todos sabem, a escravidão existia na Europa ao tempo das primeiras descobertas. Os captivos das guerras marroquinas, os mouros, eram escravos na Peninsula. Desde toda a Antiguidade, a guerra fôra a origem da escravidão, sorte commum dos vencidos, em tempos já remotos para a Europa da Renascença. (1) A guerra foi tambem a causa immediata da escravisação dos indigenas no Ultramar; mas não é a circumstancia da dura especie de captiveiro imposta aos vencidos, a que dá á escravatura moderna um caracter proprio.

Esse caracter provém das condições atraz expressas em que os colonos se acharam, já nas ilhas ferteis e despovoadas, já no continente americano habitado por indios menos doceis e activos do que o negro de Africa. A exportação e o commercio do negro, como machina de trabalho, eis ahi o que é peculiar dos tempos modernos, e não o facto da existencia de classes na condição de escravas dentro de uma sociedade. Reduzidos ao captiveiro pelas guerras intestinas, os negros eram vendidos pelo vencedor ao capitão do navio que fundeava no porto. Os colonos dos estabelecimentos de Africa eram os intermediarios d'este *resga-*

(1) V. *Instit. primitivas*, pp. 276-89.

te; quando não iam em pessoa, armados, caçar ao sertão a preciosa mercadoria. (1)

A philanthropia moderna tem accusado os portuguezes de inventores d'este commercio de nova especie; e a nosso vêr com fundamento, por isso que a nós coube a sorte de possuirmos o litoral da Africa e boa parte da America tropical. Tinhamos a producção e o consumo, a mercadoria e o mercado, dentro dos vastos limites das nossas colonias. Era, porém, um crime como se pretende, o escravisar o negro e leval-o á America? Eis ahi uma questão mais grave, a que nós respondemos negativamente, apesar da crueldade e da fereza d'essa especie de commercio. Não menos ferozes e horrendos nos parecem, tambem, os morticinios e a escravidão com que os romanos submetteram a nossa Peninsula; (2) e esse foi, entretanto, o duro preço por que ella pôde entrar no gremio dos povos de civilisação latina. Tambem a escravidão dos negros foi o duro preço da exploração da America, (3) porque, sem ella, o Brazil não se teria tornado no que vemos. Todos sabem hoje o que é licito esperar do trabalho indio; e no XVI seculo sabia-se isso tão bem ou melhor do que hoje. Se, observando a historia colonial portugueza, applaudimos a exploração do Brazil com os negros, já que o não podia ser com os indigenas, resta-nos lamentar que Portugal não tivesse bastante energia e braços sufficientes para fundar na Africa um regime feodal, reduzindo as populações a um estado de adscripção á gleba, lançando os fundamentos de uma sociedade aristocratica — se é que as con-

(1) V. *Hist. da republ. romana,* I, p. 343 e pp. 378-85, o trafico dos escravos. — (2) *Ibid.*, I, pp. 215-20 e 351-60; e *Civil. iber.* (3.ª ed.) 1-33. — (3) *Ibid*, pp. 256-8.

dições climatericas da Africa tropical não condemnam as suas colonias á condição de meras feitorias commerciaes, (outr'ora de escravos, hoje dos productos do sertão) se é que n'ellas o europeu não póde acclimatar-se, como parece.

Não cremos, portanto, que nos devamos affligir muito com a accusação de termos inventado o *odioso trafico*. Sem os negros, o Brazil não teria existido; e sem escravos nação alguma começou. Lembremo-nos tambem que, se inventámos, a descoberta pareceu feliz; porque todos, a nosso exemplo, foram buscar negros ao armazem da Africa para lavrarem as suas colonias americanas. (1)

Entretanto, a bem da historia, deve dizer-se que não inventámos cousa alguma. Sempre que houve escravos, os escravos se venderam; porque o proprio da escravidão é tornar o homem um objecto venal. Além d'isto, antes de nos acharmos em relações maritimas com a Negricia, achavam-se em relações continentaes com ella, de um lado os berbéres de Marrocos, do outro os arabes do mar Vermelho; e para uns e outros a Negricia era, desde tempos immemoriaes, um mercado de escravos. Quando Gil Eannes dobrou o cabo Bojador trouxe para Portugal algumas *amostras* de azenegues, especie de *mouros*, isto é, os mestiços negro-berbéres, os negroides do norte do Senegal.(2) Em 1436 passou-se para o sul do Senegal, entrando-se na terra dos jalofos, a primeira nação negra que os portuguezes visitaram. Depois, estabelecido o forte de Arguim, os armadores foram a essa costa comprar ouro e escravos aos arabes. Foi em 1442

(1) V. *Raças humanas*, I, p. LIV. — (2) «Entre elles havia alguns de razoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos que queriam similhar pardos; outros tão negros como ethiopes.» *Chron. da Conq. de Guiné*. V. *Raças humanas*, II, p. 198.

que pela primeira vez vierem por mar escravos negros da Guiné; e em 1461 já o *resgate* se fazia pacificamente na Senegambia, não só por intermedio dos mercadores arabes, como directamente entre os portuguezes e os soberanos indigenas, que vendiam os captivos e até os subditos. Assim começou o trafico, e os ensaios feitos na exploração da Madeira e dos Açores levaram, mais tarde, á exportação para Cabo-Verde, para S. Thomé, finalmente para o Brazil, e para todas as Indias occidentaes. (1) A mina de trabalho negro valia tanto ou mais do que as minas de prata e ouro do novo mundo.

E n'esse novo mundo a população indigena extinguia-se. Em 1527 vão mil negros para as lavouras das Antilhas, porque já não havia ahi indios. De 1575 a 1591 só de Angola tinham saído mais de cincoenta mil, para o reino, para o Brazil, e para as Indias castelhanas; (2) e na primeira metade do XVII seculo a exportação annual attingia

---

(1) «De Portugal sae cada anno, assim para os reinos de Hespanha, como para as Indias de Castella grande quantidade de escravaria que se leva para cavarem nas minas de ouro e prata e nos engenhos dos açucares; afora muitos que se acham a comprar indios, bengallos, jáos, arabios, malabares, malaios bravios, cafres e de outras nações sujeitas a Portugal.» Leão, *Desc. de Port.* XXXVI.

Garcia de Resende escrevia

Vem grão somma a Portugal
Cad'anno tambem ás ilhas
E' cousa que sempre val
E tresdobra o capital
Em Castella e nas Antilhas.

(2) 52053. V. em Levy, *Hist. do Congo,* o relat. do gov. de Angola a Philippe I.

quinze mil *peças da India,* dando ao Thesouro a receita de duzentos e cincoenta contos, (1) com que se cobriam os gastos da feitoria e transportes para Pernambuco. Desde o meado do XV seculo, Arguim, na Guiné, dava por anno sete a oitocentos escravos.

A expulsão dos hollandezes do Brazil e a conclusão definitiva do corso pela paz de 1662, deram um novo alento á colonia americana e abriram a grande éra de trafico de escravos. Todos vinham por elles a Africa. A Guiné, o Congo e Angola eram os principaes centros d'esse commercio: os hespanhoes carregavam para as Antilhas; os inglezes tinham em 1620 levado um carregamento a Jame's-town e o exito da experiencia induziu-os a continuar; os francezes, os hollandezes seguiam-lhes os passos; e se os estabelecimentos portuguezes eram os principaes centros do commercio, os inglezes tambem já se tinham fixado na costa occidental, os francezes na Guiné, para tratarem a compra dos negros, a nosso exemplo, como nós tinhamos feito, a exemplo dos arabes.

O progresso que a exportação de negros teve, na segunda metade do XVII seculo, levou a maiores augmentos no seguinte. A terminação das guerras europêas consentiu ás nações o olhar para o desenvolvimento colonial; e o XVIII seculo é a éra do fomento decisivo de toda a America, saxonia e latina. No Brazil, as reformas do marquez de Pombal, por um lado protegendo as plantações e abolindo mais uma vez e ultima a escravidão dos indios, e pelo outro a descoberta das minas,

---

(1) Levy, *Hist. do Congo.* Cada escravo para o Brazil pagava 3$000 rs.; para as Indias hespanholas 6$000.

determinaram uma procura de braços excessiva. A exportação de negros attingiu porporções desconhecidas até então. (1) Regulamentou-se, protegeu-se. As levas de escravos iam baptisadas, e ainda em nossos dias um viajante (2) viu na alfandega de Loanda a cadeira de marmore d'onde o bispo, no caes, abençoava os rebanhos de negros que embarcavam para o Brazil. Portuguezes, hespanhoes e francezes protegiam a escravidão; e o *Code noir* de Luiz XIV (1685) é um documento de humanidade. Todos confessam que ninguem era mais cruel com os negros do que os inglezes, e que

---

(1) Nos primeiros annos da existencia da Companhia do Grão-Pará a importação no Brazil chegou a 100:000 cabeças por anno; das quaes de 22 a 43:000 com destino ao Rio de Janeiro. Isto prova o desenvolvimento do sul, que estudaremos ulteriormente.

De 1759 a 803 os registros coloniaes dão, saidos de Angola para o Brazil, 642:000 negros, ou de 14 a 15:000 por anno. O rendimento da exportação dos negros orçava por 160 contos e o total da colonia por 190.

De 1817 a 19 a media da exportação para o Brazil era de 22:000; e apesar da cessação legal do trafico, ainda em 39 saiam 35 carregações de escravos por Angola. (M. de Sá, *O trabalho rural africano.)*

No fim do XVIII seculo a praça de Liverpool tinha 90 navios no trafico, levando por anno 30:000 negros para a America ingleza.

Cuba foi o ultimo mercado comprador de negros. As entradas registradas accusam:

De 1792-1810	— 89:000	negros ou	11:000	p. anno
1810- 17	— 81.000	»	11:400	»
17- 21	— 56.400	»	14:100	»
21- 31	— 76:000	»	7:600	»
31- 47	— 85:700	»	6:000	»

Não só o desenvolvimento das plantações exigia a constante immigração de escravos, mas tambem a necessidade de preencher as vagas deixadas por uma mortalidade excessiva.

No periodo de 1792 a 1810 o augmento estatistico da população escrava de Cuba accusa a media annual de 5:300 que, opposta ao ingresso de 11:000, deixa á mortalidade 5:700, isto é, 12 por cento da população escrava. (V. Labra, *Abolicion de la esclav.)*

(2) Monteiro, *Angola and the river Congo.*

em parte alguma a sorte dos escravos era mais dura do que na America do norte.

Por uma reacção, porém, do temperamento violento, excessivo e sentimental d'esses insulares, foi d'entre elles que partiu o clamor de condemnação contra a sorte miseranda da raça negra. Usando de toda a influencia que, no principio do nosso seculo, exerciam sobre a infeliz dynastia de Bragança, os inglezes, que em 1807 tinham abolido a escravidão nas suas colonias, começaram desde logo a exigir de Portugal a abolição do commercio dos escravos africanos, até que em 1819 conseguiram estabelecer os cruzeiros para a captura dos navios negreiros.

Esta satisfação dada á agitação abolicionista em Inglaterra, favorecia ao mesmo tempo os interesses dos colonos inglezes, cujas plantações definhavam desde que a escravidão fôra n'ellas abolida. Os assucares do Brazil e de Cuba, livres da concorrencia da Jamaica e das outras ilhas inglezas, attingiam rendosos preços; e á ruina em casa correspondia a opulencia estranha. Impedir a immigração de negros nas colonias portuguezas e hespanholas, era destruir a força de concorrentes perigosos. Sem poder impôr abertamente a abolição da escravidão nas colonias peninsulares, meio que radicalmente satisfaria a humanidade e o interesse proprio, os inglezes limitaram-se a exigir a prohibição do trafico, e, obtida ella, inauguraram o corso aos negreiros. Esta medida não satisfazia o interesse, porque o risco apenas conseguia elevar o preço do escravo na America e engrossar o lucro do armador; ao passo que a condição do negro peiorava. Antes, podia-se regulamentar e fiscalisar um commercio licito; agora, esse commercio era um contrabando, e os carregamentos de

escravos, já por serem feitos a furto, já porque o negocio se tornara uma loteria, foram um espectaculo repugnante, cruel, e uma vergonha para a humanidade. (1) O trafico só podia acabar quando a escravidão fosse abolida por todas as nações coloniaes da Europa.

Perseguido, prohibido, ao mesmo tempo que o Brazil e Cuba esperavam anciosamente a chegada dos navios negreiros, o commercio de escravos tornou-se uma occupação vil e barbara. Os cegos instinctos do lucro apagavam todas as noções da humanidade mais elementar, e fazia-se aos negros o que não é licito fazer a nenhuma especie de gado. O negreiro tornou-se o typo por excellencia feroz, devasso, em que parecia ter-se apagado a

---

(1) Eis aqui os numeros que demonstram as affirmações feitas: (V. Molinsri, v.º *Esclavage*, no *Dic. Econ. polit.)*

I Exportação de escravos, desde 1807 até ao estabelecimento dos cruzeiros (1819)

Para o Brazil	680:000	2.194:000	4:952:000
» as colon. hesp.	615:000		
» outros pontos.....	562.000		
Perda em viagem.....	337:000		

II Idem, desde 1819 até 1847

Para o Brazil	1:122:000	2:758.000	
» as colon. hesp.	831:000		
Perda em viagem.....	688:000		
Capturados	117:000		

Conclue-se d'aqui: *a)* que a immigração annual na America foi de 155:000, antes, e de 70:000 depois do estabelecimento dos cruzeiros; *b)* que a exportação annual da Africa foi de 190:000, antes, e de quasi 100:000 depois; *c)* que os cruzeiros só capturaram 4 por cento da exportação total, e esta conclusão demonstra a sua inefficacia; *d)* que, antes, a perda em viagem era de 15 por cento dos carregamentos, e depois subiu a 25.

Accrescente-se agora a circunstancia de que, antes da aboli-

noção dos instinctos mais inherentes á natureza do homem culto.

Um navio de escravos era um espectaculo asqueroso e lancinante. Amontoada no porão, quando o navio jogava batido pelo temporal, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro de homens, para beber ávidamente um pouco d'esse ar lugubre que se escoava pela escotilha gradada de ferro. Havia lá no seio do navio balouçado pelo mar, luctas ferozes, gritos, uivos de colera e desespero. Os que a sorte favorecia, n'esse ondear de carne viva e negra, aferravam-se á luz e rolhavam a estreita nesga do céu. Na obscuridade do antro, os infelizes, promiscuamente arrumados a monte, ou caíam inanimes n'um torpor lethal,

---

ção, o lucro commercial do trafico orçava por 20 a 30 e depois subiu, com o risco, a 200 e 300 por cento. Uma grande loteria de escravos, eis o que o cruzeiro fundou, e tambem um horroroso morticinio de negros. As perdas em viagem subiam, como vimos, de 15 a 25 por cento por causa do mau acondicionamento, e calculava-se que para levar 65:000 escravos ao Brazil era necessario tirar da Africa 100:000. Além da perda na viagem, o estado em que chegavam matava de 3 a 5:000 nos primeiros dois mezes depois do desembarque.

Cinco milhões de negros saíram de Africa, de 1807 a 1847; quantos milhões tinham saído antes? Impossivel é sabel-o. Chegou-se a aventar o numero de 20 milhões que entretanto parece excessivo. Em todo o caso, os restos d'essa população que se vêem ainda hoje espalhados por toda a America, são uma reduzida imagem do numero que o solo colonial tragou. A esterilidade da escravidão era facto já observado na Europa da Edade-média, e não foi dos menos poderosos motivos que levaram a abolil-a. Mas a Africa suppria as vagas, e os milhões de habitantes que expellia de si não a despovoavam senão nas costas. O selvagem é prolifico.

As correrias dos colonos á caça de escravos repelliam para o interior as tribus indigenas da Africa, e em 1760 um governador de Angola dizia que os negros cada vez mais desamparavam as proprias terras, para se livrarem das continuas violencias dos brancos negociantes. Em 1782 a população de Ambaca diminuira dois terços.

ou mordiam-se, desesperados e cheios de furias. Estrangulavam-se, esmagavam-se: a um saíam-lhe do ventre as entranhas, a outro quebravam-se-lhe os membros nos choques d'essas obscuras batalhas. E a massa humana, cujo rumor selvagem saía pela escotilha aberta, revolvia-se no seu antro afogada em lagrimas e em immundicie. (1)

Quando o navio chegava ao porto de destino — uma praia deserta e afastada — o carregamento desembarcava; e á luz clara do sol dos tropicos apparecia uma columna de esqueletos cheios de pustulas, com o ventre protuberante, as rotulas chagadas, a pelle rasgada, comidos de bichos, com o ar parvo e esgaseado dos idiotas. Muitos não se tinham em pé; tropeçavam, caíam, e eram levados aos hombros como fardos.

Despejada a carga na praia, entregues os *conhecimentos* das peças-da-India ao caixeiro do negreiro, a funebre procissão partia a internar-se nas moitas da costa, para d'ahi começarem as peregrinações sertanejas; e o capitão, voltando a bordo, a limpar o porão, achava os restos, a *quebra*, da carga que trouxera: havia por vezes cincoenta e mais cadaveres sobre quatrocentos escravos!

II

A escravidão no Brazil

A monotona historia da emigração forçada do negro africano reduzir-se-ha, porém, á estatistica

(1) V. *Hist. da republ. romana*, I, pp. 378-85; *Regime das riquezas*, pp. 186-8 e *Quadro das instit. primit.*, pp. 203 e 276-89.

da offerta e da procura de uma mercadoria? A força desapiedada, com que as raças superiores escravisaram ou exterminaram sempre as inferiores, substituindo-se-lhes ou expoliando as do gozo dos bens naturaes; essa lei da concorrencia animal, que na zoologia produz pela selecção os typos superiores, e na historia as civilisações, provocára sempre terriveis protestos, luctas medonhas, represalias ferozes. Por toda a parte o vencido, escutando com avidez o soar da hora propicia, espiando o momento de lassitude ou embrutecimento do seu dominador, se tinha erguido em armas, reivindicando para si uma sorte menos dura. Sparthaco é o heroe das insurreições dos escravos.

Eram os negros tão abjectamente inferiores, na inferioridade incontestavel dos dotes da sua raça, que passiva e submissamente obedecessem ás cargas e descargas, aos transportes e ao trabalho, como o fardo de algodão emballado e embarcado, ou o cylindro do grosseiro engenho onde se esmagava a cana? Pois nem haveria protestos, como ás vezes lavram os proprios animaes: o cavallo quando se desboca, o rebanho quando se tresmalha na amplitude das planicies dos pampas?

Os protestos não faltaram; o negro não era inteiramente, nem uma mercadoria, nem uma machina de trabalho. Não era decerto um animal bravio; domesticava-se, obedecia, como creança; (1) mas tambem ás vezes se rebellava. Se até o ju-

---

(1) Todos os observadores têm notado a vivacidade precoce do negro, e a como que paralisação de desenvolvimento que se dá na adolescencia. O negro é sempre uma creança, com a mobilidade vivaz e a perspicacia infantis.

mento paciente se lembra de que foi onagro! Rebellava-se, e então era temivel, porque a ferocidade é tambem uma das qualidades da infancia.

As insurreições dos negros, terror permanente dos colonos americanos, põem manchas de atro horror n'essa monotona historia da escravidão; e fazem-nos lembrar que as peças-da-India não eram tão completamente uma mercadoria, como aos negreiros e colonos ás vezes se afigurava. As colonias, creadas para a lavoura e para o commercio, não eram, como Sparta, uma legião; e os colonos, infinitamente poucos, perante as columnas dos escravos negros, viam-se num perigo maior constante. Na roça o fazendeiro, na cidade o mercador, instinctivamente punham em pratica um regime de terror, um systema de disciplina feroz, unico meio de conjurar um perigo que todos sentiam imminente. Chibatado, açoitado, morto ás vezes no tronco do castigo, o escravo soffria com esses duros tratos a consequencia de uma força que o seu senhor temia; mas de que elle, o infeliz! só raras vezes, quando as dôres cruciantes eram intoleraveis, chegava a adquirir a consciencia. Um tal regime punha nos costumes coloniaes nodoas de uma crueldade perversa. As mulheres fracas, vegetando a custo n'esses climas devoradores, excediam os homens no requinte da barbaridade; e o negro soffria o que não soffria o cão, nem o macaco, beijado e emballado nos braços das crioulas. Ninguem temia os brutos, e todos, já por habito, sem bem o confessarem, temiam o negro. O escravo foi sempre um inimigo. Algum transeunte mais piedoso que, passando nas ruas da Bahia ou de Pernambuco, ouvia, para além das portas mal fechadas das habitações, o estalar do látego e o gemer do paciente, batia no ferrolho, gritava ca-

ridosamente — basta! Pedia perdão pelo escravo, e o supplicio terminava quasi sempre.

Esse terror de uma vingança dos negros não era decerto uma van chimera. As creanças rebellam-se a miudo, e as suas coleras são terriveis. Todos sabiam que os negros por vezes, em varias colonias, tinham commettido atrocidades. No Brazil conhecia-se de perto a horrorosa insurreição de S. Thomé, porque os colonos, arruinados e perdidos, tinham ido para lá recomeçar a vida, renovar as plantações, reconstruir os engenhos. Em S. José do Maranhão os fugidos aos senhores e alliados aos indios, seus companheiros de infortunio, tinham atacado a povoação, talado os campos, batendo-se com valor contra o forte e caíndo exterminados, mas não submettidos (1772). Mais de um *quilombo*, ou azylo, escondido nos desvios das serras, embrenhado na escuridão das florestas, recebia, para a vida livre das selvas, os escravos que fugiam á sua miseranda sorte; mais de uma vez foi necessario desmanchar á força esses ninhos, ou esses embryões de futuras cidades; e a destruição do *quilombo* da Carlota em Matto-grosso (1770) ficou celebre pela bravura dos atacados, pela crueldade do castigo. Os escravos fugidos eram marcados com um F em braza á primeira vez, e tinham uma orelha cortada á segunda: estes signaes indicavam ao senhor que devia aggravar o castigo de faltas ulteriores. (1)

Em tempos posteriores, quasi em nossos dias, quando a acção combinada da politica e da economia procuravam terminar a escravidão no Brazil, este sentimento da revolta, não só contra a condi-

(1) V. *Quadro das instit. primit.*, p. 203 e *Hist. da repub. romana*, I, p. 400.

ção miseravel, mas tambem contra a vida civilisada, tomou caracteres diversos. Da mesma fórma que na servidão agraria da Peninsula (1) succedera, quando ella passou a traduzir-se por um contracto ou cedula, fixando a renda certa que o servo devia ao dono da terra: assim tambem aconteceu no Brazil ao escravo urbano. Applicado para as fainas dos armazens nos portos commerciaes, moço-de-fretes nas ruas, o negro devia apenas ao senhor o jornal certo por elle fixado. (2) Livre de o obter com o seu trabalho já livre, o escravo tirava dos hombros possantes para a carga uma renda maior, forrava economias, juntava um peculio; e em vez de fugir, como outr'ora, para o *quilombo,* quando nem a sorte, nem a lei lhe deparavam outro meio de redempção, manumittia-se, alforriava-se, e, feliz, voltava á Africa, a respirar os ares para elle innocentes e queridos da costa paludosa da Mina. Despresava e renegava a civilisação antipathica, regressando ao estado selvagem; da mesma fórma que os crumanos e cabindas, depois de correrem como grumetes, cosinheiros ou marinheiros, a bordo dos navios, os portos da Europa, regressam com as peças de algodão sufficientes para comprarem tres ou quatro mulheres.

Estas modernas fórmas de um constante protesto contra a civilisação não valem, porém, em nobreza as antigas; mas de todos os exemplos historicos do protesto do escravo, Palmares é o mais bello, o mais heroico. E' uma Troya negra, e a sua historia uma Illiada. (3)

Foi a occupação dos hollandezes que deu lugar á formação da republica dos escravos. O abandono

(1) V. *Civil. iber.* (3.ª ed.) pp. 152-6. — (2) V. *Hist. da republ. romana,* I, p. 390. — (3) *Ibid.* I, p. 402.

das fazendas pelos senhores e mais tarde o armamento dos negros para expulsar os invasores, eis as causas immediatas da organisação d'esse grande *quilombo*. Em 1630, quarenta negros guinés, escravos de Porto Calvo, refugiaram-se nos Palmares, causa de trinta leguas para o interior de Pernambuco, e fortificaram-se. Como os romanos, raptaram as sabinas, indias e mestiças dos arredores. Principiaram por viver da razzia das plantações proximas, do saque dos fazendeiros. Assim viviam os romanos. Palmares era o azylo dos escravos fugitivos, como tambem o fôra Roma e os concelhos medievaes. Crescendo em numero, constituiram-se em sociedade; tinham um rei, o *zambi*, um christianismo copiado de jesuita, e leis que foram escriptas por um Numa preto. A' maneira que prosperavam, abandonavam a pilhagem, fazendo se agricultores. Lavravam e commerciavam; e os fazendeiros dos arredores, vendo-se livres do incommodo antigo de visinhos tão hostis, tratavam agora com a cidade nascente, vendiam-lhe fazendas e armas. Assim as nações se formam, e Palmares merecia já este nome, quando, reconquistado e pacificado o norte do Brazil, o governo resolveu submetter a republica (1695).

Tinha ella então quatro ou cinco milhas de circuito, porque não attingira ainda a edade em que as republicas se tornam conquistadoras. O recinto era fortificado por uma paliçada alta, á moda das aringas ou mocambas da Africa. Dentro havia as plantações, um rio com agua abundante, frondosas bananeiras, campos de milho e mandioca. A população contava mais de vinte mil pessoas, das quaes oito ou dez mil em armas esperavam os aggressores.

Caíu a republica, destruida pelas armas portu-

guezas, mas caíu épicamente como uma Troya de negros voltados á vida barbara. Vencidos, mortos, esmagados pela força, rotas as fortificações, aberto de par em par aos invasores o ninho da sociedade nascente, os palmarinos não se submetteram, suicidaram-se. O *zambi* com os rotos destroços do seu exercito precipitou-se do alto de um penhasco, e os cadaveres dos heroes vieram rolando despedaçados caír aos pés dos portuguezes victoriosos. Os prisioneiros, voltados á condição miseranda, suicidavam-se, trucidavam os filhos e as mulheres. E quando lhes retiraram todos os meios de se matarem, deixaram se acabar á fome.

A Troya dos negros foi arrasada, mas a memoria dos seus heroes ficou e ficará como um nobre protesto da liberdade humana contra a dura fatalidade da natureza, cujas ordens impozeram á exploração da America a condição do trabalho escravo.

III

O estado do Maranhão

Abundantemente provido de negros, o norte do Brazil, depois da expulsão dos hollandezes, avançou a paços rapidos no caminho da riqueza. O seculo que medeia entre a reconquista de Pernambuco e o governo do marquez de Pombal, reune os elementos de uma revolução que o grande estadista consummou.

Affluiam os colonos do reino, plantavam-se canivaes, construiam-se engenhos. O *reinol,* como se dissera na India, apenas chegado, tomava posse da área que lhe era demarcada. Comprava negros, erguia a senzalla e o rancho. O primeiro trabalho

consistia em roçar o matto, limpar a terra que havia de produzir o milho, a mandioca, os legumes para a alimentação dos escravos. Os montes de arvores cortadas e derrubadas, a esteira de herva que vestia o solo, eram preza das chammas, e a terra adubada de cinzas produzia cento por um. A esta faina seguia-se a da construcção do moinho: dous cilindros de madeira para esmagar a cana, uma roda hydaulica, ou um malacate para mulas, ou bois, como motor. Preparada assim a installação, plantava-se o canavial: um pedaço de cana com tres ou quatro nós, enterrado horisontalmente, dava outros tantos pés, que no fim de doze ou quinze mezes se podiam cortar, levar á machina, para obter a garapa, d'onde se faz a aguardente ou o assucar.

Nem só a cana, porém, era já a cultura predominante do norte do Brazil. Desde que em 1640 se viu perdido para sempre o imperio oriental, entendeu-se inutil prohibir na America a cultura das especiarias que constituiam a riqueza do commercio das Indias. O medo de uma concorrencia que podia fazer baixar os preços dos generos orientaes, levara a mandar arrancar no Brazil as arvores productoras de drogas similares ás do Oriente. Dizia o padre Vieira que d'esta perseguição apenas o gengibre escapára, porque as suas raizes fugiram a esconder-se debaixo da terra. O facto é que, desde 1662, o norte do Brazil, onde a producção principal continúa a ser o assucar, cultiva o tabaco, o algodão, a baunilha, a canella, a pimenta.

Ao mesmo tempo as attenções dos governos, socegadas quanto á prosperidade e á segurança de Pernambuco, voltaram-se para o Estado do Maranhão, e para o Brazil equatorial. O valle do Amazonas e os sertões dos grandes confluentes da ar

teria fluvial americana, eram trilhados, explorados, conquistados ao indio bravio; e o tratado de Utrecht (1713), garantindo a Portugal a posse das duas margens do Amazonas, vinha consolidar um dominio que a acção energica dos exploradores tornára um facto. Os sertões do Piauhy eram avassallados em 1671, e em 1718 essa região constituia-se em provincia, fundando-se N. S. da Victoria. A occupação do litoral fôra, de 1580 a 1640, seguindo para o norte, desde o Parahyba (1581-4), a Sergipe (1590), ao Rio grande do norte (1597-9), ao Ceará (1610) depois do mallogro das duas expedições de 1603 e 7, ao Maranhão (1615) pela expulsão dos francezes, e ao Pará (1616). A crise da occupação hollandeza, isolando o estado do Maranhão do governo da Bahia, (1) embaraçou por annos o desenvolvimento do norte do Brazil, por cujos sertões agora se alongavam os estabelecimentos portuguezes. (2) O desenvolvimento que a segunda

---

(1) O estado do Maranhão, fundado por decreto de 13 de junho de 1621 com as capitanias do Maranhão, Ceará e Pará teve em 1624 o seu primeiro governador, que só em 1626 tomou posse. Em 1733 a séde do governo do estado passou para o Pará; em 1754 supprimiu-se; e em 1772 separaram-se as duas provincias do Pará e Maranhão, entrando no regime commum.

(2) 1650 — Exploração das suppostas minas do Rio Dourado (Maranhão).
1668 — Fundação de Jahu.
1669 — Construcção do forte do rio Negro, depois Manaus.
1718-9 — Fundação de Campo-Maior e Parnaiba, Jeromenha, Valença, Marvão.
Explorações fluviaes provocadas pelo desenvolvimento das minas no sul: (V. o § seguinte.)
1742 — Viagem do Madeira, para communicar com Matto-grosso.
1744 — Idem do rio Negro, para chegar ao Orinoco.
1749 — Idem do Pará a Matto-grosso, feita pelo Amazonas, Madeira e Guaporé.

metade do XVII seculo e a primeira do seguinte accusam, adquire uma intensidade maior ainda durante o tempo do marquez de Pombal, que mandou governar o Maranhão a seu irmão Francisco Xavier de Mendonça. Numerosas colonias vão do reino fundar povoações n'essa região do Brazil, e, ao que parece dos nomes dados a essas cidades, (1) são principalmente alemtejanos que a fundam. Em 1757 já o districto do rio Negro, a futura provincia do Amazonas, tem importancia bastante para ser erigido em governo separado.

IV

A expulsão dos jesuitas

A' maneira que, no extremo norte do Brazil, o valle do Amazonas se colonisava e explorava, iam ahi apparecendo os phenomenos que, antes da occupação hollandeza, tinham caracterisado a vida interna da colonia de Pernambuco-Bahia. Apesar da abundante provisão de negros que dava a Africa,

---

(1) *Maranhão* — Vinhaes, Vianna (1657); Guimarães, Tutoya (1658);
Amazonas — Moura, Thomar (1658); Serpa, Olivença, Ega (1659);
R. g. do Norte — Estremoz (1660);
Espirito-Santo — Almeida (1660); Benavente (1661);
Pará — Mazagão (1665);
Piauhy — Amarante (1666);
Bahia — Villa Viçosa (1668);
Porto Seguro — Alcobaça (1672).

Comparem-se os nomes das terras do norte, reproduzidos de Portugal, com os das do sul, indigenas; e por isto só se verá como temos n'um lado um desenvolvimento colonial, e no outro natural ou espontaneo.

em plena edade de exportação, as *bandeiras* de caça aos indios começaram a lavrar pelo interior dos sertões. Ao retomarem o Maranhão aos hollandezes, os colonos tinham reduzido os indios á escravidão; mas o governo de D. João IV, renovando as leis dos Philippes, e exportando mais jesuitas para a colonia reconquistada, fez nascer os antigos conflictos.

Em 1652 chegou ao Maranhão o padre Antonio Vieira, e apesar dos motivos provocados pelas decisões da côrte, o novo Superior das Missões, fundou a «Junta de protecção aos indios», organisou o systema dos aldeamentos, planeou uma vasta occupação de todo o valle do Amazonas.

Primeiro, ao sul, em S. Paulo, depois na Bahia, agora no extremo norte, os jesuitas tentavam crear uma civilisação de indios. Tres vezes a sorte do Brazil vacillou indecisa entre o futuro de uma civilisação mestiça e o de uma civilisação européa; entre um regime theocratico e um regime monarchico; entre a creação de uma nação, e a estupida organisação de um estado de ilotas cretinisados sob o imperio dos *payés*, dos padres-fetiches. A questão do trabalho indigena levantava-se outra vez, mas esta seria a ultima e decisiva batalha.

Em S. Paulo, batidos pela resistencia anarchica mas energica d'essa exploração que espontaneamente ia adquirindo consistencia e homogeneidade, os jesuitas tiveram de emigrar com as suas missões para o sul, e de ir estabelecer-se nas margens do Prata e do Paraná, no Uruguay e no Paraguay: em territorios desoccupados, onde não se encontravam frente a frente com uma auctoridade civil que queriam para si, nem com uma colonisação branca que lhes não obedecia. Ahi medrou pois o seu plano, e da sorte que estava reservada ao Brazil,

se os colonos não vencessem, dão os jesuitas uma prova evidente com o Paraguay.

Batidos, expulsos em S. Paulo, apenas conseguiam manter-se na Bahia e no centro do Brazil. Protegidos pelo poder efficaz do governo, defendidos pela corôa nos seus conflictos com a authoridade civil, os jesuitas, porém, não podiam tornar exclusivo o seu plano de colonisação; porque ao lado d'elle se desenvolvia com força e vigor a colonisação branca apoiada no trabalho dos negros.

Restava-lhes agora o extremo norte, onde a exploração nascia, onde tudo levava a esperar a consolidação de um plano, já ao tempo amplamente realisado no extremo sul, sobre as margens do Prata. Em Portugal reinava D. João IV, que era a sombra do padre Antonio Vieira, encarnação do genio da sociedade de Jesus, [1] e o facto de o verdadeiro monarcha de Portugal, o chefe do jesuitismo portuguez, ir em pessoa dirigir a occupação do Amazonas, mostra a importancia que se ligava a esse acto.

Já porém n'esta epocha de maxima fortuna da Sociedade se deixavam vêr os symptomas da decadencia: já alvorecia o systema de causas e doutrinas que levariam á constituição do absolutismo monarchico, e á consequente ruina do edificio jesuita. O plano do Amazonas falhou, como falhara o de S. Paulo; e os estabelecimentos de todo o Brazil desappareceram á voz do Ante christo, marquez de Pombal. Para lhe vingar a memoria, para lhe demonstrar a sabedoria, para provar com um facto a razão de ser da resistencia permanente dos colonos, ficava a obra-prima da colonisação jesuita,

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) II, pp. 76 e 9.

e Paraguay! Se, contra os colonos, os jesuitas tivessem vencido, o Brazil seria como esse miseravel canto do mundo, povoado por uma raça inferior que só perde os instinctos de fera selvageria, para caír n'um torpor de cretinismo idiota.

Como no sul, como em toda a parte, os colonos do Maranhão rebellaram-se contra o jesuita; e em 1661, nove annos depois de installadas as missões, os padres e o summo-sacerdote Vieira tiveram de embarcar para o reino, expulsos da colonia pelos colonos. Só em 1680 o governo os restaurou n'um poder de que gozaram até ao tempo do marquez de Pombal. Tinham vencido? Não; porque o plano de colonisação falhára. Sustentavam-se, apenas, ao lado da colonisação europêa, como dois rivaes que disputam uma presa sem obterem victoria decisiva. Os planos caminhavam a par, as duas forças desenvolviam-se parallelamente, até que appareceu o marquez de Pombal. (1)

Em 1757 o poder temporal das missões é supprimido: as aldeias dos indios transformam-se em villas de direito commum, separa-se o espiritual do temporal, revindicando-se o ultimo para a corôa. O plano jesuita estava destruido, ainda antes da expulsão dos padres. Reduzido a uma propaganda religiosa o caracter das missões, a Sociedade tinha de abdicar de todas as suas esperanças, e de reconhecer destruido o seu gigantesco plano das colonias theocraticas. «O indio mais por medo que por devoção se converte.» dissera outr'ora Nobrega. Se aos padres se retirava o poder, o dominio politico e civil, como haviam de elles agora converter o indio? As duas missões eram inseparaveis; e n'isto es jesuitas demonstravam, como em tudo, um co-

(1) V. *Hist. de Port.* l. VI, 5.

nhecimento da alma humana, nunca excedido, nem antes, nem depois.

A prova é que as aldeias se despovoaram, que os indios regressaram á vida selvagem, fugindo de novo para o sertão, quando em 1768 os seus padres, os seus amos, os seus donos, os seus deuses, foram expulsos do Brazil. Os parochos, missionarios enviados pelo governo para os conter, eram estranhos: nem lhes sabiam a lingua, nem podiam ser por elles reconhecidos como verdadeiros representantes d'esse deus extravagante, mistura de ama e de magister, feroz e dôce, d'esse deus infantil que os jesuitas tinham forjado para uso dos homens-creanças — os selvagens. O grande payé fugira!

Esta unificação do poder civil na colonia imprimiu-lhe definitivamente o caracter europeu. Os indios, mais uma vez (1755) declarados livres, recolheram-se ao sertão, para morrerem abraçados aos novos fetiches pelos quaes os jesuitas lhes tinham trocado os antigos. O trabalho negro suppriu todas as necessidades da cultura, porque a mina africana era inexgotavel: andavam por cem mil os escravos que a companhia do Grão-Pará desembarcava todos os annos nas costas do Brazil. A colonia adquiria, decidida e definitivamente, o caracter commum a todas as colonias da America do norte e das Antilhas: abandono e extincção das raças indigenas, colonisação branca, e trabalho negro escravo.

V

O Brazil pombalino

O systema das idéas politico-economicas (1) e as condições novas creadas pela paz de Utrecht (1713) na Europa, levavam á definição pura do regime centralisador e protector. E' o marquez de Pombal quem, por varias fórmas, extingue finalmente o que restava ainda dos primitivos direitos feodaes dos donatarios, reunindo toda a authoridade nos governos dependentes da corôa, ao mesmo tempo que abolia os antigos privilegios das camaras no lançamento dos impostos.

O commercio florescente não achava navios bastantes para acarretar para a Europa os productos de uma colonisação que, na segunda metade do XVIII seculo, se alargava já pelo valle do Amazonas, se internava em Matto-grosso e Goyaz, e descia até ao Paraguay. A paz permittira que se abolissem as conservas em que os navios subiam o Atlantico para a Europa, comboyados por esquadras. Agora, iam e vinham livremente, cruzando no Oceano, de Lisboa a Angola, a embarcar escravos, e do Pará, do Maranhão, de Pernambuco e da Bahia, a Lisboa, com os carregamentos de assucar e páo-brazil, de tabaco, de algodão, de especiarias e de ouro.

Ao augmento da riqueza correspondia a firmeza da administração, a melhoria da justiça, o progresso da instrucção. A colonia constituia-se rapidamente em nação; e uma emigração abundante,

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) II, pp. 182 e segg.. ; e *Civil. iber.* (3.ª ed.) pp. 287-301.

excessiva até, para as forças da metropole, engrossava por toda a parte os nucleos constantemente creados. Se Mem de Sá foi o Affonso Henriques (1) do Brazil, o marquez de Pombal foi o seu D. Diniz, (2) o lavrador, o organisador; e o seu D. Fernando, (3) o creador do commercio e da navegação colonial.

Já em 1649, já depois em 1680, se tinham fundado companhias commerciaes, e a ultima d'ellas fôra assignalada pela insurreição de Beckman (1684) no Maranhão. Os negociantes, e tambem os jesuitas que mais o eram tanto ou mais do que missionarios, (4) protestaram contra o monopolio creado pelo marquez a favor das companhias do Grão-Pará, do Maranhão e Paraíba. O systema de monopolios protectores era então considerado como o melhor modo de fomentar o progresso economico; e das antigas tradições coloniaes portuguezas restava a lembrança dos realengos mercantís, transformação das instituições ainda mais antigas de apropriação da terra: (5) o sal, o páo-brazil, o tabaco e os diamantes eram monopolio exclusivo da corôa, ao passo que as demais mercadorias, incluindo o ouro, andavam moderadamente tributadas.

N'este rapido esboço que temos feito do desenvolvimento do Brazil na segunda metade do XVII seculo e no seculo seguinte, o leitor terá notado o silencio ácerca do acontecimento mais grave da historia da colonia: a descoberta das minas. E' que, no plano do nosso trabalho, e no modo porque vemos o crescer e o formar-se da nação americana, apresentam-se-nos, na America portugueza, como duas grandes provincias, cuja historia é

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) I pp. 64-93.—(2) *Ibid.*pp. 117-8 e 123. —(3) *Ibid.*, pp. 173-7. —(4) *Ibid.*, II, pp. 146-8. —(5) V. *Instit. primit.*, pp. 77 e segg.

diversa, porque os seus caracteres naturaes e adquiridos foram differentes até á unificação sellada com a independencia. Já anteriormente notámos esta diversidade que se evidenciava desde os primeiros tempos coloniaes entre o norte e o sul do Brazil.

N'esta segunda epocha, em que a occupação e a colonisação se estendem, pelo norte até ao Equador, pelo sul até ao rio-da-Prata, os dous Brazis extremos de outr'ora são hoje as duas metades do centro: Bahia-Pernambuco de um lado, e S. Paulo-Rio-de-Janeiro do outro. O Estado do Maranhão pelo norte, o Rio grande pelo sul, constituem as fronteiras d'essa nação, cujo centro está formado.

Entretanto é fóra de duvida que o dualismo existe ainda no periodo a que agora nos referimos. A nação brazileira desenvolve-se colonialmente ao norte, organica e espontaneamente ao sul. Semi-independente, a região de S. Paulo-Minas com a grande bahia do Rio de Janeiro, capital natural do imperio futuro, está na sombra elaborando uma construcção organica; emquanto o Brazil official, o Brazil brilhante, opulento, o Brazil dos vice-reis e governadores, assenta ao norte, na Bahia e em Pernambuco.

Esse Brazil, porém, não era geographicamente o centro do imperio; o seu clima parecia condemnal-o á eterna condição de colonia dependente de uma cultura exotica e da escravidão africana, ou á sorte infeliz de um paraguay jesuita. Não havia ainda então intensidade de vida collectiva bastante para propôr com evidencia o dualismo, que o observador descobre sempre latente; e foi um caso fortuito que, trazendo á vida economica da colonia um elemento novo, fez surgir, não o dualismo, mas a immediata e absoluta supremacia da

metade sul do Brazil central, supremacia consagrada no meiado do XVIII seculo pela transferencia da capital da Bahia para o Rio-de-Janeiro.

Esse caso fortuito nasceu do caracter aventureiro, audaz, explorador, dos habitantes de S. Paulo, nos quaes a semente do genio descobridor dos portuguezes pudera medrar livremente, á sombra de um clima benigno e de uma colonisação natural-agricola. Foi esse caso fortuito que determinou uma grande corrente de emigração para o sul central do Brazil; foi elle que deu um alento passageiro á rachitica vida do Portugal brigantino; e permittindo a D. João V fazer na Europa de rei *brazileiro*, permittiu ao Marquez de Pombal declarar a guerra aos jesuitas e salvar o Brazil, senão da sorte do Paraguay, ao menos da agitada vida que lhe promettia a coexistencia do regime civil e do regime theocratico, no governo e na organisação do trabalho servo.

Esse caso fortuito é a descoberta das minas, á qual o Brazil deve a rapida definição da sua independencia. Na riqueza do ouro encontrou a população de S. Paulo uma força predominante, com que impoz a sua supremacia — como hemogeneidade, como cohesão, como originalidade e autonomia nacional — ás provincias do norte, cuja existencia era artificial, na população toda estrangeira, quer nos brancos portuguezes, quer nos negros africanos; artificial no regime do trabalho e natureza da cultura: cuja vida, emfim, era a de uma *fazenda* ultramarina de Portugal, amanhada e cultivada pelo genio dos estadistas, e não a de uma nação nova existindo independente e autónoma, por virtude de uma população fixada e naturalisada no solo sobre que vivia.

VI

A descoberta das minas

Já no decurso d'este trabalho temos indicado as tentativas, até agora infructiferas, de descobrir nas vertentes orientaes da cordilheira dos Andes jazigos de ouro e prata, como os que, desde largos tempos, vinham enriquecendo a colonia castelhana do Perú, nas vertentes occidentaes. A vasta bacia do Amazonas tinha sido o alvo principal das pesquizas desde o XVI seculo; mas na ultima metade d'essa éra (1573) o donatario Tourinho, subindo o rio Doce, descobrira esmeraldas nas quebradas da Serra-do-Mar, entre Porto-Seguro e o cabo Frio. Este exito induziu Adorno, um colono audaz, a internar-se no sertão (1580) com uma caravana de cincoenta companheiros e quatrocentos indios. Taes ensaios não deram porém resultados apreciaveis, e até á segunda metade do XVII seculo não se ouviu fallar mais das pesquizas de minas no sul do Brazil. De 1662 datam, ao depois, as primeiras explorações dos *sertanejos* de S. Paulo; e até ao fim do seculo estavam descobertos os jazigos da provincia de Minas, e na primeira metade do seguinte os do Matto-grosso e de Goyaz. (1) De 1730 a 50 as minas do Brazil attingiam o seu maximo de producção.

---

(1) 1662 — Os paulistas Barbalho e Paes trazem ouro e pedras preciosas dos sertões, e reconhecem o Itamarandiba.

1683 — Paes é nomeado capitão-mór das minas de esmeraldas.

1694 — *Bandeira* de Bartholomeu Bueno. Primeira fundição de ouro em Taubaté. Principio da colonisação mineira.

Descobertas pelo genio dos paulistas, as minas eram consideradas por elles propriedade propria. Os vinculos que até então tinham ligado esta parte austral do Brazil ao governo colonial, eram mais nominaes do que effectivos; e frequentemente os governadores tinham sido forçados a reconhecer a independencia de facto d'essa população aventureira, indomita e ciosa de uma liberdade quasi-natural, anarchica decerto. A educação recebida nas *bandeiras* da caça dos indios, agora convertidas em bandeiras de caça de minas, não era decerto feita a proposito para dulcificar o temperamento agreste d'essas populações costumadas á vida errante do sertão; nem para as levar a reconhecer a legitimidade de um governo, até então ausente, e só manifesto agora que, nos leitos dos rios e nas quebradas das serras, ellas tinham encontrado o cascalho aurifero e diamantino.

A noticia do el-dorado, afinal descoberto pelos paulistas, encaminhou para o sul os que elles consideravam estrangeiros, e agora inimigos — os *emboabas*, os forasteiros, que iam tambem colher a ceara de ouro. O anno de 1708 foi cruel para todos: os portuguezes morreram trucidados no lugar a que d'ahi se ficou chamando Rio das Mortes; e depois os rebeldes foram submettidos, castigada a crueldade dos *sertanejos*, pelo governador que do

---

1698 — Descoberta de Jaraguá, Ouro-preto, Ouro-Bueno, Morro, S. Bartholomeu, Carmo, Itacolomis, Itatiaya, Itabyra, *plaeers*. Bueno traz ouro de Itaberava, depois Villa-Rica.
1701 — Descoberta de Jacobina (prov. Bahia.)
1718 — Id. das minas do Rio-das-Contas.
1726 — Exploração das Minas de Goyaz, pelos paulistas.
1730 — Idem idem Cuyabá (Matto-grosso).
1733 — Descoberta de diamantes em Cerro-frio.

Rio fôra enviado para Minas. Crearam-se logo as fundições (1711): todo o ouro ahi devia ir, para ser reduzido a barras, ensaiado, timbrado, depois de pagar o Quinto da corôa. As barras de ouro *de lei* corriam como moeda. A lavra dos diamantes era um estanco regio.

As fundições reuniam, assim, um caracter triplice: eram casas de moeda, officinas metallurgicas, e repartições fiscaes. D'ellas partia a rede de postos e guardas, destinados a capturar o contrabando de ouro, cujos authores a lei punia com as penas mais severas.

Apesar do confisco e degredo para Angola, apesar do rigor das buscas, nas minas, nos caminhos, nos portos maritimos de Santos e do Rio, onde o ouro embarcava, muitos milhões passavam por alto e iam para Buenos-Ayres, diz Alexandre de Gusmão. Ainda quando se coalhasse tudo de tropas, accrescenta, os soldados seriam os passadores de ouro, como a experiencia provava; «mórmente quando os ecclesiasticos, para se justificarem do descaminho do ouro que frequentemente praticam, têm semeado a pestifera doutrina de que a fraude dos quintos não pede restituição por ter pena civil quando chega a descobrir-se» — concluia o secretario de D. João V. Substituido por uma capitação fixa sobre o numero de escravos empregados na lavra — tal era o plano de Gusmão — o Quinto foi restabelecido mais tarde (1750), sob a fórma de quota fixa annual, que importava em 100 arrobas na provincia de Minas.

Jaraguá era, no primeiro quartel do seculo XVIII, o Perú brazileiro, e Jequitinhonha, Tejuco, as principaes lavras de diamantes por conta do Estado. O desenvolvimento da industria mineira tinha determinado, não só a immigração abundante

de reinoes, como a penetração dos dous Brazis, a sujeição do Brazil-sul elevado a centro do futuro imperio, e finalmente a introducção franca do elemento servil negro em toda a extensão da colonia.

Os escravos de Africa iam agora demandar tambem o porto do Rio de Janeiro com destino ás minas, como no norte demandavam o Maranhão, Pernambuco, ou a Bahia, com destino ás plantações. Essas plantações soffriam com o movimento que arrastava para o el-dorado do sul os colonos; e em vão as leis (1703) prohibiam o transito de escravos da Bahia para Minas. Villa-Rica, o Potosi do Brazil, contava vinte mil habitantes, e os rios de ouro saíam das faldas da montanha, perfurada como um favo de abelhas pelos mineiros paulistas, correndo pelas ruas da opulenta cidade sob a fórma de um luxo desvairado, de que dão ainda hoje testemunho os antigos palacios e as egrejas d'essa epocha.

As pepitas de ouro appareciam n'um leito de cascalho ferruginoso, entre a rocha e a camada exterior de terra vegetal. Durante a sécca limpava-se o chão, descobria-se o cascalho e amontoava-se. Logo que as chuvas appareciam, começava a lavagem. Formava-se um throno em largos degraus, pouco altos: no cimo, o cascalho que a agua, precipitando-se em cataractas, arrastava comsigo. Em cada degrau, negros com pás revolviam a terra com a agua; e o lodo, assim formado, ia caír n'uma valla aberta na base do throno do ouro. Lavado o monte de cascalho, estava terminada a primeira parte da operação. Cortavam-se as aguas, recolhiam-se os lodos, de sobre os degraus e do fundo da valla. Os negros tomavam as gamellas onde os cirandavam, agitando-os a braço; e á maneira que iam vasando

a lama esteril, iam apparecendo no fundo das gamellas as palhetas luzentes: umas tão leves que fluctuavam, outras como ervilhas, como feijões. D'ahi as levavam a seccar, depois á fundição onde eram pesadas, ensaiadas, fundidas em barra, timbradas para poderem correr. Todo o ouro procedia de alluviões, e outrotanto succedia aos diamantes.

O Jequitinhonha foi um dos cursos fluviaes mais abundantes em pedras preciosas. Para as sacar do leito do rio, cortavam-no a certa altura, desviando as aguas por um canal, no tempo das séccas. Por meio de caixões e bombas se conseguia pôr a nú a camada de cascalho quartzozo que as areias cobriam. Retiravam-n'o, amontoavam-n'o esperando a estação das chuvas. A installação de uma officina de cascalho consistia n'um abrigo de madeira coberto por um tecto de rama, sob o qual se estendiam longitudinalmente as caixas de lavagem. Por detraz d'ellas corria uma valla de agua, e cada caixa descia com uma inclinação suave. Distribuida a porção conveniente de cascalho, a valla fornecia a agua, na qual, com um rodo, o escravo lavava o brogáo. A' frente dos negros, sentados em bancos altos *sem braços nem costas*, os inspectores vigiavam o trabalho para evitar os furtos.

A avidez do olhar valia tudo. Quando, por entre o remecher dos calháus já limpos de terra, a vista perspicaz do negro descobria o faiscar de um diamante, o pobre erguia-se, batia as mãos, mostrando a pedra entre o pollegar e o index n'um gaudio infantil: um diamante! E' que se a pedra pezasse dezesete caracts, estava forro; e era levado, como um deus, coroado de flores, nos braços dos companheiros de trabalho.

VII

O ouro do Brazil

No dizer de Humboldt o Brazil deu mais de metade de todo o ouro da America, (1) e o inci-

---

(1) A insufficiencia dos registros e a importancia do contrabando tornam impossivel de determinar a somma da producção das minas brazileiras. Daremos, entretanto, a esse respeito certos apontamentos.

Humboldt, no seu *Ensaio sobre a nova Hespanha*, calcula assim :

De 1699 a 1755, registrado vindo para a Europa	480.000:009	piastras
De 1757 a 1803, idem, idem	204.544:000	»
não registrado	171.000:000	»
Total	855.544:000	»
Ouro em moeda e obra no Brazil	?	
Producção de 1803 a 1815, por anno (marcos 30.000)	4.360:000	»

As minas do Goyaz parece que produziam annualmente, pelo meiado do XVIII seculo, 150 arrobas de ouro.

Ayres do Casal diz que a primeira frota de Cuyabá, roubada pelos payagoas no Paraguay (1730), levava 22:000 libras de ouro e que em 1731 saíram de Matto-grosso para S. Paulo 25:600 libras.

Em 1773 o ouro produzido em Minas pesou 118 arrobas; e de 1773 a 1812 o total de 6:895 arrobas, valendo 85 milhões de cruzados.

De 1752 a 1773 a producção registrada total seria de 6:400 a 8:600 kil. ann. e mais de outro tanto a de contrabando.

Eis aqui os numeros de Chevallier *(La Monnaie)* :

PRODUCÇÃO ANNUAL DA AMERICA	BRAZIL	OUTROS PAIZES
— no principio do seculo	k. 3:700 Fr. 12:744$	k. 10,415 Fr. 38:611$
— antes da descoberta das minas da California	k. 2:500 Fr. 35:875$	k. 12:715 Fr. 43:796$

Estes são os registros do Barão de Eschwege, no seu *Pluto braziliensis* (Berlin, 33). Extracção do ouro :

Minas Geraes	1700 a 1820	arrobas	35:687
Goyaz	1720 a 1730	»	9:212
Matto-Grosso	1712 a 1820	»	3:107
S. Paulo	1600 a 1820	»	4:650

dente das minas, cujo alcance para o ulterior desenvolvimento da nação néo-portugueza já temos apreciado, trouxe á metropole um caudal de riqueza bem diversamente empregado, e ao thesouro nacional uma verba de receita imprevista, (1) com a qual D. João V pôde dar largas á sua ostentação fradesca, e o marquez de Pombal, reconstruir, não só Lisboa, mas todo o reino. (2).

O espirito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brazileira; e S. Paulo, esse

---

excluindo contrabandos, confiscos, etc. A producção total do Brazil deveria ter subido, de 1600 a 1820, a 63.417 arrobas, no valor de 391:000 contos de réis.

Em 1735, diz Constancio, as minas de diamantes produziram milhão e meio de cruzados por anno. O districto da Diamantina (Minas) dava, em 1808, de 20 a 25 mil caracts; e em 1809 o thesouro do Rio permittia a D. João VI mandar vender annualmente em Londres 20:000 quilates para garantir os encargos da divida.

Até 1794 diz o *Correio braziliense* (nn. 79, 81 e 111. V. uma carta de A. Patricio de Anderlecht, no *Padre Amaro*, Londres, 1821, t. IV, 343) a despeza total com a extracção teria subido a 6:185 contos, obtendo-se 48:547 oitavas de diamantes. A lavra era, como se sabe, estanco regio e por conta da fazenda nacional iam os diamantes para Amsterdam a lapidar e vender. De 1802 a 1819 ficaram adjudicados ao serviço do emprestimo levantado em Amsterdam e a casa Hope era a consignataria. N'esse periodo, a mesma casa recebeu 348:926 quilates, rendendo liquido 3.810:479 florins. Tal somma, porém, não representa o total da producção; é necessario juntar o valor dos diamantes de maior grandeza e preço, guardados no Erario, e todos os que circulavam por mãos de particulares no Reino-nnido.

(1) Eschwage calcula em 64:800 contos o producto total do Quinto. Chegou a render, diz o mesmo, cinco milhões de cruzados annuaes e querem alguns que o dobro. Em 1809, Minas produzia para o Quinto 150 arrobas de ouro; e em 1820 o producto total da renda era apenas de 600:000 cruzados, valor de 440 kilog.

(2) V. *Hist. de Port.*, l. VI, 5, e *Hist. da republ. romana*, I, pp. 361-65.

foco de lendas e tradições maravilhosas, o coração do paiz. D'ahi partiu o movimento de occupação do interior dos sertões; d'ahi a colonisação se alargou para o sul, até ao Paraguay, até ao Prata. (1) Os novos elementos que as minas traziam á imaginação popular, creando um segundo cyclo de lendas maravilhosas, e os caudaes de riqueza que a sacca do ouro derramava na população, coincidiam no sentido de affirmar uma autonomia que a immigração crescente assegurava, em vez de embaraçar, porque os recem-vindos de Portugal fundiam-se, nacionalisavam-se, eram assimilados, como o provam as numerosas povoações, cujos nomes são nacionaes, não portuguezes. (2) A administração colonial consagrava este rapido movimento de constituição creando governos ou provincias, n'esses

---

(1) No Piauhy encontra Domingos Affonso, o Mafrense, a *bandeira* do paulista Jorge (1671) com a qual submette os indios. O primeiro estabelece fazendas no interior da provincia; o segundo regressa a S. Paulo com escravos. — Para o Sul, vão a Santa-Catharina, fundam Lages (1650). — Vão de Laguna até á colonia do Sacramento, atravessando todo o Rio Grande (1715). — Para o interior exploram Goyaz, á caça de indios (1647), depois em busca de ouro (1682); descem todo o curso de Tocatins até ao Pará (1773) — Invadem e trilham Matto-grosso; nevegam o Guaporé (1742). São os exploradores de todo o Brazil.

(2) *S. Paulo.* Guaratinguetá (1651); Jacareby (1652); Itu (1653); Iguape, Jundiahy (1655); Sorocaba (1670); Itapevá, Mogy-Mirim, Alibey (1769); Apiahy, Itaperaninga (1670).

Minas. Ouro-preto (Villa-rica). Sabará, Marinna (1711); Caete, Principe (1714); S. João d'Elrey (1712); Pendamonhangaba (1713); Pitanguy (1715); S. José, Paranaguá (1718); V. nova do Infante (1719); S. Domingos, Agua-suja (1728); Bom-successo (1730).

Goyaz. Santa Cruz (1729); Meia-ponte (1731); Agua-quente, Villa-Boa (1739).

Matto-grosso. Real-de-Minas (1732); Villa-Bella (1752).

Rio de Janeiro. S. José d'Elrey (1773).

territorios outr'ora imperfeitamente sujeitos á authoridade central. (1)

Mas, por outro lado, o facto da descoberta e exploração das minas vinha continuar, de um modo mais pronunciado ainda, as consequencias da primitiva divisão do Brazil em capitanias e da posterior exploração anarchica, isto é, consagrava um typo de colonisação dispersa. O mineiro, logo que descobria o cubiçado metal, assentava arrayaes: era o valle de um rio, era a quebrada inaccessivel de uma montanha? Pouco importava; porque para o transporte do ouro não havia difficuldades, e porque o producto da lavra pagava amplamente o excesso de custo dos objectos necessarios ás commodidades da sua vida. Assim, de futuro, quando as areias dos rios estivessem esgotadas de diamantes, e as camadas de cascalho limpas de ouro; quando essas povoações, nascidas n'um furor de exploração, tivessem de entrar na vida normal do trabalho e da industria agricola; quando os productos das lavouras exigissem transportes faceis e baratos: levantar-se-hiam os problemas graves que determinaram o atrophiamento de muitas villas, o desapparecer de algumas, e uma crise na economia de uma região outr'ora opulenta.

Foi isto o que effectivamente succedeu no ul-

---

(1) 1709 Creação da provincia de S. Paulo, com parte das capitanias de Santo Amaro e S. Vicente, territorios até então dependentes do Rio de Janeiro.

1720 Minas, destacada da provincia de S. Paulo.

1736 Goyaz, constituido em districto provincial de S. Paulo, 1749, destacado.

1738 S. Catharina, destacada de S. Paulo.

1751 Matto-grosso, constituido em governo independente do Rio.

1760 Rio-grande-do-sul, destacado de S. Catharina.

timo quartel do XVIII seculo. Ainda nos primeiros annos da nossa éra, (1) a provincia de Minas apresentava o aspecto de uma ruina: os habitantes estavam indecisos entre a exploração de jazigos cada vez menos productivos, e a da agricultura promettedora; e as villas, isoladas por leguas e leguas de distancias, escondidas em desvios difficeis de serras bravias, definhavam. Era uma decadencia triste e uma desolação geral. Os visinhos da outr'ora opulenta Villa-Rica miravam-se nas ruinas da antiga prosperidade. Mendigos habitavam em palacios carunchosos. A apathia, a indolencia do temperamento meridional, appareciam agora, passado o delirio da exploração mineira, e depois de dois seculos de incessantes correrias pelos sertões virgens. Viam-se os campos abandonados, miseraveis casas destelhadas caindo a pedaços; os jardins e cercados estavam infestados de plantas parasitas; as pastagens perdidas, os gados, ao abandono, diminuiam. A agricultura, esquecida pelo ouro, parecia agora uma occupação modesta de mais: não inflammava as imaginações com os milagres deslumbrantes das riquezas escondidas no seio das encostas agrestes. O café produzia espontaneamente, e os lavradores, tristemente apathicos, nem o colhiam sequer.

Oscillando entre a esperança van de um retorno das maravilhas mineiras, e a fatalidade de um regresso á vida agricola, o proprietario, indeciso, molle, arrastava uma existencia quasi miseravel. A lavra da mina não raro lhe absorvia o producto liquido da lavoura; e entretanto a sua paixão fazia-o desprezar a segunda, amar a primeira. 50 ou 60 escravos formavam o pessoal de uma gran-

(1) 1808. Viagem de Mawe.

já mineira de media importancia. A casa era uma barraca miseravel, com muros de taipa de barro, sem vidraças, roída pelo tempo e mal defendida contra as chuvas. O chão era a terra humida e negra, sem ladrilhos nem sobrado, saturada de immundicie, e endurecida pelo perpassar dos moradores que viviam n'uma promiscuidade repugnante, homens e cevados. Por camas, tinham enxergas duras para os amos, um couro ou uma esteira sobre o chão para os servos. A ninhada das creanças folgava semi-nua, esfarrapada e descalça, as mulheres enfezadas e pobremente vestidas; e o chefe da casa, indolentemente embrulhado na capa, com os soccos nos pés, vigiava o trabalho dos negros, lavando o cascalho com a sempre mentida esperança da descoberta de um deposito abundante de ouro.

Entretanto ia-se endividando; comprava fiado e caro, vegetava n'uma apathia feita de illusões, e com ella crescia o matto pelos terrenos já lavrados, e a ignorancia nas creanças que medravam em edade. O vêr-se dono de escravos dava-lhe orgulho, a esperança de uma riqueza possivel confiança, e a memoria das opulencias remotas, de que restava a bacia de prata onde o hospede lavava as mãos ao passar de viagem, enchia-o de uma satisfação quasi aristocratica.

O lado infeliz do genio peninsular, a apathia e a vaidade pessoalmente intima, a satisfação de si, mostravam-se agora, como transformações naturaes das qualidades positivas e fecundas: a coragem e a nobreza. (1) O Brazil começava a entrar no periodo de uma crise que durou um quarto de seculo. Mais de vinte annos foram necessarios para

(1) V. *Hist. da civil. iberica* (3.ª ed.) pp 282-6.

o decidir a abandonar a exploração das minas estereis e entregar-se á lavoura. Durante esse periodo de intima transformação economica, deu-se o facto politico da separação de Portugal.

VIII

Constituição geographica da nação

Circumstancias de ordem, ou estranhas ao desenvolvimento interno do Brazil, ou inteiramente fortuitas, determinaram esse facto, até certo ponto secundario em importancia social. Independente ou não para a politica, o caso é que o Brazil já era, social e economicamente, uma nação, quando a revolução separatista veiu dar uma fórma exclusiva ao facto anterior da alteração de relações entre a mãe-patria e a sua bella e grande colonia. Um Brazil como era o do principio do seculo actual, não podia continuar a viver acorrentado a um systema de dependencia e de protecção, não só desnecessarias, como duplamente prejudiciaes — por anachronicas, e por estupidamente ineptas, como deviam ser as idéas dos deploraveis governos que succederam na metropole ao do marquez de Pombal. (1)

O desenvolvimento da riqueza do sul central no XVIII seculo dera um rapido e quasi milagroso progresso á cidade do Rio de Janeiro. Apesar de assolada em 1710-11, pelas expedições de Duclerc e Duguay-Trouin, a capital do Brazil crescera tanto, que em 1763 se transferia da Bahia para

(1) V. *Hist. de Portugal* (4.ª ed.) II, pp. 211 e segg.

lá, com a residencia dos vice-reis, a séde do governo central.

Esta resolução não era apenas uma satisfação dada á importancia da já verdadeira capital: era tambem a consequencia de uma causa geographica. Não só as minas punham n'essa região o centro da importancia economica do paiz; tambem o facto da colonisação e exploração se terem alargado para o coração do continente até ás faldas orientaes dos Andes, e para o sul até ao Rio-da-Prata, tornava geographicamente excentrica a Bahia, dando a palma ao Rio de Janeiro, ainda preferivel como porto.

Assim, as causas ethnicas, as economicas e as geographicas, n'um accordo completo, concorriam para definir o Brazil, no fim do XVIII seculo, dando-lhe a structura de uma nação, e os elementos de estabelecimento permanente, fixo e progressivo de uma civilisação néo-portugueza no continente da America austral, ao lado da civilisação néo-castelhana. O dualismo historico da Europa reproduzia-se no Ultramar; e a America do sul, conquistada para a Peninsula hispanica, mostrava uma civilisação latina ao lado da saxonia do continente septentrional do novo-mundo. Eminentes representantes do genio latino nos tempos modernos, creavamos na America um grupo de nações representantes e testemunho da nossa esplendida embora curta acção na historia.

Com effeito, a nação estava geographicamente formada no fim do XVIII seculo. Delimitada ao norte pelo Oyapock, senhora da vasta bacia do Amazonas, os motivos proprios, as causas internas do desenvolvimento nacional, que deixámos estudadas, determinavam a delimitação das fronteiras do sul. Desde 1680 que os governos se

occupavam na exploração e colonisação de Santa-Catharina e do Rio-Grande, regiões onde as missões jesuitas tinham precedido a occupação civil, alongando-se por entre os indios até aos territorios banhados pelo Paraná, pelo Paraguay, pelo Uruguay, isto é, até ao coração da grande bacia hydrographica do sul da America.

As antigas e sempre vivas questões dos missionarios e dos colonos, até á final expulsão dos jesuitas, deram em 1710 o conflicto de S. Paulo. Os jesuitas, quasi unicos representantes dos vinculos politicos que ligavam essa parte do Brazil ao governo da Bahia, foram violentamente expulsos de S. Paulo, perdendo o primeiro baluarte das suas missões brazileiras; e os paulistas, rebellando-se, tentaram confiscar em proveito proprio as missões.

Adoptaram para uso dos indios aldeados um christianismo fetichista, egual ou similhante ao dos padres; crearam um novo sacerdocio, e com os mesmos instrumentos de que os jesuitas se serviam para submetter o indio, fizeram elles do indio o instrumento da perseguição dos padres, internando-se, armados, até ao Paraguay, onde lhes foram queimar as aldeias e destruir as missões.

A questão d'essa colonisação theocratica, levantava-se, pois, no sul, com um caracter mais grave do que o da Bahia e do Maranhão. Nas colonias do norte as missões tinham-se desenvolvido parallelamente á população europêa: dava-se uma ponderação de forças, e o dominio politico nunca passou da mão do governo para as das populações. No sul, onde não havia de facto governo, o dominio da corôa era nominal apenas, porque o poder effectivo, religioso e politico, era unicamente

o dos jesuitas. No Uruguay tinham mais de 30 aldeias com cem mil indios, servos submissos que trabalhavam para os armazens e fabricas da sociedade; ao mesmo tempo que, industriados na guerra, os padres esperavam resolutamente o ataque dos hispano-portuguezes, desde que em 1753 se resolvera entre as duas côrtes a occupação effectiva da região do Prata, e a expulsão dos jesuitas. (1)

Esta campanha contra os indios capitaneados pelos jesuitas é um episodio da historia dos limites austraes do Brazil, renhida contenda entre Portugal e a Hespanha para a posse da margem esquerda do Prata. Protrahida até nossos dias, a questão da colonia do Sacramento veiu a resolver-se afinal, de um lado pela creação de um pequeno estado neutro, especie de Belgica sul-americana collocada entre o Brazil e a confederação argentina; (2) e do outro, pelo exito da recente guerra contra o Paraguay. A inepcia e a fraqueza da politica da metropole deram de si estas consequencias, por não se ter energicamente revindicado e

---

(1) V. *Civil. iber.* (3.ª ed.) pp. 289 e segg.; e *Hist. de Port.*, II. pp. 146-9.

(2) Eis aqui a chronologia da colonia ao Sacramento:

1679 — fundação da colonia por portuguezes; é occupada pelos hespanhoes de Buenos Ayres;

1683 — devolvida a Portugal;

1705 — de novo tomada pelo governo de Buenos-Ayres;

1715 — restituida a Portugal pelo tratado de Utrecht.

1735 — Tentativa frustrada do governo de Buenos-Ayres para tomar a colonia.

1750 — Pelo tratado de Madrid, Portugal cede-a á Hespanha: as duas margens do Prata são de direito hespanholas. Em compensação, Portugal recebe as *Misiones* dos jesuitas.

1761 — Annullação do tratado de 50.

occupado toda a margem esquerda do Prata-Paraná-Paraguay, fronteiras naturaes do Brazil pelo sul e pelo oriente, na sua metade meridional. Mais tarde, no meio da agitação produzida pelo enthusiasmo separatista, o Brazil, reduzido aos recursos limitados de uma nação pequena em forças, a braços com a crise politica da constituição, debalde se esforçou por annos em remediar o erro da administração portugueza; até que teve de abandonar, vencido, a questão da rectificação das fronteiras naturaes austraes.

Menos feliz ao sul do que ao norte, onde poderam vingar os limites fixados pelo tratado de Utrecht, o Brazil, entretanto, apresentava no fim do XVIII seculo os elementos constitucionaes de uma nação; e as idéas de autonomias e liberdade começavam a amadurecer como fructos naturaes de uma arvore chegada ao periodo de fecundidade. Do centro ou coração do paiz saíra um grito de independencia, breve afogado em sangue; os acasos da politica europêa atiraram com D. João VI e com os restos podres da nação portu-

---

1762 — Rompimento de hostilidades; os hespanhoes tomam o Sacramento e invadem o Rio-grande.

1767-76 — os portuguezes recuperam o perdido;

1777 — os hespanhoes tomam e estabelecem-se na ilha de Santa Catharina. — Paz de Santo-Ildefonso; restituição de Santa Catharina, contra a de Sacramento, das *Misiones* do Uruguay e de uma parte do Rio-grande.

1801 — Reconquista das Missões pelos portuguezes.

1812-16 — Conquista de Montevideu pelos portuguezes.

1821 — Annexação ao Brazil com o nome de provincia cisplatina.

1825 — Incorporação da Banda-oriental na confederação do Prata; cerco de Montevideu.

1828 — Fim da guerra entre Buenos-Ayres e o Brazil. O Uruguay republica independente.

gueza para a America; (1) e logo soou por toda a costa do Pacifico a acclamação da independencia nas colonias da Hespanha. Tudo se conjurava para a definição de uma autonomia já effectiva, já real nos factos. Desde que Portugal na Europa vivia á custa de um Brazil não indio mas europeu, força era que as condições politicas se invertessem, traduzindo de facto a realidade: Portugal era a colonia, o Brazil a metropole. Foi isto o que a translação dos penates brigantinos para a America veiu demonstrar. Fortuito, sob o ponto de vista do systema da historia brazileira, o caso da fugida de D. João VI para o Brazil teve o merecimento de pôr em evidencia e de sanccionar politicamente o facto de ordem social anterior: o Brazil era já uma nação, e não foi D. João VI quem lhe levou a carta da independencia.

Não precipitemos, porém, o discurso. O germinar, o crescer e affirmar-se das idéas separatistas no Brazil, como expressão do momento a que a constituição organica do paiz tinha chegado, será materia de novo estudo. Termina aqui a historia do Brazil-colonia. A obra da nação portugueza acabou; e, apesar de tudo, essa obra foi a melhor que ella deixou á historia, uma das melhores que as sociedades da Europa commetteram. O genio audaz e investigador dos portuguezes ensinou á Europa a navegar e a colonisar. Não pôde ensinar, não pôde até sequer aprender, a dominar e a imperar: por isso a occupação da India foi uma desgraça, e uma desgraça maior ainda era o governo politico da metropole. Das duas nações a que a historia ultramarina mais deve, a Inglaterra e Portugal, a primeira, repetindo Roma, sabe

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) II, pp. 234-40.

imperar; nós soubemos, como os gregos e phenicios, trilhar os mares e os sertões, *esculdrinhar* o fundo das barras, a entrada dos rios, a verdade das rotas, os fluxos do mar, os surgidouros dos portos, os desvios das serras, as brenhas do matto: nós soubemos, primeiro que ninguem o soubesse, lançar os alicerces das novas cidades, fundar os elementos de novas Europas.

Esta segunda metade do nosso genio demonstrava-a o Brazil; a primeira demonstrara-a, antes da America, a Africa, torneada e visitada em todas as suas ilhas perdidas, em todas as suas costas ignotas. E porque não creavamos na Africa uma nova Europa, como a da America?

Essa resposta será cabalmente dada a seu tempo. Basta-nos dizer agora que as colonias africanas eram succursaes do Brazil, para onde se voltavam todos os cuidados; que eram apenas o mercado do trabalho escravo, para nós e para todas as nações que, como nós, tinham *fazendas* na America.

IX

As colonias africanas

Moçambique, já destacado do systema colonial do Oriente pela perda do Zanzibar, mais distante e por isso menos rendoso para o commercio de escravos com a America portugueza; Moçambique, onde as missões, abandonadas em Angola, se tinham internado pelos sertões, foi objecto de tentativas infructiferas de colonisação. Houve decerto o plano de fazer da Africa oriental um segundo Brazil.

O monopolio do commercio, dado, como em muitos pontos da India, aos governadores das colo-

nias, terminou, para o principal estabelecimento da Africa oriental, em 1671; e quatro annos depois essa disposição estendia-se até Sena e Tete. O commercio ficou livre a todos os nacionaes. Em 1677 fez-se uma expedição de colonos do reino, e dez annos mais tarde introduziram-se na provincia os baneanes com o privilegio do commercio maritimo para as possessões fronteiras da costa do Malabar.

No meiado do XVIII seculo o governo da colonia é definitivamente destacado do da India portugueza; mas este facto, em vez de traduzir o augmento de importancia da primeira, traduzia apenas a decadencia miseravel do nosso imperio oriental.

Com effeito, se no decurso do XVII seculo as tentativas de colonisação não vingaram, como não tinham vingado antes as esperanças da descoberta do Ophir, o facto é que Moçambique prosperava como colonia ou feitoria commercial; e que, substituindo-se aos arabes, os nossos negociantes iam pelo interior do sertão, trilhando todo o alto Zambeze, trocar os generos da Europa e da Asia pelo marfim, pelo ouro e por escravos, como outr'ora na costa da Guiné. Os feirantes partiam de Sena e de Tete para o sertão, a Luanze, a Bocuto, a Chipiriviri, a Dambarare, a Ongoe, a Massapa, a Manica e ao Zumbo. Iam, trocavam, *resgatavam*, n'esses pontos onde periodicamente os cafres vinham vender-lhes os productos sertanejos; e as *feiras* tendiam a tornar-se pontos de colonisação, pequenas aldeias semi-européas, como chegou a ser o Zumbo.

A prosperidade absorvente do Brazil, porém, e a corrupção, a inepcia administrativas atrophiaram este ensaio novo de exploração pelas *feiras*.

No fim do XVIII seculo tudo estava já perdido,

como se conservou até hoje; e tão esquecida ficou a memoria dos feirantes portuguezes, que os indigenas fizeram crêr a Livingstone ter sido elle o primeiro europeu que pisou os sertões do Zambeze e as vertentes do lago Nyassa.

E' um triste sudario de incriveis miserias a historia de Moçambique no decurso do XVIII seculo. Os governadores são mercadores de escravos, são ladrões; e sob o nome de Juntas os funccionarios criam institutos de pauperisação, de atrophiamento da colonia. Os missionarios não valem mais: são padres degredados de Goa. Os cafres rebellam-se, batem-nos, expulsam nos. Todas as feiras successivamente se dispersam, e a exploração portugueza recúa até Sena e Tete, miseraveis aldeias arruinadas. (1)

Diversa foi porém, felizmente, a historia da Africa occidental. Cabo-Verde, enfeodado em 1756 á companhia do Grão-Pará e Maranhão, passou em 1780 para as mãos da companhia do «Exclusivo do commercio da costa d'Africa» em cujo poder andou o commercio maritimo do archipelago e da Guiné portugueza até ao fim do seculo. A' sombra da protecção d'estes poderosos quasi-estados commerciaes, as ilhas prosperavam em popu-

(1) A' decadencia do dominio portuguez póde tambem marcar-se o auge na destruição de Lourenço Marques pelos cafres (1833), se é que a historia posterior do Bonga não é mais grave documento.

O facto é que ás reformas de 1853 se deve o estado actual da colonia, que estudaremos opportunamente. Foi então que se terminaram por uma vez os privilegios das Juntas, que se crearam as alfandegas de Ibo, Quilimane, Inhambane e Lourenço Marques, abrindo-se os portos ao commercio de todas as nações. D'ahi resultou o facto (mais ou menos geral em toda a Africa portugueza, como veremos) de que o commercio renasceu, mas não comnosco, que nada temos que mandar para Africa. O commercio maritimo de Moçambique tornou-se exclusivamente francez.

lação e em producção. Varias culturas se tinham acclimatado, varias explorações introduzido: o anil (1701), a urzella (1730), o senne (1783), o café (1790), o assucar, a purgueira e o sal. — S. Thomé, depois das pavorosas tragedias de que fôra victima não pudera readquirir a opulencia perdida. Restaurada para o dominio portuguez, foi vegetando, até que em 1721 o governo a abriu ao commercio de todas as nações: era a estalagem do golpho da Guiné, onde iam refrescar todos os navios negreiros. Vivia do dinheiro que as tripulações ahi deixavam, uma vida de emprestimo, obscura e sem futuro.

Angola, porém, tão preciosa como o Brazil, Angola a mina de escravos, sem a qual não produziriam, nem as plantações, nem as minas de ouro da America portugueza, Angola prosperava. Como? Era uma occupação systematica do territorio, era uma colonisação europêa, ou uma vassallagem das tribus indigenas, fixadas no solo, addictas á agricultura por um poder forte e protector? Não; não era cousa alguma promettedora e fecunda: era a exploração de um commercio precario já no fim do seculo, desde que principiava a ouvir-se o protesto contra o trafico da escravatura negra. Tal era a exclusiva origem da prosperidade de Angola, o motivo do rendimento copioso das suas alfandegas, da opulencia de Loanda, e dos numerosos presidios que, alongando-se pelo sertão, levavam para longe da costa a occupação portugueza. (1)

---

(1) Pelos fins do XVIII seculo a occupação de Angola consistia em 9 presidios (Ambaca, Cambambe, Muxima, Caconda, Pungo-Andongo, Encoge, Novo-Redondo, Massangano e Benguella); e 3 districtos (Bengo, barra e alto; Culumba; e Golongo, alto e baixo).

Vivamente occupada em assegurar o seu dominio contra as tribus hostis, a administração da colonia vira renascer incessante a guerra que a caça dos negros fomentava; mas tal estado póde dizer-se que termina com o XVII seculo: no seguinte, o ferreo dominio dos portuguezes mercadores de escravos começa por soffrer os ataques maritimos dos francezes, e Loanda experimenta a sorte do Rio-de-Janeiro. A administração do marquez de Pombal teve a idéa de emancipar a colonia da condição exclusiva de mercado de escravos; não que entrasse, porém, nas vistas do estadista abolir uma immigração forçada, tanto mais indispensavel ao Brazil, quanto elle, expulsados d'ahi e de todos os dominios da corôa os jesuitas, não podia contar mais com o trabalho servo dos indios.

O governo de Souza Coutinho em Angola (1764-72) demonstra, porém, o proposito de fundar uma verdadeira colonia na Africa occidental: são d'essa epocha as principaes construcções das cidades maritimas, e data d'então a tentativa de crear uma industria metallurgica com os ferros de Nova-Oeiras. Em geral ephemeros, os planos do marquez de Pombal (1) eram no caso especial do fomento de Angola chimericos, porque, além de causas geraes que a seu tempo estudaremos, havia ao tempo um motivo que por força-maior impedia todo e qualquer desenvolvimento agricola ou industrial: o negocio dos escravos rendia mais do que outro qualquer!

(1) V. *Hist. de Port.* (4.ª ed.) II, pp. 204-9.

LIVRO TERCEIRO

O Imperio do Brazil

I

Historia da Independencia

Libertas quæ sera, tamen.

As minas começavam a exhaurir-se no fim do XVIII seculo e o espirito da população paulista estava acceso pelo fogo do enthusiasmo liberal, que a França com os seus philosophos derramava como lava pelo mundo. Minas devia sete annos do serviço de cem arrobas annuaes em que o *Quinto* fôra transformado; e os jazigos, quasi improductivos, não davam para pagar o sustento dos mineiros que se arruinavam: quanto mais para enviar 700 arrobas de ouro para Portugal, essa metropole madrasta, que nada saciava, nem os impostos, nem os monopolios, entre os quaes o do sal vexava todos!

No mesmo anno em que a revolução rebentou em França, ia rebentar a revolução em Minas (1789). O Brazil proclamar-se-hia republica independente, a exemplo dos Estados-Unidos da America septentrional. Xavier, o *Tira-dentes,* Maciel-do-Rio, Freire-de-Andrade, eram os chefes da cons-

piração que foi abortada. Pagaram no patibulo a sua audacia, mas com a morte conseguiram alliviar os soffrimentos da população e definir o pensamento nacional, maduramente elaborado no seculo anterior. O governo reprimiu, suffocou barbaramente a sedição; mas desistiu das 700 arrobas de ouro e aboliu o estanco do sal.

Tal foi o primeiro momento da historia da independencia do Brazil, que o caso para ella fortuito da immigração do mandarinato portuguez, com os monarchas á frente, precipitou de um modo notavel e encaminhou de uma fórma, singular na America. A esse caso deve principalmente attribuir-se a circumstancia da creação de uma nação monarchica no seio de todo o novo-mundo republicano.

Ao desembarcar no Rio-de-Janeiro, D. João VI e os seus mandarins tiveram um accesso de actividade, que o inglez, sentado com o rei no throno, fomentava para explorar; um accesso de actividade, que, porém, libertava para todo o sempre o Brazil da metropole. Desde logo (1808) os portos foram abertos ao commercio de todas as nações amigas, livre o exercicio de qualquer industria, creados os tribunaes supremos, abolida, assim, a appellação para Portugal, fundada uma imprensa, um banco e escholas superiores, abertos os sertões aos exploradores de todo o mundo.

Os inglezes innundavam o Brazil com as suas mercadorias, expulsando os nacionaes; e *protegendo* o bragança na America, tinham no governo dois famulos submissos, Linhares e Galveas, promptos a ceder-lhes tudo. Assignaram-se os tratados de 1810, (1) que punham clara e evidente a politica dos interesses insulares, indirectamente servida

(1) V. *Hist. de Port.* II, pp. 248-9.

pelas medidas de 1808. Nas alfandegas do Brazil havia manufacturas inglezas para o consummo de dez annos, e era mistér salvar de uma ruina imminente os especuladores temerarios. Em 1815, em Vienna, a Inglaterra, não satisfeita ainda, reclamava para si, além da Madeira, a ilha de S. Catharina no Brazil e uma estação naval na costa; mas como Linhares e Galveas já tinham morrido, os inglezes não conseguiram o que queriam.

Já então se dissipára na America o enthusiasmo nascido com a chegada do mandarinato portuguez. Quando D. João VI desembarcou, com os seus duzentos milhões de cruzados, com mais de quinze mil servos tauxiados de fitas e cruzes, conselheiros, desembargadores, marquezes, condes e commendadores, monsenhores e conegos, e D. Maria I doida — os brazileiros, no pasmo natural diante da frandulagem apparatosa da côrte, embriagaram-se, acreditando-se elevados a grandes alturas.

Pouco a pouco foram, porém, vendo quanto valiam esses esplendores da metropole. Os mandarins que sugavam Portugal, apenas sabiam devorar tambem o Brazil. Parecia, primeiro, que a capital portugueza passara para o Ultramar, e com ella todas as virtudes e qualidades, verdadeiras ou suppostas, dos portuguezes na Europa; e via-se agora que portuguezes e brazileiros eram ambos victimas de uma familia de roedores dourados e fardados. A nuvem de gafanhotos que desde o XVII seculo devorava tudo em Portugal, pousava agora no Brazil para em casa o digerir mais á vontade. Os brazileiros, com a educação forte e natural do trabalho, começaram a perceber que não podia represental-os nem dirigil-os esse mandarinato por-

tuguez; e que nada havia de commum entre elles e a côrte, composta de «um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãe louca; de uma princeza intrigante, prodiga e desregrada, de quem vivia separado pelas suas constantes infidelidades; e de um rapaz estouvado e ambicioso.» (1) A desordem, a immoralidade, a baixeza, a dissipação da côrte; a venalidade dos mandarins, a subserviencia aos inglezes, e por fim a empreza do Uruguay (1817), fizeram rebentar um protesto antigo, para abafar o qual já em vão se declarára reino o Brazil (1815), *unido* a Portugal, que ficava nas condições de um senhorio brigantino na Europa.

Independente de Portugal já se achava o Brazil desde 1808; os protestos de agora não se dirigiam contra o espectro do estado de colonia já historico: dirigiam-se contra a côrte, contra o mandarinato dos portuguezes que tinham ido para a America proseguir na sua vida da Europa. Era d'esses, e não do infeliz Portugal — mais opprimido, mais desgraçado, mais miseravel ainda sob o governo do proconsul Beresford — que os brazileiros queriam tornar-se independentes. Expulsar os hospedes importunos que tinham invadido a casa e governavam n'ella como cousa sua, eis a significação das revoluções mallogradas de 1817, na Bahia e em Pernambuco.

Porque não acudiram S. Paulo e Minas ao grito de independencia do norte? A revolução elaborava-se no centro com vagar mas com firmeza, e veiu a amadurecer ao tempo em que os acasos da politica da metropole concorriam para precipitar a separação formal do Brazil. Por um modo mais

(1) Gervinus.

politico do que violento, mais habil sem deixar de ser audaz, José Bonifacio, o chefe do partido da independencia no centro do Brazil, explorando a ambição de D. Pedro e a temeraria nobreza do seu caracter, pôde conseguir o que os republicanos da Bahia e de Pernambuco não tinham podido: expulsar da America D. João VI, isto é, as influencias exoticas e anachronicas da côrte brigantina, que pretendia enxertar-se na arvore crescida da nação brazileira; expulsar D. João VI, surdo ás instancias com que Portugal, restaurado em 20, (1) reclamava o seu regresso á patria.

Quem era José Bonifacio de Andrade?

A maxima prova da constituição organica do Brazil no XVIII seculo é a sua fecundidade intellectual, que progride no principio da nossa éra. Brazileiros eram na maxima parte os sabios e litteratos portuguezes d'então. Brazileiros foram Antonio José, o *judeu,* queimado por D. João V; (2) Basilio da Gama, o author do *Uruguay;* Durão; Gonzaga, o poeta da *Marilia;* Costa, Alvarenga, ex-réus na conspiração de 1789. Brazileiros, os poetas Pereira Caldas e Moraes e Silva; Hypolito Costa, o patriarcha do jornalismo; Azevedo Coutinho, primeiro economista portuguez; o geometra Villela Barbosa, o estadista Nogueira da Gama, o chimico Coelho de Seabra; Conceição Velloso, author da *Flora fluminense,* e Araujo Camara, companheiro das viagens de José Bonifacio, esse chefe illustre dos fundadores da independencia nacional do Brazil.

José Bonifacio nascera em Santos em 1765, e aos quinze annos chegava a Lisboa, aos vinte e cinco partia para a Europa central, a estudar, sob

(1) *Hist. de Portugal,* (4.ª ed.) II, pp. 251-62.—(2) *Ibid.*, p. 170.

a protecção do duque de Lafões. Ardia então em França a revolução, e o moço brazileiro não aprendeu na Europa as sciencias da natureza apenas: aprendeu como as sociedades se rebellam, como vencem, quando têm um proposito firme, uma força real e chefes audazes. José Bonifacio acaso desde então escolheu para si o papel de fundador do Brazil.

Oito annos andou por fóra, seguindo os cursos mais celebres, ganhando um nome que ficou europeu na sciencia contemporanea. Em França ouviu as lições de Chaptal, de Fourcroy, de Joussieu e de Hauy, o mineralogista, cuja companhia deixou para passar á Allemanha a frequentar Werner, o geologo de Freyberg, Lempe, Kœhler, Koltzsch, Freieshen e Lampadius. Visitadas as minas da Allemanha, seguiu ás do Tyrol, da Styria, da Carinthia, e passando á Italia, ouviu em Pavia as lições de Volta. Subiu outra vez ao Norte, onde foi aprender com Bergmann em Upsala, com Abilgaard em Copenhague. Nas suas viagens, nos seus estudos, ganhara um saber forte e uma reputação européa. Fazia descobertas na mineralogia (a *petalite*, a *spodumene*, a *kryolite*, a *scapolite*, etc.) e elle, Humboldt, von Buch, Esmark, del Rio, eram chamados os mestres da sciencia.

Voltou por fim a Portugal, e foi feito *desembargador*: encarregaram-no de todas as cousas. Devia dirigir as mattas nacionaes e as minas, as obras do Mondego, o estabelecimento metallurgico de Figueiró, e ao mesmo tempo ensinar docimasia em Lisboa, mineralogia em Coimbra. A sua dedicação, a sua actividade, punham-se ao dispor da nação; mas Portugal era ao tempo uma sociedade miseravel de mais para receber uma direcção scientifica. O typo do desembargador tornara-se

universal nos cargos, absoluto na inepcia e na somnolencia; e Andrade que carecia de acção e vida, em balde protestava, reclamava. Em Coimbra não havia collecção mineralogica — era impossivel dar lições! Os discipulos, tambem, não excediam trez!... Terminada a guerra dos francezes, em que Andrade combatera, achava-se Portugal entregue a essa Regencia anonyma, méro instrumento de Beresford. A miseria e a inepcia, a vileza e a corrupção de uma terra de que a sua era vassalla, fizeram-no regressar ao Brazil (1819); e não é ousadia affirmar que no seu espirito levava já firme e definido o plano da emancipação. Aos factos restava apenas indicar a fórma que a realisação da sua idéa devia tomar.

O merecimento pessoal e a preponderancia eminente que esses factos deram a José Bonifacio na historia da separação brazileira, concorreram com todas as causas anteriores para imprimir á nova nação uma phisionomia propria, entre as nações sul-americanas. Homem-de-sciencia, espectador visual dos peiores desvarios da revolução franceza, maduro em edade, forte em experiencia dos homens e das cousas, José Bonifacio não era um Bolivar; e a revolução brazileira tomou em suas mãos uma direcção diversa da que teria tido, se caminhasse ás ordens de algum genuino representante do antigo espirito paulista. Estadista e não soldado, mais habil do que audaz, mais forte do que ambicioso, o caudilho brazileiro viu na ambição irrequieta de D. Pedro, a quem a gloria de Bolivar seduzia, um bello instrumento para levar a cabo a empreza da independencia nacional, poupando a patria ás sangrentas crises em que a espada dos condottieri lançava as ex-colonias hespanholas.

Rebentára, entretanto, em Portugal a revolução de 1820, e o Brazil inteiro acclamou, do outro lado do Atlantico, esse movimento em que mais ou menos definidamente todos viam um novo passo andado no caminho da independencia. Desde logo se delimitaram os partidos, e o regresso de D. João VI a Portugal, reclamado pelas côrtes, foi a pedra de toque da divisão.

Começa agora a intervenção pessoal do principe D. Pedro n'essa confusa historia em que a desmoralisação da côrte, a indecisão, a fraqueza de D. João VI, têm uma parte tão consideravel, como os actos do principe, que era para uns traidor á patria portugueza, para outros o fiel defensor d'ella; para uns o Bolivar brazileiro, para outros o maior inimigo da independencia. Vale a pena demorarmo-nos a descriminar bem o valor dos actos de D. Pedro? Afigura-se nos que não. Elle era um instrumento, mais do que um agente. Governavam-no mais as condições das cousas, do que se impunha aos elementos sociaes. O proprio modo, absolutamente opposto, porque é julgado, demonstra a verdade d'esta opinião. A independencia do Brazil era um facto necessario, como consequencia da historia anterior, e não o acto voluntario de um homem. Esse facto é o importante, secundaria a intervenção quasi-passiva do principe. A ambição que o impellia não tinha ao seu serviço uma intelligencia brilhante nem culta; era apenas um cego instincto de gloria apparatosa, e de irrequieta desinvoltura, um amor da intriga, uma paixão de poder, que o genio da mãe lançára no espirito dos dois filhos. Um vasou-o nos moldes reaccionarios, outro nos moldes liberaes. Eram, porém, o vivo retrato um do outro: as mesmas feições, os mesmos caracteres, os mesmos impetos,

a mesma turbulencia, a mesma coragem pessoal, a mesma intelligencia acanhada: só a côr mudava. Um punha o cocar branco da legitimidade, do ultramontanismo, da Austria, de Metternich; o outro o cocar bicolor do liberalismo, da maçonaria, da Inglaterra, de Canning. E como os melhores espiritos tinham abandonado já na Europa o cocar branco, D. Pedro teve a seu lado os homens novos e fortes, e D. Miguel apenas o formigueiro de desembargadores do antigo regime. (1)

Este contraste, porém, serve apenas para caracterisar D. Pedro, sem ter relação com a sua historia no Brazil. Rainha e principes, na Europa e na America, eram inimigos de D. João VI que em parte alguma sabia decidir-se, nem pelo passado nem pelo presente, sabendo só detestar a violencia turbulenta que o genio de Carlota Joaquina tinha transmittido aos filhos. Havia trez annos ou mais que era publica a inimisade do rei e de D. Pedro, cujo favorito o conde dos Arcos, lhe applaudia todos os desvarios da mocidade e todos os primeiros impetos de uma ambição bulhenta, inintelligente, sem deixar de ter nobreza.

Especie de D. Miguel ao avêsso, D. Pedro era desde 1817 accusado de cumplice da revolução republicana de Pernambuco; e agora accusavam-no da chimerica idéa de vir a Portugal pôr-se á testa da revolução de 20. Verdade ou não, o facto, é que o absurdo e contradictorio dos planos que, successiva ou simultaneamente, se lhe attribuiam, revelam a irrequieta ambição do principe e o desconnexo dos seus projectos. Este caracter condemnava-o a ser um instrumento, e não um chefe; e desde que, em 21, rompeu a crise constitucional

(1) V. *Portugal contemporaneo* (2.ª ed.) 1. I, *vass.*, II, 2; e III, 1.

do Brazil, e desde que D. Pedro se collocou abertamente ao lado dos quasi-rebeldes, começou para elle essa historia breve, em que nas mãos dos brazileiros os serve até que, provada a sua ulterior inutilidade, provada até a incompatibilidade dos seus instinctos absolutistas com as idéas liberaes a cuja sombra o Brazil nascera, é de facto banido, deposto, expulso, como instrumento gasto e já sem prestimo. A politica é um combate de forças egoistas e cegas: os sentimentos só mais tarde acordam na posteridade, e a gratidão dos povos só se define, passadas as crises, erguendo estatuas e instituindo festas.

Explicar bem a variedade de opiniões que acordaram, como partidos, ao propôr-se a questão do regresso de D. João VI a Portugal, é difficil hoje: era difficil na propria occasião em que isso aconteceu. Havia uma tal confusão de desejos, de esperanças, de interesses, de opiniões, que torna quasi impossivel a classificação. Era um formigar de gente, mais ou menos levada ás cegas pelos interesses oppostos, pela extravagancia da situação, pela confusão das idéas; e poucos episodios demonstram melhor do que este a necessidade fatal de uma conclusão imposta por sentimentos e forças collectivas, contra os designios e planos mais ou menos sensatos dos politicos. O de D. João VI foi, como sempre, ficar, não se mexer, não mudar de uma posição, em que a sua indolencia se achava bem. Daria homem por si: D. Pedro, que iria a Portugal governar em seu nome. Muitos brazileiros applaudiam esta decisão: eram os que viam a outonomia do Brazil ligada á residencia do rei no Rio e temiam, com razão, que as exigencias do regresso mascarassem o plano de reconducção do novo reino á antiga condição

colonial. Satisfeitos com a constituição de 1815, monarchicos, fieis á legitimidade, submettiam-se ao governo do mandarinato portuguez, vendo no *statu-quo* um satisfactorio equilibrio das exigencias do direito e das dos brazileiros. D. João VI applaudia-os, porque tinha medo das revoluções da Europa, capazes de cortarem cabeças de reis.

Os portuguezes, os mandarins, longe da patria, das familias muitos, outros incommodados com o calor, e desejosos de voltar para casa, opinavam contra; e tinham razões graves sobre os direitos soberanos das côrtes, a que desde Lamego os reis portugueses se tinham submettido sempre. Calculavam que o regresso do monarcha abateria o orgulho dos colonos, e que, á vontade em casa, poderiam continuar a governar e explorar a rendosa *fazenda* da America. D. Pedro aplaudia-os, porque sabia bem quanto se illudiam e desejava achar-se livre e só, no imperio que talvez já começasse a esboçar-se-lhe no espirito ambicioso.

Ainda então o partido da autonomia absoluta, o partido nacional que germinava em S. Paulo e Minas, o partido separatista e por isso naturalmente adverso aos portuguezes, se não ouvia de um modo preponderante no Rio. Nas regiões do governo a independencia do Brazil cifrava-se ainda na constituição de 1815, no Reino-Unido, a que, a exemplo de Portugal, se ia tambem dar uma *carta* no Congresso já convocado.

Jogado como um odre entre os dois partidos, brazileiro e portuguez, o primeiro que não queria, o segundo que queria que D. João VI embarcasse, o rei das Americas, das Africas e de Portugal na Europa, com a India na Asia, o commercio, etc. representou os papeis mais burlescos; disse e desdisse, proclamou e reclamou, passivo,

infeliz, tyrannisado pelo filho que á frente da guarnição do Rio, já senhor e chefe, o obrigou afinal a embarcar para a Europa e a nomeal-o regente e logar-tenente nos Brazis (1821, abril.)

D. Pedro viu-se pois só, e senhor absoluto. Era portuguez, era brazileiro? Só elle o sabia, se é que elle proprio o sabia a esse tempo. Em setembro de 1822 terminava o prazo da regencia, e as côrtes de Lisboa, fieis ao seu plano de restauração colonial, exigiam que D. Pedro viesse para a Europa. Chegava o primeiro momento em que o principe tinha de optar forçosamente. Partir, ser fiel á patria, ao pae, á lei? Ficar, rebellar-se, declarar-se brazileiro? O dever e a ambição (em que entrava o dever tambem de salvar o Brazil da crise que a politica das côrtes de Lisboa provocaria decerto) o dever politico e acaso, contra elle o dever particular de obedecer a compromissos egoistas combinados em segredo com o pae, deviam agitar-se-lhe no espirito, onde nenhum plano fixo, nenhuma ambição definida tinham creado raizes. Soffrendo já as consequencias do seu animo audaz e valente, mas sem direcção, D. Pedro achava-se na primeira das successivas situações criticas de um espirito incapaz de as resolver.

Foi quando esta nova condição das cousas appareceu, que José Bonifacio se lançou ao timão do governo, decidido a aproveitar para o Brazil a força d'esse instrumento a que faltava disciplina. O espirito separatista brazileiro apresentou se então aberta e claramente, e á independencia não bastou mais a constituição de 1815. Não era um Reino-Unido, era um Estado independente da côrte e do mandarinato portuguez, o que os brazileiros queriam já. Exprimindo este pensamento, desenhavam-se agora duas facções: em S. Paulo-

Minas, os Andrades cujo plano politico se não definia ainda, mas que eram discipulos de Bentham, da theoria do equilibrio dos tres poderes, do governo parlamentar, monarchico ou não, mais ou menos radical; e os democratas republicanos, néo-jacobinos da Bahia e de Pernambuco, inimigos figadaes das corôas, inimigos intransigentes de D. Pedro, a quem José Bonifacio, pelo contrario, afagava como estadista, vendo n'elle o instrumento mais efficaz da consummação da independencia.

Na representação que o governo de S. Paulo enviára a D. Pedro (21, dezembro) José Bonifacio dizia-lhe: «Não volte V. A. para a Europa; confie no amor e fidelidade dos *seus* brazileiros, mórmente dos *seus* paulistas.» Eram as palavras da tentadora serpente do Eden symbolico. D. Pedro enguliu a maçã, e declarou que ficaria no Brazil para o *defender,* não contra o rei, mas contra as côrtes de Lisboa. Compromettido, senão convertido, D. Pedro estava conquistado á causa do Brazil: era a garantia de um governo de facto, que evitaria ao mesmo tempo as revoluções internas e a guerra com Portugal, na crise já declarada da separação.

Varias occorrencias vieram precipitar o movimento. D. João VI que, ao partir de Portugal levára comsigo o thesouro, ficando a dever a toda a gente, fez o mesmo ao partir da America: o pobre rei queria ao menos não ter de esmolar; mas a sua cubiça deixava o Brazil a braços com uma crise financeira. O thesouro fôra varrido, tudo ficára por pagar, e o banco arruinado com as dividas perdidas dos mandarins portuguezes que tinham regressado á Europa com o rei. Além da crise financeira appareceu outra, quando D. Pedro

se decidiu pelo Brazil: as guarnições portuguezas do Rio, da Bahia, de Pernambuco, levantaram-se em armas contra a rebellião para defenderem os interesses dos portuguezes que applaudiam o plano das côrtes, isto é, a restauração do regime colonial no Brazil. Por outro lado os decretos promulgados em Lisboa, definindo claramente esse plano, precipitavam na separação todos os brazileiros que ainda tinham esperado a solução da crise por combinações dynasticas.

Todos os partidos brazileiros se tornaram pois separatistas; e tornaram-se brazileiros todos os empregados publicos, magistrados dos tribunaes superiores e outros, cujos lugares as côrtes supprimiam, por abolirem os orgãos administrativos eminentes, creados no Brazil em 1808.

Todos esses elementos se congregaram em volta de D. Pedro, e as guarnições portuguezas, submettidas ou vencidas, foram expulsas do Brazil, embarcadas para Portugal. O novo reino estava de facto desunido da metropole.

E D. Pedro? O principe que na America expulsava os portuguezes, dizia para Portugal que o seu proposito era salvar a colonia da tyrannia das côrtes que tyrannisavam o rei seu pae, e que, a não ser elle, fariam com que se perdesse a melhor joia da corôa portugueza. Era sincero? provavelmente. Roubar o Brazil a um throno de que elle era o herdeiro legitimo, seria o calculo de uma ambição inepta. Provavelmente fôra sincero o pacto feito entre pae e filho para explorarem em proveito proprio a situação, desacreditando na Europa as côrtes *anarchistas* com a rebeldia do Brazil por ellas provocada, e confiscando na America o movimento de independencia em proveito da dynastia.

Mas esta sinceridade é prova da inintelligencia

de D. Pedro, da cegueira de D. João VI. Jogavam com fogo e queimavam-se. O principe que se julgava arbitro dos destinos do Brazil, era apenas o instrumento de um movimento que o dominava e o arrastava. Tytere coroado nas mãos de Andrade, D. Pedro, arrogante, apaixonado, temerario, caprichoso, solto de costumes, violento, colerico, despotico por temperamento, por sangue, e por educação, não tinha a força que faz os imperadores, nem a intelligencia que dirige os estadistas. Collocado na posição falsa a que se tinha deixado levar, via se agora forçado a optar decididamente entre Portugal e o Brazil. A situação que ajudara, senão a crear, pelo menos a definir, dominava o já; e se ainda no principio de 22 podia representar o papel de Jano, a agitação crescente do movimento anti-portuguez, fomentado pelo ministerio Andrade, obrigava-o a ser o instrumento de uma separação politica e dynastica. Rebatendo, dominando, suffocando, as revoltas republicanas ou portuguezas, D. Pedro era o instrumento da consolidação de um Estado, cuja independencia dynastica, se lhe dava uma corôa imperial, o condemnava a resignar a corôa portugueza.

Tal foi a historia do anno de 22, data da emancipação politica do Brazil. Em maio D. Pedro é proclamado Defensor-perpetuo, em setembro Imperador. Declara a guerra a Portugal, convoca uma assembléa constituinte. Uma nova éra começava para o Brazil, depois de quinze annos (1808-22) de elaboração. Do coração de S. Paulo saía o grito da separação, e era justo que assim fosse, porque esse vinha sendo desde o começo o coração nacional. Ahi se constituira o primeiro nucleo de uma população fixa, os primeiros elementos do futuro imperio.

Contaremos os factos posteriores? Não. Independente, o Brazil tem uma historia propria que se não prende mais com a portugueza. No momento da separação ficou terminada a creação politica do estado néo-portuguez da America; e se no plano da nossa obra entra o estudo da economia contemporanea do Brazil, é porque, embora politicamente separada, a nossa antiga colonia é hoje a nação a que maiores laços de intimidade nos prendem.

Duas palavras apenas sobre a sorte do principe de quem as cousas fizeram instrumento da separação da colonia. O destino que o esperava chegou depressa. A illusão que, parece, chegou a cegal-o, varreu-se breve. Nobre de caracter, quando claramente se voltou para o Brazil não o atraiçoou, e talvez chegasse a acreditar-se o Bolivar da America oriental; talvez cresse que a independencia era obra sua: a tanto vae muitas vezes a cegueira dos homens! Heroe de si para si, julgava-se verdadeiramente soberano, imperador, despota — um Napoleão americano, com jus á obediencia passiva e á gratidão illimitada dos seus subditos. Deu largas ás suas paixões politicas e privadas; tinha na côrte um serralho, e em Cochrane um *condottiere;* dissolvia as assembléas democraticas, expulsava os Andrades, batia por toda a parte os rebeldes. Tão seus inimigos eram os demagogos, como os estadistas: só queria bem aos conselheiros aulicos. Infeliz na sua empreza do Uruguay, desacreditado pela soltura dos seus costumes, odiado pela violencia da sua politica, nove annos bastaram para consumir a força ganha pela decisão de proclamar a independencia absoluta do Brazil. Forçado a abdicar, D. Pedro veiu para a Europa, em 31, lançar-se n'outra empreza, em que tambem a sua bravu-

ra venceu, para o perder o seu caracter sem intelligencia, nem verdadeira força. Os apupos de Lisboa (34) tiveram as mesmas causas dos tumultos do Rio (31): agora abdicava, tres annos depois concluia para sempre, com uma morte opportuna, uma vida gloriosa (1).

Immediato descendente de uma dynastia europêa, filho do solo portuguez e não brazileiro, D. Pedro, apesar dos actos dicisivos a que a politica o arrastou, não tinha no sangue, na alma intima, esse *quid* de genio nacional, esse patriotismo, nervo intimo das nações, e que no Brazil funccionava organicamente desde largos tempos. O sentimento d'esta falta de accordo entre o principe e o povo, a consciencia de que D. Pedro era *estrangeiro* e por sobre isso portuguez, lançava nos espiritos uma desconfiança, uma suspeita constante, fundamentada nos actos irreflectidos do soberano. Nacionalisar o throno foi tambem um dos motivos da revolução de 1831; e nas palavras historicas do primeiro imperador vê-se patente a falta de accordo entre elle e a nação: «Abdiquei a corôa e sáio do imperio; sejam felizas na sua patria!»

Na *sua,* não disse na minha. Com effeito não era a d'elle, o Brazil. Era-o porém da então creança a quem o throno ficou, sob a tutella de José Bonifacio — o verdadeiro patriarcha da independencia, o verdadeiro representante do espirito nacional (2).

---

(1) V. *Portugal contemporaneo* (2.ª ed.) I. III, *pass.*

(2) Chronologia da separação do Brazil:

1821 — (abril 21) Tumultos do Rio para impedirem a partida de D. João VI. Embarque do rei D. Pedro logar-tenente. (dezembro) Manifesto de S. Paulo pedindo a conservação de D. Pedro no Brazil.

1822 — (janeiro 9) D. Pedro declara que ficaria no Brazil. Andrade, ministro. (fevereiro 16) Convocação de um concelho de

II

Geographia Brazilica

Definitivamente constituido como nação independente, o Brazil póde tambem dizer-se geographicamente delimitado nas suas vastissimas fronteiras.

Depois das pretenções inglezas de 1815, não houve mais quem lhe contestasse o exclusivo dominio da costa maritima e suas ilhas, desde a barra do Oyapock (2° 24′ N.) até á barra do Chuy (33° 45′ S.) Tambem os limites continentaes do norte, fixados no tratado de Utrecht, foram confirmados nos de Vienna e ratificados na convenção particular de 1817 com a França. O Oyapock ficou sendo a di-

---

representantes das provincias no Rio. (maio 13) D. Pedro defensor perpetuo do Brazil. (junho 3) Convocação da assembléa constituinte do *reino* do Brazil. (agosto 1) Declaradas inimigas as tropas que viessem de Portugal. (setembro 1.) Proclamação da *Independencia ou Morte,* no Ypiranga (S. Paulo). Protestos do Rio, de S. Paulo e Minas. D. Pedro pelo Brazil. Resistencia das guarnições portuguezas do Rio ede Pernambuco, deportadas para Portugal: e da Bahia que se manteve em armas até 23. (outubro 12) D. Pedro proclamado imperador constitucional do Brazil; (22) Queda do ministerio Andrade, restaurado em 30.

1823 — Luctas parlamentares entre os demagogos e o ministerio. (julho 2) Tomada da Bahia, expulsão dos portuguezes. Queda do gabinete Andrade: ministerio reaccionario o philo-portuguez. (novembro 10) Recusa do *veto* ao imperador pela assembléa, sob a direcção de Andrade; (12) Dissolução da assembléa; (23) José Bonifacio desterrado, os radicaes expulsos. D. Pedro autocrata.

1824 — (março 25) D. Pedro dá uma constituição representativa ao imperio. (julho 2) Revolução republicana de Pernambuco *(Confederação-do-Equador)* facilmente debellada.

1825 — Levantamento da provincia cis-platina (Uruguay) re-

visão natural entre o Brazil e a Guyana franceza; a serrania de Tumucuraque a da hollandeza; e a de Acaray a da ingleza. Da Venezuela, que fronteia com esta por occidente, foi o Brazil delimitado pelo tratado de 1859, no qual toda a bacia do rio Branco, dividida da do Orinoco pela serra de Pacarayna, lhe ficou pertencendo; assim como os valles dos outros successivos confluentes do rio Negro, separados tambem do Orinoco pelas alturas de Maduacaxas. Desde o ponto em que o rio Negro, junto á ilha S. José, deixa de ser brazileiro, começam as fronteiras indeterminadas ou disputadas da Columbia. Até aqui o relevo orographico, dividindo accentuadamente as bacias dos confluentes do Amazonas e a do Orinoco, prestava-se a uma delimitação; mas agora, que as cabeceiras do rio Negro e as do Orinoco se confundem, e que o Amazonas vae deixar de ser bra-

---

clamando independencia. Guerra com a Confederação argentina. Reconhecimento da independencia do Brazil por Portugal.

1826 — Morte de D. João VI. Abdicação de D. Pedro em D. Maria II, de Portugal. — Impopularidade do imperador. Mau exito da guerra no Rio-da-Prata.

1828 — (agosto 27) Reconhecimento da independencia da Banda-Oriental (Uruguay).

1829 — Regresso de José Bonifacio de Andrade ao Brazil. Retira-se á vida privada.

1831 — (março) Jornada de D. Pedro a Minas. Conflictos entre portuguezes e brazileiros. Irritação geral e impopularidade crescente do imperador. (abril 6) Tumultos do Rio: exige-se a demissão do ministerio. (7) Abdicação em D. Pedro II. José Bonifacio tutor; acto addicional á Carta. Revoltas parciaes no imperio.

1833 — (dezembro) José Bonifacio demittido de tutor, preso, processado, absolvido. Torna á vida privada: morre em 1838, na sua ilha de Paquetá.

1835 — (setembro 27) Insurreição do Rio-grande-do-Sul que dura até —

1840 — (julho 23) Proclamação da maioridade de D. Pedro II.

zileiro, é arbitraria a adopção de um ou outro dos confluentes: não ha indicação natural decidida para guiar os estadistas.

A confluencia do Apaporis no Japurá é um ponto de partida commum ás pretensões da republica e á fronteira historica que o Brazil defende. Segundo esta ultima, o territorio comprehendido entre o Japurá e o Memachy seria brazileiro; segundo a primeira, os limites do Brazil seguiriam o Apaporis, e não o Japurá, desde o ponto da confluencia. A fronteira do Perú, fixada nos tratados de 1851 e 1858, foi traçada em parte cartographica, em parte geographicamente: é uma recta, cujos pontos extremos são ao norte a confluencia do Apaporis, ao sul a povoação de Tabatinga, depois o Javary; e em Tabatinga de um lado, e na foz do seu confluente meridional do outro, o Amazonas deixa de ser brazileiro.

Processo egual se adoptou no tratado de 1867 para os limites com a Bolivia. Tomando a latitude de 10° 20′, em que a oeste acaba o Perú, na margem direita do Javary traçou-se um parallelo até encontrar a esquerda do Madeira: tal é a fronteira norte bolivio-brazileira. O Madeira, o Guaporé, o rio Verde, que successivamente se destacam um do outro descendo sempre para sul, delimitam as duas nações. Das cabeceiras do rio Verde ao Paraguay, que a divisão, terminando, vae encontrar em 20° 10′ no desaguadouro da bahia Negra, a linha, galgado o morro da Boa-Vista, divisoria das duas bacias hydrographicas, corta pelo meio as successivas lagoas (Corixa, Uberaba, Gayba) que bordam o Paraguay por occidente, ligando-as por meio de rectas tambem successivas.

A questão das fronteiras do sul do Brazil, que o estabelecimento das Missões jesuitas e a creação

de nações hybridas concorreram para complicar, lançando um novo elemento de confusão no debate dos interesses oppostos de Portugal e da Hespanha; essa questão, que a fraqueza do dominio colonial portuguez não soube ou não pôde resolver, foi o peior legado que o imperio recebeu. Transferido da mão dos jesuitas para a de uma dynastia que seguiu á risca a politica da extincta sociedade, o Paraguay conservou-se independente e encravado em territorios que a natureza mandava que fossem brazileiros. Por outro lado, a constituição da Banda-Oriental (1828), conclusão de guerras sempre infelizes para nós, fazia perder ao Brazil a fronteira natural do Uruguay e o seu lugar no Rio-da-Prata.

Ter o dominio exclusivo na embocadura commum dos dous grandes rios do extreme sul da America foi o pensamento constante da administração hespanhola e, depois, da Confederação Argentina. Em 1828, o Uruguay, constituido em republica independente, cuja neutralidade os tratados garantiam, creava uma situação media, nem brazileira nem argentina, um equilibrio prenhe de futuras questões. Appareceram logo em 1851, com a dictadura de Rosas; e o Brazil teve de pegar em armas para impedir que o Uruguay fosse englobado na confederação do Prata. Deposto o dictador, conseguido o fim da guerra, levantava-se depois outro e mais grave problema; o do Paraguay. Essa longa e ruidosa guerra (1865-70) venceu-a o Brazil por fim; mas ou o escrupulo ou a fraqueza não lhe deixaram tirar o partido correspondente a um tão grande sacrificio: o territorio de entre Paraná e Paraguay devia ser brazileiro. A existencia de pequenos estados, anemicos, como o Uruguay e o Paraguay, encravados entre as

duas grandes nações da America sul-oriental, continuará a ser uma causa de desconfiança, de malestar, de represalias e ameaças entre os dous povos néo ibericos a quem a sorte confiou metade da America.

Descendo da bahia Negra, o rio Paraguay separa o Brazil da Bolivia até ao ponto em que esta confronta com a Confederação argentina. A contar da margem esquerda para leste, tudo é Brazil até aos altos do Maracaju, divisoria do Paraguay-Paraná; d'ahi para o sul, limitado pelo quasi parallelogramo formado pelos dous rios até á sua confluencia, fica encravada a republica que foi dos jesuitas, de Francia, de Lopes, e que tem sido o pomo de discordia actual entre o Brazil e Buenos-Ayres desde 1870. Os limites d'estes dous ultimos Estados, não demarcados ainda, podem ser um pretexto de collisão. Um pretexto, dizemos, são um motivo: a garganta da Candelaria, entre o Paraná e o Uruguay, é uma fronteira natural; e ao sul e oeste os rios, divergindo, separam naturalmente os territorios. Entretanto, a fronteira de Buenos-Ayres interna-se para norte e leste da garganta e, separada do Paraguay pelo Paraná, a republica divide-se do Brazil pelo Iguassu e pelo Santo-Antonio, buscando a cumiada e descendo para o valle do Uruguay pelo Pepiryguassu, até á sua foz.

Ao sul d'esta, o Uruguay divide o Brazil e Buenos-Ayres até á barra do Quarahim, na margem esquerda. Esta é a separação do Brazil e da Banda-oriental, consignada nos tratados de 1851-2. Subindo pelo Quarahim á divisoria do valle e da costa, a fronteira desce, no lado opposto, pelo Jaraguão contornando o lago Mirim que é brazileiro, e caíndo no mar na barra do Chuy, em 34º 45′ S.

Taes são as fronteiras do Brazil. O territorio que incluem é quasi egual em superficie ao da Europa inteira e cem vezes maior do que o de Portugal. Todos os climas, todos os productos, todas as alturas, todos os phenomenos de geographia se encontram na vasta região que os portuguezes trilharam, exploraram e em parte avassallaram, dominando-a e cultivando-a. Primeiro foram os conquistadores de armas em punho, batendo o indio, rasgando a floresta; depois, chegaram os colonos, plantaram o campo, levantaram a casa, construiram as aras dos deuses penates; vieram os navios, sondaram-se as barras, construiram-se os molhes; mais tarde appareceu a curiosidade e escreveram-se os livros contando ingenuamente as singularidades da terra e seus usos; por fim, abertas de par em par as portas da America brazileira á sciencia de toda a Europa, fez-se, no principio do seculo, o que hoje se está fazendo para a Africa. Brazileiros, e allemães principalmente, crearam a geographia do Brazil: Humboldt e Newied, Spix, Martius, Van Schreibers, Mikau, Pohl, Natterer, Ender, Buckberger. Emquanto os inglezes ao lado de D. João VI tratavam de confiscar o Brazil em proveito proprio, exclusivamente occupados de commercio e lucro, os allemães trilhavam heroicamente o interior e deixavam esse monumento da viagem de Spix e Martius.

O continente sul da America tem como ossatura a grande cordilheira dos Andes, (1) que pelo occidente se levanta, como uma muralha contra o mar, desde o extremo norte (10° acima do Equador) até ao extremo sul, na ponta da Patagonia.

(1) V. *Raças humanas*, I, p. XIII.

Para leste fica toda a massa continental. A meia altura, outra cordilheira, perpendicular sobre a primeira, divide esta America em duas: são as montanhas da Bolivia e a serra das Vertentes no Brazil, entre as quaes, como por uma fenda, se insinuam os rios que formam o Madeira, e a grande bacia hydrographica do Amazonas, ou do norte, se liga com o systema fluvial do sul (Paraguay-Paraná.) D'esta America pertenceu ao Brazil toda — póde assim dizer-se — a bacia do Amazonas, com os seus confluentes das duas margens; e quasi toda (salvo Entre-rios, Uruguay e Paraguay) a metade oriental do systema hydrographico do sul, cuja arteria é o Paraná-Paraguay.

O traço fundamental da geographia brazileira é, pois, a serra das Vertentes que separa as duas regiões do imperio. A oeste d'ella, na fronteira boliviana, insinua-se o Madeira-Guaporé, cujas origens vão confundir-se com as do Paraguay; a leste, na região maritima, entronca no systema das cordilheiras parallelas á costa. Entre os limites occidentaes de Matto-grosso e os meridionaes do Ceará, a cordilheira descreve um arco de circulo, cuja corda se póde considerar o parallelo 10° S. Corta de lado a lado o Brazil com os nomes successivos e locaes de serra Alegre, de Ibiapaba, Piauhy, Tangatinga, Tabatinga, Araras, Pyreneus. Das suas vertentes septentrionaes nascem o Tapajoz e o Xingu, o Araguay e o Tocantis; das suas vertentes austraes o Paraná e o Paraguay. Erguida como um monumento geologico, distribue a mãos cheias os caudaes fertilisadores das duas regiões que domina.

Ao terminar o seu curso oeste-leste, a cordilheira abre os seus braços e ramifica-se. Para o norte um contra-forte divide a bacia do Tocantins da

do Maranhão; para o sul, outro vae duplicar a reunião da cordilheira central á primeira das serras maritimas do Brazil (Espinhaço) abaixo de Villa-Boa.

Quasi parallelas á costa oriental descem, no litoral, a serra do Mar, como subalterna, no interior a do Espinhaço como suzerana. A primeira vem desde o sul de S. Francisco até ao Rio Grande; a segunda, dominando-a, desde o cabo S. Roque até ao Uruguay. O Espinhaço fórma os Andes brazileiros, de que a Serra-do-Mar é um socalco: entre ambas corre para o norte o rio S. Francisco, em cujas cabeceiras se levanta a chamada serra das Esmeraldas que, ligando os dous systemas parallelos levanta, no ponto de juncção com os contrafortes austraes das Vertentes, o plan'alto propriamente brazileiro, o centro do systema das suas montanhas, o divorcio das aguas septentrionaes, austraes e litoraes, o thesouro onde se acharam os diamantes e o ouro, o primitivo nucleo da população nacional — o coração do imperio. As montanhas, os rios, as minas, os homens, a geographia e a vontade, coincidiram para dar á região de S. Paulo-Minas a supremacia sobre toda a America portugueza.

Esse plan'alto central e propriamente brazileiro vae de Villa-Boa (Goyaz) a Villa-Rica (Minas) debruçado a leste sobre os sertões do Amazonas e de Matto-grosso, a oeste sobre o mar nos terraços das provincias da Bahia, do Espirito-Santo e do Rio. Pelo norte entra por Pernambuco e pelo Piauhy, pelo sul inclue S. Paulo. Sobre o oceano vasa os rapidos caudaes do Parahyba, do rio-Doce, do Belmonte, e a arteria que se chama o S. Francisco. Ao Amazonas manda o Tocantins, ao Prata o Paraná.

Fronteiro ao plan'alto do Brazil, pelo norte, do lado opposto da bacia do Amazonas, levanta-se o das Guyanas, cujas serras extremas são as fronteiras do imperio, e d'onde vém ao grande caudal da America austral, como tributarios principaes, o rio-Negro e o Japurá. —Por leste, outro baluarte geographico se levanta a enfrentar com o brazileiro: é o plan'alto central da Bolivia-Matto-grosso separado da cordilheira das Vertentes pela quebrada colossal por onde vazam, para um lado o Madeira, caminho do Amazonas, para o opposto o Paraguay, caminho do Paraná.—Pelo sul o plan'alto brazileiro domina livremente o estuario dos rios, que ladeados pelas cordilheiras maritimas, vão formar as planicies dos pampas, America em fóra, até á Patagonia.

Tal é em breves e mal esboçados traços a constituição geographica do Brazil. Eis a ossatura natural d'esse territorio, e o campo que a natureza nos deu para nosso uso. Como se adaptou a elle a nação? Que obras foram as dos homens, sobre a obra natural? Eis o que procuraremos conhecer estudando a economia do imperio americano.

III

A divisão do imperio

A primeira fórma da occupação, e depois a aventurosa caça dos indios e das minas, foram as causas da colonisação dispersa do Brazil. A occupação e a população europêa, em vez de ca-

minharem em columna cerrada do litoral para o interior, espalharam-se pelas extensões infinitas dos sertões, mosqueando o territorio de pequenos centros de ossificação civilisada.

Esta circumstancia, cujo alcance avaliámos já, influiu tambem na divisão das provincias (1).

Antes de vermos até que ponto a delimitação d'ellas se adaptou ás condições geographicas, devemos considerar, em geral, o estado a que che-

---

(1) Mappa da divisão politica do Brazil:

	PROVINCIAS	ÁREAS Kil. q. mil.	CAPITAES	ADMINISTRAÇÃO Comarcas	Municipios
1	Amazonas	1:897	Manaus	3	7
2	Pará	1:148	Belem	11	32
3	Maranhão	460	S. Luiz	15	36
4	Piauhy	302	Theresina	12	31
5	Ceará	104	Fortaleza	16	41
6	Rio-g. do Norte	57	Natal	8	22
7	Pernambuco	128	Recife	18	46
8	Parahyba	75	Parahyba	11	23
9	Alagoas	58	Maceió	9	18
10	Sergipe	39	Aracaju	8	24
11	Bahia	426	S. Salvador	25	83
12	Espirito Santo	45	Victoria	4	13
13	Rio de Janeiro	69	Nicterohy	17	33
14	Mun. da côrte	1	—	—	—
15	S. Paulo	291	S. Paulo	20	107
16	Paraná	221	Coritiba	5	16
17	S. Catharina	74	Desterro	6	11
18	Rio-g. do Sul	237	Porto-Alegre	10	29
19	Minas Geraes	575	Ouro Preto	24	81
20	Goyaz	747	Villa-Boa	11	26
21	Matto-grosso	1:380	Cuyabá	3	6
		8:334		236	685

gou a população: esse elemento nos explica o facto da existencia de provincias que são imperios — como o Pará, Amazonas, ou Matto-grosso—ao lado de outras, como o Rio ou Espirito-Santo, cuja área se approxima dos limites normaes.

O leitor sabe em que sentido a população se desenvolveu nos tempos coloniaes: sabe que, no norte, o governo da Bahia era uma *fazenda*, ao passo que no sul uma população agricola e industrial, e não commercial-maritima, se fixou na região de S. Paulo-Minas; sabe finalmente que o Rio de Janeiro veiu a ser a capital do Brazil, o seu centro; e que nos extremos norte e sul se formaram, entretanto, nucleos de colonisação, commercial nas boccas do Amazonas, rural em Santa Catharina e no Rio grande do Sul. Para o interior d'este Brazil, ficaram os sertões que por si sós contam dois terços da área total do imperio, e onde a população europêa apenas consiste em villas ou cidades dispersas na vastidão de territorios, ou desertos, ou habitados pelo indio selvagem.

Isto nos permitte dividir o Brazil em 6 grandes regiões, (1) nas quaes as provincias se agrupam em numeros diversos, e as áreas differem de um modo

---

(1) I Municipio da côrte.
II Centro litoral: — Rio de Janeiro, Espirito-Santo.
III Norte: — Ceará, Parahyba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia.
IV Centro interior: — S. Paulo, Minas-geraes.
V Sul: — Rio-grande, Santa Catharina, Paraná.
VI Sertões: — Pará, Amazonas, Maranhão, Piauhy, Goyaz e Matto-grosso.

notavel. (1) Afóra os quasi 200 habitantes por kilom. quadrado que a população da capital dá ao municipio da côrte, e os dois decimos de habitantes que ella conta nos sertões, deve considerar-se a densidade normal da população, na parte do Brazil que se póde dizer habitada, em 3 a 5 habitantes por kilom. quadrado.

Nem só o fomento da população, comtudo, presidiu á divisão já hoje historica das provincias; e estudando a relação entre ella e a chorographia brazileira, adquiriremos uma noção clara da sua razão de ser, e conheceremos mais intimamente a structura natural do imperio.

Nós vimos que a orographia divide o Brazil em tres grandes regiões: *a)* Bacia do Amazonas; *b)* Bacia do Paraná—divididas pelas serras das Ver-

---

(1) **População conforme o censo de 1872**

	ÁREAS	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL	POP. ESPEC.	ESCRAVA %
I	1:394	226:033	48:939	274:972	198	20
II	113:821	549.565	315:296	864.861	7,6	60
III	888:869	3.695:023	381.675	4.076:698	4,5	10
IV	865:731	2.350.018	527:071	2.877:089	3,3	25
V	535:028	628:602	93:335	721:937	1,3	15
VI	5.935:375	970:431	144.490	1.114:921	0,2	15
	8.337:218	8 419:672	1.510:806	9.930:478		

A população total compõe-se de:

Brazileiros.....	8.176:191	Total ...	9.930:478
Negros escravos.	1.510:806	Indios...	1.000:000 (?)
Portuguezes	121:246		
Allemães	45:829		
Negros livres ...	44:580		
Diversos.....	31:826		

tentes — e *c)* Alpestre, da costa oriental, cortada longitudinalmente pelas cordilheiras parallelas do Espinhaço e do Mar. Vejamos agora como assentam as provincias em cada uma d'estas tres zonas geographicas.

Na primeira, o Pará e o Amazonas occupam todo o estuario do grande rio americano, desde as vertentes do plan'alto divisor do Orinoco, até á corda da cordilheira central brazileira. São duas provincias, como imperios, núas de população, embrenhadas de florestas, por entre as quaes o Amazonas e os seus confluentes das duas margens, o Japurá e o Rio-negro, o Javary, o Jutahy, o Juruá, o Purús, o Madeira, o Tapajoz, o Xingu e o Tocantins, rolam as suas aguas nas solidões. As duas provincias limitam por norte e por esta parte do occidente o Brazil, entestando pelo sul com os sertões de Matto-grosso, e por oriente com o Maranhão e Goyaz. Sarjadas por caudalosos rios, abertas para o mar pelas boccas do Amazonas e do Tocantins, as duas provincias norte-brazileiras serão no decorrer dos seculos o lugar de um grande imperio.

Entre as provincias do valle do Amazonas e as do valle do Paraná está a região montuosa da serra das Vertentes: Matto-grosso e Goyaz, por entre cujas serranias se despenham os confluentes austraes do Amazonas, para um lado, e para o opposto o Paraguay e o Paraná. Divididas entre si pelo Araguaya, Matto-grosso vae pelo Guaporé-Paraguay até aos limites occidentaes do Brazil, e Goyaz vem parar nas vertentes da cordilheira do Espinhaço. Pelo sul, o Paraná limita ambas as provincias.

Eis ahi a região dos sertões interiores do Brazil: o estuario do maior rio do mundo, e as que-

bradas e desvios alpestres de uma das suas maiores massas de montanhas. As dimensões, as proporções assombram n'essa America de que a Europa parece ser miniatura.

Por Matto-grosso baixámos á região hydrographica austral. Entre os cursos do Paraná e do Uruguay e o mar estão as tres provincias do sul: S. Catharina e Paraná, entre si divididas pelo Uruguay, pelo Iguassu, pelo Paraná-panema. Extrema região maritima colonisada, esta parte do Brazil, onde o clima é temperado e as culturas são europêas, é a que em epochas recentes mais tem progredido, aquella que mais depressa virá a adquirir população fixa sufficiente. A área povoada já aqui representa mais do sextuplo dos sertões; repetidas bahias e portos sarjam o litoral, o commercio cresce: por isso a superficie apparece reduzida, e por isso as divisões tomam uma direcção perpendicular á costa.

Pelo sul, entramos na região das cordilheiras orientaes, e desde logo vemos o foco de população relativamente intensa da metade maritima de S. Paulo e da metade sul de Minas. As duas provincias levantam-se nas serras vestindo de cultura o plan'alto brazileiro, ou parte consideravel d'elle. Se a sua separação interna, se a separação de ambas dos sertões interiores pelo sul, e da Bahia pelo norte, não obedece a razões geographicas—já não succede assim ao Rio-de-Janeiro e ao Espirito Santo que estão nas faldas maritimas da serra, vedando a Minas o accesso da costa.

A serra do Mar e o valle do S. Francisco, arbitrariamente cortados pela fronteira da Bahia, constituem o corpo d'esta provincia que geographicamente deveria formar duas circumscripções: a

maritima e a fluvial interior, divididas entre si pelas cumiadas agrestes da cordilheira.

Entre o S. Francisco e o Pará, de um lado e d'outro dos extremos contrafortes das Vertentes e do Espinhaço, estão as provincias litoraes no norte — se tal nome convem ao Maranhão e ao Piauhy, que são para esta parte do Brazil o que os grandes sertões do interior são para todo o imperio.

Entestando com o Pará pelo Gurupy, com Goyaz pelo Tocantins, com o Piauhy pelo Parnahyba, o Maranhão, sarjado por innumeros caudaes, aberto de portos maritimos, é a metade occidental do grande systema que o Parnahyba rasga entre o contraforte norte das Vertentes e a ponta extrema do Espinhaço. A outra metade d'essa bacia fluvial secundaria, mas independente do systema do Amazonas, é formada pela Piauhy e pelo Ceará.

Chegamos agora, no termo da nossa derrota, ás provincias do Cabo S. Roque: um grupo de pequenas circumscripções cortadas nas abas maritimas da cordilheira, até e ainda além da foz do S. Francisco. São cinco essas provincias que com a da Bahia litoral formaram o centro da colonisação portugueza. Ahi as plantações têm já seculos, a população é relativamente densa, como no centro-sul; e Pernambuco está hoje para este grupo como o Rio para o outro. As proporções da divisão demonstram, aqui e além, o mesmo facto: o desenvolvimento da população e da riqueza; e se dos tempos coloniaes dissemos ter havido dous Brazis, não seria ainda hoje inteiramente errado repetil-o.

A norte e a sul do S. Francisco, junto á costa, ficam Sergipe e Alagoas; depois vem Pernambuco que se interna ao longo da margem esquerda do

rio brazileiro até ás cumiadas da serra; depois a Parahyba, e finalmente o Rio-Grande-do-norte, a entestar com o Ceará.

Taes são as divisões naturaes e as divisões politicas do Brazil. Resta-nos saber agora quem o habitou e quem o habita.

IV

Os indigenas

A terra é fertil — diziam para a Europa os primeiros portuguezes que a visitaram — e amena e sadia de seu natural; muitos e grandes rios a humedecem, e as fontes de agua doce e perennal que tem, são fóra de algarismo. Tem larguissimas campinas que se tapizão de mui graciosas pastagens: seus portos são bonissimos, de mui facil embocadura, em que as naos achão seguro abrigo contra os vendavaes, e não tem baixos ou restingas em que periguem. A maior parte d'aquella região he empollada de montes, que abrem grandes valles; as florestas densas e sombrias tem arvores de muita diversidade, nunca d'antes conhecidas dos nossos; entre ellas huma, da summidade de cujas folhas cortadas destilla um genero de balsamo. As arvores, de que se tira a côr vermelha com que se tingem as lans, são alli mui triviaes e muito altas. Brotam além d'isso da terra plantas muito medicinaes, e entre ellas a herva santa, muito proveitosa para chagas, apertos de amiudado anhelito, e tambem para cancros, e para a gangrena. São os homens fulos de côr, tem corredio o cabello, negro e comprido; não tem barba, e ainda algum pello que pelo corpo lhes aponta, com pinças o arrepellão. Lettras nenhumas conhecem, nenhuma religião cultivão, nenhumas leis os ligão, nem se servem de alguns pesos e medidas, nem ao governo de algum rei vivem sujeitos. Quando todavia entre elles se levantão guerras, elegem hum General que julgão por de todos o mais forte, e mais acerrimo

em dar batalhas. Vulgarmente se não cobrem com traje algum, sómente os que entre elles realção por nobreza se cingem de tecidos de pennas de papagaio, e de aves de outras côres. Com cocares das mesmas pennas enfeitão as cabeças, e compõem braceletes, que passão por cima do cotovello. Descem-lhes estes saios de plumas do umbigo até ás curvas. As mulheres deixão crescer o cabello; nas os homens o raspão desde a fronte até ao toutiço. Os que porém caprichão de garridos furão as orelhas, os labios e os narizes, e até as faces, para as permeiarem pelos furos de pedrinhas de côres variadas, de ossos ou peças de pao. As mulheres, em vez de pedras, se servem de miudas conchinhas, que ellas estimão a mui alto preço. Usão de arcos em suas pelejas, e com tanta arte atirão huma flecha, que a qualquer parte do corpo a que acenem, lá a empregão. Para as pontas das flechas servem-se de espinhas de certos peixes em vez de aço, e profundão, não obstante, tal ferida que trespassão com o furo qualquer plancha. Vivem do que cação, comendo macacos, lagartos, cobras, ratos; que nenhum d'estes manjares os antoja. Usão de canoas compostas de troncos excavados de robustissimas arvores e d'ellas ha que podem conter trinta pessoas no bojo. Quando querem pescar, vão huns d'elles remando, e outros batendo a agua com varapaos para amotinar o peixe, que espantadiço vem boiando á flor da agua. Então os que para tal ficam de apresto, tem cabaços grandissimos seccos e oucos descidos ao revéz da corrente, e n'elles vem de si mesmo encovar-se o peixe. Não semeião trigo, mas fazem pão da raiz de uma herva do porte da beldroega (mandioca), que com tudo encerra veneno tão mortifero, que morre em breve quem a come crua; mas elles pisão-na, e pisada a espremem, que gotta não lhe reste de sumo venenoso, e então a seccão ao sol, e moida entre pedras lhe extrahem a farinha. Os pães que d'esta farinha fazem, não sómente são saudaveis, mas tem ainda mui regalado sabor. D'ella e de milho compõem huma bebida mui parecida com a cerveja, na qual quando se enfrascão, o que mui de uso lhes acontece, mais que ordinarias fraudulencias e traições machinão. Observão agouros, e são dados a empeçonhamento. São entre elles em muita honra certos homens maleficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos: chamão-lhes *pagés*. Trazem estes na ponta d'huma setta huma cabaça com figura de homem, cada vez que lhes dá na vontade mettem brazas na cabaça, e de sobrepostas hervas sahe fumo que resfolgão pelos narizes, até bebados tremelhicarem, se espojarem, e sahirem de si. Que tem tal força aquellas hervas, que com seu fumo, como se fora sobejidão de vinho, os privão do entendimento. Logo começão a ranger os dentes, a escumar a bocca, a revirar os olhos, a ameaçar muitos de morte, e amedrontar com turbulentos esgares e meneios os circumstantes; e ninguem suspeita

que sem instincto de espirito divino elles profirão tão horrendas vozes. Ora se algum dos que a quem aquelle homem assim eivado agoirou desastre, passou por sinistro acontecimento, logo crêem que áquelle agoiro cabe reportar como em castigo. São agasalhados com summa veneração, espadanão-lhes os caminhos, cantão-lhes versos a seu modo acompanhados com frautas, danção-lhes bailes; trazem-lhes ao aposento moças formosas, humas d'ellas virgens, e outras já casadas, porque tem para si estes pobretes, que tudo lhes virá a seu desejo, se os tiverem ameigados. Não he dado entre elles casarem pais com filhas, nem irmãos com irmans; com as mais mulheres se conjugem indiscriminadamente, e tambem as deixão se d'ellas se julgão aggravados. Matão-nas porém, ou as vendem como escravas, se as apanham em adulterio. Não os pais, mas os irmãos têm poder nas filhas e as põem em venda quando bem lhes parece, e esta venda consiste em escambo por outras cousas, que moeda não a tém. São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanso; todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dança sem teor algum. Toda a sciencia de sua dança está n'huma roda que vae sempre saltando, e do canto em uma nota monotona, que não sobe nem desce na entoação das coplas. Alli se recitão as proezas que na guerra acabarão, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornam em applauso do esforço militar. O acompanhamento d'essa musica lho fazem elles assobiando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros occupados a dar de beber aos dançantes, até que embriagados cahem sem sentidos. Fabricão suas casas de madeira, e as cobrem de unidos colmos, e as circumvallão de dois e de tres muros, em razão das guerras em que de continuo lidão. Em huma só casa (porque são mui compridas) assistem muitas familias, porquanto se amão todos fraternalmente, e com gosto arrojão a vida a todo e qualquer risco, por acudir a cada hum d'aquelles com quem vivem. Guerras nunca as emprehendem por defender ou dilatar suas fronteiras, mas sim por pundonor, quando concebem que forão aviltados por seus convisinhos, ou por qualquer outra arredada nação. N'esse caso, ancíãos que já na guerra esclarecêrão os nomes quando moços, entrão no conselho, e antes que deliberem, cada hum toma tanta bebida quanta seu animo lhe pede; e logo mettem suas forças e vontades a pôr por obra quanto á cerca da guerra e da paz foi pelos velhos decretado. Escolhem, como já dissemos, por general o acerrimo em seu conceito, honra de que subito o despojão se em alguma occorrencia teve o menor desar de cobardia, e lhe substituem outro no seu posto. Vae o general de casa em casa convidando a todos com grandes gritos para a guerra, e avisando-os de como tem de se aviar para ella, e quanto lhes he necessaria a valentia. Só usão

de arcos e flechas, mas com espadas tambem lavradas de madeira durissima, quebram e fendem os membros dos inimigos. Tração frequentes emboscadas, e põem o ponto em accommetter de sobresalto os seus contrarios. Os prisioneiros de guerra, mórmente se velhos são, sem tardar os comem; os mais os prendem. A quantos dos seus na guerra perecêram fazem mui pranteados funeraes, em cuja celebração fazem o encomio do seu valor. (1)

Taes eram os homens com quem Cabral se achou na terra do Brazil. Nada, porém, enchia já de espanto os audazes descobridores do mundo: nem o singular dos habitantes, nem a fereza dos brutos, nem a novidade das paysagens. O Brazil assimilhava-se-lhes á Asia, e os traços communs da phisionomia dos seus indigenas, dos representantes da sua fauna, têm sido observados e reconhecidos pelos sabios de hoje.

A ausencia dos grandes mammiferos, que são o privilegio da Africa, e a multiplicidade dos trepadores, eis com effeito os dous caracteres essenciaes da fauna brasilio chilena, cujas especies, sem serem identicas, são analogas ás do Indostão. A exhuberancia da vegetação, as florestas cerradas, que por toda a parte vestem as montanhas, deram a cauda apprehensora ao macaco, aos roedores, aos edentados e até aos carnivoros, e ensinaram os reptis a subir ás arvores.

---

(1) V. a carta de P. Vaz de Caminha a D. João III em J. Osorio, *Vida e feitos d'elrey D. Manuel*, tr. Fr. M. do Nascimento; e S. de Vasconcellos, *Chron. da Comp. de Jesus*, l. I. — V. tambem, *Regime das riquezas*, pp. 8, 9, 12, 14, 16, 25, 27, 30, 55, 63, 65, 70-1 e 83; *Quadro das instit. primitivas*, pp. 6, 53, 63, 79, 82, 216, 235 e 244; *Raças humanas*, I e II pp. 16-7, 27, 37-8, 44, 63-9, 84-6, 88-91, 110-2 e 125; e *Syst. dos mythos relig.* pp. 7-12.

A floresta é o principal traço da phisionomia natural da região: o que falta em grandeza ao reino animal, coube ao reino vegetal. Ao contrario da zona temperada, em que duas ou tres especies ensombram regiões inteiras, aqui, ao enorme das proporções, junta-se a variedade dos individuos. Levanta-se a carnahuba como uma columna coroada por um capitel de folhagem, o feto com as suas palmas gigantescas, as myrtaceas, as scitaminias, as bromelias, a figueira atormentada e colossal, a mangueira, o cedro, a peroba, as palmeiras, as guttiferas; e a floresta produz tudo quanto falta á vida dos seus habitantes. Produz madeira e linhas, resinas e gommas, fructos e oleos. Veste-os e alimenta-os; dá-lhes os fios para as redes, o arco para a caça, a piroga e os remos para atravessarem os rios. Dos braços tortuosos das grandes arvores pendem como lagrimas as orchideas, e os cipós entretecem os troncos, fazendo de tudo uma massa viva em cujo seio habita o animal. Infinitos os contornos das folhas, singulares, extravagantes os parasitas vegetaes, os musgos, os lichens, deslumbrantes as flôres, abrindo-se por entre a ramagem de um verde sempre vivo, formam um conjuncto de que os tons se esbatem á luz de uma atmosphera saturada de vapores leves. O horisonte alarga-se, e tudo se funde n'esse nevoeiro azul-cinzento que arrebatou Darwin.

No coração da floresta reina uma singular mistura de silencio e de rumores: os maribondos perpassam em nuvens, insinuando-se por entre as folhas, os passaros chilram e amam, o morcego e o vampiro esvoaçam batendo com as azas felpudas em busca de sangue quente; os saguins e os macacos balouçam-se dos ramos, suspensos nas caudas, com esgares e momices; o papagaio e a arara

de côres rutilantes soltam gritos stridulos; as cobras espreguiçam-se contorcendo a sua indolencia molle; e rastejando, farejando, caçando, astutamente, o coati, a onça negra, o jaguar que é o tigre americano, e o puma, leão do Brazil, somem se por entre os troncos das arvores onde se aninham a preguiça, a cotia e o tatu, estalando as esteiras de folhas pôdres que lhes abafam os passos, esmagando as legiões das saúbas diligentes. Os inermes roedores fogem breves; a paca e o gamba acolhem-se aos refugios, e o capivara erriçado na sua couraça de espinhos deita-se á agua e boia. Os veados, os tapiras, os tamanduas e os pecaris, sentindo o perigo, correm por entre os cipós, estremecendo na passagem as ondas de folhagem verde.

Em velha companhia com os habitantes da floresta existe o indio, cuja face acobreada, com o craneo esguio e os olhos obliquos, apparece por meio dos ramos, com o ouvido armado, para distinguir, no silencio genesiaco em que se fundem todos os rumores vivos, abafados pela vegetação, o leve ruido do animal que elle persegue e disputa aos seus rivaes caçadores.

Tres grandes familias de indios habitaram ou habitam a America do sul; os ando-peruvianos, os pampeanos e os brasilio guaranis. São estes ultimos que particularmente nos interessam; entretanto convem esclarecer — tanto quanto n'estas questões é licito — a filiação das raças indigenas do Brazil.

A côr vermelha dada como caracteristica das raças americanas, nem é commum, nem até póde mais ser uma base de classificação. Desde o polo norte até á Terra do fogo encontram-se todas as cambiantes de côr de pelle, a principiar no branco, a terminar no perfeito negro dos indigenas da

California e dos *charruas* do Uruguay. A estatura vae desde o gigantesco patagonio até ao anão chango. Apesar d'isso, porém, a anthropologia reconhece uma unidade de typo no conjuncto dos habitantes que de facto povoavam a America, na epocha em que os europeus a descobriram, ao norte e ao sul. (1) No continente do norte observa-se a coexistencia mais ou menos definida dos caracteres conhecidos das raças europêas e das mongolicas: os cabellos corredios, o nariz achatado, a pelle amarellada, a fenda palpebral estreita, os olhos obliquos, o occiput deprimido, e o nariz agudo e saliente, a estatura elevada, pequeno o prognatismo. Parece uma raça cruzada, de um elemento claramente asiatico com outro similhante ao europeu.

No continente do sul, porém, este segundo elemento desapparece. Spix e Martius julgaram vêr chinezes nos caraibas do Orinoco; e ao passo que dizem ser rarissimo encontrar no norte accentuada com nitidez a obliquidade dos olhos, commum aos malaios e mongolicos, confessam que esse caracter é geral em muitas tribus do ramo brasilio-guarani. Côr vermelha ou acobreada, descendo até ao amarello, face cheia, circular, nariz curto, estreito e achatado, olhos pequenos e obliquos, feições effeminadas, cabellos raros, membros grossos e pesados, espaduas e peitos largos: eis ahi os caracteres genericos, determinados pelos celebres naturalistas allemães ao ramo brasilio-guarani, (2) que dividiram em nove grupos:

1. Tupís ou guaranís.
2. Guês ou crans, no valle do Amazonas e Parnahyba *(cayapos, chavantes, mongoyos, cotochos, etc.)*

(1) V. *Raças humanas*, I, p. 26. — (2) *Ibid.* I, pp. 153-4.

3. Goyatacas, dispersos e quasi extinctos.
4. Crens ou guarens *(puris, coroados, ararys, aymores ou botocudos.)*
5. Parichis ou pouragis, assentes na divisoria do Madeira e do Paraguay *(quachis, cabichis, mequens, tamaris, etc.)*
6. Guaycurus, ou linguas, ao sul do Gran-Chaco, ligados ao ramo pampeano.
7. Guks ou cocos, nas vertentes dos confluentes do norte do Amazonas.
8. Arnaques, na Guiana franceza, nas cabeceiras do rio-Negro.
9. Caraibas, no Baixo Orinoco.

Como se vê, d'estes nove grupos os cinco ultimos apenas bordam o territorio brazileiro pelo occidente, pelo extremo sul, e pelo norte. O terceiro, quasi extincto, e os tupís, os guês e os crens são aquelles a quem melhor convém o nome de indigenas do Brazil. Estes ultimos, que se consideram como primitivos habitantes, teriam sido varridos dos seus dominios litoraes para os sertões interiores, por occasião da migração dos tupís que avassallaram o Brazil desde o Paraguay até ao Amazonas. Vencida, mas não submettida, a nação cren não deixou em paz, nem os primeiros, nem os segundos invasores, os portuguezes; e a descida das aymores em 1560 ficou celebre pelos morticinios e pela destruição quasi total das capitanías de Porto-Seguro e Ilheus. O que restou da vingança terrivel de Mem de Sá recebeu o nome de *botocudos*, e ficou vagueando miseravel pelas margens do rio Doce e do Belmonte.

Os tupís ou guaranís, senhores do Brazil na epocha da invasão portugueza, dividiam-se em numerosas tribus. Os carijós, entre os quaes se fixaram os primeiros colonos de S. Paulo, escravisados, e alliados aos novos dominadores contra as

tribus visinhas, extinguiram-se. Os tamoyos que occupavam a costa entre o cabo S. Thomé e Angra-dos-Reis tiveram egual sorte. Os tupininquins ou tupinaes, de entre a Bahia e o Rio, que receberam Pedralvares Cabral, emigraram para o interior. Os tupinambas, estabelecidos no Rio e na Bahia, alliados contra nós aos francezes e aos hollandezes, depois de vencidos, fugiram, indo demandar as vertentes peruvianas do Amazonas. Os amapiras e os cahetés, inimigos irreconciliaveis dos tupinambas, foram exterminados pelas guerras ou pela escravidão, e desappareceram do seu territorio de entre o S. Francisco e o Parahyba; da mesma fórma que para o norte succedeu aos pitaguares.

A's tribus tupís acontecia, por mão dos portuguezes, o que aos aymores ou crens succedera antes: eram expulsas ou exterminadas na lucta com o invasor mais forte. A colonisação europêa vinha collocar sobre o solo do Brazil uma terceira camada de habitadores. Das camadas anteriores que resta? Miseraveis reliquias de tribus em alguns pontos do litoral do centro, laivos de sangue nos europeus, algumas aldeias de indifferentes e indolentes lavradores, reliquias tambem da passada obra dos jesuitas. No litoral do extremo sul e principalmente no do extremo norte, nos sertões do Amazonas e nos sertões do Paraná e do Paraguay habitam, porém, ainda as tribus de ambas as nações que precederam a portugueza no dominio do territorio brazileiro.

Sarjado todo o Brazil por caminhos, terrestres ou fluviaes, mosqueado de villas perdidas pelas serras, a sorte infallivel, embora distante ainda, dos selvagens é o exterminio, o acabamento. Assim aconteceu sempre que frente a frente se en-

contraram sobre a terra duas raças animaes, humanas ou não humanas, mais e menos bem armadas para a disputa do solo. Outr'ora os jesuitas com ingenua fé, e ainda hoje os philanthropos com uma crença menos ardente, acreditaram na possibilidade de conquistar para a civilisação as raças indigenas dos climas em que a natureza deu tudo á vida vegetal e animal, conservando o homem nos mais baixos typos da especie. Porventura, senão com certeza, os typos superiores da hamanidade só podiam viver em regiões relativamente ingratas: as faculdades humanas, aguçadas pela necessidade, desenvolvem-se; (1) ao passo que o homem dos tropicos, servido por uma natureza prodiga, sem estimulos, se não se extingue impotente, deixa-se absorver pelo *meio,* incapaz de subir, incapaz de saír da primitiva condição. (2)

Esse problema da aptidão das raças selvagens, do seu possivel desenvolvimento social e intellectual, parece resolvido. Contra a affirmação de que o cerebro exiguo do indio podia, pela educação, engrossar como engrossa um musculo (Hawkshaw), depõem as observações anthropologicas mostrando-nos uma capacidade craneana proximamente egual entre os homens pre-historicos e os actuaes indigenas, da Europa e da America. (3) Contra as patheticas opiniões de um Las Casas depõe o facto da incapacidade do indio para *moto proprio* saír da condição de caçador para a de pastor, menos ainda para a de agricultor; depõe o resultado dos aldeamentos, estereis experiencias que levaram apenas, por um caminho diverso, á mesma escravisação necessaria, predecessora de

(1) V. *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) l. III, 1, 2. — (2) V. *Raças humanas,* I, pp. V-XLII. — (3) *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) pp. 186 e segg.

uma extincção fatal. E contra a romantica descripção da agudeza das faculdades dos indios, depõe finalmente o proprio caracter dos testemunhos adduzidos. A agudeza dos sentidos, a perspicacia da vista, o alcance do ouvido, são qualidades adquiridas e apuradas pela vida caçadora e communs a toda a especie de carnivoros; e os habitos reservados e taciturnos, supposta manifestação de uma dissimulação superior, são apenas o correspondente do que qualquer observa nos animaes bravios, insusceptiveis de domesticação. Se o indio tem a falla, e por isso é homem, o seu cerebro pesa pouco de mais para poder attingir a capacidade de raciocinar, reflectir e ter consciencia.

A insufficiencia do saber, a erronea philosophia da natureza, a illusão espiritualista que suppunha inherente á falla e á fórma humana, uma *alma* divina, essencialmente identica em todas as especies de homens, eis ahi a causa primaria das antigas doutrinas coloniaes dos jesuitas, e ainda hoje o motivo das opiniões sentimentaes dos philanthropos biblicos. Os differentes typos de homem formam hierarchia, differentemente dotada; e entre o indio anthropophago, entre o homem que engorda os filhos para os devorar e que os vende; entre a mãe de cujos seios pende de um lado o recem-nascido, do outro um cão ou um macaco, e que amamenta a ambos com egual amor; entre essas infimas raças humanas e os homens superiores, ha differenças tão essenciaes, como entre ellas e os typos mais elevados dos animaes sem falla. (1) No combate da vida não luctam só as bestas com os homens: luctam os homens entre si,

(1) V. *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) pp. 81 e segg.

e a natureza condemna á extincção os que mais proximos estão das bestas. (1)

Não são apenas as luctas á mão armada, não são as armas de fogo, a unica, nem mesmo a principal causa do exterminio das raças selvagens. Os naturalistas têm observado casos mais graves ainda e menos explicaveis do que o facto da limitação dos territorios livres e da emigração da caça, para as tribus que não podem saír d'essa condição de vida. Vencido nas guerras, dizimado pela escravidão, expulso e repellido dos seus territorios, o indio soffre ainda por outra fórma, menos dependente da vontade dos seus concorrentes, as consequencias da lei natural que condemna ao desapparecimento, não só as especies humanas inferiores, como todas as outras especies animaes, perante um inimigo mais forte e susceptivel de aclimatação local. Essa causa, mysteriosa para muitos, é a epidemia.

Os europeus levam comsigo a semente da destruição, e por toda a parte onde vão, além da polvora com que matam voluntariamente, além do alcool com que, sem pensamento reservado, só por ganho, envenenam os indigenas, deixam um rasto de influencia mortifera. As molestias para nós mais innocentes, como o sarampo, produziram devastações horriveis. (2) As bexigas mataram mais de trinta mil tupinambas no Rio e em S. Paulo no seculo XVI — de onze estabelecimentos jesuitas, seis desappareceram por extincção dos indigenas — e destruiram no fim do seculo passado a tribu de Port-Jakson (Sydney) na Australia. O sarampo reduziu a metade a população das

(1) V. *Theoria da Hist. universal,* nas *Taboas de chronol.* pp. XVI-XXII. — (2) V. *Voyage d'un naturaliste* (tr. fr.)

ilhas Fidji, a escarlatina exterminou os negros do Cabo. E nem só o branco leva comsigo este elemento de destruição: tambem os polynesios de extracção malaya varreram diante de si os indigenas de pelle mais negra, em certas partes do archipelago das Indias orientaes. As variedades humanas, diz Darwin, (1) parece reagirem umas sobre as outras, da mesma fórma que as differentes especies de animaes. Todos sabem da diminuição inexplicavel da população bella e san das ilhas Taiti, depois da viagem de Cook. Naturalistas sustentam que ao encontro de europeus e selvagens se produzem sempre febres e dysenterias; e os habitantes das ilhas Pitcairn contavam que depois da visita de cada navio seriam affectados de doenças cutaneas. Já Humboldt observára que as grandes epidemias do Panamá e do Perú coincidiam sempre com a chegada dos navios vindos do Chili. (2)

A sentença condemnatoria das especies inferiores reveste, pois, varias fórmas: desde as que provém directamente da vontade dos inimigos mais fortes, como a escravisação e a guerra; até ás consequencias da occupação, como as emigrações, a diminuição da caça, a penuria da vida errante, a maior mortalidade das creanças, a crescente esterilidade das mulheres; até ás consequencias do commercio, como o alcoolismo; até, finalmente, ás epidemias em que a vontade do homem nem directa nem indirectamente intervém. De que valem pois as illusões de certos espiritos nobres? Mostram-nos apenas que no genio do homem ha um *quid* superior á natureza, capaz de se definir

(1) V. *Raças humanas*, I, p. XXXVIII. — (2) *Voyage d'un naturaliste* (tr. fr.)

independentemente d'ella, contra ella até; capaz de se rebellar contra destinos cuja moral desconhece. Mas deque valem tentativas e esforços provadamente vãos? Se a somma de enthusiasmo e caridade, gastos inutilmente com as raças quasi-animaes, se tivesse applicado, se applicasse, ás raças verdadeiramente humanas, não se teria escolhido melhor o alvo, sem se diminuir o merecimento moral do acto? E' um erro suppôr que o termo das illusões passadas importe a destruição das verdades eternas da consciencia humana. A moral nada tem que vêr com o mytho da alma, nem a nobreza do homem com a theoria da unidade da especie.

V

A immigração africana e asiatica

O que deixamos escripto basta para mostrar a razão da inutilidade dos esforços empregados recentemente na catechese dos indios. Ainda quando a resurreição do chimerico plano dos jesuitas, ainda quando o futuro de um Brazil indio-cretino, fosse uma sobra sensata e promettedora, os factos estão mostrando todos os dias a inutilidade das tentativas emprehendidas por varios meios. Sobre um milhão — apenas — em que se orça hoje a população indigena do Brazil, só quinze ou vinte mil indios se contam nas aldeias. Provada a impossibilidade de domesticar os indios adultos, o Estado compra os filhos aos paes e educa-os nos collegios dos missionarios. São esses os aldeãos. No furor um tanto inconsiderado de augmentar a sua população fixa, o Brazil lança mão de tudo. De que

lhe servem porém as aldeias, senão para consumirem uma parte da força e da riqueza, que applicada de outra fórma seria bem mais util? (1) O platonico empenho de civilisar uma raça inferior vem ainda d'essa illusão antiga filiada em noções que hoje caíram. O indio comprado ao pae vem a valer menos do que elle, porque, sem ganhar nada em capacidade, perdeu na nobreza esthetica da liberdade bravia e selvagem. Baptisado, mas nem por isso christão, sómente cretino, cultiva os vegetaes que come, e arrasta uma vida inutil para si e para todos. Melhor lhe fôra morrer independente, do que prolongar uma existencia artificial que não póde impedir o curso das leis de uma natureza desapiedada.

---

(1) Das antigas missões dos capuchinhos restam apenas 57 sacerdotes dessiminados por todo o imperio. Em 1870 renovou-se o movimento da creação das aldeias e os franciscanos fundaram no alto-Amazonas 3 estabelecimentos que contavam (V. *O Brazil na Expos. de Philad. 1875).* 386 indios; S. Francisco (rio Preto), Caldeirão (Solimões), S. Pedro (Madeira). Por seu lado o Estado fundava os collegios de Santa Izabel (sobre o Araguaya), o de Manaus e o do rio-Doce (Espirito Santo) subsidiados para compra e educação de creanças. Varias outras aldeias attestam as antigas e modernas tentativas, a saber:

Pará.....	1	(Bacabal) com 500 indios
Maranhão.....	28	(de 1840 a 72) com 10:000 (?)
Ceará.....	1	(Milagres) quasi extincta
Pernambuco	2	(Brejo e Santa-Maria) id.
Espirito Santo.....	1	(Mutum) com 80 indios
Minas.....	3	com 700 indios
Paraná.....	3	» 1:372 »
Rio Grande do Sul....	1	(Nonohay) com 302 indios
Matto-grosso.....	5	com ?
Goyaz.....	6	»

A estes estabelecimentos é mister addicionar os presidios e as colonias militares, cuja principal rasão de ser é ainda a cate-

Chimerico e impraticavel o plano da repovoação do Brazil pelos indios catechisados, outro programma de colonisação, outr'ora praticado com maior proveito, teve de ser abandonado: a immigração dos negros escravisados. Meio artificial porque, se a escravidão se nos apresenta como uma fórma natural-social do primitivo estabelecimento das nações, o caso de um transporte de braços escravos de uma ráça exotica differe essencialmente e por varios motivos do anterior; meio artificial, repetimos, a immigração de negros escravos podia servir ao regime colonial, á exploração da *fazenda* americana pelos portuguezes; mas não serve decerto ao desenvolvimento natural de uma nação, se essa nação quer adquirir homogeneidade e fixidez, e perder o caracter economico

---

chese dos indios ou a segurança das communicações fluviaes. Goyaz conta 7 d'estes presidios militares estabelecidos para guarda da navegação do Tocantins e do Araguaya: são tambem aldeias de indios. As colonias têm mais directamente por fim a submissão das tribus selvagens. O regime militar é ahi preferido ao ecclesiastico ou civil experimentado nas aldeias dos missionarios ou do Estado. As tres fórmas coexistem. São numerosas as colonias militares e subsidiadas com o orçamento annual de 300 contos. Entre todas florescem relativamente: Obidos (500) no Pará; S. Pedro de Alcantara (600) no Maranhão; Dourados e Miranda, em Matto-grosso; Itapurá (335) e Avanhandava (1:000) em S. Paulo; D. Pedro II e S. João (259) no Pará, Urucu em Minas.

Em Santa-Catharina, a colonia de S. Thereza é destinada aos veteranos do exercito, com lotes de terra, á antiga romana. Conta 454 homens.

Além d'isto o regime colonial-militar inclue Fernando Noronha (Pernambuco) presidio de criminosos forçados a um trabalho agricola. Conta 2:088 habitantes, produz o que consome e exporta milho e algodão.

(V. agora e ulteriormente, além do *Brazil em Philad.* já citado, o livro do anr. A. de Carvalho, *O Brazil*, valioso em subsidios para a historia da moderna repovoação do imperio).

de colonia, isto é, effectuar uma obra mais complexa e difficil do que a perda do caracter de dependencia politica.

A prohibição do trafico, e mais tarde a abolição da escravidão, (1) contam, pois, entre as medidas eminentes da constituição nacional do Brazil, quaesquer que sejam os embaraços transitorios que d'ahi venham ou tivessem vindo á economia da producção agricola.

Naturalmente esteril a fonte do trabalho indigena, seccada pela lei a fonte do trabalho escravo

---

(1) 1810 — Nos tratados com a Inglaterra, Portugal obriga-se a abolir o trafico.

1817-8 — Restricções do trafico. Augmento dos direitos de importação, de 6:000 a 15:600, por cabeça. Metade da differença applicada a um fundo de colonisação branca: d'ahi nasceram as primeiras colonias suissas. A exportação dos escravos limitada na Africa: oriental, entre Cabo-delgado e Lourenço-Marques; occidental, de 8 18º S.

1851 — Prohibição absoluta de importação de escravos no Brazil.

1871 — Alforria dos escravos da nação e da casa imperial. Creação do estabelecimento de S. Pedro de Alcantara (Piauhy) para receber os libertos; e do fundo da libertação dos escravos particulares. O ventre declarado livre, ninguem mais nasce escravo.

De 1871 a 1875 as verbas gastas pelo fundo de libertação sommaram 4:056 contos; com elle, com as alforrias dadas espontaneamente pelos senhores, com os subsidios provinciaes, com a caridade, com a auto-alforria obtida pelos escravos por meio de suas economias: em 1871-5 tinham-se libertado 6:000 negros. Ao mesmo tempo, em virtude da lei, nasciam livres n'esse periodo 60.000. O concurso d'estes meios fará extinguir em breves annos a escravidão do Brazil. Pelo censo de 1872 o numero dos escravos era de 1 500:000 *(N. da 1.ª ed.)*

Se os defensores da lei de 1871 contam que no fim do seculo a escravidão estará inteiramente abolida, não falta quem o negue e exija uma legislação nova. Os abolicionistas accusam de prevaricadores os governos, sustentam que o numero dos escravos em vez de diminuir augmenta, dizem que pretos livres e libertos são reduzidos á escravidão, accrescentam que ha vendas de ingenuos e trafico em filhos de indios no Amazonas, concluindo que a emancipação gradual é uma fraude.

negro, a perigosa tentação de ir buscar braços a outro viveiro de raças inferiores prolificas embriaga muitos espiritos. Se o indigena é incapaz, se não podemos ter mais negros, porque não iremos em demanda de homens á India e á China, esses viveiros de gente passiva e laboriosa, que não poderá, é verdade, ser nossa escrava, mas se submetterá ao regime de uma quasi-servidão, rendosa para nós? Assim pensa o fazendeiro, calculando as centenas de arrobas de café que a falta de braços não lhe deixa colher, ávido de enthesoirar um lucro tentador.

O interesse do fazendeiro não é, n'este caso, o

Não parece contradizer esta allegação o facto da alta crescente do preço dos negros? Se esse preço sobe hoje de 200 a 300 libras, um tal facto não estará demonstrando que a materia escasseia no mercado, e portanto a lei tem uma acção positiva?

Como quer que seja, é facto que depois de publicada a 1.ª ed. d'este livro, os abolicionistas propozeram em côrtes um projecto de lei, cujas principaes disposições são: *a)* Extincção absoluta, mediante indemnisação, no 1.º de janeiro de 1890; *b)* prohibição immediata de transferencia do dominio do escravo sob qualquer titulo, salvo a successão necessaria em ordem descendente; *c)* id. de casas de commissão e deposito para aluguer de escravos; *d)* id. de trabalho escravo nas obras publicas ou particulares subsidiadas pelo Estado; *e)* creação de juntas de emancipação para rever as matriculas; de uma secção de emancipação no ministerio da agricultura; de caixas economicas para o peculio dos escravos, entrando para ellas os senhores com 0,5 p. 100 do valor de cada um; applicação de bens de conventos e outros ao fundo de emancipação *(N. da 2.ª ed.)*

A lei de 28 de setembro de 1885 veiu por fim pôr termo á agitação abolicionista. A escravidão desapparecerá em breve do Brazil. Segundo as estatisticas do fim de 1885 a população escrava do imperio era de:

Homens.....	623:274	
Mulheres.....	553:748	1.177:022
de menos de 60 annos.....	1.099:080	
de mais.....	87:942	1.177:022

(N. da 3.ª ed.)

interesse do Estado; nem o volume dos lucros immediato o criterio superior de quem olha para os interesses permanentes, futuros, de um povo, e não para o ganho vitalicio e transitorio dos homens ricos da nação. A Economia-politica destruiu na primeira metade d'este seculo a illusão antiga da coincidencia da riqueza nacional com a abundancia do numerario; á Economia-social cabe, na segunda metade d'elle, destruir a illusão creada por uma sciencia incompleta: a illusão de que a riqueza dos particulares, a abundancia da producção, coincida com a verdadeira riqueza collectiva, a qual provém principalmente da ordem na distribuição dos productos creados, não artificialmente por uma protecção anachronica, mas sim natural e normalmente por uma concorrencia que só moralisada e equilibrada é, porém, verdadeiramente livre. (1)

Substituir ao escravo negro o trabalho do chinez é crear indiscretamente os problemas contra que hoje se debate a California. São exemplos actuaes e não méras opiniões, nem documentos mais ou menos discutiveis arrancados ao passado. Esmagada pela concorrencia pertinaz como a de um viveiro de formigas, pela concorrencia dos chinezes passivos, humildes, calados mas infatigaveis, a California não hesita em rasgar a constituição, negar a liberdade, decretar a expulsão inteira de uma gente que lhe pesa e a absorve e a domina. A lei da salvação-publica, a fatal e dura lei da Razão-d'Estado, impondo-se cruelmente, obriga a suspender a norma das garantias liberaes. A immigração chineza trouxe comsigo a crise da California: porque iria o Brazil, para augmentar a

(1) V. *Regime das riquezas*, pp. 157 e segg.

riqueza dos seus fazendeiros, buscar os elementos de futuras crises constitucionaes?

Substituir ao escravo negro o chinez livre, é prolongar a condição colonial, e embaraçar o desenvolvimento dos orgãos naturaes nacionaes. Só uma população homogenea fixa, mais ou menos productora de tudo o que é essencial á vida, póde constituir verdadeiramente uma nação. Um aggregado de gente sem unidade, uma minoria de lavradores opulentos explorando o trabalho de uma população exotica e inferior, e uma producção exclusiva por cuja troca se obtém as commodidades necessarias á existencia, foi sempre o caracter proprio de uma colonia.

A historia do Brazil mostrou-nos isto com evidencia na comparação da *fazenda* portugueza do norte com a nação embryonaria do sul; e se o Brazil é um imperio politicamente independente, ao segundo e não ao primeiro dos seus dois antigos estados o deve. Não basta a independencia politica para constituir uma nação: a este termo corresponde a idéa de uma autonomia ethnica, moral, intellectual e economica. A colonia é o contrario d'isto.

Lançar sobre um fundo de sete ou oito milhões de europeus uma onda de chinezes ou indios, que não se esgotará se a corrente fôr favorecida pelo clima e outras condições, seria decerto enriquecer agora os cultivadores de algodão e café; mas seria tambem, n'um futuro proximo, ou arruinar o porvir da nacionalidade nascente, ou lançal a nos perigos de crises gravissimas. Ou a reacção do elemento europeu conduziria a uma situação qual é a actual da California, ou esse elemento seria abafado e perdido nas ondas de uma população asiatica; e os laivos de sangue branco, cada vez mais

obliterados pelos cruzamentos successivos, desappareciam por fim. Um Brazil chinez, isto é, a substituição de um dos focos de civilisação europêa na America, por uma nação mestiça e abastardada, é uma perspectiva repugnante.

Além de todos estes graves embora remotos perigos, não devem esquecer-se as consequencias immediatas de uma immigração chineza. A corrupção caduca da velha Asia lavra n'essas raças para as quaes a idéa de um progresso moral e material parece já estranha. (1) Estagnadas, como as aguas de uma lagoa, apodrecem. E os *coolies* que emigram são ainda a escoria de uma população avariada em todo o seu systema. E para além d'estas nodoas que a immigração purulenta lançaria entre as populações europêas, estão considerações de outra ordem. O chinez não emigra, viaja. Não muda os penates, aluga temporariamente o braço. Não é uma população que se fixa, é a maré em permanente fluxo e refluxo. As consequencias de ordem ethnica ou moral são portanto as mesmas, sem o serem porém as de ordem economica. A onda que vem chega nua e faminta; a onda que vae, regressa cheia e vestida. As economias do trabalho não se consolidam n'uma terra que para o chinez não é patria adoptiva, mas sim estação temporaria amenas; e os metaes, especie em que leva comsigo as suas economias, escasseiam desde logo, provocando as crises do numerario.

Um Brazil europeu e não asiatico, uma nação e não uma colonia, eis ahi o seguro porvir da antiga America portugueza. Seguro, mas lento: assim se construem as obras duradouras. De que vale, para que serve, a cega precipitação, a mais cega pressa

(1) V. *Theoria da hist, universal,* nas *Taboas de chronol.*, pp. XX-XXII,

de devorar toda a riqueza do mundo? Exploramos uma concessão vitalicia, ou somos apenas, nós homens de hoje, um momento e um aspecto da indefinida successão das gerações? Solidarios com os antepassados e os vindouros, accesos no respeito da humanidade eterna e ideal, é que os homens fundam as nações. O secco utilitarismo, o egoismo individual, o materialismo pratico, são armas uteis — mas só para obras inferiores. Jámais com ellas se crearam Romas!

VI

A immigração européa

Quando appareceram as causas e as medidas, que no principio do seculo annunciavam o fim á escravidão negra; quando o Brazil foi aberto ao estudo dos naturalistas e os seus portos ao commercio de todas as nações, desenvolveu-se um movimento no sentido de provocar uma immigração de suissos e allemães. Pensou-se em desviar para o sul uma parte da corrente de emigração que da Europa e do centro e norte vae todos os annos para os Estados-Unidos; e com esse novo affluxo de homens fomentar a colonisação do reino, depois imperio do Brazil, mais rapidamente do que o consentiam o augmento natural da população e a immigração dos portuguezes. Quatro colonias creadas e protegidas pelo Estado se fundaram então com exito, (1) e hoje, emancipadas, entraram

(1) Santo-Agostinho (Esp. Santo) 1812; Leopoldina (Bahia) 1818; Nova Friburgo (Rio de Janeiro) 1819; S. Leopoldo (Rio grande do sul) 1825.

politicamente no systema da administração geral do imperio, embora a sua população germanica se não fundisse no corpo da população nacional. Até ao meiado do seculo, as provincias, pelos seus governos, seguiram o exemplo do Estado; mas as tentativas posteriores aos primeiros ensaios não deram resultados correspondentes. De onze colonias creadas (1826-46), sete definharam e morreram. E' no decennio seguinte que a iniciativa particular intervem decididamente creando o typo das colonias de parceria, cujo resultado porém não correspondeu ás esperanças. A agitação produzida em 60-1 provou esteril, e o systema da colonisação foi caindo gradualmente em abandono, apesar das quantiosas sommas dispendidas pelo thesouro para o amparar. (1)

O exito duvidoso — para uns proveniente dos erros da administração apenas, para outros de

---

(1) Estes são os algarismos principaes da estatistica das colonias européas do Brazil:

1 Colonias existentes em 1875

PROVINCIAS	COLONIAS DO Estado	Prov.	Partic.	Total		Popul.
Pará	1	1	1	3	com	237 h.
Bahia	1	2	—	3	»	1:941 »
Paraná	1	4	3	8	»	3:138 »
Espirito Santo	3	—	1	4	»	7:297 »
Minas	1	—	1	2	»	2:020 »
Rio de Janeiro	1	—	—	1	»	400 »
Santa Catharina	2	1	1	4	»	19.856 »
Pernambuco	—	2	—	2	»	900 »
Amazonas	—	—	1	1	»	? »
S. Paulo	1	—	13	14	»	2:142 »
R. g. do Sul	1	5	4	10	»	10:552 »
	12	15	25	52	»	48 483 »

causas mais graves — das colonias do Estado voltara todas as esperanças para a colonisação livre. A' lei de 1850, baseada nos principios do regime agrario da Australia, ligava-se uma viva confiança. A facilidade da navegação, as crises industriaes da Europa que desterravam annualmente para o novo mundo centenas de milhar de homens, deviam favorecer o Brazil como enriqueciam os Estados-Unidos e as colonias inglezas.

D'estas, contam para cima de 2:000 habitantes:

Soledade	no Rio grande do Sul	2:187 h.	diversos
Itajahy	em Santa Catharina	2:891 »	allemães
S. Leopoldina	no Espirito Santo	5:000 »	»
Blumenau	em Santa Catharina	7:621 »	»
D. Francisca	»	7:860 »	»

Em 1873 a população colonial era de 40:323 h. e como em 1874 se emanciparam, entrando no regime administrativo commum, as colonias de Santa Cruz e S. Angelo, com 8:816 h., vê-se que de 1873 a 1875 houve o accrescimo de 16:976 h.

11 Emancipação e extincção até 1875

PROVINCIAS	EMANCIPADAS			EXTINCTAS			TOTAL		
Rio gr. do Sul	3 com	31:545 h.		7 com	?	h.	10 com	31:545 h.	
Santa Catharina	6 »	3:311	»	4 »	282	»	10 »	3:593	»
Paraná	—	—		3 »	?	»	3 »	?	
S. Paulo	—	—		42 »	3:075	»	42 »	3:075	»
Rio de Janeiro	3 »	10:348	»	5 »	670	»	8 »	11:018	»
Minas	—	—		1 »	195	»	1 »	195	»
Espirito Santo	2 »	801	»	1 »	16	»	3 »	817	»
Bahia	1	?	»	4 »	1:366	»	5 »	1:366	»
Piauhy	—	—		2 »	?	»	2 »	?	
Maranhão	—	—		6 »	974	»	6 »	974	»
Pará	—	—		2 »	?	»	2 »	?	
	15 »	46:005	»	77 »	6:578	»	92 »	52:583	»

Das colonias emancipadas contavam acima de 2:000 h.

S. Leopoldo	no Rio grande do Sul	(Estado)	com 22:729 h.
S. Cruz	»	(Prov.)	» 7:000 »
Petropolis	no Rio de Janeiro	(Estado)	» 8:200 »

Todas as colonias extinctas eram inferiores a 2:000 h.

Fizeram-se contractos, mais ou menos bem pensados, como sociedades de emigração. Os inglezes, os allemães, transportados gratuitamente em vapores subsidiados, encontrariam terrenos demarcados na orla dos caminhos de ferro; pagal-os-hiam durante seis annos por um preço minimo (0,5 a 2 réis por 4,84 m. q.); teriam livres a importação de bagagens e utensilios e um subsidio de installação.

Ao mesmo tempo o Estado subsidiava as pro-

Diversas conc'usões podemos tirar d'estes algarismos:

a) Sommando a pop. das colonias, existentes, emancipadas e extinctas, obtemos o numero de 101:066: d'este numero 65 por cento, ou 25:546; é representado pelas colonias de S. Catharina e Rio grande do Sul; o que nos demonstra que a colonisação germanica só se tem fixado no extremo sul do Brazil, onde o clima é mais benigno.

b) As provincias do norte não tem colonias; poucas o centro; e a povoação d'esta especie não se alongou álem da zona maritima.

c) Retirando, do total de 101:066 h. das 144 colonias creadas, as do Rio de Janeiro, S. Catharina, Rio grande do Sul e Espirito-Santo, que são 50 com 85:078 h., vemos que, do resto, dous terços extinguem-se, não vingam.

111 O regime das colonias

As creações de colonias pelo Estado são mais fecundas do que as das provincias, e dos particulares:

		ESTADO	PROVINCIAS	PARTICULARES
Colonias creadas		31 com 62:376 h.	20 com 15:629 h.	93 com 22:998 h.
»	emancipadas	10 » 36:860 »	4 » 8:816 »	1 » 329 »
»	extinctas	9 » 1:815 »	1 » ?	» 67 » 4:763 »
»	existentes	12 » 23:701 »	15 » 6:876 »	25 » 17:906 » *(a)*

(a) *D. Francisca* (S. Catharina) conta por si só 7:860 h. As 24 restantes 10:046 h.

Por periodos, eis a estatistica da fundação e extinção:

1812 a 1825	creadas	4	extinctas	—
1826 a 1846	»	11	»	7
1846 a 1860	»	96	»	66
1860 a 1875	»	33	»	4
		144		77

vincias, organisava a agrimensura e o cadastro, para distribuir e garantir a propriedade dos recem-chegados; ao mesmo tempo abria a todas as bandeiras a navegação do Amazonas, e não recuava um passo diante de qualquer obstaculo na empreza de chamar ao Brazil os colonos da raça germanica.

Apesar de tudo, porém, a onda da emigração do norte não corria para o imperio. Os portuguezes continuavam a formar metade e mais dos

---

No periodo de 1846-60 floresceu a creação de colonias particulares, em S. Paulo principalmente, mas sem exito algum. D'essas 43 colonias de S. Paulo, fundadas pelo systema de parceria agricola, 39 cairam mais ou menos rapidamente. As quatro restantes conservaram-se sob o regime do salario, ou de preço por unidade de colheita; e por esta mesma fórma se regem as que posteriormente se fundaram. 10, creadas em 1855 no Rio e no Maranhão, cairam todas. 49 das 66 colonias extinctas no periodo de 1846-60, cairam pois por vicio da constituição.

A venda das terras pelo Estado dá-nos ainda outro modo de avaliar o fomento da colonisação. Foi annualmente o producto, de:

até 1857-8	— 0	até 1612-2	— 118 contos
» 1858-60	— 6 contos	» 1662-3	— e seguintes annos
» 1860-61	— 29 »	»	inferior a 20 contos.

As despezas que o Estado tem feito com a colonisação sommaram, de 1851 a 1871:

Colonisação	8:339 contos		
Agrimensura	3:271 »		
Diversas	630 »	12:240 contos	
Producto das terras		347 »	
Liquido		11:893	

Vimos que a população colonial total (suppondo que todos os habitantes das colonias extinctas se fundissem na pop. geral) somma e sommava 100:000. D'este numero, porém, boa metade entrou no Brazil antes de 1851. Por 50:000, pois, se deve dividir a despeza de 12:000 contos (fracos); porque de ha, com effeito, uma certa immigração não colonial, auxiliada pelos subsidios do governo, por outro lado a immigração portugueza, parte da qual se fixa tambem nas colonias, é gratuita. Assim o custo de cada colono allemão (quasi exclusivamente o tem sido) regula por 240 mil réis. Vale eese preço?

novos subsidios da população brazileira. (1) A que attribuir semelhante decepção? A varias causas, superiores á vontade dos estadistas e á influencia dos subsidios. A' frente d'ellas está a do clima, não pela insalubridade, caso excepcional, mas pela temperatura. A experiencia de seculos já numerosos tem demonstrado que as raças germanicas não se fixam nas regiões tropicaes, maximé quando a concorrencia lhes offerece zonas temperadas de colonisação. Em seguida a esta causa natural, apparece outra social: o Brazil é um estado latino e catholico, e os allemães protestantes são e ficam estrangeiros. Decrete embora a lei uma nacionalisação franca: as leis não podem fazer mais do que sanccionar factos, ou encaminhar tenden-

---

(1) Estatistica da immigração no Brazil:

	1851-4	1855-64	1864-73 (Rio de Janeiro)
Entradas totaes	34:873	132:079	103:754
Saidas »	7:181	33:085	56:240
Saldo	27:692	98:994	47.514
Entradas de portuguezes	?	71:499	66:258
Saidas »	?	?	32:132
Saldo	?	?	34:126
Saldo medio annual — total	6:923	9:899	4:751
Saldo medio annual — portuguez	?	?	3:412

Immigração no Rio em 1864-73, por nações:

	ENTRADAS	SAIDAS	SALDO
Portuguezes	66:258	32:132	34:126
Allemães	3:435	2:273	1:162
Americanos	3:691	2:309	1:382
Francezes	6:714	5:032	1:682
Inglezes	6:454	4:188	2:266
Italianos	10:651	5:602	5:049
Hespanhoes	4:107	2:603	1:504
Diversos	2:444	2:101	343

(No livro IV § 5.º o leitor encontrará mais demoradamente estudados os algarismos da immigração portugueza.)

cias anteriores. A nacionalisação politica é uma van palavra, quando não corresponde a uma assimilação social.

E' esta que se não dá no Brazil com as colonias germanicas. Vivem no seio do imperio, á alleman, com o seu culto, a sua lingua, os seus jornaes, os seus costumes. São um braço distante da *vaterland* europeia, e não uma molecula fixa da população brazileira. Estão na America sem se tornarem americanas. — Isto não succede, porém, nos Estados-Unidos, e d'ahi os inglezes pretendem o exclusivo da propriedade de assimilação das nacionalidades que emigram para as suas actuaes ou passadas colonias. Uma observação mais intima do facto, exacto em si, nos dará porém uma ex-

---

O saldo de portuguezes é, n'este periodo, de quasi de 75 por cento do total, embora a nossa immigração viesse baixando, de quasi 10:000 que era em 1855, a pouco mais de metade. A de allemães foi crescendo de 522 (1855) a mais de 4:000 (1862) por anno; para descer no periodo de 1864-73 á media annual de 343. Depois dos portuguezes, os italo-hespanhoes, que abastecem o Rio da Prata, são mais numerosos. *(N. da 1.ª ed.)*

Em 1879 a immigração europêa no Rio foi de 22:189 contra 8:806 saidas: saldo 13:383. Em 1880 as entradas accusam um numero proximamente egual, a saber:

Italianos.....	9:404
Portuguezes.....	8:606
Allemães.....	2:385
Hespanhoes.....	1:254
Diversos.....	1:210
Somma.....	22:859

Em 1879 o numero de portuguezes fóra 8:841, o de allemães 2:022, mas como d'estes sairam 1:653, o saldo ficou apenas em 360. Vê-se d'isto que, ao passo que a immigração alleman definha, que a portugueza não augmenta — cresce a italiana, e ainda bem. «Os italianos, dizia o *Times*, de que ha 10 annos apenas se fallava, montam a 60:000 no imperio.» *(N. da 2.ª ed.)*

explicação inteiramente diversa. A affinidade das raças é o mais poderoso elemento de assimilação: d'ahi vem, com o parentesco do sangue, a irmandade de instinctos religiosos e sociaes, consagrados em cultos e instituições, senão eguaes, similhantes e em essencia identicos. Por isso o sangue germanico encontra nos Estados-Unidos uma patria que não vê no Brazil, por isso aos italo hespanhoes succede o inverso na America néo-portugueza. Os sacrificios feitos em vão pelo Brazil, para fixar a emigração alleman no imperio, teriam tido um resultado diverso se fossem dirigidos para a Italia e para a Hespanha, nações irmans de sangue e genio, cuja emigração relativamente abundante colonisa o Rio-da-Prata. A immigração latina, portugueza-italiana-hespanhola, augmentando a população, augmentaria a homogeneidade e a consistencia do novo imperio. Ver-se-hia então como o facto da assimilação não é um privilegio dos saxonios, mas sim uma consequencia do parentesco das raças. E por outro lado a colonisação não ficaria adscripta á região temperada do extremo sul do imperio, porque os latinos do meio-dia da Europa acclimatam-se sob os tropicos, ao contrario dos allemães e saxonios.

Demos, porém, que as condições naturaes e sociaes não tornassem por tal fórma impossivel a colonisação germanica. O futuro do Brazil seria extravagante. Estalagem aberta a todos os povos europeus, afastados pela raça e pelos costumes, incapazes de formarem fundidos o corpo de uma população homogenea, o imperio fraccionar-se-hia fatalmente em um systema de nações minusculas néo-portuguezas, e néo-suissas, néo-allemães, néo-inglezas, etc., como são em embryão as colonias germanicas actuaes. Poderia ter ganho com isso

o desenvolvimento da riqueza, mas o futuro da nação ficaria gravemente abalado, e por fim certamente perdido.

Do seio do Brazil se têm ouvido os protestos contra esta politica erronea, já decadente. Esses protestos, n'um sentido, são inuteis, porque a força das cousas resiste por si só com energia bastante aos planos que a contrariam; mas o grito do *Brazil para os brazileiros* tem para nós o alto merecimento de demonstrar um facto, de resto já de ha muito provado: a existencia de uma consciencia collectiva, de um sentimento definido do futuro nacional. — «Ao cabo de alguns annos, que será d'este nosso Brazil latino, catholico, na presença d'esse outro Brazil germanico, protestante, em habitos, em indole, em tudo completamente repulsivo, antagonico ao Brazil a que pertencemos?»

Facil é diagnosticar o que seria.

O futuro certo, seguro, consistente e verdadeiramente grande do imperio está no desenvolvimento homogeneo da sua população. A immigração é um bem; mas é mistér que a infusão de sangue estranho não vá além dos limites de quantidade que o fundo preexistente póde assimilar, e muito menos que traga elementos antipathicos ou heterogeneos. D'esse modo fórma-se uma estalagem, nunca uma nação. Primeiro, o sangue portuguez, e o gallego (que portuguez é) e o italiano depois, como affins, eis o que convem ao temperamento do Brazil e ao seu clima tropical. E' pequena a infusão, lento o desenvolvimento? Assim deve, assim tem de ser. Não se comparem os milhares de immigrantes do Brazil com as centenas de milhar dos Estados-Unidos, senão quando se puzer, ao lado, o fundo fixo da população de um Estado

e o do outro. Entre sete ou oito milhões de brazileiros e quarenta ou cincoenta norte-americanos ha uma distancia que não é apenas proporcional.

Para bem avaliar o desenvolvimento das duas grandes nações americanas é mistér não contrapôr numeros que abstractamente nada significam: é necessario comparar o *ratio* d'esse desenvolvimento. Pois tão pouco tem crescido a população brazileira? Absolutamente será pouco, relativamente é tanto ou mais ainda que nos Estados-Unidos. (1)

Imaginar possivel que no Brazil entrem an-

---

(1) A povoação dos Estados-Unidos era de 4 milhões em 1790; e subia a 33 em 1870; octoplicára.

A do Brazil, estacionaria no elemento negro, *decuplicou* no elemento europeu:

		1789	1816 (Balbi)	1872
Brazileiros.....		800:000	843:000	8.200:000
Estrang. europeus...				220:000
Mestiços	livres....	?	426.000	—
	escravos..		202:000	—
Negros .	livres....	—	159:500	—
	escravos..	1.500:000	1.828:000	1.510:000
		2.300:000	3.358:500	9.930:000
Indigenas.....			259:400	
			3.617:900	

Balbi dividia assim a população (1816) segundo a côr:

Raça branca.....	843:000
» vermelha.....	259:400
» preta.....	1.887:500
Mestiços.....	628.000

Em nenhum d'estes calculos se inclue a população india selvagem, orçada hoje em um milhão.

Para se poder formar melhor idéa da localisação do augmento da população, eis aqui alguns numeros, calculados em datas anteriores ao censo de 1872, e comparados com elle:

nualmente duzentos ou trezentos mil europeus de qualquer raça é uma illusão; desejal-o é um erro

---

PROVINCIAS						
Rio Grande do Sul..	1801	40:000	1816	97:600	1872	434:813
S. Paulo.....	1808	200:000	»	253:400	»	837:354
Minas.....	»	510.642	»	480.000	»	2.039:735
Matto-grosso.....		?	»	68:400	»	60:477
Goyaz.....	1804	50:539	»	90:000	»	160:359
Rio de Janeiro.....		?	»	575:000	»	782:724
Bahia.....	1775	245:000	»	858:000	»	1:379:616
Pernambuco.....	1804	550:000			»	841:539
Parahyba.....	1775	52:000	»	739:000	»	376:226
Ceará.....	1813	150:000			»	721:686
Rio Grande do norte	1775	23:000			»	233:979
Maranhão.....		?	»	182:000	»	359:040
Pará.....		?	»	269:500	»	275:237

Provincias destacadas, cuja população anda incluida nas denominações regionaes dos calculos anteriores ao censo de 1872:

Amazonas.....	pelo censo de 1872	57:610
Piauhy.....	»	202:222
Alagoas..... ...	»	348:009
Sergipe.....	»	176:243
Espirito Santo.....	»	82:137
Municipio da Côrte..	»	274:972
Paraná.....	»	126:722
Santa Catharina.....	»	159:802

Se agora reunirmos os numeros do Censo de Balbi em 1816 e do de 1872 nas seis regiões divididas a p. 124 para estudar a densidade da população, acharemos:

		1816	1872
I-II	Côrte, Rio-de-Janeiro e Espirito Santo	575:000	1.139:833
III	Ceará, Parahyba, Alagoas, Pernambuco Rio-g. do norte, Sergipe, Bahia	1.597:000	4.076:698
IV	S. Paulo, Minas-geraes.....	738:400	2.877:089
V	Rio-g. do Sul, Santa Catharina, Paraná	97:600	721:937
VI	Pará, Amazonas, Maranhão, Piauhy, Goyaz e Matto grosso.....	609:900	1.114:921

Estes numeros, por pouco aproximada que seja a sua exactidão, patenteiam claramente o sentido em que se tem dado o desenvolvimento da população.

deploravel. Mais vale o caminhar, segura e normalmente, do que a precipitação cheia de riscos. E' dissolvente para a organisação interna de uma nação o ingresso abrupto, a infusão precipitada de elementos que, além de excessivos para as forças de absorpção do povo nacional, forçosamente tem de ser por natureza rebeldes e até insusceptiveis de assimilação. E' melhor a immigração lentamente natural que se proporciona ás forças do paiz e se funde, do que a irrupção turbulenta de massas famintas e desmoralisadas. Por brilhantes ou seductores que pareçam exemplos como os da Australia, o facto é que mais de um observador perspicaz descobre ahi motivos para eventuaes crises futuras.

O progresso de uma nação differe essencialmente da exploração de um territorio concedido. N'uma empreza o futuro é vitalicio, o ponto-de-vista é apenas o lucro. O Brazil não é uma concessão dada, é uma nação crescente. O acanhado criterio exclusivo do lucro das lavouras e do commercio não basta: é mistér porém que subordinadamente esse criterio concorra para a construcção firme e duradoura do Estado. (1)

---

(1) Eis aqui as palavras da correspondencia para o *Times*, substancioso estudo em que folgamos achar a confirmação das nossas opiniões anteriormente expressas na 1.ª edição d'este livro: «Se o Brazil procurar, com a população que tem, desenvolver os seus recursos, verá que possue em si, senão todos os elementos de grandeza, pelo menos todos os requisitos de felicidade... O branco não poderá fazer muito no valle do Amazonas ou nas terras baixas das provincias do Norte; mas no Rio-grande, em Santa-Catharina ou em Minas e n'outros districtos meridionaes e montanhosos, onde se póde gozar a vida, o trabalho, qualquer trabalho, é praticavel.»

VII

O desenvolvimento da riqueza

Nas sociedades novas, porém, a riqueza tem um papel mais dominante do que a sciencia e a philosophia. E' a iniciação pratica, apoz da qual vem o labutar das escholas e doutrinas; é a creação da força collectiva, que precede a creação das idéas em que o homem não encontra satisfação a nenhuma necessidade utilitaria. Assim aconteceu na vida das nações da Europa; porque em toda a parte a constituição do orgão precede o apparecimento da funcção. Sem que a sociedade veja formada a sua structura, estavel a sua riqueza; sem que se saciem as ambições levantadas pelos thesouros naturaes patentes, e pela escassez de braços para os arrancar e mobilisar — jámais as nações poderam ter uma voz no concerto da humanidade. São assim os Estados-Unidos: quarenta milhões de homens que apenas hoje começam a contar por alguma cousa na vida intellectual da civilisação. Assim é o Brazil, e nem podia ser outra cousa.

N'essas sociedades que começam, e progridem com um fundo de elementos de riqueza quasi inexgotavel, garantia de um futuro que excederá o europeu, quando a Europa estiver para a America da mesma fórma que a Grecia, primeiro fóco da civilisação, o está hoje para a Europa; (1) n'essas sociedades que começam, dizemos, realisa-se a historia de Robinson. Urge construir a cidade, levantar as habitações, obter os alimentos e enriquecer. As cidades maritimas são as melhores universi-

(1) V. *Theoria da hist. universal,* nas *Taboas de chronol.,* pp. XVIII-XX.

dades, o commercio um professorado excellente.

O caminho de ferro tem mais valor do que os estudos sobre as manchas do sol, as cordilheiras da lua, ou a civilisação dos assyrios. As escholas commerciaes e industriaes são mais necessarias do que as academias; a charrua, o martello e a alavanca ainda mais uteis do que os abecedarios. Os engenheiros, geologos, naturalistas e artifices primam sobre os advogados e theologos; e, da mesma fórma que as folhas diarias primam sobre os livros, os manuaes, as *receitas*, a instrucção pratica e applicada, primam sobre as obras de sciencia pura. Não ha vagar nem inclinação para estudar as causas primeiras das cousas: quer-se e basta conhecer o modo como as sciencias, nas suas descobertas, podem ser instrumento de exito immediato.

Este caracter das sociedades americanas torna-as ainda tão dependentes da Europa como da Grecia o foi Roma, quando, opulenta e forte mas sem autonomia scientifica e intellectual, tinha de ir beber a Athenas a instrucção superior, abstracta, que é o fermento vivificante sem o qual as sciencias praticas ou artes definham e morrem. As necessidades primarias são mais urgentes, impõem-se com uma força exclusiva.

Entre essas necessidades, porém, honra seja ao Brazil que tão alto põe a instrucção elementar, (1)

---

(1) O ensino primario é publico, e obrigatorio em algumas provincias. O Estado subsidia a instrucção com 5:200 contos e as Provincias com 4:500; o que somma 9:700 contos (fracos) para 10 milhões de habitantes. O enthusiasmo dos governos provinciaes vae ao ponto de consumirem com a instrucção a quinta, a quarta, até á terça-parte (Minas, Goyaz) dos seus orçamentos de receita. (Comparem-se 4:850 contos e 10 milhões h. com os nossos 6 ou 700 contos e 4 milhões de portuguezes) O numero das escholas primarias e secundarias é de 5:800, com a frequencia de quasi 200.000 alumnos.

que por toda a parte multiplica as bibliothecas. Esses institutos de ensino formam já hoje a primeira e indispensavel condição do desenvolvimento material de um paiz. Não é só o espirito que os reclama, é o interesse.

Esgotadas as minas, banida para as tradições da historia a caça dos indigenas, abolida em principio a escravidão, o novo Brazil remiu-se do fardo da herança colonial. A agricultura, fonte de um commercio abundante e prospero, exige dotes diversos e melhor educação. Nós vimos a que ponto de abandono chegara, em Minas, no coração do imperio, a agricultura batida pelo enthusiasmo do ouro. Quando esse enthusiasmo caíu, havia por toda a parte ruinas e campos incultos: foi por essa época a immigração de D. João VI, e d'ahi tambem data a moderna edade do Brazil. Voltou a olhar-se para os campos, e os habitantes acharam no café e no algodão jazigos mais rendosos do que os do ouro. Já em 1820 os progressos da provincia de Minas admiravam os observadores. O algodão em rama e tecido, o café, os couros, o tabaco, as carnes ensaccadas do viveiro pecuario do Brazil central, desciam ao Rio carregando em viagens successivas duas mil bestas. Os saldos de dinheiro eram agora a favor da lavoura da provincia. A partir de então o progresso agricola (1) do imperio

---

(1) Eis aqui alguns dados sobre a producção agricola actual do imperio:

Café. — 1 hectare recebe 920 pés e um homem cultiva 2 hectares. A producção do hectare varía, com as terras, entre 7 e 2.000 kil. com o rendimento medio de 600$600 rs.—As culturas occupam 650:000 hectares com 600 milhões de pés, que produzem 260 mil toneladas de café, das quaes 50 mil se consomem no paiz.

Cana — O hectare produz uma tonelada de canas ao fim de 15 mezes.

foi geral, constante, apesar de uma ou outra crise local; e a população começou a crescer n'uma razão até ahi desconhecida.

Correspondentemente cresceu o commercio. (1) Multiplicou-se por quinze o movimento externo das

---

O canavial dura 16 a 20 annos. Pernambuco-Bahia, e as provincias limitrophes são o centro da população do assucar.

Tabaco. — Na Bahia: exportação de 1;500 toneladas.

Algodão. — O hectare contém 4:500 pés que dão 2 toneladas de algodão. Um trabalhador basta para 3 hectares. Além da cultura, o Brazil fia e tece o algodão em 30 fabricas montadas com o capital de 6:500 contos.

O seguinte quadro das exportações maritimas no quinquennio de 1869 a 1874 dará idéa da importancia das diversas producções:

Media annual da exportação	(100)	192:153 contos
1 Café	47,4	91:098
2 Algodão	17,2	33:013
3 Assucar	12,5	24.106
4 Couros	6,6	12:689
5 Gomma elastica	5,4	10:320
6 Tabaco	3,4	6:540
7 Herva-mate	1,9	3:595
8 Ouro e diamantes	1,4	2.582
Diversos (abaixo de 0,6)	4,2	8:210

(1) Estatistica commercial do Brazil: (Moeda-fraca)

a) Valor total annual medio do commercio maritimo externo:

antes de 1808	22:600 contos	razão media do progresso — 20,67 por cento
1893-44	66:169 »	
1849-54	148:214 »	
1859-64	236:512 »	
1869-74	347:270 »	

	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES	SALDO
1864-9 (totaes)	723:978	847:418	123:440
1869-74 »	775:630	960:767	185:137
Excessos	51:652	113:349	61:697

alfandegas, ao mesmo tempo que a cabotagem, sextuplicando quasi, traduzia as crescentes relações entre as provincias litoraes do imperio. Ao lado da Inglaterra, até então exclusiva fornecedora do Brazil, appareceram nos seus portos as

---

b) Idem de cabotagens (importações)

1839-44	17:275
1849-54	24:204
1859-64	42:020
1869-74	93:585

c) Nacionalidade do commercio externo (percentagens)

	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	SOMMA
	(100)	(100)	(200)
Inglaterra	51,47	45,30	96,77
França	19,49	13,46	32,95
Estados-Unidos	4,67	20,90	25,57
» da Prata	9,13	4,75	13,88
Portugal	5,01	4,73	9,74
Allemanha	5,21	3,43	8,64
Outras nações:			
da America	4,56	6,72	11,25
da Europa	0,49	0,71	120

d) Progresso da exportação dos productos nacionaes:

		MEDIAS ANNUAES		MULT.
		1839-44	1869-74	
Café	tons.	83:700	165:120	2
Algodão	»	10:400	54:440	5
Assucar	»	82:170	153:285	1,9
Couros	»	12:500	27:932	2
Gomma	»	391	5:583	14
Tabaco	»	4:306	14:975	3,5
Mate	»	2:487	15:717	6
Cacau	»	2:540	4:578	1,4
Aguardente	»	5:503	5:769	0
Mandioca	»	1:821	8.453	3,6
Jacarandá	»	565	4:740	8
Despojos animaes	»	231	1:469	7
Ouro	gram.	1:131	732	— 0,5
Diamantes	»	2,3	15,7	7

bandeiras de todo o mundo, e a razão do progresso annual do commercio—razão que excede o de qualquer outra nação—traduzia-se por um augmento do saldo de exportações, facto de significação eminente em paizes coloniaes e não capitalistas. Fomentado e exigido pelo commercio, creava-se um systema gigantesco de instituições de credito, (1) não raro viciadas pelos desvarios d'essa especulação agiota que é o preço de grandes conquistas e a dôr de serios trabalhos.

A que attribuir principalmente, porém, um tão extraordinario desenvolvimento da riqueza agricola da nação, um tão vasto progresso do commercio correspondente, e o seguro e fixo augmento da população, que atraz deixámos estudado, senão ao empenho que o Brazil tem posto em cortar as suas serranias e campinas por vias de communicação e transporte faceis e economicas? Se espanta o desenvolvimento da riqueza, a nossa impressão desapparecerá quando virmos o que se tem feito para a fomentar. Considerando com razão anachronicas e insufficientes hoje as estradas macadamisadas, o Brazil, seguindo o exemplo de todas as nações com juizo, empenha-se primeiro em fazer caminhos

---

(1) Bancos e companhias de credito:

Rio de Janeiro	17	com	40:000	contos,	capital
Bahia	6	»	17:000	»	»
Alagoas	.	»	400	»	»
Pernambuco	1	»	1:800	»	»
Maranhão	2	»	4 600	»	»
Pará	1	»	1:000	»	»
Campos	2	»	1:300	»	»
Santoa	1	»	500	»	»
Campinas	1	»	500	»	»
Rio grande do sul	3	»	2.600	»	»

de ferro. São essas as arterias da circulação; e as estradas, com vias de serviço local subalternas, estão em segundo logar e dependentes das direcções que as primeiras impozeram ao movimento das pessoas e mercadorias. Os caminhos de ferro, cuja rede cresce prodigiosamente, as linhas de navegação a vapor fluviaes e maritimas, e os telegraphos, (1) nervos do corpo das sociedades modernas

---

(1) Estatistica das vias de communicação (1875):

a) Estradas macadamisadas: kilom.

Pará	562		
Parahyba	60		
Pernambuco	251,	em construcção	250
Espirito Santo	—	»	287
Minas	232	»	446
Paraná	85	»	98
Santa Catharina	—	»	206

b) Navegação a vapor maritima e fluvial:

28 linhas de paquetes, que o Estado subsidia annualmente com 3:436 contos, exploram uma redé de 54:000 kilom.

1. — Carreiras maritimas do Pará ao Rio grande do Sul, ligando todos os portos commerciaes da costa.

2. — Carreiras fluviaes pelo Prata a Montevideu, e d'ahi pelo Paraguay até Cuyabá (Matto-grosso).

3. — Idem, subindo o Amazonas brazileiro até Tabatinga, na fronteira.

4. — Idem, nos confluentes do norte, pelo rio-Negro.

5. — Idem, nos do Sul, pelo Madeira até Santo-Antonio, pelo Purús, pelo Araguaya, contando toda a regiãp dos sertões.

6. — Idem, nos caudaes secundarios do Brazil: Itapicuru, Mearim Pindaré, Parnahyba (Maranhão-Piauhy;)—Parahyba, S. Francisco, Paraguassu, Maragogipe, etc., na zona litoral.

7. — Serviço das lagoas de Mangaba, Jequiá e dos Patos.

c) A rede dos caminhos de ferro brazileiros cortará todo o Brazil, pondo o interior em communicação com a contra-costa da America. Afóra a linha do Estado (D. Pedro II), os caminhos de ferro são contractados com companhias particulares proprietarias. A bitola geralmente adoptada é de 1 metro. As linhas constituem

— eis o systema de orgãos por via dos quaes o imperio, á custa de graves sacrificios, tem conseguido vêr crescer de um modo singular a apropriação do solo e o aproveitamento das suas riquezas, hoje ainda e por seculos inexgotaveis.

---

duas categorias: geraes e provinciaes. Esse subsidio tem a fórma da garantia do juro de 7 % durante um prazo que para o Estado não póde exceder 30 annos, mas que por vezes as provincias levam a 90. As côrtes tinham authorisado o governo a garantir até 100 mil contos de capital de caminhos de ferro; e d'esses, 81:100 estavam preenchidos. Nas linhas provinciaes concorrem quasi sempre para a garantia o Estado e as provincias; e a relação usual é esta: 5 % o primeiro, 2 as segundas, embora variem os prazos de duração da garantia. O capital consolidado em caminhos de ferro, construidos ou a construir, sóbe a 608 mil contos. Com estudos tem o governo despendido 4:000 contos e com 580 kilom. construidos da linha de Pedro II, 66 mil, ou 114 por kilom.

A extensão das linhas, é de: (1875)

	EXPLOR.	CONSTR.	ESTUDOS	
Geraes	940	513	7:348	kilom.
Provinciaes	990	552	9:969	»
	1:930	1:065	17:317	»

afóra as que ainda estavam apenas em projecto. De 1875 a 1878 a rede em exploração subiu de 1:930 a 2:393 kilom. O rendimento das principaes linhas exploradas foi, em 1874, de:

S. Francisco (Pernambuco)	123	kil.	822	contos ou	6,7	por kil.
Joaseiro (Bahia)	123	»	366	»	3	»
Pedro II (Rio de Janeiro)	509	»	7:604	»	15	»
Leopoldina (Minas)	60	»	165	»	2,7	»
Santos (S. Paulo)	139	»	3:475	»	25	»

Em 1880 as linhas em exploração sobem a 3:059 kil. com mais 1910 em construcção.

d) As linhas telegraphicas poem em communicação todo o litoral do Brazil com os Estados da Europa e da America. Mediam, em 1875, kilom. 5:151; medem hoje 6:230 com 104 estações.

E' mistér porém não esquecer um facto grave: o desenvolvimento da riqueza do Brazil tem ainda um caracter colonial. O café, que constitue metade das suas exportações, está até certo ponto na condição das antigas minas. (1) Se uma causa fortuita, uma das tantas *doenças* que atacam as culturas, apparecesse, a actual prosperidade do imperio converter-se-hia n'uma crise tremenda. Abandonando pelo plantio d'esse arbusto enriquecedor a cultura e o fabrico dos generos essenciaes á vida interna de uma nação, protrahe a sua vida colonial, adia para mais tarde a sua definitiva constituição economica. As theorias da livre-troca, olhando apenas para o lucro immediato, esquecem os necessidades futuras. Pelo tratado de Methuen Portugal devia ser a vinha de Inglaterra; mas o marquez de Pombal teve o bom senso de comprehender que produzir vinho apenas, para comprar pão e fato inglez, poderia ser um bom negocio, mas era uma politica detestavel. Os Estados Unidos pensam hoje como pensava o marquez de Pombal; e de armazem do algodão das fabricas inglezas, tornaram-se tecelões e fabricantes de todas as materias-primas do seu sólo: tornaram-se productores de tudo o que é essencial á vida social, pelo preço transitorio de uma protecção sensata do trabalho nacional. O Brazil é o cafezal do mundo: com o café compra farinha para pão que não tem, compra os pannos para se vestir, e tudo o mais de que ca-

---

(1) «Quasi todos os ramos da agricultura e da industria estão em decadencia. A producção do assucar, comquanto ainda importante, perdeu o primeiro lugar que teve. O algodão, que deveu o seu rapido incremento á guerra dos Estados-Unidos, soffreu baixa egualmente rapida com a terminação d'essa guerra.» *Corr. do Times.*

rece. E' fóra de duvida que ganha muito; (1) mas é tambem incontestavel que póde estar preparando as causas de uma crise futura. Entre uma colonia, independente ou vassalla, e uma nação no sentido economico da palavra, ha uma distancia que os Estados-Unidos galgaram, mas que o Brazil não transpoz de todo ainda. Para o economista, o regime politico e o systema do monopolio ou de franquia dos portos são n'este caso indifferentes; porque o Brazil que comprava as subsistencias primeiro com assucar, depois com ouro, as compras hoje com café. Variam os generos, não varia a condição: economicamente, á idéa de nação liga-se a de um organismo que tem, no conjuncto das suas producções,

---

(1) O accrescimo das rendas publicas é outra prova do progresso economico do imperio:

		GERAES	PROVINCIAES	MUNICIPAES
1826.....	(contos)	6:042	?	?
1840-1.....	»	16:133	?	?
1864.....	»	54:801	12:731	2:655
1874.....	»	101.734	21:734	4:552

porém a analyse da origem das rendas geraes prova o que se diz no texto. Como em todas as colonias, a maxima parte da receita provém do imposto aduaneiro. Em 1873-4 sobre 101 mil contos de receita geral, 75 por cento (75:242 c.) têm essa origem.

Convem notar ainda que, d'esta quantia, a quasi totalidade é cobrada nas seis alfandegas principaes, quatro d'ellas cidades do Brazil colonial. Das duas restantes (Santos e Rio-grande do Sul), uma cresceu com a agricultura de S. Paulo (algodão-café), a outra com a colonisação do extremo-sul:

Rio de Janeiro.	39:194			Alfandegas..	75:242
Pernambuco...	12:262			Diversas rec.	25:922
Bahia.....	9:583	Total..	72:277	Somma..	101:164
Pará.....	4:453	Outras.	2:965		
Santos.....	3:396				
Rio grande....	3:389				

o indispensavel para a sua existencia; e que permuta as sobras com as sobras das demais nações.

Uma nação, eis ahi o futuro do Brazil: para isso deve abandonar a idéa de substituir o trabalho negro por trabalho chinez, embora não escravo, exotico e duplamente mau: por abastardar a população, e por prolongar a condição anormal de colonia. Uma nação europêa e não mestiça, tal deve ser o pensamento, o alvo dos estadistas. Uma nação europêa e uma nação néo-latina, néo-iberica, néo-portugueza — para accentuar bem, no futuro, a existencia d'este povo infeliz, energicamente dotado outr'ora, hoje caduco e digno de melhor sorte; para testemunhar as differenças que o caracter ingenito e a historia deram ás duas nações da Peninsula.

Ao lado da America germano-saxonia ficará no futuro a America latina: as duas raças da moderna Europa historica terão no novo mundo dous representantes eminentes. Mas, na America latina, o dualismo de castelhanos e portuguezes manter-se-ha pela contraposição do Brazil aos Estados de civilisação castelhana. E' já hoje impossivel eliminar, de entre os elementos constitucionaes de qualquer d'elles, as sementes desde tantos seculos lançadas ao torrão americano. A rivalidade, o antagonismo, até as guerras entre os dous typos da civilisação do sul da America, servirão para accentuar e definir um exemplo d'essas differenças constitucionaes, cuja ponderação harmonica fórma o systema vivaz da existencia da humanidade.

Ao lado da America germano-saxonia, com o seu genio pratico e utilitario, ficará a America do sul aos povos que descobriram ambas e todo o resto do mundo desconhecido. Nem a falla nobre do castelhano, nem a grave lingua portugueza se

perderão, como acaso viria a succeder, se o imperio peninsular não tivesse saído da Europa. O genio heroico da civilisação iberica deu-lhe as duas Indias com a espada; vieram depois com a charrua e o martello os saxonios — lugar a todas as ferramentas! Fadados como os romanos para dominar os povos com o imperio, exterminámos e saqueámos como elles fizeram. Acaso não resta de Roma mais lembrança do que a dos morticinios e saques? Acaso não resta da Hespanha outra memoria?

Se, no concerto das tendencias utilitarias dominantes, estas palavras destoarem, perdão para quem acredita que o homem é alguma cousa mais do que um apparelho apprehensor e digestivo. Sempre foi bom que houvesse hereges!

LIVRO QUARTO

A Africa Portugueza

I Estatistica das colonias

		PROVINCIAS OU GOVERNOS-GERAES	COMARCAS	DISTRICTOS	RELAÇÕES
Possessões asiaticas		I INDIA *Goa*. com *Damão* e *Diu* Goa, cap.	Ilhas de Goa Bardez Salsete	Damão Diu	Goa
		II MACAU com *Timor*, no archipelago da Sunda	Macau	Macau Dilli (Timor)	
Possessões africanas	Continente	AFRICA ORIENTAL III MOÇAMBIQUE de 10° 41′ a 25° 58′ ou desde Cabo Delgado a Lourenço-Marques	Quelimane Inhambane Lourenço-Marques Moçambique	Tete Cabo-Delgado Sofala Angoche Bazaruto Terras firmes	
	Ilhas	AFRICA OCCIDENTAL IV ANGOLA (1) cap. Loanda Occupação: nom. 5° 12′ a 18° effec. 7° 49′ a 15° 20′	Zaire ou Congo Loanda Benguella Mossamedes Ambaca		Angola
		V S. THOMÉ ilhas, com o presidio de *Ajudá* e o protectorado sobre o reino de Dahomey (2)	S. Thomé	S. Thomé Principe Ajudá	
		VI GUINÉ cap. Bolama archip. Bijagoz	Guiné	Bolama Bissau Cacheu	
		VII CABO-VEDRE archipelago	Sota-vento Barla-vento		

(1) Em resultado das decisões da conferencia de Berlim (1885) foi garantido a Portugal o dominio sobre o territorio comprehendido entre o Ambriz, a margem esquerda do Zaire desde a foz até Noki, d'ahi pelo parallelo de Noki até ao Cuango, a entestar com as fronteiras anteriores de N. E. da provincia de Angola. Foi garantido mais ao norte do Zaire o territorio de Molembo e Cabinda, isto é, a faxa litoral até ao Chiloango: esse retalho fica destacado da margem direita do Zaire. As duas acquisições constituem o novo districto do Congo ou Zaire, cuja área aproximada é ao sul do Zaire 140:000 kilom. quad. e ao norte 3:090. (A área da

	I	II	III	IV	V	VI	VII
	INDIA	MACAU	MOÇAMBIQUE	ANGOLA	S. THOME	GUINÉ	CABO-VERDE
Areas: Kil. quad.	3.612	12 (Timor 14.316)	1.284.000	1.051.000	1.212	8.400	3.851
População							
(1844-49) Escrava	—		42.196	86.731	5.614	67.000	
Livre-indigena	361.242	?	24.215	297.962	—		
europêa	1.851		100	1.832	185		
asio-africana	695		1.900	—	7.054		
Actual: indigena	405.434	63.000		433.000	—	5.416	—
(1869-79) europêa	1.056	1.500	?	2.862	815	102	919
asio-africana	1.255	5.500		—	22.357	636	83.631
Selvagens	—	(Timor 250.000)	300.000	2.000.000	—	?	—
Total	407.745	320.000	368.411	2.435.862	23.672	6.154	84.550
Orçamento (contos de rs.)							
Receitas (1850-1)	?	?	78	235	7	—	78
id. (1855-6)	739	480	462	594	146	73	255
Despezas (1855-6)	833	466	688	819	178	178	242
Differ. actuaes	— 97	+ 14	— 226	— 225	— 32	— 105	+ 13
Commercio (contos de rs.)							
Imp. e Export. 1842-7	?	?	78	230	7	—	78
Imp. e Export. actual	?	?	2.434	4.077	859	532	1.164
Exportações (1876)							
Café, *tons.*				1.869	1.558		25
Aguardente, *pipas*				1.688	—		—
Algodão, *tons.*				348	—		—
Sementes oleaginosas, *tons.*	?	?	?	341	1	?	4.824
Oleos, *pipas*				866	—		—
Assucar, *tons.*				—	—		22
Cera, *tons.*				1.172	—		—
Cacau, *tons.*				—	489		—

provincia de Angola é avaliada em 908.000 kil. quad.) Todos estes territorios estão sujeitos ao regime da liberdade do commercio e navegação que a conferencia estabeleceu para a bacia geographica do Zaire.

(2) O decreto de 28 de dezembro de 1885 creou o novo distrito de Ajudá e o protectorado em todo o reino do Dahomey, determinando as condições em que têm de ser exercido.

Breves notas completarão as informações necessarias para a comprehensão da natureza das possessões portuguezas da Asia:

1. — A India, que em Gôa fórma um breve territorio encravado no imperio britannico — não fallando nos pequenos presidios de Kambay, *(Damão* e a ilha de *Diu)* — é densamente povoada por indigenas. (110 hab. por kil. quad.) Essa população, outr'ora fabril, tinha em Moçambique o mercado consumidor dos seus tecidos, e ia vivendo. A producção, melhor e mais barata, das manufacturas inglezas arruinou a industria canari. O fabrico do sal, para consumo da peninsula hindustanica, mantem uma fonte de rendimento (383 salinas com 2:000 pessoas); e o dizimo e outras contribuições directas formam uma receita fiscal absorvida pelas despezas. Nem como estabelecimento portuguez, porque a população europêa é minima (1856 hab.); nem como fonte de um commercio importante, porque a exiguidade do territorio e a concorrencia ingleza o impedem; nem como destino de uma emigração, porque é densamente povoada, a India offerece perspectivas de um futuro brilhante. O tratado de 1879 com a Inglaterra valerá decerto muito para a prosperidade de um trato de terreno onde habita quasi meio milhão de homens, por isso mesmo que augmentará a intimidade de relações com a India ingleza, destacando cada vez mais de Portugal esse alfoz da Gôa historica. Para a economia da nação portugueza e para o futuro colonial, a India, e todas as mais possessões orientaes, importam cousa nenhuma.

2. — Macau encontra-se em condições similhantes. Cidade commercial-maritima, sem alfoz, porto-franco na costa da China, o estabelecimento tem de portuguez o nome apenas. E' uma cidade chi-

neza governada por mandarins nossos. Quando a suppressão do trafico dos negros levou as colonias occidentaes a procurarem nos chinezes um substituto dos escravos, Macau tornou-se o porto de embarque dos *coolies*. O anno de 1886 foi o auge d'essa emigração, que, decadente em 1871, (1) era prohibida no anno de 1873. Seccada essa fonte de receita, ficaram os impostos directos, as loterias, a contribuição do *fantam* — Macau é uma casa de jogo — para dar um rendimento que os empregados portuguezes consomem. Esse mesmo rendimento acabou desde que o governo chinez permittiu o *fantam* em Cantão. O commercio é chinez, feito por chinezes. Entre a metropole e Macau extinguiram-se os restos de antigas relações; e os dois pontos da Asia continental, memoria apenas de um passado imperio maritimo-commercial, estão de facto destacados da vida portugueza. Nem a immigração, a não ser de empregados publicos, nem o commercio, estabelecem relações cujo valor seja licito discutir.

Occorre portanto esta pergunta: para que servem? não seria melhor alienal-as? Servem para dar de comer aos empregados que para lá vão, pois que os sustentam; servem ainda para obrigar os navios de guerra portuguezes a fazer uma vez por outra longas viagens de estudo. Não pezam, nem custam. Alienal-as formalmente seria crear sem motivo uma d'estas questões, em que as occas phrases dos jornaes levantam uma agitação prejudicial, explorando sentimentos — o padrão das nossas conquistas, o monumento das nossas glorias, a terra de Albuquerque, a gruta de Camões, etc.

---

(1) 1886 — 24:000; 1871 — 16.000.

Taes dizeres, sem valor economico, têm porém um valor moral, emquanto ha patriotismo e sentimento de solidariedade historica; e os estadistas, embora como criticos reconheçam o vasio das phrases, têm de suppôr que, se ha nação, tem de haver sentimentos patrioticos. Além d'isso, os lugares de governadores são bons; e como os indios e os macaistas não põem duvida em os pagar: porque deixaria de haver essa collocação mais para os nossos burocratas, e mais esse motivo para accender o lyrismo dos poetas de torna-viagem?

Em Macau tudo está feito; na India fez-se o que havia a fazer, desde que se abriram as portas á occupação ingleza: continuaremos a ter um dominio tão nominal como até aqui; não se nos regateará o ordenado dos nossos empregados, e Gôa renascerá como nasceu Bombaim. E' evidente que, se ámanhã a China ou a Inglaterra quizessem para si Macau ou Gôa, seria loucura gastar a vida de um só homem para tentar a empreza de as conservar com as armas.

Timor não é cousa nenhuma; e melhor fôra abandonar por uma vez, a troco de qualquer preço, esse pedaço de ilha a que se não ligam tradições nem interesses. Um areal secco, umas cazas de palha com um vallado de terra e um páu onde tremula a bandeira portugueza, ladeada por um soldado semi-nu com uma espingarda sem fechos, tiritando de febre, eis ahi Dilli, a que se chama — as nossas possessões da Oceania! Que importa que a região seja rica, se não ha quem dos nossos vá explorar essas riquezas? Nem temos o poder com que a Hollanda subjuga os indigenas; nem que o tivessemos, valeria a pena desperdiçal o na metade de uma ilha pequena, perdida nos confins do mundo, encravada no imperio oriental hollandez.

Dadas pois estas explicações necessarias, despedímo-nos do Oriente. (1) A Africa chama-nos, e reclama de nós uma attenção mais demorada. A vastidão dos dominios portuguezes, a sua localisação especial no continente (boccas do Zambeze e do Congo) dão ás colonias portuguezas da Africa continental, com as suas ilhas, uma importancia superior. Não se póde encarar o problema particular nosso, sem investigar o futuro geral de exploração do continente africano. Inseparavelmente ligado a elle, o porvir do nosso dominio não depende só de nós.

Antes de nos internarmos, porém, no assumpto, convem terminar a estatistica das colonias com as suggestões que o actual estado das possessões africanas levanta.

3. — A divisão judicial prende ainda **Moçambique** ao Oriente: é a ultima tradição que resta, desde que o commercio com a India portugueza se extinguiu. O erro evidente — e uma das maiores provas da falta de systema da occupação do Oriente no XVI seculo — o erro evidente de não nos termos estabelecido no Cabo, separou as nossas duas Africas pelas extensões invias dos sertões. As tentativas de colonisação, outr'ora dirigidas para Moçambique, teriam vingado no ex-

---

(1) Eis aqui os numeros do commercio com as provincias portuguezas da Asia (contos de réis):

	1866	1876	1879	1880
Importações.....	57	59	29	47
Exportações.....	28	21	24	25
	85	70	53	72

Estes numeros dispensam commentarios, e demonstram quanto se disse no texto.

tremo sul; e esse nucleo de população portugueza ter-se-hia estendido para o interior até Angola e Moçambique, isto é, a latitudes onde já não é licito ás raças septentrionaes acclimatarem-se. A colonisação, centralisada n'um ponto salubre e temperado, alargaria os braços escolhendo as regiões ferteis e benignas do interior. Seria um segundo Brazil; e assim foi o da America, a partir do nucleo de S. Paulo. Com o abandono do extremo sul, as duas Africas portuguezas ficaram isoladas: uma, solidaria com a sorte de imperio oriental, e ambas condemnadas á sorte exclusiva de viveiro de escravos, porque o accesso do interior só podia obter-se a partir de nucleos formados no litoral, e as duas costas são mortiferas, inhospitas. O abandono do Cabo da Boa-Esperança repelliu para sempre os portuguezes do interior da Africa, prejudicando a obra da colonisação europêa do continente.

A sorte de Moçambique, diziamos, era solidaria com a sorte do imperio oriental. Esse imperio caíu de todo, e depois de perdida a costa de Zanguebar ao norte, caíu tambem inteiramente a influencia colonial portugueza na Africa oriental. Varridos do interior para a costa, os nossos estabelecimentos definharam. Uma centena apenas de europeus, no meio de quatrocentos mil indigenas, só com a força podia imperar, e essa força desapparecera. Recentemente, porém, os numeros mostram um progresso: o rendimento septuplica, o commercio augmenta de um modo enorme. Renasceu, acaso, a influencia portugueza? Estreitaram-se relações, ou de emigração, ou de commercio? Não. Aconteceu o que d'aqui por annos se verá em Gôa, á sombra do tratado de 1879; e o que se vê em Macau. A liberdade e franquia dos portos chamou os estranhos, e a influencia desnacionalisou-se. O

commercio de Moçambique não é portuguez: por um lado a exportação vae para França; e por outro (Lourenço-Marques) o trafego pertence ás colonias de raça hollandeza do interior que não têm accesso á costa por portos seus. (1) Se o Cabo se tivesse colonisado, Orange e o Transwaal seriam hoje Brazis africanos, Lourenço-Marques um Rio-de-Janeiro.

Tal como os erros da politica portugueza o fizeram, Moçambique só na desnacionalisação tem, como a India, o futuro. Os factos provam esta opinião, mostrando-nos que o fomento do seu commercio exprime um afastamento que não é menos real, por não ser acompanhado pela alienação do dominio politico.

4. — Passando á costa occidental, em **Angola** a suppressão do trafico dos negros, a prohibição do *serviço* feodal dos *carregadores*,, e até certo ponto a abolição da escravidão (2) deram á colonia uma

---

(1) Em 1872 o commercio de Moçambique foi de 72 contos com a metropole, e de 1:028 com Marselha. Em 1870 as exportações da colonia sommavam 553 contos: d'estes vinha 1 ao reino e 552 iam para outros paizes. — O livre transito dado ás mercadorias transwaalinas por Lourenço Marques elevou o rendimento da alfandega, que era de 6 contos em 1870, a 30 contos em 1873-4.

Eis aqui os numeros mais recentes do commercio de Moçambique (contos de réis):

	IMPORTAÇÕES	EXPORT.	TOTAL	DIREITOS
1879....	1327	999	2:326	195
1880....	1747	1:377	3:124	258
1881 ...	1666	1:112	2:778	132
1882....	1493	941	1:434	147

(2) 1771 — Liberdade dos escravos ao desembarque no continente.

1773 — Livres os filhos de mulher escrava, no reino. Abolição gradual da escravidão no reino.

1810 — Nos tratados com a Inglaterra assenta-se em abolir gradualmente a escravidão colonial. Limita-se o trafico.

feição nova, a que deu maior caracter a navegação do Quanza, facilitando os transportes do sertão, e as carreiras regulares maritimas com a metropole. Esse novo estado traduziu-se logo n'um accrescimo notavel das exportações que triplicaram n'um periodo de vinte annos; crescendo correspondentemente as rendas do Estado. (1)

Exprime, porém, este desenvolvimento commercial e o augmento da producção, um augmento de

---

1815 — Ratificação das convenções de 1810

1817 — Estabelecimento dos Cruzeiros e tribunaes mixtos, na convenção de Londres.

1818 — Promulgação do codigo penal contra os negreiros.

1835 — O marquez de Sá da Bandeira, chefe do movimento anti-slavista. Prohibição do trafico em todas as colonias portuguezas.

1836 — Decreta-se a abolição da escravidão colonial, mas não se realisa. Insurreição dos slavistas em Angola e Moçambique.

1838 — Franquia dos portos coloniaes ao commercio de todas as nações.

1842 — Tratado anglo-portuguez, confirmando a abolição da escravidão.

1854 — Alforria dos escravos da corôa. Arrolamento dos escravos particulares: livres os não recenseados. Juntas de protecção; faculdade da auto-alforria. Resgate dos recem-nascidos.

1855 — Occupação do Ambriz, para a repressão do trafico.

1856 — Abolição da escravidão no Ambriz e Cabo-verde. Livres os filhos de mulher escrava. — Abolição do trabalho forçado dos *carregadores*.

1858 — Decreto fixando para 1878 a abolição definitiva da escravidão colonial.

1868 — Decreto de abolição immediata, assignado mas não promulgado.

1869 — Abolição da escravidão (25 fevereiro.) Indemnisação dada pelo trabalho gratuito e forçado dos libertos, até 1878.

1876 — Extincção do trabalho forçado dos libertos.

(1) Eis aqui o rendimento comparado. Os numeros de 1834 são dados por Sá-da-Bandeira, os do segundo periodo por Lopes de Lima:

Cabo Verde.	1834	92:522$	1842-3	90:176$	1875.6	220 c.
S. Thomé...	»	8:490$	1843-4	9:821$	»	109 »
Angola.....	»	132:879$	1845-6	259:046$	»	566 »
Moçambique	»	56:154$	1857-8	88:929$	»	248 »

intensidade da influencia portugueza, ou por meio de uma vassallagem effectiva das populações indigenas, ou por meio de um accrescimo de população europêa, (1) ou finalmente por meio de transacções commerciaes crescentes com a metropole? (2) Eis o que teremos de estudar.

A occupação do territorio de Angola teve e tem um caracter indefinido, sob o ponto de vista colonial. Nem foi uma exterminação systematica das populações indigenas, como aconteceu na America e no Cabo; nem foi um avassallamento explorador

---

Em periodos mais recentes, os numeros são os seguintes:

	CABO VERDE	ANGOLA	MOÇAMBIQUE
1876.....	210	566	250 contos
1878.....	227	—	— »
1880.....	219	—	473 »
1882 (alfand.).	—	(416)	(147) »
1885-6.....	255	594	462 »

D'estes algarismos fica evidente como depois d'esses vinte annos de fomento determinado pelas causas apontadas no texto, as receitas coloniaes, em periodo egual de vinte annos, tem estado póde dizer-se estacionarias.

Nem admira, porque os progressos do commercio tem sido em beneficio dos estrangeiros, e a força das cousas ajudada pela falta de discernimento dos governos tem ampliado cada vez mais as franquias do commercio e da navegação.

(1) Todos os europeus, espalhados pelo *imperio colonial portuguez*, incluindo funccionarios, tropa e estrangeiros pouco excedem a 7.000! Eis aqui a designação:

1056 na India....	Asia	
1500 em Macau ..	Asia	
2862 » Angola		Africa
815 » S. Thomé.....		Africa
102 na Guiné		Africa
100 (?) em Moçambique.		Africa
919 » Cabo Verde..		Africa

(2) V. a notavel representação que a Associação commercial de Lisboa dirigiu ao governo em 27 de outubro de 1881.

do trabalho dos naturaes por intermedio dos seus soberanos, feodatarios da corôa portugueza, como succedeu na nossa India, e succede hoje com os hollandezes em Java e com os francezes na Indo-China: d'este typo de occupação havia apenas uma amostra no serviço dos *carregadores*, abolido. O dominio portuguez satisfez-se com a installação no meio das tribus negras, a que os negociantes compravam escravos e compram hoje os productos do sertão. Os estabelecimentos tiveram uma dupla razão de ser. Os da costa foram a principio pontos estrategicos da navegação, escalas onde os navios da India faziam aguada e refrescavam; e tornaram-se depois feitorias de escravos e productos indigenas. Os do interior provinham da indispensavel segurança das feiras e feirantes; da necessidade de pôr as povoações do litoral ao abrigo das investidas das tribus sertanejas, e de defender as estradas commerciaes. (1) A occupação seguia na

---

(1) 1576 — Fundação de Loanda.
1577 — » Calumbo.
1581 — Conquista de Ilamba e Quissama.
1583 — Fundação do presidio de Massangano.
1586 — Conquista do Golungo.
1599 — Fundação do presidio de Muxima.
1604 — » » de Cambambe.
1614 — » » de Ambaca.
1617 — » S. Philippe de Benguella.
1625 — Creação das *feiras* do Dondo, Beja e Lucamba.
1671 — Conquista do Dongo. Fundação de Pungo-Andongo.
1682 — Fundação do presidio de Caconda.
1759 — » » Encoge.
1769 — » » Novo-Redondo.
1834 — » » de Quilengues.
1838 — Occupação do districto do Duque-de-Bragança.
1840 — Fundação de Mossamedes.
1845 — » do presidio de Huilla.
1855 — Occupação do Ambriz.

costa occidental o mesmo systema praticado na opposta. A emigração portugueza ia — e vae — de preferencia para a America, por varios motivos. Por outro lado, a pequenez da nossa força e o regime primitivamente democratico ou patriarchal das tribus indigenas (1) não consentiam que se explorassem em proveito nosso instituições feodaes que não existiam, como no Oriente.

«Nem a Guiné portugueza, nem Angola, nem S. Thomé, (2) dizia recentemente um ex-governador de Angola, (3) podem ser consideradas como colonias, no sentido especifico do termo. Angola, que a todas sobreleva, e que é o typo e a joia dos nossos dominios africanos, poderá capitular-se de estação politico-militar... porém colonia não é, porque lhe faltam colonos. Tudo alli é precario e instavel. Vae-se á Africa, não se vae para Africa.»

Tudo é precario, com effeito, porque não ha condições definidas de um estabelecimento colonial, embora possa haver colonias *sem colonos:* exemplo Java. Sem antecipar a ordem do nosso discurso, é necessario dizer, porém, que o caracter do estabelecimento foi, e é passivo, defensivo apenas: a população europêa não se desenvolve, e Angola não se parece com o Brazil d'outr'ora. Contrarios a uma opinião que se nos afigura um preconceito, a abolição da escravidão não tem, a nosso vêr, papel importante no destino ulterior de Angola. A abolição do trafico teve-a e grande, porque obrigou a buscar outras especies de commercio; mas onde não ha vastas plantações dirigidas por europeus, trabalhadas por indigenas; n'uma provincia em

---

(1) V. *Instit. pirmitivas*, pp. 223 e segg. — (2) S. Thomé é uma excepção, como veremos já. — (3) O snr. J. Horta, *Conf. acad.*

que os terrenos cultivados não excedem dezeseis mil hectares; e em que os generos de exportação provém principalmente dos productos sertanejos, explorados longe e fóra da sujeição dos europeus, a questão do regime do trabalho póde incommodar os habitos domesticos dos habitantes das cidades, não a economia da provincia onde predomina ainda o caracter commercial sobre o agricola.

Na ausencia de uma immigração européa ou de um systema de vassallagem dos indigenas, as colonias são feitorias e o commercio é a occupação quasi exclusiva dos colonos. Tal é Angola. O numero dos europeus não excede ahi tres mil, e esse numero fórma-se quasi exclusivamente com os funccionarios e os degredados: (1) isto é, com uma immigração não espontanea. (2)

5. — S. Thomé vive nas condições especiaes que a situação geographica lhe proporcionou. Ilha e despovoada, não apparecem ahi os problemas da occupação e do conflicto com as populações indigenas. Portugal, quando a descobriu e tomou para si, achou-se nas condições do capitalista quando compra uma herdade: tira ou não tira resultado, conforme os feitores são bons ou maus. Em S. Tho-

---

(1) 1870-4: Cabo-Verde 61; S. Thomé 93; Angola 193; Moçambique 33. Da somma, 60 por cento pelo praso de até 5 annos; 28 de 5 a 20; e 12 perpetuo.

(2) A recente acquisição (1885) do districto do Congo ou Zaire com o appenso de Molembo e Cabinda vem accentuar mais o caracter commercial da provincia, porque o clima obsta á implantação de europeus, e o systema de feitorias de productos sertanejos é exclusivo, para nós e para todos. Pelos tratados, esse commercio tem de fazer-se no regime da plena liberdade de commercio e navegação, de sorte que, apesar das vantagens que nos dão as tradições, guardamos o Zaire apenas para que os productores estrangeiros ahi possam ir commerciar com segurança.

mé, depois das vicissitudes por que passou, os feitores não têm sido maus; e a *fazenda*, em que umas centenas de europeus fazem trabalhar os negros (escravos ou não, é economicamente indifferente) medra. Mas já o Principe, a ilha appendice de S. Thomé, se não acha nas mesmas condições: ahi reina a miseria, diminue a população de um modo assombroso, abandonam-se as roças e vive-se no seio d'uma desmoralisação profunda temperada por um historico *beaterio*.

Em trinta annos, as rendas da provincia subiram de 7 a 100 contos e a população duplicou. Eis ahi uma colonia onde, por a actividade ser agricola e não exclusivamente commercial, a questão da abolição da escravidão levanta problemas sérios. (1)

6.—Essa questão não póde propor-se na **Guiné**, provincia recentemente (1879) destacada de Cabo-Verde; e não o póde porque a Guiné, porto quasi franco, vive exclusivamente da troca de productos do sertão pelos da Europa: é uma Angola em miniatura, com um cento de europeus.

7.—Tão pouco o póde em **Cabo-Verde**, onde a escravidão se extinguiu por si. O clima das ilhas, a natureza das culturas, a edade da colonisação, nacionalisaram portuguez o archipelago, embora de um modo só de longe comparavel ainda aos primeiros e felizes ensaios da Madeira e dos Aço-

---

(1) O estabelecimento do protectorado do Dahomey, idéa de um ministro cheio de boas intenções (o sr. Pinheiro Chagas) mas infelizmente destituido de experiencia e discrição sufficientes, veiu juntar um novo districto á provincia de S. Thomé. Oxalá em breve praso não tenhamos complicações graves em resultado d'esse acto impensado. De resto o protectorado não importa absolutamente nada para a nossa economia colonial.

res. Um milhar de brancos, confundidos com uns oitenta mil negros, mais ou menos eivados de sangue berbere ou portuguez, eis os elementos de uma população que se deve considerar fixa, arrebanhando numerosos gados, cultivando cereaes e legumes; isto é, com autonomia agricola; e creando para o commercio o café, o assucar, a purgueira e o sal. (1) O archipelago apparece-nos pois na transição da condição de colonia, para a de provincia metropolitana, transição passada ha seculos já para os archipelagos atlanticos da Madeira e dos Açores.

II

O systema colonial africano

Excluindo pois agora Cabo-Verde e S. Thomé, devemos concluir que o caracter de feitorias com-

---

(1) Eis aqui alguns numeros tendentes a provar o que se diz no texto:

CULTURAS (1874)	HECTARES	GADOS (1878)	CABEÇAS
Canna	13:900	Vaccum	13:599
Café	1:600	Asinino	16:071
Algodão	1:600	Cavallar	2:450
Tabaco	700	Muar	395
Milho e feijão	37:000	Cabrum	58:374
Batatas	2:700	Ovelhum	8:188
Mandioca	8:000	Suino	14:746
	65:500		

merciaes é o que distingue as possessões portuguezas da Africa.

Isto posto, é evidente que a franquia dos seus portos ás bandeiras de todas as nações foi a medida de maior alcance para o desenvolvimento das exportações, por isso que os recursos do mercado portuguez eram extremamente limitados. Não basta porém pasmarmos deante do progresso das exportações; porque, estudando-o, vemos que elle se fez em proveito d'aquelles paizes que têm as manufacturas que o indigena pede, e nós não fabricamos. O monopolio era sem duvida absurdo; mas a liberdade, indispensavel decerto, importa a desnacionalisação. (1) Que lucramos nós em que o negro

---

(1) O commercio de Angola, que consistia na troca de generos de consumo por escravos, fazia-se, antes e depois da separação do Brazil, principalmente com a America. Apenas a quinta parte da exportação vinha a Lisboa. De 1830 a 32 entraram em Loanda 11 navios do reino, 90 do Brazil. De 44 a 45 Lopes de Lima diz que sobre 50 navios annuaes apenas 10 ou 12 eram portuguezes. O movimento commercial traduzia-se (44-5) por estes numeros:

Importação	total.....	1:500 contos;	e da metropole	280
Exportação	manifesta..	800 »	e para a »	200
	escravos....	700 »		

Vejamos agora os numeros, depois de extincto o trafico dos escravos e perante a concorrencia livre das nações européas. (1873)

Angola:	Import. tot.	2:413,	sendo da metropole	220 contos
	Export. »	2:671	idem	259 »

Vê-se d'esta primeira observação que a importação de generos de Angola no reino cresceu; mas vê-se que a exportação de productos do reino baixou quasi a metade. Conclue-se pois que o fomento de Angola não se traduziu em augmento de riqueza para a metropole, mas sim em proveito do commercio estrangeiro; se se não quizer concluir que houve um *deficit* real dos rendimentos nacionaes.

Note-se agora que, de 1873 para cá, o commercio de Angola

troque com o inglez ou com o americano café por algodões? A platonica honra de *civilisar* a Africa? Illusão.

Quem vende ao preto é quem civilisa, se tanto se póde dizer. Resta-nos apenas a nós o magro lucro de um imposto aduaneiro, que tem de ser reduzido para não desviar o trafego para as feitorias livres da costa do norte. Bolama na Guiné, e

---

que chegára a sommar 5:084 contos, passou por uma crise tremenda de que hoje mal se levanta ainda:

1874	imp.	1:381	export.	731	total	2:112	contos
1875	»	1:285	»	975	»	2:260	»
1876	»	971	»	914	»	1:885	»
1880	»	2:147	»	1:930	»	4:077	»

Eis aqui os numeros totaes para as colonias africanas em 1876. Mais recentemente (1880-1) apenas Moçambique apresenta um progresso; mas se em 76 o total é de 8:450 contos, em 1881 é de 9:066. A differença dos numeros não altera pois as considérações seguintes:

IMPORTAÇÕES (Contos)	TOTAES	CABO-VERDE E GUINÉ	S. THOMÉ	ANGOLA	MOÇAMB.
Da metropole.....	391	76	74	220	21
Estrangeiras:					
por portos portug.	1:600	29	116	1:433	22
directamente....	2:208	421	120	768	899
Total.....	4:199	526	310	2421	942

EXPORTAÇÕES (Contos)					
Para a metropole.	734	118	356	259	1
Estrangeiras	3:527	510	53	2:412	552
Total	4:261	628	409	2:671	553

A nacionalisação dos 1:600 contos de importações por portos portuguezes dará idéa das nações com que Angola negoceia principalmente; e dizemos Angola, porque d'esses 1:600 contos 1:433

em Angola o Ambriz, são exemplos vivos d'este facto.

E' licito perguntar, pois, se vale a pena fazer sacrificios; se não será malbaratar os escassos recursos da metropole, o applical-os em assegurar e fomentar o commercio das nações manufactureiras com as tribus negras. Mas esta pergunta, cuja resposta foi facil de dar para as colonias do Oriente, exige estudo mais demorado ao tratar-se de

---

lhe pertencem. Moçambique sabemos que commerceia directamente com a França.

Allemanha.....	264	Inglaterra.....	436
França.....	493	Italia.....	183
Hollanda.....	187	Diversos.....	37

Resulta d'estes numeros que: *a)* nas importações coloniaes a metropole entra apenas por 10 por cento; e nas exportações por 17; *b)* apenas S. Thomé (e pelo caracter especial d'essa colonia, anteriormente exposto) é excepção á regra; *c)* a desnacionalisação do commercio é total em Moçambique e na Guiné, e em Angola de 9 decimos, quer nas importações quer nas exportações.

Vê-se pois que apesar do commercio de Angola se ter multiplicado por quasi 20 vezes, as suas relações commerciaes com a metropole são hoje inferiores (479 contos em 1876) ao que eram em 1845 (580, segundo Lopes de Lima).

O commercio total africano com a metropole exprime-se por estes algarismos:

1866	(imp. e export)	1:333	contos
1869	»	1:133	»
1872	»	1:323	»
1875	»	1:867	»
1879	»	1:380	»
1880	»	1:344	»

Não ha pois progresso apreciavel, e se o anno de 1875 apresenta um maximo de 1867, o anno de 1878 apresenta um minimo de 1:030 contos.

Ora suppondo que este commercio deixe aos negociantes metropolitanos o lucro de 5 p. 100, temos em beneficio uma somma de 70 contos. Juntemos-lhe agora os lucros de 5:000 europeus que no maximo a Africa portugueza apresenta e que nem todos

Africa. Além não ha futuro possivel, aqui ha um presente duvidoso — o futuro é um problema. Da solução d'elle depende a resposta, e o seu estudo é a materia em que vamos entrar. Da solução d'elle, dizemos, depende a decisão de tomarmos com seriedade, ou de não tomarmos sobre nós, a empreza colonial.

Embora as colonias africanas paguem ás vezes as suas despezas, (1) seria erro inferir d'aqui a con-

---

vivem do commercio ou da agricultura, nem todos até são portuguezes, e attribuamos a cada um d'esses 5:000 individuos o lucro annual medio de 200$000 rs. pagas as despezas de sustentação. Temos, pois, 1:000 contos que com 70 perfazem 1:070, digamos 1:100 contos de réis.

Saibamos agora que *mais de metade d'esta somma* sáe do bolso dos portuguezes da metropole, porque o *deficit* das provincias africanas foi em 1885-6 de 1:000 contos e progredirá. Além d'isso nós custeamos as despezas navaes e muitas outras, de fórma que se póde sem duvida affirmar que *todo o rendimento liquido do famoso imperio africano* é pago integralmente pelos quatro milhões de portuguezes.

Eis o resultado da falta de principios e de sciencia no regime colonial. Muitos se extasiam perante o progresso das receitas aduaneiras coloniaes, sem verem o reverso da medalha que é o progresso maior ainda das despezas. Na ausencia de systema com que as exploramos, as colonias são uma das cansas da nossa ruina. Por isso dóe ver gente desvairada prégar e praticar a nossa expansão colonial no Zaire, no Dahomey!

(1) Orçamento de 1875-6 (contos):

	RECEITAS		DESPEZAS	
Cabo Verde e Guiné.	220	1:143	219	1:130
S. Thomé	109		105	
Angola..... ..	556		556	
Moçambique.....	248		250	
Orçamento de 1885-6:				
Cabo Verde e Guiné.	327	1:520	421	2:106
S. Thomé	146		178	
Angola.....	594		818	
Moçambique.....	462		698	
Accrescimos...		486		977

clusão de que vivem de si. *O self supporting principle* que um tempo enthusiasmou os inglezes, foi por elles proprios abandonado, pois é absurdo esperar que os recursos de colonias nascentes possam subsidiar as despezas de installação. Pagar as de administração fazem (quando fazem) as portuguezas; mas essa administração é aváramente salariada, e por isso de inferior especie. A marinha e as obras-publicas não as pagam porém; e o nada que se tem feito representa sommas de grande vulto para nós. (1)

Os dominios continentaes africanos são portanto

---

(1) Lemos agora mesmo no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, a opinião de uma pessoa authorisada (o sr. Antonio José de Seixas) e com prazer transcrevemos:

«Entre erros que suppomos ter havido mencionaremos o despendio de 2:100 contos que a metropole tem feito em pessoal e com as obras publicas no ultramar. Fazendo n'este assumpto a devida justiça aos que emprehenderam aquelle tentame de progresso, o sacrificio talvez de 150 contos de encargo *permanente* para a nação, é licito dizer que não tem compensação; isto, porque as obras não teem obedecido a um plano de ante-mão estudado, sobre tudo porque a quantia despendida em fracções, nos vastos territorios do ultramar, dos quaes muitas das *provincias* são mais vastas e extensas que todo o reino, teem sido taes fracções como *um copo d'agua vasado no oceano!*

«Desde 1860 que as colonias portuguezas teem feito despender á metropole, em expedições militares, subsidios em dinheiro, navios de transporte e de guerra, e obras publicas, não incluindo aqui despezas indirectas sobre o thesouro da metropole, uma quantia não inferior a 26:000 contos, equivalentes a um encargo no orçamento geral do reino, e *permanente*, de 1:806 contos de réis por anno!...

«No fim de outros 19 annos, seguindo-se o systema que tem vigorado, terá a metropole despendido outros 26 mil contos de réis, se não fôr mais, sem levantar as colonias do seu abatimento, e sem haver conseguido tornar sympathicos os nossos compatriotas do ultramar pelas cousas da metropole... Não merecerá tudo isto que se attenda seriamente á questão colonial?...

«Em face do estado da sociedade portugueza, da população do reino, das finanças da monarchia, da vida economica do paiz,

um problema, e dos mais graves que pesam sobre a economia social portugueza. Não basta contar o que se fez, descrever o que é: tudo isso nada importa, ou vale pouco. Desde que a abolição do trafico extinguiu a exploração do commercio dos negros, e desde que a franquia dos portos os abriu ás bandeiras de todas as nações, a situação de Angola e de Moçambique variou absolutamente. Hoje temos ahi empregados, alfandegas cujo rendimento os pagam, embaraçando um commercio estrangeiro, que por outro lado mais ou menos efficazmente protegemos. Esta condição de *guardas* das costas de Africa é provavelmente ruinosa para nós, sem ser proveitosa para ninguem.

---

pouco robustecida, em vista do nosso commercio, das nossas industrias fabril e agricola, e da nossa navegação, elementos estes da riqueza publica de uma nação, o que tudo possuimos n'um triste estado, *anemico*, as colonias não são elemento de prosperidade para a metropole. A compensação dos sacrificios da metropole adviria do movimento commercial, da navegação, de permutação. dos productos, entre as colonias e o reino; mas nada existe em larga escala, porque nem as colonias nem o reino possuem os elementos da vida economica para reciprocamente se auxiliarem.

«A nossa humilde opinião é de que as colonias, continuando o systema em vigor sobre ellas, *enfraquecem* Portugal. *(Nota da 1.ª ed.)*

V. *A questão colonial portugueza*, etc., obra do mesmo auctor; Lisboa, 1881

A nota official dos *creditos extraordinarios* votados para o Ultramar diz assim:

no periodo de 1852-70.....	3:590	contos
» 1870-82.. ...	2:185	»
Obras publicas.....	2:500	»
Subsidios a companhias	482	»
Total.....	8:757	»

Junte-se a capitalisação dos *deficits* ordinarios, as despezas de marinha e outras que o sr. Seixas menciona e ver-se-ha que não exaggera.

podemos acaso saír d'ella, inaugurar uma politica ultramarina? Eis o thema do nosso estudo.

III

Os tres typos de colonias

Em tres especies ou typos se resumem as variadas combinações postas em pratica pelos povos europeus para apropriar territorios ou riquezas localisadas fóra da Europa; e ao conjuncto dos tres typos deu-se o nome generico de colonias. Esses tres typos, ou especies, são:

1. — As *feitorias*, ou colonias commerciaes.
2. — As *fazendas* ou colonias de producção agricola, destinada á exportação (plantações).
3. — As *colonias*, propriamente ditas, ou estabelecimentos de população fixa, dada á cultura de productos de consumo local.

---

1. — As *feitorias*, typo que principalmente caracterisou a colonisação dos phenicios e gregos em torno do Mediterraneo, (1) podem dividir-se em particulares e militares. Estabelecidas no litoral de continentes, não explorados nem avassallados, são escriptorios de commercio maritimo. Ou esse commercio é livremente feito por caixeiros, em virtude de licenças dos soberanos indigenas; ou é

(1) V. *Hist. da rep. romana*, I, pp. 103 e segg. e 183-90; e *Taboas de Chronol.*, pp. 86 91.

imposto e defendido pelo poder maritimo militar da nação que adquiriu o privilegio. As feitorias particulares tornam-se por via de regra militares; e desde que medram, quando as nações podem proteger os interesses dos negociantes, o estabelecimento adquire o caracter de cidade, isto é, instituições e policia. (1)

Nos tempos modernos, as feitorias Européas espalharam-se por todo o Oriente. Os portuguezes e os povos que lhes succederam encontraram na India e China territorios povoados, civilisações formadas, industrias e productos de exportação. A colonisação, propriamente dita, não tinha ahi razão de ser. Os estabelecimentos portuguezes da India e China, os actuaes estabelecimentos inglezes, francezes, americanos, na China e no Japão, são os exemplos puros do typo: a India ingleza e a Java hollandeza são um mixto do primeiro e do segundo typo, e ao mesmo tempo *feitorias* e *fazendas*.

Na costa occidental de Africa pullulam as *feitorias* de todas as nações; entretanto os estabelecimentos tém mais o caracter *particular* do que o *militar* que prima no Oriente; embora os francezes, na Senegambia e no Gabão, os portuguezes na Guiné e em Angola tenham constituido *cidades*. Livre ou politica, particular ou militar, a exploração do commercio maritimo da Africa occidental vivia do trafico dos escravos; e vive hoje, na Africa e no Oriente, da troca dos productos indigenas pelas manufacturas européas.

---

(1) Este systema se observa, hoje em dia, seguido pelos allemães nos seus estabelecimentos da costa da Hottentotia e de Zanzibar e nas ilhas da Polynesia.

As condições de geographia commercial são as que quasi exclusivamente influem na creação e existencia das feitorias. Essas condições, apoiadas em poderosa força naval-militar, criam monopolios a favor de certas nações; e assim se viram (os portuguezes) e se vêem (os hollandezes) povos que, sem exhuberancia de população, sem vastidão de territorios na Europa, possuem e exploram o commercio de dilatadas regiões ultramarinas. Abolidos porém os monopolios, franqueados os portos a todas as bandeiras, ou por decadencia da força maritima da metropole, ou sob o imperio da doutrina da livre-troca, succede que o commercio busca as condições de existencia natural; e observam-se então nações sem feitorias, como até certo ponto são a França e a Allemanha, permutarem directamente os seus generos com os indigenas, á sombra de uma bandeira que apenas traduz o dominio politico. Do estudo anterior sabemos que esta é de facto á condição de Macau, de Moçambique, da Guiné e em grande parte de Angola. Egual condição é de facto e de direito a do Congo portuguez. Abolido o monopolio, e não tendo nós, porém, manufacturas que trocar pelos generos indigenas, *assistimos* apenas ás operações dos estranhos.

As feitorias, pois, existiram por virtude de um forte poder naval creando um monopolio artificial; e vivem agora por virtude da preeminencia fabril das nações, que d'ella ganham um monopolio natural. Restaurar monopolios artificiaes d'este genero é hoje provavelmente impossivel, pois para os manter de pé seria mistér uma força que passou ás mãos dos povos, por natureza economica, fortes. Assim as feitorias não têm já a razão de ser senão para os povos manufactureiros, e ocioso é dizer que nós não somos um d'esses.

Estas breves palavras condemnam sem remissão o futuro d'aquellas das nossas colonias que não podem ser senão feitorias. Angola e Moçambique porém, embora apenas tenham até hoje tido este caracter, porventura poderão adquirir outro — opinião partilhada por muitos, e que exige por isso mais demorado exame.

---

2. — As *fazendas* apresentam caracteres mais complexos. Podem classificar-se:

Pela producção, em *a)* mineiras *b)* de cultura exotica (cana, café, etc.); *c)* de cultura indigena, (cravo, pimenta, etc., como no Oriente); — ou

Pelo regime do trabalho: *a) escravo,* por negros importados, fórma já quasi sómente historica; ou, por sujeição das raças indigenas, especie que desapareceu ha muito; *b) servil*, pelos indigenas sob um regime feodal, como em Java; *c) livre*, por trabalhadores contractados, *coolies* como na California e nas Antilhas; — ou, finalmente,

Pelo regime politico: *a) suzerano*, como é dos inglezes na India, e dos hollandezes em Java; *b) absoluto*, como foi o portuguez no Brazil e o de todos, em toda a parte onde as populações indigenas foram escravisadas ou exterminadas; ou nas ilhas deshabitadas.

Que se requer para a efficaz exploração das *fazendas* ultramarinas? População e vastidão de territorio na Europa, decerto são desnecessarias. Monopolio artificial, mantido por um forte poder maritimo, é inutil. Preeminencia de producção manufactureira tambem o é; porque nem pelo facto dos objectos de consumo colonial serem estrangeiros, os productos da *fazenda* deixarão de se traduzir em lucros reaes. Tal foi e é ainda a condição do

Brazil, que pagou com assucar, com ouro, e hoje paga com café, tudo o que consome — e enriqueceu e enriquece. E d'entre as nossas colonias actuaes S. Thomé, que é um typo puro de *fazenda*, importa quasi tudo do estrangeiro, mas progride e manda a Lisboa todo o seu café.

O que é absolutamente indispensavel para todas as *fazendas*, metropolitanas ou ultramarinas, é o capital. E' mistér dissecar os pantanos, navegar os rios, abrir as estradas, construir os armazens e obter os braços, ferramenta humana de trabalho. Outr'ora a escravidão suppria isso, e o capital consolidava-se no preço dos negros. Hoje consolida-se nos adiantamentos e salarios dos immigrantes, negros ou chinezes contractados para os territorios despovoados. Nas regiões habitadas por povos indigenas, susceptiveis da submissão rudimentar da civilisação, o capital intervem sob uma fórma, só apparentemente diversa. A força e não o contracto é a sua expressão activa; e as guarnições com que, na India, os inglezes, em Java os hollandezes, mantém submissos os regulos indigenas que fazem trabalhar mais ou menos servilmente as populações, correspondem economicamente ao preço do escravo, ou ao salario do colono contractado.

Capital, pois, ou sob a fórma de valor, ou sob a fórma de força, eis ahi o indispensavel para a manutenção das *fazendas* ultramarinas. Cuba e S. Thomé são dois exemplos typos de primeira especie; as Philippinas e Java são-no da segunda. A força maritima é aqui apenas um corollario da geographia; e se nas ilhas bastam as esquadras (Java), nos continentes exigem-se exercitos (India). Das *feitorias* devem afastar-se as nações não fabrís, das *fazendas* as nações pobres. Contra a na-

tureza, com a força, pelo acaso de ter chegado primeiro ao Oriente com polvora e canhões. Portugal que nunca teve grandes industrias, pôde manter por breve tempo um systema de *feitorias* rendosas; contra a natureza tambem, isto é, por meio da exportação dos escravos negros, pôde crear e disfructar uma *fazenda* no Brazil.

Podem tornar-se *fazendas* as nossas possessões da Africa continental? A resposta sairá das conclusões do estudo em que agora apenas entramos.

---

3. — As *colonias* propriamente ditas não demandam nem capital, nem manufacturas: provém apenas de um facto — a exuberancia de população na metropole, a immigração consequente, e adaptação do clima ultramarino ao temperamento da raça emigrante. Podem até prescindir do dominio nacional politico, como vemos nas colonias allemans do Brazil e dos Estados-Unidos, nas francezas do Canadá, nas hollandezas do Cabo, hoje sob o imperio britannico.

São a consequencia de um facto natural, e não uma creação economico-social como as *feitorias* e *fazendas*. Dependem por isso de condições fataes que não é dado ao homem crear ou destruir, e procedem espontaneamente lançando as raizes de nações vindouras. O clima é a principal condição da sua existencia: assim, todas ou quasi todas apparecem ao sul do tropico, da mesma fórma que as *fazendas* occupam a região tropical, e ao passo que as *feitorias* se espalham em todas as latitudes, como relativamente independentes que são do clima.

Umas vezes a raça emigrante encontra vago o novo *habitat* que elegeu; outras vê-se perante uma

raça indigena, inferior como são todas as da Africa e America. No segundo caso ao problema da colonisação junta-se o da occupação. O resultado das causas naturaes, mais ou menos definidas e explicadas, e da lucta infallivel entre os novos e os antigos habitantes, leva á eliminação da raça inferior, ou a cruzamentos que o tempo vem a obliterar.

Assim os hollandezes expulsaram os cafres e hottentotes do Cabo, produzindo ao mesmo tempo os mestiços griequas. Esses mulatos, em vez de se tornarem brancos, foram gradualmente voltando ao typo hottentote, porque cessou o cruzamento hollandez e dominou o sangue negro. O contrario succedeu com a primitiva população de S. Paulo no Brazil, onde os laivos de sangue indio gradualmente desappareceram com a infusão posterior de sangue branco.

O primeiro exemplo de colonias propriamente ditas foi dado pelos portuguezes nos Açores, na Madeira, no Brazil austral. Ulteriormente, os anglo-germanos e os francezes na America do Norte, os inglezes na Australia, os hollandezes no extremo sul da Africa, produziram, em escala mais ou menos vasta e proporcional á sua emigração, exemplos do mesmo genero.

Quando uma colonia depende de uma metropole fabril, o seu desenvolvimento adquire uma importancia economica para a mãe-patria, porque é um mercado de consumo natural dos seus productos. Nos paizes não fabrís, porém, as colonias não trazem senão um augmento á população, o que nem sempre é uma riqueza. Assim os *boers* da Africa austral, agricultando e mantendo-se, não accrescentaram um ceitil á opulencia da Hollanda. Nações embryonarias, as colonias sómente são depen-

dencias da metropole emquanto carecem do seu amparo. Desde que a densidade da população e o desenvolvimento da riqueza attingem um certo grau, emancipam-se, affirmando politicamente o facto da independencia economica. Assim succedeu, nas duas Americas, ás colonias continentaes da Hespanha, aos Estados-Unidos e ao Brazil. Sob o ponto de vista exclusivo da economia metropolitana, as colonias são, pois uma vantagem—simples para as nações que necessitam vasar uma população exuberante, dupla para as que a isso reunem a producção fabril. Para a economia das finanças nacionaes são sempre um encargo, só indirectamente compensado pelo augmento de materia collectavel metropolitana nas nações fabrís.

Assim como não é raro vêr uma *feitoria* transformar-se em *fazenda*, tampouco o é vêr uma *fazenda* transformar-se em colonia. Foi o que aconteceu no Brazil (do norte) e no Rio-da-Prata, duas nações hoje, que porém continuam a ser colonisadas pela emigração de portuguezes, italianos e hespanhoes. Assim aconteceu na California e na Australia, que foram *fazendas* mineiras, e são hoje colonias propriamente ditas. Assim em curta escala está succedendo para nós em Cabo-Verde, que foi *fazenda* de assucar, que ainda em parte o é, sendo já ao mesmo tempo *habitat* de uma população fixa, como a das outras ilhas portuguezas do Atlantico europeu.

Se os lucros do commercio nas *feitorias*, e o rendimento liquido de explorações privilegiadas (minas, culturas exoticas) nas *fazendas*, enriquecem rapidamente os negociantes ou os fazendeiros que no fim da vida regressam á metropole, enriquecendo-a ella com os seus haveres : das *colonias*, onde a população se fixa, não se dá nem o re-

gresso dos colonos, nem o das suas fortunas. Por isso, n'um ponto de vista humanitario as colonias propriamente ditas têm um valor incomparavelmente superior. Não são instrumento de riqueza apenas, são focos de dispersão da raça branca sobre todos os continentes e ilhas do globo, e passos dados no sentido da sua total conquista para a civilisação-typo dos indo-europeus. (1)

A capitalisação dá-se de outra fórma, procede de uma maneira diversa. Traduz-se no augmento rapido da população fixada, que um rendimento liquido agricola excessivo permitte, (2) e funde-se na terra, cria a nação futura, e garante o progresso constante.

Perguntámos ha pouco se podiam tornar-se em *fazendas* as *feitorias* da Africa continental portugueza. Perguntamos agora se essas fazendas poderão transformar se em *colonias*, como succedeu ao Brazil. Vamos pois estudar o futuro da Africa sob os tres pontos de vista correspondentes aos tres typos dos estabelecimentos ultramarinos.

---

(1) V. *Theoria da hist. universal* nas *Taboas de Chronologia*, pp. XVII-XXII.

(2) Josiah Child e Penn diziam que o trabalho de um homem produz na America o quadruplo do que produz na Europa. Humboldt dá a seguinte relação para o trigo: Prussia 4 a 5 sementes; França 5 a 6; Rio-da-Prata 12; Perú e Mexico 18. — Na producção excepcional está a causa do augmento da população. O casamento precoce é uma necessidade e não ha mulheres senão para espozas: a familia é a unica festa. Entre os *boers* do Cabo 6 ou 7 filhos são uma pequena prole. Procrear é adquirir braços para a lavoura de terrenos illimitados. No principio do seculo era regra nos Estados-Unidos o casamento dos homens aos vinte annos.

IV

As feitorias africanas e a concorrencia

O viajante que torneando costeiramente a Africa, desde Cabo-Verde, observou as planicies alagadas da Senegambia e o archipelago litoral de Bijagoz, onde na colonia-feitoria de Bolama mercadejam povos de todas as castas, fóra a nossa; o viajante que observou de longe — por causa das febres mortiferas — os presidios miseraveis de Bissau e Cacheu, e depois, seguindo para o interior do golpho da Guiné, foi deixando successivamente atraz de si a Serra Leoa e a Liberia, mallogradas experiencias de civilisações negras, essa costa da Mina, povoada de ossadas, tumulo de tantas vidas, e o forte carcomido de Ajudá, onde agora temos um protectorado singular a pedido, caso estranho! do proprio rei Dahomey; esse viajante, que depois, no fundo da costa, passa o estuario pestilento de Niger até ao Gabão, estranha a paysagem litoral africana ao chegár a Angola.

Em vez das baixas alagadas, começam ao sul do Congo as barreiras seccas, avermelhadas, areentas. Em vez da luxuriante e traiçoeira vegetação dos mangues, encontra-se agora uma aridez torrida, sem uma nota de verdura, sem uma gotta de agua. A costa levanta-se como uma muralha nua e secca sobre o mar, apenas a vastas distancias cortada pelos oasis breves das barros dos rios. Ao sul do Congo só o Quanza é accessivel a pequenos navios; os magros caudaes do Ambrizette, do Loge,

do Redondo, do Quicombo, do Egito, da Anha, do Catumbella, do Luache só recebem lanchas; e o Cunene perde-se nos areaes da costa, sem barra. Os vastos e ferteis sertões de Angola dependem de uma estrada terrestre; não têm accesso fluvial, se é que alguns dos confluentes meridionaes do Congo, hoje ainda inexplorados, lh'o não dá. Um lombo de rocha estendido a par da costa maritima veda ao viajante o espectaculo da vegetação sem egual da Africa. Só a trinta ou sessenta milhas da costa principia a fertilidade dos terrenos, nos planaltos d'essa linha das montanhas que vazam para os confluentes do Zambeze ao sul, e do Congo ao norte; e esta circumstancia, infelizmente grave, condemna á insalubridade o litoral, faz definhar as cidades maritimas, divide Angola em tres zonas parallelas, diversas de aspecto, varias de producções, e de uma hospitalidade tambem variavel: o litoral secco e nú, a região alpestre e as planuras interiores.

Sobre um litoral de areia ardente apenas póde assentar a barraca do mercador: o chão ingrato repelle o colono. O facto, porém, da existencia dos territorios interiores, agricultaveis, é que por este lado tornaria possivel o estabelecimento de *fazendas* ou *colonias*. Tornaria, dizemos, e não torna: porque a seu tempo estudaremos os outros factores do problema. Por agora limitamo-nos a considerar os nossos estabelecimentos continentaes africanos pelo lado que ainda hoje mais pronunciadamente caracterisa Angola — o de feitoria commercial.

Nós conhecemos a natureza d'esta especie de estabelecimentos ultramarinos. Sabemos tambem que as feitorias de Angola, franqueadas ao commercio de todas as nações, vêem todas as bandeiras do

mundo — e a portugueza quasi apenas na pôpa dos paquetes. Nove decimos das importações e exportações são estrangeiros. Em Angola, Benguella, Mossamedes, vigoram pautas aduaneiras, cujo producto subsidia os funccionarios portuguezes; e no Ambriz, occupado em 1855, quando já era um centro de feitorias livres de diversas nações, o estabelecimento das alfandegas expulsou para o norte os negociantes, e foi necessario tornar o porto quasi-franco para os chamar de novo.

São evidentes as conclusões a tirar d'estes factos:

a) O exclusivo da nacionalidade do commercio das *feitorias* não se póde garantir em Angola, por ser um pedaço de uma costa extensa, e não uma ilha completamente avassallada.

b) Desde que, para nacionalisar o commercio colonial, se estabelecessem direitos differenciaes; ou desde que se elevassem as taxas da pauta, para engrossar os redditos aduaneiros da colonia (unica vantagem nacional da sua conservação, logo que o commercio é estrangeiro) succederia que os escriptorios abandonariam os portos portuguezes, para se irem estabelecer nos pontos desoccupados da costa.

c) Assim, o rendimento e a utilidade da colonia são limitados por elementos estranhos a ella: os direitos aduaneiros não podem exceder as differenças do preço dos transportes do interior para as feitorias portuguezas e para as livres, sommada ao *seguro* que a tal ou qual força do nosso dominio politico estabelece a favor do commercio feito á sombra da nossa bandeira.

d) Prejudicada, pois, pela força das cousas a idéa de um monopolio que só seria possivel se Angola fosse uma ilha inteiramente portugueza; limitados

pela concorrencia os proventos fiscaes, e extinctos, ou quasi os proventos nacionaes metropolitanos desde que o commercio colonial é estrangeiro: facil é concluir que, como feitoria, Angola é um encargo e não uma riqueza.

Se nós já sabemos que o fomento commercial de Angola se tem feito, não em proveito, mas em prejuizo do commercio portuguez, resta-nos agora lembrar que, no commercio da costa de Africa occidental, nem é exclusivo, nem sequer principal, o de Angola. Desde Camma, nas boccas do Rembo, até Molembo, extremo limite septentrional dos dominios portuguezes — n'essa costa formada pelo pendor occidental da serra-Comprida; e d'ahi, galgando as boccas do Zaire ou Congo, até á margem direita do Loge, fronteira do Ambriz, nos territorios onde sempre tivemos dominio, onde agora se nos concedeu (1885) occupação effectiva, mas improductiva — n'essa longa linha da costa que os tratados conservaram livre como era; extensão quasi egual á propria e completamente portugueza, pullulam as feitorias particulares de negociantes de todas as nações. (1) Estabelecidas á sombra de tratados com os soberanos indigenas, o commercio que era, como em Angola, outr'ora de escra-

---

(1) De Camma ao Ambriz contam-se 150 leguas e 126 feitorias, quasi uma por legua. O commercio lavra toda a costa. Das 126, 38 são de hollandezes, 37 de portuguezes, 29 de inglezes, 15 de francezes, 5 de hespanhoes e 2 de americanos. Os portos, até ao Congo, são: Camma, Ponta-da-pedra, Nyanga, Ponta-do-norte, Mayombe, Mambe, Ponta-banda, Nombé, Kilonga, Kuilo, Loango, Ponta-negra, Winga, Massabé, Chinchoxo, Chiuma, Malembe, Fontilla, Cabinda, Monharda, Banane e Binde.—Da foz do Zaire ao Ambriz: Sohno, Cabeça-de-Cabra, Kakongo, Maculd, Kinsão, Kintim, Banza-Congo, (capital do reino indigena do Congo, com vinte mil habitantes) Ambrizette, Monsera, Kinsembo.

vos, é hoje, como o de Angola tambem, de café, gomma, marfim, etc. O regime é essencialmente o mesmo, com a só differença de, ao sul do Loge haver alfandegas e authoridades portuguezas, e ao norte haver authoridades mas não haver alfandegas. De uma feitoria d'estas nasceu o Ambriz que, ao ser occupado em 1855, depois de doze annos de existencia, exportava mil toneladas de café, mais de cem de gomma, quatrocentas de borracha e duzentas de marfim. Por aqui se póde e deve calcular a importancia d'esse commercio livre do norte da costa, que chega a ser computado em doze ou treze mil contos, isto é, o triplo do de Angola.

As tribus do litoral são intermediarias para com as feitorias e as caravanas do interior. As *quibucas,* percorrendo leguas pelos sertões, com os negros em linha carregados de café, ou de dentes de elephante, avisam a chegada ás cidades pretas do litoral, batendo o *engongui* ou chocalho que as guia. Descarregam-se os fardos, contam-se e pesam-se as contas e guardam-se os saccos da *fuba*, vasios de comestiveis depois de longa viagem. Começa então a troca. A *peça* (de algodão) é a unidade de moeda a que se reduzem todas as especies, traduzidas em equivalentes fixos na *mucanda* ou factura. Trocam-se d'este modo primitivo os productos do sertão pelas manufacturas europêas; (1) e a *quibuca* regressa para o interior com outras cargas, e o marfim ou o café seguem para a feitoria, esperando o navio inglez ou americano que a *casa* da Europa envia, ou o paquete que todas as quinzenas vem de Serra-Leoa e vae até ao Cabo.

As *quibucas* ou caravanas do interior tomarão aquella direcção que melhor convenha ao seu inte-

(1) V. *Regime das Riquezas,* pp. 103-14.

resse; rumarão para a feitoria onde a *peça* valer menos; e é evidente que, se as alfandegas portuguezas a carregarem de direitos que excedam as differenças de distancias, as *quibucas* deixarão de ir ao Ambriz, por exemplo, para ir ao Kinsáo, ou ao Banza-Congo. A esta concorrencia para a exportação corresponde a concorrencia que entre si fazem os productos europeus de importação. E os viajantes dizem que ainda hoje os direitos aduaneiros desviam para o norte uma parte consideravel da exportação; que do café de Cazengo vae grande porção por terra para as feitorias francas de além do Ambriz, em vez de descer ao Dondo e embarcar nos vapores do Quanza para Loanda. A *peça* é além mais barata, e o café tem melhor preço.

Qualquer que venha a ser o destino da Africa austral em remotas epochas; qualquer que venha a ser o resultado das explorações ha pouco encetadas por todas, ou quasi todas as nações da Europa; que o europeu se acclimate ou não; que o negro possa ou não civilisar-se; o facto é que o futuro proximo que espera a Africa é o de uma multiplicação das feitorias francas ao longo dos grandes rios e dos lagos interiores. Não é verosimil que a Inglaterra enprehenda a conquista do interior da Africa austral; mais é mais do que certo que os seus missionarios levarão, com a Biblia, amostras dos pannos de Manchester. Não é verosimil o estabelecimento de colonias e a occupação politica; é já evidente, porém, o proposito de alargar a mais de cem milhões de homens que andam nús o beneficio de vestirem os tecidos das fabricas britannicas — beneficio duplo para os carthaginezes modernos, em lucros e em castidade. N'este pensamento assenta a fundação do Estado-livre do Con-

go, empreza commercial politica sanccionada no congresso de Berlim de 1885.

E' possivel que em breves annos os vapores corram no Congo e no Zambeze com caixeiros e missionarios, Biblias e fardos d'algodão, para irem communicar com as feitorias francas estabelecidas no interior, ao longo dos rios; e o que aconteceu já com o Congo, venha tambem a repetir-se com o Zambeze. Eramos senhores de duas chaves da navegação fluvial africana: fomos forçados a franquear já uma d'ellas á navegação e ao commercio estrangeiros; sel-o-hemos a franquear a outra, se antes d'isso não passar a febre um tanto excessiva que mais uma vez impelle a Europa para a Africa. O dominio historico do litoral não nos dá o direito de prohibir ou de taxar com alfandegas as feitorias do interior. Esse direito foi-nos expressamente negado em toda a bacia geographica do Congo: será pois ousadia affirmar que as *quibucas* preferirão a *feitoria* proxima, e o vapor gue fumega no Zaire ou nos seus affluentes, ao destino de Angola, embora nos arruinemos a fazer caminhos de ferro no sertão?

Nós, pensamos, portanto, que, se a abertura dos portos desnacionalisou o commercio ultramarino portuguez, e se as feitorias francas da costa do norte poem já um limite aos rendimentos fiscaes de Angola, a proxima navegação do Congo e o estabelecimento das feitorias interiores hão de reduzir muito o valor geographico-commercial das portuguezas. Condemnamos pois a abertura dos portos, as feitorias francas, a navegação do Congo? Decerto não; seria até absurdo condemnar uma cousa necessaria. Lamentamos apenas o não termos que vender aos pretos: d'ahi vem todo o mal presente, e a provavel decadencia futura das nossas colonias africanas.

O que a navegação do Congo será para Angola, será a do Zambeze para Moçambique. Mais do que Angola ainda, Moçambique nos dá o exemplo de uma feitoria em que apenas a bandeira é portugueza. O commercio é francez; e em Lourenço-Marques a alfandega vive da *passagem* imposta aos productos do Transwaal que por ahi transitam. A construcção do caminho de ferro, por inglezes, será de futuro uma origem necessaria de conflictos, para debater os quaes evidentemente nos faltam recursos.

V

As plantações e o trabalho indigena

Vencidos, pois, pelo facto da Africa portugueza não ser uma ilha como são Cuba ou Java, e pelo facto de não termos manufacturas para vender aos indigenas; perdido o futuro commercial, e limitadas as nossas ambições aos territorios effectivamente occupados e submettidos pelas nossas guarnições presidiarias: resta-nos saber se nós poderemos fazer das Africas o que fizemos do Brazil do norte: uma colonia-fazenda, um centro de producção agricola. Pouco importará então que haja ou não feitorias francas, na costa ou nos valles dos rios; que os pretos comprem os algodões de Manchester, furtando-se a pagar-nos direitos; que todos vão e venham por toda a parte, negociando, trocando, vendendo, livremente. Melhor será até que assim seja, pois quanto menos valer a *peça*, mais valerão o café e o assucar e o algodão dos

nossos fazendeiros. A região litoral de Angola seria assim apenas subsidiaria da verdadeira região colonial—a alpestre, a interior, a agricola. E desde que os productos indigenas não fossem já os dos sertões interiores, mas sim os das *fazendas* portuguezas, os portos teriam seguro um trafego proprio, e não o dependente da direcção preferida pelas *quibucas* dos negros.

Se é possivel fazer-se de Angola e de Moçambique duas colonias *fazendas*, a Africa será para nós outro Brazil.

Nós sabemos que, nem a producção fabril, nem a emigração numerosa, nem o poder naval, nem um clima particularmente benigno, são necessarios para o conseguir. Não o foram no Brazil, nem o são em parte alguma. O indispensavel é o capital abundante para desbravar o chão, para installar as plantações, para abrir os caminhos, e baratear o custo da producção. O indispensavel é a abundancia d'esse instrumento de trabalho chamado homem, e por isso as *fazendas* só prosperam á custa da exploração mais ou menos brutal dos braços indigenas.

O norte do Brazil e as poucas plantações da Africa portugueza medraram á sombra do trabalho escravo do negro. Abolida a escravidão, levanta-se o problema do regime do trabalho livre indigena, e as idéas vigentes não admittem outra hypothese senão a do salariado á moda da Europa: ao mesmo passo que as instituições sociaes dos negros não consentem as fórmas de servidão feodal da Asia. Quando pois os enthusiastas das colonias enumeram com fervor as riquezas naturaes do solo portuguez africano, e a quantidade de cousas preciosas que lá se poderiam plantar, esquecem que, antes d'essas affirmações—que de resto não admit-

tem replica — está a questão do trabalho, sem o qual não ha productos; está a do capital, sem o qual não ha installações agricolas; está, ainda e finalmente, a da intelligencia e sabedoria da administração, sem a qual não ha cousa alguma prospera nas sociedades humanas.

Trabalha, ou não, o negro por salario e livremente? Esta pergunta, acolhida por modos tão absolutamente oppostos, parece já sufficientemente respondida. Evidentemente o negro trabalha, sem ser necessario escravisal-o. São marinheiros o cabinda e o krumano a bordo dos navios da carreira de Africa; são trabalhadores ruraes os milhares de cafres que os colonos do Natal empregam nas suas lavouras.

Não basta porém affirmar isto; é necessario estudar os condições em que o negro trabalha. Os krumanos e cabindas servem de grumetes, de cosinheiros e marinheiros, o tempo que baste para comprarem o numero de *peças* a que na *mucanda* das suas terras correspondem tres ou quatro mulheres. Regalado ao sol, inaccessivel á febre, chupando o seu cachimbo, o negro consolidou o seu trabalho. Com um capital mulheres que lhe dá o juro sufficiente para viver como gosta, restabelecido na patria, indifferente aos esplendores de Liverpool que visitou. O cafre do Natal vae ás lavoiras inglezas trabalhar de passagem para comprar com o salario tabaco ou aguardente; e regressa ao sertão a pastorear os seus rebanhos. Nomada, não se fixa, nem se *domestíca*. Trabalha, sim, mas não por *habito*, por instincto, com o fito de uma capitalisação illimitada, como o europeu. Trabalha, sim, mas aguilhoado pela necessidade immediata: e as necessidades do negro são curtas, e satisfazem-se com pouco. Não abandona a liber-

dade e a ociosidade, para elle felizes condições da vida selvagem, pelo trabalho fixo, ordinario, constante, que é a dura condição da vida civilisada. (1)

A escravidão tinha pois um papel positivo e economicamente efficaz, sob o ponto de vista da prosperidade das plantações. Não basta dizer que o trabalho escravo é mais caro, e que o preto livre trabalha — factos aliás exactos em si — porque é mistér accrescentar que o preto livre só trabalha intermittentemente ou excepcionalmente; e que o mais elevado preço do trabalho escravo era compensado pela constancia e permanencia do funccionar d'esse instrumento de producção.

As culturas exoticas (café, algodão, assucar, etc.) mais que nenhumas outras exigem, em dados momentos, a certeza absoluta dos braços trabalhadores; e era isso o que a escravidão dava, e o que o trabalho livre não póde garantir.

Se ainda nos Estados-Unidos, no Brazil, em Porto-Rico, por toda a parte por onde se exportam negros, hoje livres, esses negros continuam a lavrar as plantações, seria um erro inferir d'ahi para Africa, onde se trataria, não de continuar, mas de crear uma colonia-fazenda. Fóra da patria, acclimatados durante gerações aos habitos tradicionaes, os negros na America não têm, como na Africa, o sertão e a tribu proximos, constantes as tentações da vida selvagem e seus encantos. Melhor fôra comparar esta condição á dos indigenas do Brazil que tambem trabalharam escravos, que tambem foram emancipados; e desde então trabalhavam tambem, mas fugitivamente, arrastados pelas tentações do sertão, para onde afinal se sumiam para morrer, para se extinguirem.

(1) V. *Raças humanas*, I, p. LV.

Depois, se isto não é assim; se o negro trabalha por instincto e habito; se o negro é capaz de passar da condição de pastor á de agricultor, de se fixar na terra, de capitalisar indefinidamente como o europeu; se o negro é cidadão, é livre, é portuguez — e tudo isto exige o trabalho salariado — como os terrenos não têm dono, nem limite; porque iria o preto servir e enriquecer um colono, quando elle em pessoa póde plantar, colher e vender o seu café?

A idéa da creação de *fazendas* com o trabalho indigena, livre e salariado, fica embaraçada entre as duas pontas d'este dilemma. Ou o preto só trabalha excepcionalmente e não abandona o estado selvagem; ou é susceptivel de se fixar no trabalho agricola. No primeiro caso, a intermittencia arruinará as plantações; no segundo, o negro trabalhará para si, e não para o fazendeiro.

Se a questão do regime do trabalho é a primeira e a mais grave, logo apoz ella vem a do capital. Não bastam os subsidios do estado, não basta que elle despenda tudo o que é necessario em obras publicas e n'uma administração competente; não basta, com effeito — embora nós não vejamos bem com que recursos o Estado se desempenharia em Portugal d'esta tarefa. Gastar pouco é n'estes casos perder tudo. Não bastam porém os subsidios do Estado para crear as plantações de uma colonia-fazenda. Nas colonias agricolas de emigração franca o capital de installação reduz-se, com effeito, ás obras-publicas; e os emigrantes podem ser e são em geral proletarios, a quem o Estado dá ou vende as terras que cada um ha de lavrar. Nas *fazendas* o caso é outro; o regime é o da grande, não o da pequena cultura; e o colono, ao estabelecer-se, necessita achar-se muni-

do de capital para construir os moinhos, fornos e celleiros, os quarteis e ferramentas dos trabalhadores numerosos que para elle hão de cultivar a cana ou o café.

Não basta o capital do Estado; é necessario o capital particular. Admittindo pois que uma parte da nossa emigração podesse ou quizesse fixar-se em Africa para ahi estabelecer fazendas, resta saber se os nossos emigrantes têm capital como tem em grande parte a emigração alleman, por exemplo. Ora todos sabem que a portugueza é constituida pelo proletariado rural dos Açores e pelo excesso da população do Minho, filhos de pequenos proprietarios ou rendeiros sem capitaes disponiveis.

Quando, por vezes, a proposito de Africa nos acudir á idéa o que se fez no Brazil outr'ora, lembremo-nos sempre dos meios que se empregaram, para não cairmos no erro de approximações temerarias. A primitiva colonisação do Brazil foi levada a cabo por um systema feodal, o das doações. Os donatarios ou capitães, senhores do solo e creadores das fazendas, podiam satisfazer ao requisito de que tratamos agora. Tinham recursos, não só para comprar ou caçar os escravos e alimental-os, para construir as habitações e os engenhos, como até para armar esquadras por sua conta, assoldadar guarnições e levantar fortalezas. A's *companhias* (inglezas, hollandezas, portuguezas) que succederam na colonisação dos paizes tropicaes, e aos capitães das ilhas atlanticas e do Brazil, succedia o mesmo. Desembarcado, só e nú, sem protecção nem meios sobre um chão por desbravar, que sorte esperaria em Africa o minhoto ou o açoriano?

Força é pois concluir que tambem a escacez

de recursos do nosso thesouro, e o caracter proletario da nossa emigração, nos não parecem favorecer, nas duas Africas, a creação de um systema de colonias-fazendas.

Como subsidiaria da questão de trabalho surgiu a do capital; como consequencia de ambas levanta-se agora est'outra — a da administração. Uma *feitoria* ou uma *colonia*, estabelecimentos creados e mantidos pelas forças naturaes da concorrencia commercial ou da immigração espontanea, pouco requerem da administração e do thesouro da metropole. E' o contrario uma *fazenda*. Como tudo é ahi artificial (quer dizer, obra da vontade dos homens contra as tendencias naturaes) desde o regime do trabalho, mais ou menos forçado, até á cultura, exotica ou indigena, sempre destinada é exportação e não ao consumo colonial; desde o estabelecimento dos colonos europeus que é transitorio, até á lucta contra climas por via de regra inhospitos: como tudo é artificial, repetimos, o papel reservado á acção efficaz do saber, da intelligencia, da honradez dos funccionarios publicos, e da força das guarnições militares, é eminente.

Ora nem para sabios administradores nem para guardas pacientes e firmes nos fadou a natureza. Não fallando agora n'essa famosa historia da India, (1) os fastos da nossa administração colonial são um tecido de miserias vergonhosas. Herculano, tratando da civilisação das nossas populações ruraes portuguezas, chamava mythos creados para uso das secretarias ao padre e ao mestre: nas colonias houve e ha um mytho mais, o governador do presidio; e os tres deviam ser contados entre o

(1) V. *Hist. de Portugal*, l. III, *A viagem da India*.

que a imaginação dos phenicios inventou mais repugnante e atroz. Não se esgotaria a materia, ainda quando se enchessem bibliothecas com os casos ridiculos, horrorosos ou simplesmente chatins, da historia da nossa administração colonial.

O padre Antonio Vieira dizia que no Maranhão os dizimos rendiam seis a oito mil cruzados, dos quaes o governador tomava desde logo metade para si e dava o resto aos subordinados. As egrejas, sem rendas, caiam em ruinas e os clerigos viviam *á custa dos naturaes*. Os governadores, diz o padre, vendem os postos militares, tirando o accesso aos soldados, vendem a justiça, inventam crimes para espoliar os particulares, compram e escravisam os indios. No tempo do marquez de Pombal o bispo do Pará escrevia: «A miseria dos costumes d'este paiz me faz lembrar o fim das cinco cidades, por me parecer que móro nos suburbios do Gomorra mui proximo e na visinhança de Sodoma.» O incesto, a bigamia, os roubos, os assassinatos, enchem as *Memorias* do bispo. De Angola sabe-se como em nossos dias os governadores, não podendo já escravisar os negros como indios do Brazil, exploravam o trabalho dos *carregadores*, provocando desordens e até guerras. A miseravel escassez dos vencimentos elege para os cargos homens perdidos que se desforram roubando o que não ganham. De Moçambique todos os governadores voltavam ricos. O de Tete vence por mez o valor de duas garrafas de vinho; e por isso um de Quelimane, em condições analogas, partiu a bordo do navio de escravos, de capitão. No Ambriz viu Monteiro, e Cameron em Benguella, o que é uma fortaleza; e a desgraçada historia das successivas e perdidas expedições contra o *Bonga*, essa historia em que se não sabe o que

admirar mais, se a cobardia, se a inepcia, attesta a capacidade da administração colonial portugueza. (1)

---

(1) Eis aqui varios *casos*, colhidos fortuitamente, que podem servir para dar idéa do que é e do que vale a nossa administração ultramarina:

Guiné

Na Senegambia Portugueza tinhamos de Norte para o Sul — *Carabana* na embocadura do rio *Cazamança* completamente usurpada pelos francezes, e aonde nem tremúla a bandeira portugueza! — *Zanguichor* no mesmo rio, completamente perdida e abandonada ao gentio e ao commercio francez — *Sêlho* no mesmo rio, a 200 leguas para o interior, exactamente nas mesmas circumstancias, aonde não ha nem o mais pequeno vestigio de soberania portugueza, podendo dizer-se que todo este rio está usurpado pelos francezes — *Pessiche*, excellente porto do rio *Geba* muito abaixo de *Bissau*, no meio do archipelago dos *Monjacos*, completamente abandonado, occupado e explorado só por francezes — *Bissanma*, povoação muito moderna, formada pelos *Mandigas* e *Biafaras*, emigrados das terras de *Furriá* do cimo do rio Grande; esta povoação que ainda ha tres annos prosperava pelo trabalho dos seus habitantes a olhos vistos, ao norte e em frente de *Bolama*, foi mandada arrasar pelo Governador de Guiné, quando districto, Antonio José Cabral Vieira, em 31 de Maio de 1878, só para lisongear os francezes senhores da feitoria de *Bombaia* que lhe ficava proxima, a cujos interesses a prosperidade evidente d'aquella colonia de denodados trabalhadores fazia *sombra!*...

Feitoria de João Cardoso no Cham de Nalú, do norte da referida feitoria franceza de *Bombaia*, destruida e arrasada em setembro de 1879, pelos trabalhadores e empregados da mencionada *Bombaia*, que no dia em que expirava João Cardoso, dono e fundador d'aquelle estabelecimento que tomara o seu nome, estando o cadaver ainda insepulto, invadiram o mesmo estabelecimento, arrasaram as casas, lançaram fogo aos armazens e destruiram as mercadorias e fructos armazenados, e porque os filhos d'aquelle desditoso portuguez arvoraram a bandeira portugueza para vêr se á sombra d'ella ainda salvariam alguma cousa, os vandalos francezes certos do favor e da impunidade, porque bem sabiam dos presentes com que os seus patrões tinham enchido, segundo se dizia, as auctoridades militares de Bolama, unicas que temem e respeitam, arrearam a mesma bandeira portugueza, calcaram-n'a aos pés, fizeram-lhe outros insultos que se não podem aqui escrever, e por fim lançando-lhe tambem fogo, espalharam as cinzas ao vento! A feitoria de *Bombaia* faz parte da

As missões, porém... e as missões? Faltava o terceiro mytho. O bispo do Pará conheceu o provincial do Carmo a quem «orava muita gente á

---

casa franceza de Marselha, Blanchard e C.ª, cujo agente foi ha pouco agraciado com o habito de Christo: sem duvida que o illustre Ministro não estava ao facto d'estas circumstancias.

(*Jornal da Noute*, 28-9 junho 1881).

Durante o governo do capitão-tenente Gouveia (1880-5) uma expedição naval contra os negros encontrou estes obstaculos: 1.º a canhoneira não tinha caldeiras utilisaveis; 2.º não tinha velas; 3.º a guarnição fez *grève*. De modo que o governador teve de ir commandar a canhoneira que seguiu rebocada por uma lancha a remos, levando nos mastros saccaria aberta a fazer de velas.

Angola

Não duvidamos da aptidão dos soldados d'Africa para combater n'estas ardentes paragens, porém do que estamos convencidos é, que o systema de os mandar marchar é pessimo: além de não saírem do ponto de partida todos em massa accresce a circumstancia, de que nada levam a não ser meia duzia de rações de etape e a roupa que vestem, do que resulta que, se o soldado escapa do fogo, morre de fome, de miseria, despresado ahi em qualquer concelho. Faz agora 10 annos, que por esses concelhos de leste era um horror vel-os; o Dondo foi o principal theatro d'este drama, o Dondo, onde se abriu uma subscripção para os alimentar.

(*A Verdade*, de Loanda, fev. 23 de 1882).

Moçambique

Reinava completa anarchia nas cousas da administração do districto de Quelimane, accusando-se de falta de tacto a certas e determinadas auctoridades. O estado sanitario era regular.

Houve lucta entre os *sypaes landins* e o cidadão Ildefonso José, facto passado na Chupanga, praso da Corôa. E' para lamentar este successo, quando uma expedição official tratava diplomaticamente com o chefe d'aquella tribu, no sentido de o chamar ás boas relações com o governo. D'este desastroso conflicto resultou grande mortandade para os *landins*.

Um cabo de esquadra, pretendendo fuzilar o commandante do batalhão de caçadores n.º 1, Fornosini, disparou a espingarda, acontecendo, porém, que o major Ayres Vieira, commandante da praça de S. Sebastião, onde se achava alojado aquelle corpo, desejando obstar áquelle attentado correu para o cabo e foi afinal

força de cacau e de café.» Diz elle, e como bispo devia sabel-o, que os parochos eram incestuosos e andavam todos concubinados: os indios, ao verem

---

victima, porque a bala destinada ao commandante Fornosini, foi cravar-se no grosso da perna, tendo esta de lhe ser amputada com o fim de evitar a gangrena; receia-se ainda pela vida d'este infeliz official.

(Corr. para o *Commercio do Porto*, de 31 de março de 1883).

— O tenente de cavallaria Ferreira deu dois tiros de rewolver no tenente de marinha Reis, da *Mandovi*, mas não o feriu.

— Diz uma carta de Moçambique que um empregado das obras publicas da provincia dera um tiro de rewolver em um official da armada, e que o aggredido ficára levemente ferido.

Lê-se em um jornal da dita provincia:

«No dia 16 do corrente entrou n'este porto aquelle navio da nossa armada, trazendo a seu bordo su exc.ª o governador geral da provincia.

«Sua exc.ª, segundo nos consta, fôra a Cabo Delgado, onde visitára os estabelecimentos publicos da capital do districto, indo depois visitar a bahia do Tungue; ahi fundeou a corveta e mandou um escaler a terra, porém a gente do sultão de Zanzibar, que ali estava, disse-lhes que só depois de pedirem licença ao chefe, que estava na povoação grande, poderiam desembarcar, e que se, no dia seguinte, vissem em terra duas bandeiras podiam ir a terra; effectivamente no dia seguinte foram arvoradas as duas bandeiras e de bordo foi um escaler com officiaes e algumas praças que saltaram em terra, porém em terra estavam todos armados; mais tarde ia para terra um outro escaler da corveta, levando sua exc.ª o governador geral e o snr. commandante do navio, e em terra, logo que suas exc.ªs iam no escaler, disseram que aquelles senhores não podiam desembarcar, porque lá só podia ir quem fosse fazer negocio.»

«O escaler em que suas exc.ªs iam foi atracar á margem do sul do rio Menenene, onde tambem nos consta que sua exc.ª o snr. governador geral tenciona mandar estabelecer um porto nosso.»

— «No dia 15 do corrente foram julgados em Moçambique, no processo de roubo do cofre da Estação Naval, o snr. tenente Goulão, pronunciado por incuria e negligencia; o marinheiro Manoel Signaleiro e o serralheiro Faustino Farinha, como auctores do roubo. Foram absolvidos. Defendeu os réos o snr. advogado Carvalho.»

(Corr. do *Jornal do Porto*, de 30 de setembro de 1882).

Foi assaltado e quasi inteiramente esmagado, o destacamento portuguez de Ampapa, ponto a pequena distancia do Mossoril, na

a distancia entre as obras e as palavras, voltavam fugitivos para o sertão e pareciam ao bispo tão selvagens antes, como depois de baptisados. Em

---

costa do continente fronteiro á ilha de Moçambique, a umas 12 ou 15 milhas d'esta. A origem da revolta parece ter sido a de quasi todas as que rebentam nas nossas colonias: — a estupidez extorsora e immoral de muitas das nossas auctoridades, particularmente d'aquellas que enviamos a representar directamente o nosso dominio entre os selvagens. Houve uma perfeita carnificina, segundo consta, e o chamado capitão da terra firme entrincheirou-se em Mossoril, n'um palacio de campo do governador, aguardando os soccorros da capital.

(*Jornal do Commercio*, de Lisboa, 6 de maio de 1882).

Em Angoche ainda as vozes dos que ali residem podem ser ouvidas a tempo em Moçambique, mas em Chiluane (séde do governo do districto de Sofala) é que o desprezo attingiu o ultimo grau.

Não se imagina o que ali se passa.

Funccionarios e tropa com 8, 10 e 14 mezes de atrazo e mais, sem recursos e sem communicações com Moçambique, causa horror ouvir as descripções dos governadores e commandantes militares, do estado em que se acha o districto.

Ainda não ha muito, que participavam ao commandante militar de Sofala e ao governador que o corneta não podia tocar ao recolher por não ter força para tocar o instrumento, por estar ha 36 horas sem comer!!! O sargento de uma guarda vinha participar que se achara cahida no chão a sentinella por não ter força para se sustentar de pé. Havia 24 horas que não comia. E como isto, tudo o mais.

(*Angoche* por Castro Ferreri, p. 51). Lisboa, 1881.

India

Noticias da India dizem que em Diu houve uma occorrencia bastante grave. O governador do districto entrou em casa do baniano Calta, o mais rico d'aquelle sitio, e pretendeu violentar uma baniana, parece que a esposa do mesmo baniano. Aos gritos d'aquella acudia um grande numero de banianos, que desancaram o governador, que foi em seguida á praça, fez o toque de reunir e ordenou ao commandante que fosse destruir a casa do baniano. A ordem não foi porém executada.

Algumas auctoridades telegrapharam para Gôa, e participando ao governador esta occorrencia e pedindo providencias. O governador nomeou immediatamente o capitão de artilharia, Faustino Gomes, para partir para Diu e tomar posse do governo.

Angola vimos nós os jesuitas traficantes de escravos, porém Moçambique excede a tudo. Mandavam para lá, de Gôa, os padres degredados por

---

O governador do districto foi suspenso, emquanto o governo da metropole, a quem se deu parte do occorrido, não resolva a sua situação.

(*A Folha Nova,* do Porto, 15 de junho de 1881).

Macau

A's nove da noite de 10 do corrente, uma lancha dos postos fiscaes chinezes do Bugio atacou uma champana que levava, já proximo da fortaleza da Taipa, setenta bolas de opio, e fazendo um tiro de metralha matou um dos tripulantes e feriu cinco d'elles. Em seguida a lancha confiscou todo o opio e dirigiu-se triumphante para o Bugio. Procedeu-se ao corpo de delicto e á autopsia. Os feridos acham-se em tratamento no hospital china. O snr. governador da provincia officiou energicamente ao vice-rei de Cantão, pedindo satisfação e reparação da affronta.

(*Diario de Noticias,* de Lisboa, 16 de setembro de 1883).

Macau 19 de fevereiro...— A terra é boa, e se não fosse a grande distancia que nos separa de Lisboa, não lhe prefeririamos, para residencia de pouco tempo, qualquer das nossas cidades da provincia, com excepção do Porto.

Tem-se espalhado muitas vezes em Portugal que o commercio de Macau está a definhar e prestes a morrer.

Não é verdade. O movimento commercial tem pelo contrario crescido. O do anno passado foi superior a 20.000 contos de réis; porém, o que é verdade, é que o commercio está exclusivamente nas mãos dos chinas, que são os que hoje aqui prosperam e possuem as melhores propriedades.

Ante-hontem naturalisou-se cidadão portuguez um dos mais opulentos negociantes chinas d'esta cidade.

A exemplo do que se está consummando em Gôa, a classe dos descendentes dos europeus ha de em breve desapparecer completamente de Macau, aonde a emigração das familias portuguezas é espantosa para o Japão, Hong-Kong, Shangae, Saigon, e outros pontos da China e da Cochinchina.

Basta saber-se que em Hong-Kong, por exemplo, não fallando dos chinas, ha, segundo a ultima estatistica, 785 inglezes com residencia permanente, e 386 individuos de outras nações estrangeiras, com excepção dos portuguezes, cujo numero excede a 1:800; isto é, mais que o dobro dos proprios inglezes!

crimes ecclesiasticos e civis. Chatins e ladrões, os missionarios, no dizer de muitos, foram umas das causas da perda das feiras do interior. Excom-

---

E' realmente para lamentar que Portugal tenha em tão pouco apreço esta provincia ultramarina, que não haja um unico negociante sequer que se lembre de mandar para este porto um navio, pelo menos de anno a anno.

Pois os productos de Portugal teriam aqui grande extração, como o vinho, o azeite, as carnes salgadas, as conservas e o rapé; e o vinho principalmente teria tambem muitos consumidores em Hong-Kong, para onde d'aqui se vae em tres horas e meia e ha carreira diaria de vapores.

E o navio poderia levar, além de muitos e variadissimos productos na China, o proprio chá que se fabrica em Macau, tornando-se indispensavel e urgente que as pautas de Portugal não produzam o estranho phenomeno de o chá fabricado em Macau, e que vae para Portugal por intermedio da Inglaterra, em navio inglez, pagar menos direitos do que os que teria de pagar se fosse enviado directamente d'este porto para os da metropole em navio portuguez; consequencia de o governo portuguez considerar Inglaterra como nação privilegiada e insistir na teima incrivel de não admittir chá fabricado na sua propria colonia de Macau como producto colonial.

E todavia *o chá fabricado em Macau, e exportado no anno passado para Inglaterra, excedeu a quantia de cento e vinte contos de réis (!)*

Não seria isto para espantar, se, para testemunho da nossa incuria em negocios ultramarinos, não se désse o facto notavel de não *haver em Macau um correio portuguez,* apesar de andarmos a sustentar que este torrão nos pertence ha mais de tres seculos.

Ha simplesmente uma delegação do correio inglez de Hong-Kong, que por *muito favor* se encarrega de expedir a correspondencia para a Europa, por intermedio de Hong-Kong, e levando de porte quasi outro tanto do que se paga de Hong-Kong para a Europa.

E foi para isto que Macau figurou na união postal universal!! Se não foi por ludibrio, devemo-nos regosijar de que os estrangeiros façam de nós melhor juizo do que merecemos.

O dinheiro portuguez não tem aqui curso, mas corre o dinheiro inglez, o dinheiro chinez, o japonez, o mexicano e o da grande republica americana.

Já vê v. que os chins não deixam de ter alguma rasão quando affirmam que isto não é territorio portuguez.

Não quero abusar mais da bondade de v., etc.

(Diario de Noticias, de Lisboa, 22 de outubro de 1882).

mungavam por commercio, a pedido de um ou de outro, ou para cobrarem o preço do perdão. Vendiam polvora e armas aos indigenas, para que os expulsassem a elles e a todos do sertão. Eram tão ignorantes, máus e depravados, que os governadores (1824-9) acham melhor que se acabe de todo as missões. No Ambriz um viajante (1) encontrou o parocho durante a semana negociando na sua choça, ao domingo dizendo missa em casa do governador, porque a egreja tinha apenas as paredes. E como digno resto d'essas falladas missões do Congo, e da Christandade ahi fundada, resta nas cubatas dos negros um fetiche mais, o crucifixo; e em Santo-Antonio de Cabinda, os sinos da egreja de outr'ora, pendurados nos ramos de uma arvore, tocam garridos á passagem do soba...

Como se ha de pois esperar a creação e o desenvolvimento de fazendas, quando, a nosso vêr, faltam os elementos essenciaes d'essa especie de estabelecimentos? Faltam os braços permanentes, os emigrantes com capital, falta dinheiro ao thesouro, falta uma tradição administrativa colonial, e empregados e tropa adestrados para a gerencia e guarda do que poderiam ser novos Brazis do norte.

Entretanto o facto é que em Angola ha cultura, ha *fazendas*, e de estranhar seria que as não houvesse. Essa colonia que é principalmente uma feitoria, tem comtudo um pouco dos caracteres do segundo typo. Homens mais audazes, mais felizes ou mais intelligentes do que é prudente esperar do commum, conseguiram vencer os obstaculos, e de

(1) Monteiro.

feirantes do sertão, tornaram-se plantadores. (1) Se algum futuro espera Angola, como colonia portugueza, é este apenas. As *feiras* do interior e o commercio maritimo, isto é, os dous aspectos que fazem d'essa Africa uma feitoria, já desnacionalisada quanto aos productos de importação e ás proveniencias e destinos do commercio europeu, provavelmente decahirão com o fomento das feitorias francas e da navegação do Congo.

Se á custa de sacrificios, acaso excessivos para nós, reconhecessemos possivel e util desenvolver as fazendas da região interior de Angola, cortando-a de caminhos de ferro, salariando convenientemente a administração, organisando a milicia e auxiliando

---

(1) A exportação do café de Angola é a prova d'este facto sabido. Em 1837 foi do Brazil para Angola um fazendeiro estabelecer-se em Cazengo, onde achou indigena a planta do café. Roçou, cultivou — com pretos, é claro. Em 1845 colhia 10 tons.; e o lugar de Cazengo que em 1856 dava 300, dá hoje 2:700 tons. de café. Eis ahi um typo de colonia-fazenda, que vem corroborar tudo o que se diz no texto: pois em Cazengo ha *apenas cincoenta europeus,* mas muitos indigenas. Em 1856 começou a cultura do algodão, cuja prosperidade, comtudo, não foi egual nem comparavel á anterior. E no Cazengo, no Golungo, nos pontos do interior da provincia onde o clima não é inhospito como no litoral, o *capital* de dinheiro e intelligencia de varios fazendeiros (S. João, Prototypo, Palmyra, Monte-Alegre) tem conseguido dar ás plantações exploradas com o trabalho negro um desenvolvimento que as exportações accusam. Concluir-se-hia d'aqui a favor da immigração dos proletarios açorianos ou minhotos?

Não, porque não faltam braços; nem o fazendeiro preferiria o trabalho mais caro do branco ao do preto. E não tambem, porque só *fazendas* ou plantações convém á exploração de Angola. O exemplo de 1849 em Mossamedes é eloquente. Foram para ahi 200 familias de portuguezes do Brazil e ao fim de tres annos essa colonia estava dizimada; mais de dois terços d'ella tinham retirado. E não obstante, o clima em Mossamedes aproxima-a mais das condições das colonias agricolas. Dir-se-ha que Mossamedes prosperou depois; mas, como? Plantando cana, fabricando aguardente, em estabelecimentos regidos pelos colonos, *trabalhados pelos indigenas.* (V. Ferr. Ribeiro, *A prov. de S. Thomé,* etc.)

os colonos com capitaes que elles não possuem, porventura um novo Brazil-norte se podesse crear na costa occidental de Africa, sob o regime de uma vassallagem real dos indigenas, e de um trabalho mais ou menos clara e directamente forçado. Cabe isto nos meios de uma politica sem fixidez, nem pensamento, como é a portugueza? Cabe isto nos recursos acanhados da nossa riqueza? Temos capitaes para immobilisar n'essa riqueza?

Como quer que seja, para fazer alguma cousa n'um ponto, seria mistér pôr de parte os dominios vastos e as tradições historicas, concentrando n'um logar os recursos e as forças disponiveis, se acaso os ha. Alienar mais ou menos claramente, além do Oriente, Moçambique, por enfeodações a companhias; abandonar protectorados irrisorios e dominios apenas nominaes, e congregar as forças de uma politica sabia e systematica na região de Angola — eis ahi o que talvez não fosse ainda inteiramente impolitico.

N'essa região de Angola, limitada a norte pelo Loge, e a leste pelos montes de Tala-Magongo, divisoria da bacia hydrographica litoral, e da bacia interior do Quango, affluente ainda inexplorado do Quanza com os valles parallelos até ao Cunene; acaso se poderia crear para nós uma Java, se como os hollandezes descobrissemos um meio de tornar forçado o trabalho do negro, sem caír no velho typo condemnado da escravidão. Poderiamos talvez assim explorar em proveito nosso o trabalho de uns milhões de braços, enriquecendo-nos á custa d'elles. De tal modo se fez o Brazil. (1)

---

(1) Entre as varias cartas que do Brazil e de Africa recebi de desconhecidos meus a proposito da 1.ª edição d'este livro, encon-

Porventura a franqueza com que estas cousas são ditas, magoará muitos ouvidos educados pelas notas ingenuas ou hypocritas da idolatria do nosso seculo. Com a liberdade, com a humanidade, jámais se fizeram colonias fazendas.

Dir-se-nos-ha, porém: e porque não estará reservado á Africa portugueza o futuro de uma co-

---

tra-se uma do sr. J. Correia Pereira, que depois soube ser um plantador de rara intelligencia e fortuna. Denuncia essa carta um tão exacto conhecimento das cousas, que seria erro não a communicar ao pnblico. Votos d'estes valem por muitos relatorios inçados de banalidades.

Eis aqui os trechos que podem servir a elucidar o texto: o resto da carta tem um valor méramente pessoal, embora em demasia grato para o author d'este livro.

«Quelimane 28 de janeiro de 1882.

... Sr. J. P. Oliveira Martins.

....

Depois da liberdade, que não julgo um mal, e para a qual dei o meu voto no questionario apresentado em 1874 pelo Ministro da Marinha, a questão do trabalho na provincia de Moçambique carece de ser resolvida de prompto; as feitorias estrangeiras e os mouros de Bombaim, que ahi temos, absorvem todo o commercio (e com justos direitos) guerream surdamente o plantador portuguez; e o peor é, que as auctoridades de todas as localidades e feições, sem politica, sem norma e sem nexo, ávidos apenas de uns postos d'accesso que cá vem ganhar, e de uns vintens para saldar as dividas que deixaram na metropole, só buscam prejudical-o de accordo com aquelles, e inconscientemente se deixam transviar.

O que v. escreve são admiravelmente verdadeiras lições para os nossos ministros das colonias. — Não sei se v. já esteve em Africa, mas é um axioma quando diz — se os terrenos não tem dono, nem limites porque iria o preto servir e enriquecer um colono, quando elle em pessoa póde plantar, colher e vender o seu café? A idéa da creação de fazendas com o trabalho indigena livre e assalariado, fica embaraçado entre os dous pontos do dilemma: Ou o preto só trabalha excepcionalmente e não abandona o estado selvagem; ou é susceptivel de se fixar no trabalho agricola. No primeiro caso a intermittencia arruinará as plantações; no segundo o negro trabalhará para si, e não para o fazendeiro.

Todo o capitulo 5.º e 6.º do livro 4.º são verdades tão incontestaveis, que só os tradicionaes Quichotes da nossa administração contestarão.

lonia agricola, de uma colonia de terceiro typo, como são o Cabo ou o Transwaal no mesmo continente, como foram na America os Estados-Unidos, como são o Canadá e até certo ponto a Australia? Nós, que colonisámos os Açores e a Madeira e S. Paulo, porque não poderiamos crear uma Africa portugueza, da mesma maneira que fizemos uma America? Ha uma corrente de emigração nu-

---

Além de ter 30 annos de residencia em Africa, tenho durante elles estado em Lisboa e no Porto, aonde nasci; vi a colonia do Cabo, vi as colonias inglezas da Asia, e a miseravel India portugueza; em terra ingleza tudo pratico, tudo positivo, tudo simples como convem aos que do trabalho vivem, como nos impõem o seculo em que vivemos.

Não é difficil de resolver o problema de fazermos das duas Africas, Angola e Moçambique, dois Brazis; não podemos ser senhores por emquanto do seu commercio exterior; mas podemos fazer d'ellas boas fazendas, como v. bem diz, e assim ser os senhores do solo e da propriedade pela agricultura.

Só a grande cultura resolverá esta questão, mas é preciso varrer as utopias e as idéas de umas theorias aliás lindas, mas cujos resultados serão nullos e infructiferos e mais tarde, sem ser muito longe, a perda d'ellas.

O clima não é mau, nem se oppõe á propagação da raça branca; as causas que tem obstado a ella, são outras muito diversas: permitta-me v. que n'este ponto eu divirja da opinião geral com os exemplos de casa, e com os estudos feitos. Sou casado com mulher egualmente como eu natural do Porto, e meus filhos nascidos aqui; tres existem fortes, robustos e ageis, e egualmente se dá isto com outras familias de portuguezes que aqui temos, que se tem conservado sem mistura de raças. O grande mal da nenhuma propagação da raça branca, está em outra causa que ainda nenhum dos nossos administradores estudou — e para que? D'ahi não lhe advirão postos d'accesso, fitas nem louvores do ministerio. A provincia de Moçambique e especialmente os dois districtos de Inhambane e Quelimane, pelo caracter, costumes e habitos dos seus povos, pela densidade da população e ainda pela fertilidade do seu solo e condições geographicas, são susceptiveis, com uma administração pratica, simples e inspirada nos verdadeiros interesses nacionaes, de no periodo aliás curto de 10 annos tornar-se uma boa e rica fazenda, uma plantação dos mais ricos productos coloniaes, um vasto campo de colheita para o fisco, sem molestar a propriedade. Todo o atrazo da provincia de Mo-

merosa que annualmente vae ao Brazil: porque não se desviará para a Africa essa onda?

Antes de responder a estes quesitos que demandam um estudo especial da emigração portugueza, lembre-se o leitor de que todas as colonias do terceiro typo, ou agricolas, estão ao sul ou ao norte dos tropicos; de que as Africas portuguezas são tropicaes: de que n'esta zona inter-tropical só vin-

---

çambique, todo o relaxamento e abandono, toda essa miseria e ignorancia que ahi pullula, todos os Bongas, se devem aos nossos administradores; elles, e só elles, são as causas: o mais são os effeitos forçados e violentos a imporem-se fatalmente pela ordem dos factos. Nada de accusações; a provincia, ella, é e continuará a ser a victima dos snrs. ministros da marinha e ultramar; creio até que nenhum d'aquelles altos personagens ou que aspirem a sel-o, lerá o importante trabalho de v. *O Brazil e as colonias portuguezas.*

Creia-me v. — e dão-me jus trinta annos da Zambezia, de Quelimane, no paiz dos Atongas, no Chire e em outros pontos d'esta região, não gastos só no trafico do commercio, na permutação de algodões por marfim ou no plantar de cana e palmares; mas sim, pensando e meditando, escrevendo e discutindo nas cousas da Africa, no seu passado e no seu futuro, na pirataria do negocio, no commercio do marfim, mal tão grande para Moçambique, como a exportação de escravos — é v. o primeiro escriptor que apresenta a solução que nos convem, a unica possivel á resolução do grande problema de conservarmos nossas as duas importantes possessões Angola e Moçambique.

Alienar Góa, Timor e Macau, não era um mal, antes sim um bem, fazendo concentrar na Africa as nossas attenções, a nossa marinha de guerra, o nosso funccionalismo colonial, as nossas poucas forças tão dispersas. Possam os nossos homens de estado, possam os nossos capitalistas, o nosso commercio dedicar-se ao alto assumpto que v. tão verdadeiramente apresenta, sem utopias, sem poesia, que não ha nem póde havel-a para formar povos e fazer d'elles imperios como fizemos do Brazil.

As verdades de Moçambique são: A raça branca não se propaga sem a mulher branca; essa não existe, o branco amanceba-se com a preta, produz o mulato; este a seu turno, em amores, é forçado a entregar-se ás pretas: — a raça retrogradou e desappareceu alfim. A grande agricultura não poderá existir sem o braço do preto indigena, e sem a grande agricultura que faça d'isto uma fazenda que nos dê o solo, tudo é, utopia, tudo é erro,

garam as colonias fazendas; e de que só por essa fórma se conseguiu — onde se conseguiu — acclimatar, mais ou menos bem, as raças meridionaes européas, jámais as do norte.

A idéa de uma colonisação agricola pela emigração portugueza livre, é, por muitos motivos (adiante estudados) uma chimera *liberal*. Mas, aco-

---

tudo illusão. O preto, porém, não precisa de nós, e sim nós é que precisamos d'elle!... O braço do colono branco d'onde quer que elle venha, só será para dirigir, para ensinar, para vigiar, para aperfeiçoar o trabalho do braço indigena. A administração colonial é apenas um viveiro de funccionarios que nada dá á terra de util, de pratico e de positivo na senda do desenvolvimento do trabalho moral e material que eleva e impilla para o progresso, para o qual todos os povos avançam; e, não me creia v. pessimista, não o sou: a longa e triste experiencia de trinta annos me tem dado a mais desgraçada das desillusões. Succedem-se os governadores geraes e os governadores subalternos; elles só têm o pedantismo da farda, a soberba ou quiçá orgulho da sua *nobre classe* a impôr-se vaidosa e tola (releve a phrase) nas mais tristes questões de soalheiro das respectivas localidades; e todavia, cada um é um reformador, um organisador (segundo elles) encontrando sempre ignorancia e má direcção nos seus antecessores...

E' um faz e desfaz continuo e sem nexo, uns esbanjadores de capital e tempo, que mais commettem uma serie de crimes de lesa nação e humanidade, na sua passagem pela administração, do que praticam actos de que resultem beneficios. Elles não tem a culpa; a nossa educação está feita assim, os nossos estadistas só assim os querem. Uma eleição para deputados é a pedra fundamental aonde cada governador assenta o edificio dos seus creditos de administrador; taes eleições vencem-se votando cincoenta homens que pensam, por seis mil pretos boçaes de uma estupidez crassa, a meia garrafa de aguardente cada um! E' barato e commodo.

Acceite v. as expressões da minha mais alta estima e consideração e um aperto de mão de um filho da laboriosa cidade do Porto, que perdeu a fé e a esperança em tudo que dimane da administração, e em que intervenham nas provincias ultramarinas os governadores.

Sou de v., etc.

J. Corrêa Pereira.»

dem os novos philanthropos que repetem de ouvido as opiniões biblicas dos judeus-inglezes com a mira nas fabricas de Manchester; mas, se a acclimatação e outras causas tornam impraticavel a colonisação européa, o futuro da Africa, de toda a Africa, é a grande, a vindoura e esplendida civilisação preta! Apostolos e missionarios da idéa-nova e negra, colloquemo-nos ao lado dos inglezes, chamemos o preto á escóla, baptisemol-o, moldemol-o á européa, e a Africa será grande... e Angola e Moçambique o quê? O mercado dos algodões inglezes, com que vestirão as suas vergonhas os pretos civilisados.

Esta ultima theoria, se tal nome convem a uma sympathica illusão, prende-se directamente com o movimento de exploração da Africa Austral que nós estudaremos summariamente no ultimo livro d'esta obra. Vejamos primeiro a theoria da colonisação agricola, pela emigração portugueza que hoje sáe com destino á America.

VI

A colonisação e a emigração nacional

Trabalhos recentes e valiosos nos habilitam a conhecer a importancia numerica e a natureza e condições da emigração nacional. Regula por vinte mil o numero de pessoas que annualmente sáem do reino para o Brazil e outros pontos; por quatro o dos repatriados; por dezeseis, pois, a contribuição com que concorremos para a colonisação da

America néo-portugueza da Guiana, das ilhas Sandwich e da California.

Desviar para a Africa essa corrente de emigração, crear com ella uma colonia agricola, eis ahi o pensamento claro e simples, no qual muitos vêem resumido o futuro de Angola e Moçambique. Nós inscrevemo-nos terminantemente contra similhante idéa que é mais uma prova da precipitação e falta de senso com que as opiniões se formam em Portugal. Os defensores da colonisação da Africa são os mesmos que terminantemente affirmam a aptidão do preto para o trabalho salariado e livre; sem se lembrarem que esta segunda condição, por si só, sem outros motivos, bastaria para condemnar á ruina os emigrantes portuguezes que são proletarios. Os portuguezes que vão para o Brazil, artifices ou agricultores, não levam um real de seu; e a prova d'isto são os contractos de locação de serviços que assignam para pagar as passagens. Desembarcados, vão trabalhar por salario, alugar os braços, ahi onde elles faltam. Regressam á patria com as economias e sobras do salario, sem se tornarem proprietarios na America. Chegados á Africa, esses agricultores e artifices, ainda quando achassem creada a fazenda, abertas as portas do lavrador que lhes havia de dar de comer e trabalhar, não poderiam vencer um salario superior ao do preto abundante: quaes seriam as economias do colono? como concorreria com o trabalho dos negros? (1)

---

(1) Consinta o leitor que transcreva n'este logar a carta que dirigi aos propugnadores da colonia Narciso Feio. Tratava-se justamente, sob o patrocinio do ministerio da Marinha, de alliciar umas centenas de emigrantes pobres do norte do reino para

Não é porém necessario discutir esta hypothese. O exame das condições particulares da emigração portugueza é o primeiro argumento a depôr contra o plano de encaminhar para Africa essa cor-

---

irem adubar (permitta-se-me a expressão) a região do Zaire recentemente adquirida. Naufragou o plano e honro-me da parte que tive n'isso, como membro da *Sociedade de geographia Commercial do Porto*. Eis a carta:

Ex.mo Sr. José Leopoldo Mera.

Lisboa.

Honra-me sobremaneira o convite que v. ex.ª me dirige na sua carta do dia 12, e, se a estreiteza do tempo me não consente dar-lhes um artigo para o seu *Africano*, não quero deixar de pôr n'esta carta algumas considerações breves que me suggere o movimento denunciado de colonisação da Africa portugueza. V. ex.as verão se ellas merecem a honra da impressão, e caso o mereçam, a carta supprirá a falta do artigo.

Não posso deixar de applaudir o pensamento de explorar (permittam-me que use d'este verbo de preferencia ao de *colonisar*) a Africa occidental, uma vez que nós não sabemos como explorar a metropole e deixamos ao abandono a navegação, muitas industrias e acima de todas a pescaria. Desde que para um emprego publico ha um cento de pretendentes, é evidente que falta occupação para a mocidade portugueza, filha da classe média. E sem duvida alguma é preferivel que esses moços vão ser fazendeiros em Africa, em vez de serem amanuenses, alferes ou continuos nas secretarias do Estado.

Não basta porém *ir para Africa*, e eis ahi o motivo porque eu preferi o verbo *explorar* ao *colonisar*. Colonise-se um territorio deserto como a Australia ou as vastidões da America do norte, ou os sertões do Brazil; não se colonisam regiões onde a população abunda e até, segundo alguns querem, cresce. Por isso eu considero como a mais perigosa das chimeras a idéa de desviar para Africa a nossa emigração de minhotos, açorianos e madeirenses, proletarios trabalhadores ruraes que hoje vão em demanda de paizes onde os braços faltam, e que em Africa se veriam reduzidos a trabalhar em concorrencia com a raça negra no regime de uma escravidão mal disfarçada.

Aos portuguezes cumpre pois explorar, e não colonisar a Africa. Para lá se devem encaminhar homens moços com a robustez, a intelligencia, a instrucção e os meios sufficientes para que, ao chegarem, possam installar a sua lavoura, *contratar* um certo numero de negros e crear com esses recursos uma *fazenda*. Con-

rente. Dos sete ou oito mil portuguezes que annualmente ficam no Brazil, mais de dois são rapazes marçanos; e decerto mais de cinco vão occupar-se no commercio de retalho, cujos lucros constituem o

---

sidere-se bem o que succede em Angola, considere-se o que se fez em tempos passados no Brazil, olhe-se sobretudo para a joia das nossas colonias — o tamanho não faz ao caso — a ilha de S. Thomé, e creio que ninguem deixará de abundar n'isto que digo.

Fazendeiros é que nós devemos querer ser. Colonos, como o irlandez qus vae para a America, o madeirense que vae para Demerara, o michaelense que vae para o Brazil, ganhando a vida com o seu braço, cavando nas roças, ou fazendo de carrejão no Rio; *colonos*, no sentido restricto da palavra, não, porque o *colono* de Africa é o negro. E' elle que póde e deve trabalhar sob a direcção e o commando do portuguez.

Negociantes? tambem não creio que haja um largo futuro a esperar d'ahi. Só é negociante quem tem em que negociar. Ora nós temos a todos os europeus pela frente: nós que entendemos não valer a pena fomentar a implantação de industrias metropolitanas que teriam na raça negra um mercado de consumo relativamente illimitado. Nem os nossos algodões, nem as nossas ferragens, podem competir com os inglezes e os allemães, principalmente, que terão sem a menor duvida uma preferencia indisputavel.

E' por isso que eu não sacrificaria a decima parte de um ceitil pela posse do Zaire, zona inhospita, onde apenas podem existir féitorias commerciaes n'um regime de liberdade internacional. A terra com a gente que a habita é porém nossa no centro e sul de Angola, e terra e gente devemos aproveital-as ambas ganhando para nós o enorme rendimento liquido que produzem as culturas tropicaes, feitas pelo braço robusto e barato do negro.

Vamos agora a outro ponto.

A prova de que, ainda com uma administração colonial detestavel a todos os respeitos, é possivel empenhar com exito explorações agricolas, está nos exemplos a que já alludi das fazendas que prosperam em Angola e San-Thomé. Todavia essas fazendas são o fructo de uma selecção dura que deixou derrotado um sem numero de exploradores menos afortunados. Quantas ruinas representará cada uma das installações actualmente prosperas? Quando se semeia n'uma terra inçada de herva que a charrua não revolveu primeiro, a perda de semente é incomparavelmente maior do que quando o grão cáe n'uma gleba rasgada em regos. Por isso eu quereria que o impulso de actividade dispertado agora para a exploração da Africa fosse acompanhado de um plano, de um systema administrativo afim de se não per-

grosso dos capitaes dos repatriados a Portugal. Resta um numero de dois mil, para mulheres, (e são muitas as que infelizmente vão, principalmente dos Açores) para operarios e pequenos industriaes de toda

---

derem, não direi todas, mas pelo menos a maior parte das sementes de sangue portuguez deitadas á gleba africana.

N'esta ordem de cousas não basta o enthusiasmo ardente dos moços: é mistér a discrição prudente dos homens experimentados. Se se planeia uma exploração, é mistér saber-se qual o quadro conveniente dos exploradores, qual o capital da installação, e como se hade obter. De certo pensou primeiro n'isto quem se propõe a ir explorar a Africa — empreza para a qual sem boa vontade pertinaz nada se consegue, mas tambem sem os recursos e o estudo indispensaveis toda a boa-vontade se traduzirá n'um deploravel fiasco.

Decerto o governo, a quem compete dirigir e amparar emprezas tão eminentemente patrioticas como esta é, decerto o governo pensou e resolveu estas questões, nem se deveria perdoar ao ministro que consentisse no sacrificio certo d'um grupo de homens moços dotados de vontade energica. Abundam elles porventura entre nós?

Eu porém vou mais longe. Eu quereria que o governo promulgasse um plano systematico de exploração (não de colonisação) da nossa Africa occidental, fixando as condições das concessões de terrenos, os favores que se deviam conceder aos fazendeiros, os premios que se deviam dar á lavoura, etc. Eu quereria que, assente e fixado esse plano, se franqueassem as suas condições a todos, para que os governos não estivessem em risco de serem accusados de nepotismo quando fazem, a este ou aquelle, favores excepcionaes que a natureza do fim póde justificar, mas que se não coadunam com os habitos modernos de governo das nações. Eu quereria, finalmente, que no seculo XIX nós fizessemos para a Africa occidental o que no seculo XVI D. João III fez para o Brazil, salvas as differenças dos tempos, pois a ninguem occorre hoje a idéa de dividir Angola em capitanias de donatarios.

Eis ahi o que me suggeriu a sua carta e o seu convite. São considerações porventura caturras de quem, por experiencia, já mais de uma vez repetida, sabe que afina mal pelo diapasão da phraseologia corrente.

Creia v. ex.ª no profundo respeito e na viva esperança que tenho pela nossa juventude academica; e creia-me tambem

Muito attento venerador e obrigado

Porto, 18 de novembro de 1884.

J. P. Oliveira Martins.

a especie, (carroceiros, latoeiros, hortelões, etc.) e finalmente para colonos trabalhadores salariados da agricultura, cujo numero é relativamente minimo. O simples facto de o Rio de Janeiro contar por quasi noventa centesimos da população portugueza do Brazil demonstra o caracter commercial-industrial, e não agricola, da emigração. (1)

Iriam pois os carpinteiros, ferreiros e pedreiros, os caixeiros e logistas, abandonar a ferramenta e o balcão, para tomarem a enxada em Angola? E' de crêr que não acceitem o conselho. Demos, porém, que o fizessem; e elles, primeiro que ninguem, e nós depois d'elles, chorariamos amarga-

---

(1) **Estatistica da emigração portugueza**

	1.º periodo (1866-71)	2.º periodo (1870-4)
Emigração total do continente e ilhas	49:131	76:965
Média annual	8:584	15:393
Com destino ao Brazil	7:028	13:380
Id. á Guiana, Estados-Unidos, etc.	1:556	2:013
Procedente das ilhas	2:344	3:820
Repatriação: do Brazil	2:240	3:718
de outros pontos.	928	780
Desfalque liquido da população	4:456	10:895

Por seu lado as estatisticas brazileiras accusam:

	(1855-63) (em todo o imp.)	(1864-73) (no Rio de Janeiro)
Immigração total de portuguezes	71:499	66:258
Regresso total	35:034	32:132
Saldo	36:465	34:126
Média annual dos dois periodos.	3:922	

No desfalque annual da população portugueza, orçado entre 4:500 e 11:000 pessoas, o Brazil entra por um numero que varia

mente o nosso erro. Teriamos destruido uma obra de seculos, a melhor obra de que reza a nossa historia; teriamos desportuguezado o Brazil, desde que deixassemos de alimentar o progresso da sua população com as infusões de sangue vivo que an-

---

entre 4:000 a 7:500, segundo as estatisticas portuguezas, e que apenas attinge a média de 4:000 segundo as brazileiras, tambem porque n'estas se não inclue o anno de 1874 que, depois dos de 1871 e 1872, foi o de emigração mais numerosa, nem as entradas fóra do Rio no periodo de 1864 a 1873.

Convem agora saber o destino, a edade e a mortalidade d'essa emigração para o Brazil, que é quasi a total; e para isso nos guiaremos pelas estatisticas portuguezas do periodo de 1870 a 1875, e pondo de parte o accrescimo de emigração clandestina com que acima se contou.

MÉDIAS ANNUAES	RIO	BAHIA	PARÁ	PERNAMB.	MARAN.	TOTAL
Immigrantes.....	9:365	125	841	685	77	11:093
Menores de 14 annos.	1:831	60	174	211	?	2:276
Repatriados.....	2:943	81	346	348	?	3:718
População portugueza	?	4:000	14:074	?	?	?
Obitos.....	1:927	73	128	129	?	2:257
Percentagens						
Obitos na população.	?	1,8	0,9	?	?	?
» emigração.	20,5	58	15	20	?	20
Menores na emigração	19,5	48	20	31		20,5

Vê-se d'aqui: *a)* que a mortalidade é tanto maior quanto é maior o numero dos menores; *b)* que no total de 11:093 pessoas os homens validos para o trabalho rural ou industrial e as mulheres sommaram 8:817, e o resto compõe-se exclusivamente de marçanos para o commercio; *c)* que dos 7:375 emigrantes, que ficam annualmente no Brazil uma parte morre. Qual é ella? O numero de 2:257 obitos inclue, não só os dos emigrantes, como os dos residentes que eram 126:246 em 1872. Vêmos que na Bahia e Pará, onde a emigração entra por 5 por cento apenas da população, os obitos regulam por pouco menos de 1 em 100. Admittindo esta relação como geral, cumpre destruir um erro grosseiro (em que nós mesmos já caímos ha annos) do relatorio sobre a emigração portugueza, quando accusa a mortalidade da quinta parte dos immigrantes no Brazil. Sendo de 1 a 100 a mortalidade normal, os 120 mil residentes contribuiram para os obitos com 1:200, ficando á immigração o numero de 1:060, approximado, isto é, menos de 10 e não 20 por cento.

nualmente lhe enviamos. Que importa que o Brazil seja politicamente independente? Nós devemos dizer com Herculano «que é a nossa melhor colonia, desde que deixou de ser colonia nossa.» Para o regime social-economico é tão secundaria e até

Resumindo e rectificando, pois, temos:

Média de emigração para o Brazil.....	11:093	
» de repatriação.....	3:718	
» de saldo.....		7:375
Percentagem de obitos sobre a emigração.		10
» » » os residentes.		1
» da immigração no Rio.....		84

(Nota da 1.ª ed.)

V. *Raças humanas*, p. XXXI.

Eis aqui os numeros simples da emigração portugueza em annos posteriores, que não denuncia uma alteração consideravel n'este phenomeno da nossa economia:

1875.....	15:440
1876.....	11:035
1877.....	11:057
1878.....	9:926
1879.....	13:208
1880.....	12:597
1881.....	14:637
1882.....	18:272
1883.....	19:251
1884.....	17:518
Total.....	142:941

O que dá para cada um dos 10 annos a média de 14:294 emigrantes fóra os clandestinos. A emigração total de 1872-81 foi de 133:008 (ou 12:091) dos quaes 129:549 levaram o destino da America e 3:459 outros destinos varios.

Temos pois:

1866-71	média annual	8:584
1870-74	id.	15:393
1875-81	id.	12:557
1872-81	id.	11:291
	média geral..	12:156

certo ponto indifferente a dependencia ou independencia, como o são as fórmas do governo.

Não é só a natureza commercial-industrial da emigração portugueza para o Brazil que condemna, pois, o plano de a desviar para Africa. Se o fizessemos, destruiriamos a mais proveitosa direcção do nosso commercio externo, e seccariamos a fonte dos capitaes moveis que trazem comsigo os *brazileiros*. Acredita alguem que a Africa podesse dar aos colonos agricultores lucros comparaveis aos do commercio nacional com o Brazil, e aos do commercio de retalho dos residentes no imperio? (1)

A tudo o que ficou dito sobreleva, porém, em magnitude a questão da acclimatação. Que o colono portuguez trocasse o martello ou a vara pela enxada; que o commercio externo com o Brazil

---

(1) Eis aqui as sommas do commercio externo comparado do Brazil e da Africa em 1874:

		AFRICA	BRAZIL
Importação de	contos	829	3:189
Exportação para ...	»	767	4:271
Somma.....	»	1:596	7:460

Tenho visto orçada em 3:000 contos a somma annual dos ingressos de capitaes, lucros dos emigrantes repatriados. Regulando estes por 3 a 4:000 caberia a cada um menos de um conto de réis. Não será excessivamente baixo o computo? *(N. da 1.ª ed.)*

Pessoa competentissima para avaliar a questão orça em de 12 a 15 mil contos os ingressos annuaes de capitaes da emigração brazileira. Verbas de tres especies compõem esta somma: a saber:

1. Economias de trabalhadores repatriados, pequenos commerciantes que regressam trazendo comsigo os seus haveres, e capitalistas opulentos que, deixando no Brazil toda ou grande parte das suas fortunas, trazem comsigo dinheiro para gastos. Estes são os 4:000 repatriados que em média não representam um ingresso menor de 7 a 8:000 contos.

decaísse com a queda da immigração portugueza no imperio; que não houvesse mais dinheiro para comprar inscripções (seria isso ainda uma compensação!) que o colono trabalhador rural se sujeitasse a trabalhar pelo preço por que trabalha o negro; que achasse na Guiné, em Angola ou em Moçambique lavradores para o assoldadarem; que o Estado magnanimo lhe desse um capital que lhes falta a ambos, ao Estado e ao colono, para lavrar por sua conta — concebe-se tudo, porque está na capacidade dos homens commetter os erros mais extravagantes.

Não vae, porém, essa capacidade até ao ponto de fazer de um clima mortifero um bom destino da emigração colonisadora. Pouco importa que em certos pontos elevados, varridos de ar, no interior, no Bihé ou em Huilla, o clima seja relativamente bom. Jámais os colonos poderiam pres-

---

2. Rendas annuaes dos repatriados da terceira especie, vindas do Brazil em papel cambial: de 3 a 4:000 contos.

3. Mesadas, pensões, esmolas, presentes mandados pelos emigrados a suas familias, parentes e amigos, em papel cambial, e até em generos (café, assucar, etc.) de 2 a 3:000 contos.

Pullulam no Brazil as agencias de bancos vivendo quasi exclusivamente dos saques d'esta terceira categoria: a agencia de um banco portuguez de terceira ou quarta ordem sacou em seis semanas para Portugal, em letras de entre cem e quatro mil réis, um total de cento e trinta contos.

E' decerto impossivel chegar a determinar com exactidão numeros que escapem á observação; mas aos factos visiveis, exteriores, não repugna o orçamento que fica formulado.

Por outro lado, havendo no Brazil 120:000 portuguezes, os ingressos das tres especies não representam mais do que a média de cem a cento e vinte mil réis de economia, ou lucros annuaes por cabeça; e se uma parte consideravel dos lucros da nossa colonia fica immobilisada no Brazil, tambem para esta apreciação não mettemos em linha de conta o numero dos repatriados que aqui vivem das rendas d'esses capitaes: ao passo que taes rendas entraram no computo dos ingressos totaes, ao orçal-os em de 12 a 15 mil contos.

cindir do litoral, da estrada maritima para o trafego commercial, consequencia do agricola. E' mais do que um erro, é um crime, allegar, contra todos os dados da experiencia, (1) a belleza do clima africano e induzir a emigração, que é ignorante, a caminhar para um cemiterio. Seria necessario que a Africa tropical passasse por uma revolução geologica; que a facha de costas inhospitas se levantasse, as suas lagoas mortiferas se seccassem ao

---

(1) Vimos que a mortalidade nos residentes da Bahia e Pernambuco é de 1:100. Generalisando essa relação a todo o imperio, fixâmos, perante os numeros,

a mortalidade da immigração	em	11:100
dos residentes	»	1:100

Quaes são as mortalidades correspondentes da Africa? Equiparando os degredados aos immigrantes, achamos:

1870-4	CABO-VERDE	S. THOMÉ	ANGOLA	MOÇAMBIQUE
Degredados.....	61	93	193	33
Mortalidade.....	15	31	80	13
Relação: 100.....	25	36	42	40

Média.....	37:100
» immigr. Brazil.....	11:100

Equiparando agora a população fixa e militar africana aos residentes no Brazil:

	POPULAÇÃO	OBITOS ANNUAES	RELAÇÕES : 100 —
Cabo-Verde (1874)			
Indigenas e europeus..	76:003	1:477	1,9
S. Thomé (1870-4)			
Europeus.....	500	8	1,6
Angola (1865-74)			
Europeus.....	3:200	104	3,3
Militares.....	750	163	21,9
Média geral.....			2,3
Id. excluindo Cabo-Verde por incluir os indigenas			6,3
Id. excluindo tambem os militares de Angola ...			3
Id. da mortalidade dos residentes no Brazil.....			1

norte, e ao sul a vegetação baixasse a temperar os areaes seccos do litoral — para que os colonos europeus podessem fixar-se e propagar.

A colonisação portugueza da Africa austral deixou de ser uma empreza possivel, desde que os hollandezes tomaram o nosso lugar no Cabo da Boa-Esperança. Aptos, como elles não são, para nos acclimatarmos sob os tropicos, se para o Cabo se tivessem voltado as nossas vistas ao mesmo tempo que as dirigiamos para a America, haveria hoje — é licito suppol-o — uma Africa europêa ao norte do rio Orange. O nucleo da população fixada na zona temperada da extrema Africa teria sido o S. Paulo d'este continente; e as excursões e *bandeiras* teriam trilhado o interior e lançado as sementes de futuras cidades. O Cabo e Natal seriam o que, nem Angola, nem Moçambique podem ser — pelo clima e pela latitude — isto é, o fóco irradiante da colonisação, o centro de acclimatação, e o estabelecimento permanente, fixo e bem situado, para o trafego commercial-maritimo — o Rio-de-Janeiro da Africa austral. A exportação dos escravos e o progresso absorvente do Brazil impediram que isto se fizesse; accaso tambem o impediu a falta de vistas dos estadistas e porventura até a insufficiencia dos recursos do reino para se empenhar simultaneamente nas duas emprezas.

VII

A emigração e a metropole

Condemnada assim a idéa de crear em Africa uma colonisação propriamente dita, desviando para

lá a emigração que vae ao Brazil, cumpre dizer ainda, antes de concluir, que, se preferimos decididamente a emigração para a America, á emigração para a Africa por muitos desejada, prefeririamos então que os portuguezes só fossem forçados a emigrar, quando tivessem acabado de *colonisar* o reino; quando a densidade minima da nossa população, comparada com os numeros da nossa emigração, (1) deixassem de ser um documento triste da incapacidade da nossa administração economica. O Brazil é melhor colonia para nós do que a Africa; porém a melhor de todas as nossas colonias seria o proprio reino.

Vale a pena dizer aqui, de passagem, algumas palavras sobre essa grave questão da emigração portugueza. Desfalca-se hoje annualmente em quinze ou dezeseis mil pessoas a população do reino; e ao mesmo tempo vém ao Douro os gallegos cavar as vinhas; vém milhares de navarros, de catalães, abrir as trincheiras e construir os tuneis e viductos dos nossos caminhos de ferro. Os capatazes, os empreiteiros, são estrangeiros, bem como grande parte dos operarios: nos intervallos dos trabalhos ruraes apparecem os nacionaes como peões e serventes. Os saldos entre os salarios e a alimentação dos trabalhadores, e os lucros dos empreiteiros, são exportados, em vez de ficarem no paiz para augmentar a sua riqueza. A que attribuir esta

---

(1)

	POP. ESPECIFIC.	EMIGRAÇÃO
Inglaterra....	105 hab. por kil. q.	1 em 116 hab.
Allemanha...	79 »	1 » 315 »
Portugal.....	46 »	1 » 283 »
	No continente	1 » 330 »
	Nos Açores.....	1 » 90 »
	Na Madeira	1 » 185 »

anomalia de uma emigração e immigração simultaneas? A's condições da propriedade rural do Minho. E' do Minho que o portuguez emigra. (1) O solo, na maxima parte cultivado, a população densa e prolifica, (2) a propriedade pulverisada e a cultura quasi horticula: eis as causas permanentes da emigração. Os filhos de um proprietario, cujos braços, com os da mulher, chegam para agricultar a leira de milho, não têm outro futuro senão o Brazil. Não ha um systema mixto de média e pequena propriedade, que consinta a coexistencia de uma população de assalariados e de uma população de pequenissimos proprietarios, conforme succede nas provincias do centro do reino. Por isso, á guisa dos navarros que deixam aos paes e ás mães a cultura do campo, para virem construir as nossas obras-publicas, tambem o beirão vae em bandos, no outomno, ceifar os campos da Estremadura e do Alemtejo, ou fazer as vindimas. O regime mixto da propriedade consente a exis-

---

(1) Emigração total (declarada) do continente no periodo de 1866-71 ..... 37:444

Porto, Braga, Vianna, deram	24:630
Aveiro que está em condições analogas	6:162
Vizeu, Villa-Real e Coimbra	5:535
O resto do paiz	1:117

(2) Eis aqui a densidade da população nas quatro zonas do reino:

I Norte litoral (Porto, Braga, Vianna, Aveiro)	164 a 76	hab. por k. q.
II Norte transmontano e centro litoral (Vizeu, Villa-Real, Coimbra, Leiria, Lisboa)	75 a 46	»
III Leste transmontano e sul litoral (Bragança, Guarda, Castello-Branco, Santarem e Faro)	36 a 23	»
IV Alemtejo (Portalegre, Evora e Beja)	15 a 12	»

tencia de uma população de salariados, mais ou menos fluctuante; o regime exclusivo da propriedade minuscula elimina essa categoria de trabalhadores no Minho; e como a população é relativamente excessiva, a emigração apresenta-se como a unica solução, porque o trabalho mais ou menos eventual das obras-publicas não póde, por si só, garantir a subsistencia do não-proprietario.

A emigração portugueza provém pois quasi exclusivamente do regime da propriedade no Minho; e se é facil ao systema das nossas leis pulverisar a propriedade, já o não é actuar inversamente; pois que as tentativas que se fizessem n'esse sentido, além de contrariarem as opiniões concorrentes em direito economico, iriam encontrar diante de si os obstaculos invenciveis do caracter das populações minhotas, e do solo d'essa parte do paiz — magro, retalhado, que naturalmente reclama a pequena propriedade e a exploração horticula. (1)

Quando os proprietarios do centro e sul do reino clamam, pois, contra a emigração, attribuindo-lhe a causa da elevação dos salarios ruraes, erram duas vezes. Nem esse facto é consequencia d'ella, nem as medidas coercitivas da emigração poderiam fazer do excesso de população minhota um viveiro de trabalhadores salariados: apenas crearíam no norte do reino uma população de mendigos esfaimados. Por outro lado, os salarios não têm subido senão na razão do augmento do preço das subsistencias. (2) A idéa de coarctar a liberda-

---

(1) V. *Regime das riquezas*, pp. 116-7. V. tambem o *Projecto de lei do Fomento rural*, apresentado pelo A. ao parlamento na sessão de 1887.

(2) Os documentos annexos ao Relatorio da Emigração mos-

de da emigração, é, pois, além de um ataque aos direitos individuaes, um absurdo evidente, com que nada lucrariam os proprietarios que exploram vastos dominios com o trabalho alheio salariado.

Quer isto, porém, dizer que o estado actual é excellente? e que a exploração do pequeno commercio do Brazil seja a maneira mais productiva de empregar os milhares de homens que annualmente exportam o norte do reino e as ilhas? Não, de certo. A nossa mais rendosa colonisação, repetimol-o, seria a do proprio reino. No Brazil criam-se habitos desmoralisadores que os repatriados vêm derramar sobre as populações, outr'ora simples, das nossas provincias. Acima da adoração do bezerro de ouro, que é já uma perversão do instincto de capitalisar inherente aos povos civilisados, pomos nós o abastardamento dos costumes pela

---

tram que salvas raras excepções, ella cresceu na razão do augmento de população; o que destroe a opinião banal do excessivo preço dos salarios ruraes.

DISTRICTOS	VARIAÇÃO NUMERICA DO CENSO DE 1864 PARA O DE 1870				EMIGRAÇÃO (1866-71)	
	+	—				
Porto	19:197	—			16:450	
Aveiro	5:576	—			6:162	
Braga	4:881	—			5:837	
Vianna	5:756	—		38:396	2:343	
Vizeu	3:271	—		+	2:341	36:327
Villa-Real	—	6:755			2:060	
Coimbra	6:470	—			1:134	
Os restantes	23:246	—			1:117	
Excesso nos 6 districtos				2:069		

Por outro lado as estatisticas do districto do Porto, que contribue com quasi metade da emigração total, accusam, de 1862 para 1871, uma alta de salario maximo de 200 para 280 réis, digamos 40 por cento. Mas conjuntamente vê-se que sobe na mesma razão, ou em razão superior, o preço das subsistencias: do milho, do feijão, da batata.

aprendizagem nos *cortiços* do Rio, ou nas roças com os escravos de ambos os sexos. Ao lado dos vicios que se infiltram na população e a corrompem, lembremo-nos da influencia d'essas riquezas amontoadas em mãos, por via de regra, sem intelligencia nem amor a novos trabalhos, e demasiado adestradas nas trapaças e falcatrúas. D'ahi vem a excessiva e funesta facilidade com que os governos cunham inscripções, e o desvario da agiotagem e ladroeira que borborinha nos bancos de Lisboa e de todo o Minho. Indolente e ignorante, o *brazileiro* quer um juro sem querer trabalho; e sem intelligencia bastante para ter industria, é burlado ou burla. Assim, o valor positivo do capital que os repatriados trazem para o reino, não só se não póde medir pelos algarismos, como se traduz em um não-valor moral irreductivel a numeros.

Sem concluirmos que a emigração nos arruine, nem que a condição dos trabalhadores ruraes leve a uma despovoação do reino, (1) opiniões oppostas

---

(1) O Relatorio da Emigração, cujos annexos têm tanto valor, mas cujo texto é uma serie incrivel de despauterios, calcula assim: Em 1861-71 emigraram 53:000 individuos, regressaram 8:000, morreram 11:000, ficou o saldo de 34:000. O trabalho de 34:000 individuos (que desapparecem em 20 annos) a 120$000 rs. por 20 annos representa o valor de 81:600 contos.

Parece desnecessario indicar os disparates d'este calculo: *a)* Se a mortalidade dos residentes se desse em tal escala, de ha muito se teria extinguido a colonia portugueza do Brazil, porque a immigração não daria para os obitos. — *b)* Se morrem no decurso de 20 annos, como se calcula o salario integral d'esse periodo? E não morreriam no reino? — *c)* O numero inclue homens e mulheres e creanças: se cada cidadão portuguez ganha por anno 120$000 rs., somos tão ricos como a França, onde a capitação do rendimento bruto anda por isso. — *d)* Essa gente que ganharia os 81:000 contos nada teria consumido, parece, em comer e vestir. — Similhantes dislates não merecem discussão.

No polo opposto, o sr. Herculano *(A Emigração)* empenhado

que nos parecem insustentaveis, entendemos que, nem mesmo abstrahindo de considerações de ordem moral, se deve olhar só para os milhares de contos com que annualmente cresce o capital movel da nação pelo regresso dos emigrantes do Brazil. Achamos certamente que o trabalho dos emigrantes, exercido no solo do reino, produziria muito mais do que as sommas entradas da America; muito mais e melhor, porque seria mais bem ganho, melhor distribuido e consolidado na terra, em vez de andar vagamundeando á procura de inscripções, ou titulos de bancos mais ou menos agiotas.

E' mistér não contar apenas com os braços dos que voltam, mas sim com todos os dos que vão, e são logo dizimados por uma excessiva mortalidade (10:100). E' mistér não olhar apenas para os opulentos repatriados, mas tambem para o maximo numero de infelizes miseraveis que se amontoam nos cubiculos immundos do Rio: n'esses *cortiços*

---

em demonstrar que a alta dos salarios não provinha da emigração, formulava, no proposito de demonstrar a exiguidade dos salarios ruraes, um calculo que, a ser verdadeiro, levaria á conclusão de que a fome devora a população do reino: ora ella augmenta.

Salario do trabalhador a 200 rs. em 365 dias	73$000	
» da mulher a 100 rs. em 180 dias..	18$000	
		91$000
Dias festivos, temporaes, etc., inuteis.....		22$500
Rendimento annual da familia.....		67$500
Alimentação.....		73$000
Deficit.....		4$500

e mais o custo do vestuario, habitação, etc.

Ora desde que boa quinta ou sexta parte da população portugueza é formada por familias de proletarios ruraes, e desde que a população geral cresce, parece evidente, salvo todo o respeito devido á memoria que eu mais venero — que o calculo deve estar errado.

onde a promiscuidade extingue os instinctos da humanidade mais elementar, e a miseria gera a tuberculose e a elephantíasis, a crapula e a syphilis. E' mistér olhar tambem para os rebanhos de prostitutas que vão servir de pasto á sensualidade da turba dos colonos; é mistér lembrar a sorte dos *engajados* da lavoura, que trabalham desde o romper d'alva até á noute escura, enfileirados com os escravos, sob o açoite do capataz; e vivem na senzala como os negros, n'uma cabana terrea, sobre uma esteira, com uma pedra para deitar a cabeça; e comem a *tamina* de carne secca, de feijão e de farinha. Nem ha sómente milhões no futuro do emigrante.

Colonisar o reino (1) em vez do Brazil, mas não

---

(1) O parecer do então governador civil do Porto, o sr. Taibner de Moraes, apresentado á commissão da Emigração, é o mais valioso e completo documento que o Relatorio inclue. O sr. Moraes entende com fundamento que a alliciação dos colonos devia ser perseguida policialmente por varios meios, e que as fianças ao recrutamento deviam exigir-se mesmo para baixo dos 14 annos: assim se cohibiria a emigração de creanças que são as que mais morrem. — Não é a medidas coercitivas, porém, que pede a fixação dos emigrantes no solo do reino; é a medidas reformadoras das condições sociaes (instrucção, viação, etc.), e a medidas que alterem o regime da propriedade: estabelecimento de colonias agricolas, emprazamento de baldios municipaes e parochiaes, restabelecimento da sub-emphyteose para os terrenos incultos.

«O fôro, escrevia A. Herculano, é o grande moralisador dos campos, o supplente efficaz do parocho e do mestre, mythos que a poesia politica inventou para entertenimento dos parlamentos e secretarias.»

Não entra no plano, nem cabe nas proporções d'este livro estudar demoradamente os elementos da urgente reforma da propriedade e do imposto em Portugal: entretanto, a tudo o que fica dito por outros, juntemos mais estas palavras do sr. Carlos Ribeiro: «Se os lançamentos da decima predial desde 1835 a 1852 foram a expressão do desacerto, da mentira e de uma lesão enorme para o fisco, a maioria das matrizes organisadas desde 1835 não está em melhor pé.»

V. o *Projecto de lei de Fomento rural*, já citado.

trocar por fórma alguma o Brazil pela Africa — eis ahi o nosso modo de vêr sobre o destino da emigração portugueza.

Mas o futuro da Africa — acodem agora os apostolos negrophilos — não está no branco, está no preto. Nós que imperamos nas duas costas, podemos avassallar meio continente, missionar, educar, precedendo os inglezes na obra gloriosa da civilisação indigena. O livro seguinte e ultimo mostrará o valor d'este plano.

LIVRO QUINTO

A exploração do continente africano

I

Africa portentosa

Desde o primeiro quartel do XVII seculo que as attenções dos portuguezes se voltaram para a descoberta das estradas interiores da Africa; e a mesma curiosidade geographica, mas não a mesma sorte, originou e acompanhou a exploração d'ella e a da America austral. Ao desejo de achar por terra o caminho da Abyssinia, succedeu o empenho de ligar por uma estrada transcontinental as possessões das duas costas africanas; ao mesmo tempo que o proposito da conversão dos gentios conduzia os missionarios para o interior dos sertões. As missões caíram, e em ambos os continentes falhou a primeira tentativa de crear uma civilisação indigena sobre a christianisação dos selvagens. Esqueceram essas viagens; quebrou-se a tradição d'essas emprezas; dissolveu-se o imperio maritimo portuguez; e a Africa só era recentemente conhecida no mundo como um armazem de gentio preto, bom para cultivar as plantações de assucar e café, e para lavrar as minas americanas.

Na primeira metade do seculo actual, os nego-

ciantes portuguezes *resgatando* os productos sertanejos e os escravos, e os emissarios dos governos coloniaes acaso inspirados pelo desejo de alargarem para o interior a sujeição dos indigenas, trilharam a Africa em certos sentidos; emquanto allemães e hollandezes, partindo dos estabelecimentos do extremo sul do continente, exploravam especialmente a Cafraria. Ainda porém estas viagens não despertavam a attenção da Europa; ainda ella andava exclusivamente absorvida pelos debates e revoluções que o apparecimento das theorias liberaes provocou; e ao depois pela faina da construcção de obras-publicas e da constituição do machinismo industrial, determinados pelas descobertas da mechanica. O industrialismo, o progresso da viação terrestre e maritima, e o progresso das sciencias naturaes, coincidiram para chamar as attenções da Europa para os feitos heroicos de um ingenuo apostolo escocez, filho directo dos philantropos insulares do principio do seculo. Livingstone cruzára a Africa em varios sentidos; descobrira — porque as anteriores descobertas haviam passado desapercebidas, ou estavam esquecidas—os rios e os lagos do interior; e revelara á Inglaterra manufactureira e biblica a existencia de vinte ou trinta milhões de homens que andavam nús, e podiam vestir-se de algodão de Manchester; que adoravam *fetiches*, e deviam aprender a Biblia.

Era ao tempo em que ás fabricas inglezas, temerariamente augmentadas, faltavam consumidores: os tecidos armazenados, os *steamers* immoveis nos portos, os martellos de vapor desesperados por não terem ferro em lume que esmagar para carris e locomotivas, ameaçavam os capitaes de uma ruina tão grande como fôra o enthusiasmo da aventura. Batidos na China, apesar das victorias

da guerra, não é verdade que a Africa se apresentava como uma *concessão* de uma grandeza quasi illimitada? um mundo a conquistar para o consumo? um continente a cobrir de estradas de ferro? Addicione-se a isto o genio apostolico do inglez; junte-se a curiosidade scientifica do indo-europeu, mais do que nunca hoje disperta, e vêr-se-ha como o regime industrial e o progresso das sciencias da Europa são a causa immediata da exploração da Africa.

Em poucos annos se multiplicaram as expedições e as viagens, pelo norte, pelo centro, pelo sul, por oriente e occidente. O exemplo de Livingstone encontrou enthusiastas em todas as nações; e a Africa, abertos de par em par os seus segredos; a Africa, já conhecida nas linhas fundamentaes da sua structura geographica e da sua composição ethnologica, entrará breve na segunda epocha da exploração. (1) Por um lado a via-ferrea trans-sahariana; por outro a communicação dos systemas de lagos, cujo caminho é relativamente

---

(1) Principaes viagens:

1521 — Quadra, enviado por D. Manuel para ir por terra, do Congo á Ethiopia; frustrada.

1560 — Gonçalo da Silveira missiona até ás cabeceiras do Zambeze, onde é morto pelos cafres.

1573 — Expedição de Francisco Barreto ás minas de Sofala.

1606 — Id. encarregada pelo governo de Angola a Balthasar de Aragão para atravessar a Africa austral; frustrada.

1608 — Id. de Estevam de Athayde ás minas da Zambezia; fundação de Massapa e Chicova.

1676-80 — Ayres de Saldanha tenta em vão atravessar de Angola a Moçambique.

1798 — Viagem do Dr. Lacerda, de Tete ao Cazembe, onde morre.

1795 — Id. commercial de Assumpção Mello, de Benguella, pelo Bihé, ao Loval.

1806-11 — Viagens entre Angola e Moçambique; especial-

facil, desde o centro, no Equador, até ao sul da costa oriental; por outro a navegação do Congo e do Zambeze—serão, cremos nós, os primeiros passos da proxima futura historia africana. Reconhecido o territorio, construir-se-hão os caminhos, por onde chegarão a toda a parte as mercadorias da Europa.

---

mente a dos pombeiros Baptista e Anastacio, do Pungo-andongo a Tete, e de Tete a Angola.

1831-2 — Expedição de Corrêa-Monteiro e Gamitto, pelo Zambeze, a Lunda, e ao Muata-Cazembe; regresso a Tete.

1843-7 — Id. de J. R. Graça, de Loanda ás nascentes do Zambeze: visita o Muata-Yanvos.

1852 — Travessia do Zanzibar a Benguella por tres mouros.

1852-6 — Viagem commercial de Silva Porto, de Angola aos Barotsé (alto-Zambeze): os seus pombeiros vão até Ibo.

Exploração da Africa central:

1822-56 — Viagens de Claperton e Denham (1822); Baikie (1854); Barth (1850); Vogel, Heuglin (1856); entre 10 e 20º N. na Nubia e no Sudão; reconhecimento do lago Tschad, e do curso do Niger.

1857-9 — Exploração da Africa equatorial Burton e Speke entram pelo Zanzibar e descobrem os lagos Tanganyka e Nyanza.

1863 — Baker descobre o Alberto-nyanza. — Schweinfurth visita as origens do Nilo; explora o alto-Egypto, a Nubia e a Abyssinia.

1869-74 — Nachtigal no Sudão oriental, Barth no occidental. —(1872) 1.ª viagem de Stanley á região dos lagos centraes.

Exploração da Africa austral:

1840 — Primeira viagem de Livingstone, do Cabo, pelo deserto Kalahari ao lago Ngami; e pelo valle do Zambeze a Angola.

1858-61 — Segunda viagem, na bacia inferior do Zambeze, pelo Chire ao lago Maravi (Nyassa) que Livingstone reconhece.

1865-7 — Terceira viagem, pelo Rovuma (Zanzibar) ao Maravi, ao Moero, ao Banguelo, trilhando toda a região dos lagos meridionaes e a região alpestre intermediaria, até Nyamgvé sobre o Lualaba (Congo).

1868-71 — Viagens de Erskine, Baines, Mohr e Mauch na Cafraria, entre o Limpopo e Zambeze, no litoral e pelo paiz dos be-

Os mappas da Africa austral, ainda ha bem poucos annos vazios e mudos, permittem já hoje esboçar os traços geraes do relevo do continente. Tres grandes zonas se póde dizer que o compõem; a superior, a media, a inferior.

Na primeira (0 a 12° S.) levantam-se a oriente os terraços onde assentam os lagos (Alexandra,

---

1872-5 — Viagem de Cameron; de Zanzibar a Oudjidjii (lago Nyanza) ao Tanganyka; reconhecimento da altura do Lualaba em Nyamgvé e determinação d'esse curso de agua como fazendo parte das vertentes occidentaes da Africa, e sendo provavelmente o proprio Congo. *(The Lualaba, if it be the Congo, of which I think there can be no doubt)* De Nyamgvé, Cameron desce, atravez do continente, pelos Moluas a Benguella.

1874-7 — 2.ª viagem de Stanley; de Zanzibar ao Nyanza; reconhecimento da região dos lagos superiores (Victoria, Alberto); visita do imperio de Uganda, determinação do divorcio das aguas interiores nos tres systemas do Nilo, do Zambeze e do Congo, que o explorador desce, provando ser o Lualaba o mesmo Congo. Termina a viagem em Angola.

1877-80 — Expedição portugueza. Serpa Pinto vae do Bihé seguindo proximamente em direcção opposta á da primeira viagem de Livingstone, sair ao Natal. Capello e Ivens exploram o interior de Angola.

Varias expedições trilham actualmente a Africa. Stanley acha-se internado no valle do Congo. Italianos, francezes, belgas, inglezes, exploram a região dos lagos superiores; Duperré, Largeau, Solleilet, Bonnat, a Senegambia e a Guiné; e vão installar-se os trabalhos preparatorios do caminho de ferro trans-saharino, da Argelia ao Senegal.

(Nota da 1.ª ed.)

1877-80 — Expedição portugueza. Capello e Ivens vão de Benguella ás terras de Iacca.

1883-5 — Terceira expedição portugueza. Capello e Ivens effectuam a travessia de Angola a Moçambique.

Hoje, constituido o Estado livre do Congo, Stanley dirige a construcção do projectado caminho de ferro do Zaire; Brazza pela França explora os territorios que, pela conferencia de Berlim, ficaram á republica pelo norte do Estado livre; Serpa Pinto visitou o interior de Moçambique, e o major Carvalho segue na sua viagem commercial ao reino de Muata-Yanvos. O conhecimento geographico da Africa progrediu sem duvida: adiantaria o problema da sua colonisação?

Alberto, Victoria, Tanganyka, Moero, Banguelo, Nyassa ou Maravi); para occidente abre-se o enorme estuario do Congo. D'esse systema lacustre vasam para o norte o Nilo, para o sul o Zambeze, para o poente o Congo; e pelo nascente os degraus successivos dos plan'altos da região maritima descem até á costa de Zanzibar-Moçambique, apenas sarjada por pequenos rios litoraes. Do lado opposto corre o Congo, descrevendo um curso semi-circular que passa além do Equador, para vir terminar por 6° S. Os seus numerosos confluentes do sul, descendo dos plan'altos que dividem esta primeira, da segunda região africana, rasgam um amplo valle; e o Amazonas africano tem tambem, como o da America, nas suas cabeceiras da zona alpestre, a Oriente, os seus Andes. Nasce em Ubisa, um pouco ao sul do Banguelo, córta o lago Moero, segue parallelo ao Tanganyka, no pendor occidental das montanhas orientaes, com o nome de Lualaba, e depois com o de Congo ou Zaire. Da origem a Nyamgvé mede quasi dous mil kilometros; d'ahi ao mar quasi tres mil; ao todo 4:700 kilometros. O seu curso superior (Lualaba) até ao despenhar das primeiras cataractas avalia-se em tresentas leguas navegaveis; o seu curso medio, das primeiras ás segundas cachoeiras, em mais de quatrocentas; e o ultimo troço, de Yellala ao mar, em mais de cem. Os affluentes, inexplorados ainda, orçam por outras cem leguas navegaveis; e a bacia do Congo, com a quarta parte da superficie da Europa, e novecentas ou mil leguas de cursos de agua navegaveis, é a digna rival da bacia do Amazonas, fronteira do outro lado do Atlantico.

Os socalcos sobrepostos, (1) que caracterisam a

(1) V. *Raças humanas*, I, p. XIII.

orographia da Africa Austral, dão origem ás cataractas do Congo, e fecham o estuario do grande rio africano com o systema de plan'altos orientaes, e com o das alturas meridionaes d'onde lhe vém as aguas do Quango, nos confins da provincia de Angola; do Kassibi-Uriki ou Loke, que parte de Quiboque a regar as terras de Balunda e a cortar o imperio negro do Muata-Yanvos; e dos numerosos ramos do Sankuru e do Lomami que banham o reino dos moluas. Por norte, a bacia litoral do Ogové, por sul a do Quanza, dominada uma pelas alturas da serra Comprida, outra pelas da serra de Magongo, formando uma o Gabão francez, outra a Angola portugueza — ladeiam a foz do Congo, da mesma fórma que o Oyapock e o Maranhão ladeiam a do Amazonas.

Tal é a região superior da Africa austral.

Na região media (12 a 20° S.) os traços geraes de structura do continente invertem-se. Ficam de occidente os terraços elevados dos districtos de Benguella e Mossamedes e a Hottentotia fronteira, apenas sarjados pelo curso do Cunene. Corre para oriente o Zambeze, descendo desde as vertentes das alturas centraes, que do lado opposto alimentam os confluentes do Congo, e recebendo os subsidios da encosta que baixa da região dos lagos — o Zumbo que penetra por entre o Banguelo e o Nyassa, e o Chire que vasa pelo sul este ultimo. Na margem opposta recebe o Zambeze os tributos do Chobe que parallelamente se interna com elle para norte; e se os caudaes do Cubango se perdem nas areias do deserto interior, formando um grupo de lagoas (Ngami e outras), as montanhas que dividem pelo sul oriental a segunda da terceira região africana, mandam ao Zambeze os numerosos confluentes da terra dos makalakas, ou

reino de Matabele, collocado na divisoria do Zambeze e do Limpopo.

A terceira região inclue todo o resto da Africa austral; é o extremo do continente, e já quasi toda extra-tropical. Cruzam-se n'ella em direcções oppostas os seus dois rios principaes, o Limpopo, descendo para oriente, o Orange para occidente. Mas, ao passo que o primeiro, pelo norte, só banha a metade do continente, para além do plan'alto occidental que vem desde o Cunene pela Hottentotia até ás possessões inglezas do Cabo, para além do deserto Kalahari e da terra dos boschimanos,—o segundo córta quasi de lado a lado toda a Africa, delimitando, pelo norte, as serranias do Cabo e internando as origens nas cordilheiras da terra dos zulus.

Eis ahi o esqueleto da terra dos monstros — *Africa portentosa,* como lhe chamaram os romanos. Vassa mancha de terra levantada na amplidão dos mares, a Africa assenta quasi inteira entre os dois tropicos: apenas a costa mediterranea com o Egypto e uma faxa do Sahará ao Norte; apenas o Cabo, ao sul, entram na zona temperada. Tudo concorreu para manter incognito e mysterioso o interior d'esse continente. O Sahará, estendendo-se nas fronteiras da Mauritania e da antiga Numidia, impediu os romanos de alongarem para o sul a sua conquista do mundo. Pelo Nilo, cortado de cataractas, a navegação estava limitada; e apenas as caravanas, transpondo o deserto, e os navios costeiros dos mouros, descendo a costa occidental, mantinham relações terrestres com as populações transsaharianas. Por mar, comtudo, os arabes da contracosta do mar Vermelho exploravam, negociavam e cruzavam com as nações indigenas do alto Nilo e das montanhas ethiopicas.

Nos tempos modernos, os portuguezes costearam todo o continente, desenhando-lhe, nas suas cartas, o contorno; para o interior, porém, tudo ou quasi continuava incognito, mysterioso. O clima devorador e o trafico maritimo dos escravos obstaram por muito, e de modos diversos, a que se desvendasse o segredo; mas a estas causas é mistér juntar ainda a orographia. A disposição das montanhas em socalcos desordena o curso dos rios, dando-lhes nas planuras amplidões lacustres, como a do Congo no seu curso supra-equatorial, e, nos abruptos declives do terreno, cataractas que interrompem a navegação, e fecham as portas dos territorios do interior ao accesso da exploração fluvial.

Estes obstaculos que mantiveram segregada do mundo quasi toda a Africa, erguem se ainda hoje como sérios embaraços á conquista do continente mysterioso, apesar dos meios incomparavelmente mais energicos de que dispoem agora os povos europeus. (1) Encastellada nas suas elevadas planuras, defendida pelas cataractas dos rios que a penetram—o Nilo e o Zambeze, o Cunene, o Zaire, o Ogové e o Niger — e pelas febres das suas costas paludosas, a Africa, envolvida nas suas florestas gigantescas, desafia a cubiça e a curiosidade do europeu. O sol de fogo n'um céo sem nuvens derrama uma inundação de luz ardente; de noute as estrellas brilham com um excessivo fulgor no azul frio do ar; e quando as nuvens se formam, a chuva despenha-se em diluvíos, alagando todas as planicies, inundando os valles e fazendo trasbordar os rios. O solo virgem, de uma extraordinaria força creadora, coalha os valles de detrictos vegetaes que

(1) *Raças humanas*, I, p. XXXI.

a humidade apodrece, envenenando as camadas inferiores da atmosphera. Sob um clima genesiaco, a natureza tem esplendores e grandeza que contrastam com a mesquinhez do homem; e aqui, da mesma fórma que na America, a natureza pródiga não permittiu a formação de uma especie superior, ou o desenvolvimento progressivo das primitivas e inferiores especies humanas. (1) A vida surge por toda a parte, os animaes são legiões nos bosques do baobab monstruoso, das palmeiras gigantescas, das mimosas deslumbrantes; os rios são viveiros de monstros; e o mar das costas corre em ondas de cardumes de peixes. Os animaes das selvas têm as proporções das arvores: são o elephante, o rhinoceronte e o leão — baobabs do reino animal; e as hyenas, o chacal, as antilopes incontaveis e as nuvens de insectos e os bandos dos reptis, como as outras essencias mais humildes da floresta viva. O hippopotamo e o crocodilo infestam os rios, e nos prados correm ou voam os rebanhos das avestruzes. Ao norte, no delta do Niger, vive o gorilla (2) que ainda não é um homem; ao sul, nos socalcos maritimos occidentaes, o boschimano que de homem apenas merecerá o titulo. Que segredos, que thesouros, se escondem no seio d'esse continente apenas trilhado? Encontrará ahi o sabio provas definitivas da origem do homem? Encontrarão ahi os europeus novas minas, engastadas nas rochas? novos leitos do carvão precioso, encobertos sob a camada dos terrenos exteriores? Teria sido a sublevação do Saharà, outr'ora um mar, que separou do mundo a Africa e as suas raças indigenas, tão pouco humanas? Virá a Africa

(1) V. *Raças humanas*, I, pp. XVII-XXI. — (2) V. *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) pp. 63-4.

a dar ao homem a chave do enigma da sua apparição no mundo; e a marcar a éra da conclusão d'esse saque da terra, principio fundamental da historia?

A' grandeza monotona e uniforme, á palpitação vital febril, ao singular do céo, ao desconhecido da terra, ao inhospito das costas, á fereza dos brutos, reunia a *Africa portentosa* um aspecto estranho: a gente preta. Esse tom da pelle indigena augmentou o terror; e o facto, singular em si, tornou-se n'um symbolo. As trevas que envolviam a Africa davam a côr aos seus habitantes.

II

As raças indigenas

Entretanto a côr é apenas uma base convencional e nada fixa de classificação; (1) entretanto a Africa, habitada por brancos na faxa mediterranea, (2) inclue gentes de todas as côres; e desde o americano acobreado, desde o mongolico amarello, até ao negro retinto, todas as cambiantes possiveis, têm os seus representantes. Os fullos da Senegambia tiram para o vermelho, e nos habitantes das cabeceiras do Nilo são communs os acobreados ou amarellos. Se o negro é preto na costa da Guiné, os obongos do Gabão são de um amarello sujo. Entre os cafres ha tribus quasi vermelhas. Dos

(1) V. *Raças humanas*, I, pp. 10 e segg. — (2) V. sobre as raças da Africa septentrional, *Hist. da civil. iber.* (3.ª ed.) pp. XX-XXXI, e *Raças humanas*, I, pp. 91-105.

makololos muitos são castanho-claros, e da mesma côr abundam nas tribus do Alto Congo ou Lualaba. Por outro lado os hottentotes, e mais particularmente os boschimanos, têm a côr do couro curtido e velho. A latitude, ou por outra a temperatura, não serve pois para explicar as variações quantitativas do pigmento na pelle, origem das variações da côr. Não só ha homens claros sob o Equador, mas tambem ha homens pretos em latitudes afastadas; e não só na Africa isto succede, porque, se ahi os mais negros estão entre 12 a 15° N., na California, a 42°, havia-os tão retintos como os da Guiné.

Antes de estudarmos as raças mais propriamente negras, é mistér passarmos rapidamente a vista por essas populações mestiças que lhes formam a fronteira septentrional, encostadas ás margens austraes do Sahará, a partir do Atlantico para o oriente, pelo Senegal, pelo alto-Niger, pelo Haussa, pelo Baghirmi, pelo Uadai, até á Nubia. O Sudão, diz o seu grande explorador Barth, foi o centro de um grande cruzamento de raças. Os fullos, de raça vermelha e lissotrices, impozeram-se aos negros indigenas, ullotrices, pelo X seculo da nossa éra. Ao mesmo tempo que repelliam as tribus negras, porventura autochtonas, para o sul, cruzavam com ellas, produzindo as raças mestiças do Senegal.

Sob o nome generico de raça nubia (XI das doze de Müller-Häckel) incluem-se os dois typos nubio e fullo, aos quaes coube desempenhar o papel de dominadores dos negros visinhos nas duas respectivas metades da Africa: os fullos contra os guinés (jolofos, ibos, etc.) no Sudão; os nubios contra os nilotas (baris, chilucos, etc.) no alto-Nilo. Senhores de linguas distinctas, fullos e nubios, convertidos ao islamismo, apezar de cruzarem com os

negros indigenas, conservam ainda a phisionomia propria: o cabello, embora se tenha encrespado, não é a lan do negro; são orthognathas; têm as feições finas, os beiços delgados, o nariz proeminente e as fórmas bem proporcionadas.

O puro nubio, de entre Assuân e Uadi-Halfa, isto é, o typo dos barabras, passa por ter vindo do sul a estabelecer-se no seu habitat actual nos ultimos seculos precedentes á nossa éra; e já com razão os antigos o consideravam distincto do egypcio e do negro. Aos barabras aggregam-se os dongolenses, que fallam a mesma lingua, partilham os mesmos habitos, e apresentam os mesmos caracteres phisicos. O ethnographo Müller inclue ainda no mesmo grupo os já negros do Kordofân, mas fallando dialectos nubios: tumale, takele, koldagi, etc.

O cruzamento nubio-negro n'essa parte da Africa oriental produziu uma tal confusão de caracteres sociaes e phisicos que é difficil, senão impossivel, classificar as populações por qualquer d'esses distinctivos. Linguisticamente, além do negro e do nubio, vieram idiomas hamiticos implantar-se; e ficaram usados, embora se não fixassem caracteres phisicos. Assim, os bedjas do Taka, fallando um dialecto hamita, são verdadeiramente vermelhos; ao passo que os gallas, oriundos da Africa equatorial e estabelecendo-se ao sul da Ethiopia em tempos esquecidos, ficaram negros em quasi todos os seus caracteres phisicos. Os fungis de Sanaar, que são de origem nubios, ganharam por cruzamentos os caracteres de negros. Os somâlis e dankâlis têm a côr e as fórmas de negros, com um rosto e cabello de nubios e uma lingua hamita.

Por outro lado, no Sudão, aconteciam factos similhantes. E o viajante Schweinfurth quer que os

mombuttus, já dotados de uma civilisação rudimentar, usando já o ferro, e constituidos monarchicamente: os mombuttus, com os nomadas e cannibaes niam-niams, se filiem nas raças vermelhas e não nas raças negras da Africa. Como quer que seja, os niam-niams apresentam um caracter original: são sub-brachicephalos no meio das populações africanas, todas mais ou menos dolichocephalas. O mesmo viajante identifica-os com os fans do Gabão, que tambem são cannibaes, tambem limam em ponta os dentes, e conservam a tradição de uma emigração do norte. Em outros dos habitantes negros da Guiné vive tambem a lembrança de uma antiga viagem do interior.

Na região do Sudão e do alto-Nilo, pois, encontraram-se povos de cabello annellado (euplocomi) e povos de cabello crespo (eriocomi), produzindo essa faxa de população negroide que vae de um lado a outro da Africa e limita pelo norte o habitat dos negros. A linha que separa os negroides das tres raças indigenas da Africa — negros, hottentotes e cafres — parte das boccas do Senegal, em cuja margem direita assentam os negroides azenegues; segue o curso d'este rio; e póde traçar-se de lado a lado do continente em 10° N. por Dâr-Fertit e pelo norte dos lagos centraes até ás fronteiras da Abyssinia. D'ahi é mistér descer por oriente do Nilo, em demanda da costa, no Equador. Para além ficam os negros-berberes, os negroides do Sudão, os abexins, os gallas, os somâlis, negro-nubios da Africa norte-oriental; para áquem, a Nigricia e a Cafraria, dividindo quasi por meio, de norte a sul, a Africa austral.

O plan'alto central d'onde descem o Congo e seus affluentes, é porventura o berço da grande familia negra, (1) que as invasões negro-nubias de oriente obrigariam a recuar até á costa occidental, espalhando-a ao longo d'ella desde o Senegal, e repellindo para o extremo sul do continente os hottentotes, acaso tambem os autochtonas da Africa occidental, e porventura o exemplar mais inferior da especie humana. E' evidentemente impossivel formar mais do que conjecturas sobre taes questões: estas parecem, entretanto, as mais verosimeis.

Assim, não é hoje no coração da Africa, onde a lingua dos cafres impera, que o puro typo negro se deve buscar; mas sim na Guiné por um lado, e por outro nas tribus do alto-Nilo, que passam por serem os mais degenerados representantes d'essa raça porventura submettida outr'ora ao imperio e á lingua da gente de stirpe cafre. E' nas tribus do golpho da Guiné (jolofos, felupos, ibos, etc.) e nas do alto-Nilo (chilucos, nuers, dinkas, baris) que se fallam os 21 ramos (Muller) da lingua negra.

Mas, se o dominio da lingua cafre, ou bantu, é bastante mais vasto, não se segue por isso que essa extensão corresponda ao habitat da raça que denomina. Uma grande parte da Africa austral é negra, mas falla cafre.

O habitat do negro, ou Nigricia propriamente dita, enfrenta com os negroides do norte até ao Darfur, e a bacia hydrographica do Congo póde

(1) V. sobre os costumes dos negros africanos, *Regime das riquezas*, pp. 63, 84, 92, 107, 157 e 161-2; *Quadro das instit. primit.*, pp. 4, 15, 54, 156, 159, 236 e 248; *Raças humanas*, I, pp. 5-7; II, 12, 15-6, 23-4, 26, 28, 30, 34, 36, 45-6, 53-6, 60, 63-9, 72-4, 80-5, 88, 93-4, 104, 125, 169, 173 e 176-8; e *Syst. dos mythos relig.*, pp. 7-12 e 61.

considerar-se como incluindo todos os povos de raça negra. Com effeito, os plan'altos dos lagos e as suas vertentes orientaes pertencem aos cafres, que tambem se confundem com os negros nas cabeceiras do Zambeze. Fronteiros dos hottentotes pelo sul (18°), os negros entestam com os cafres em todo o oriente.

A cafraria vem desde o extremo sul do continente, enfrentando primeiro com os boschimanos através do deserto Kalahari, povoando o valle do Limpopo, subindo o do Zambeze até ás suas origens, — e occupando desde ahi toda a metade oriental do continente até entestar no Equador, e pela região dos lagos superiores, com os gallas, os somâlis e os negros-nubios.

Tantos e tão variados foram porém os cruzamentos que, entre os povos da lingua bantu aos quaes cabe boa metade da Africa austral, se encontram os typos mais variados. Ao sul distinguem-se logo os cafres-da-costa dos do interior, ou bechuanas, que são mestiços cafro-hottentotes. Ao norte distinguem-se tambem as raças do litoral, mais cruzadas de sangue arabe, das da região lacustre onde prevalece o sangue ethiope ou nubio. Que haja ou não um typo de raça cafre, e qualquer que seja esse typo, o facto é que a cafraria tem parecido aos viajantes uma vasta região de mestiços. Com effeito, a fusão das raças autochtonas e estranhas só podia fazer-se de um modo geral na metade oriental do continente. Na outra metade, o Sahará tornava ardua a empreza e a longa navegação era desconhecida. Foi pelo valle do Nilo, foi descendo a costa do mar Vermelho e depois a da Africa até ao estreito de Madagascar, que os ethiopes, os nubios, os arabes cruzaram com as populações indigenas. As tradições e os ritos, a

circumcisão e um monotheismo que não é raro encontrar entre os cafres, dão um testemunho, que as observações de Stanley na côrte do rei Mtesa confirmam. Os laivos de cultura mahometana são profundos, e espontaneo o apparecimento de ritos e costumes identicos aos do antigo Egypto.

Se a área da lingua bantu (1) é tão vasta e abrange em si populações tão variadas que, segundo dissemos, a cafraria se afigura a alguns como uma grande região de mestiços, nem por isso se póde, na opinião de muitos, negar a existencia de um typo cafre. Esse typo, superior sem duvida ao negro, differença-se d'elle muito. E' mais elevado (1,718 nos Ama-xosas de Fritsch); é dolichocephalo tambem, mas tem o craneo maior e mais alto, chegando a medir 1:453 c. c. (Bertillon); tem egual platyrrhinia, mas um prognathismo menor.

A côr tira ao pardo escuro, os cabellos são crespos e as fendas palpebraes lembram, como nos hottentotes, os typos mongolicos. As tradições das tribus zulus e kafirs (o mais puro typo bantu) fallam de uma origem distante para nordeste; e a área actual dos dialectos da sua lingua manifesta um dominio que deveu ter ido até além do Equador. Se as populações de entre a Linha e o Zambeze são principalmente negras, não serão acaso as monarchias centro-africanas, de Cazembo ou do Yanvos, os restos de um antigo imperio bantu, restos de que apenas a linguagem attesta a tradição?

E' mistér pois distinguir entre Cafraria, como habitat dos povos de raça bantu, e o dominio extensissimo das linguas d'essa raça — dominio que

(1) V. *Raças humanas*, I, p. 27.

abrange as duas terças partes da Africa austral e que o ethnographo Muller divide assim:

I GRUPO ORIENTAL

a) Dialectos kafirs e zulus (Ama-xosas, Zulus, Fingos, Tongas Suazis, etc.

b) Id. do Zambeze (Barotses, Mashonas, Macuas, Makololos, Matabeles, Bayeis, etc.)

c) Id. do Zanzibar (Kibambas, Kissuâ-hellis, Kinikas, Kihiaus, etc.)

II GRUPO CENTRAL

a) Bechuana (Sesuto, Serolong, Schlapi);

b) Tekeza (dialectos dos Mankolosis, Matongas, Mshloengas).

III GRUPO OCCIDENTAL

a) Bunda, Herero, Londa;

b) Congo, Mpongve, Dikele, Isubu, Fernando-Pó.

O grupo central, como se vê, inclue a vasta região dos bechuanas que passam por um cruzamento cafro-hottentote; o occidental abrange os territorios da raça negra estendida ao longo das margens do Lualaba-Congo; e no terceiro ramo do grupo oriental, além de se incluirem os negro-nubios do extremo norte, encontram-se tambem as populações negras do Lualaba superior, da bacia do Tanganyka e da região dos grandes lagos Victoria e Alberto, até ao Nilo e aos montes de Kilimandjaro. Todos esses povos, recentemente visitados por Burton, Speke, Grant, Cameron, Stanley, e cuja denominação ethnica principia por Ua (Ua-nyamuesi, Ua-nyoro, Ua-ganda, Ua-sambara, Ua-djidji, Ua-mika, etc.) pertencem linguisticamente á familia bantu, embora as suas origens naturaes os possam filiar na familia negra.

Os hottentotes formam o terceiro grupo dos povos afro-austraes. Repellidos hoje pelos negros e pelos cafres, superiormente dotados, para os extremos confins do continente; debruçados sobre o

mar nos terraços que ficam entre o rio Orange e 20º S.; defendidos pelos areaes do deserto Kalahari que os separa da Cafraria: nos hottentotes querem muitos achar os primeiros habitadores da Africa austral, vencidos e exterminados pelas invasões.

Com effeito, é digno de reparo que certos caracteres particulares do hottentote, e mais ainda do boschimano vão encontrar-se nos pontos extremos da Nigricia e da Cafraria. A steatopygia, ou desenvolvimento monstruoso das nadegas, e as proporções phenomenaes das nymphas, *o avental*, que caracterisam a mulher boschimana, encontram-se entre os somâlis e entre os cafres. A altura excessivamente pequena (1,40), tambem peculiar do hottentote, observa-se nos obongos do Gabão que tem a mesma tez côr de couro velho, a mesma inserção dos cabellos em mechas isoladas, os olhos da mesma fórma obliquos. Accresce ainda o facto de que todos ou quasi todos os nomes geographicos da Cafraria são hottentotes.

Aos obongos do Gabão, estudados por De Chaillu, veio Scheweinfurth juntar os akkas da Africa equatorial, observados tambem pelo italiano Miani e e em 1875 pelo austriaco Marno. Nenhum, porém, os pôde estudar no local onde vivem, e por isso alguns poem em duvida a affinidade dos akkas e dos boschimanos. Foi na côrte de Munza, o rei dos mombuttus, que Schweinfurth viu servir á mesa do soberano cannibal os akkas, prisioneiros de guerra mortos para um festim.

Se esses quasi pigmeus da Africa equatorial são ou não residuos de uma primitiva população vencida; se uma camada de gentes ainda quasi bestiaes, ainda bem pouco humanas, precedeu na occupação do continente os negros e os cafres, é questão provavelmente para sempre hypothetica.

Entretanto, no proprio dominio da raça quaiqua, (khoi-khoin: assim os hottentotes a si proprios se dizem), não só caracteres phisicos, taes como a steatopygia, mas tambem a lingua e os habitos distinguem dois typos: o boschimano *(sbojesman,* holl. homem-dos-bosques), e o namaqua ou hottentote propriamente dito.

«Nunca vi cabeça mais similhante á do macaco», dizia Cuvier observando a mulher boschimana, a que se chamou «Venus hottentote.» Com effeito, o boschimano é um typo infimo da humanidade. Não é propriamente negro, antes de um pardo amarellado; o cabell ocresce-lhe em mechas; é quasi anão (1,40) e monstruoso nas proporções: o busto do tamanho ordinario, os membros superiores muito longos, os inferiores muito curtos (1) e desprovidos de musculos poderosos. Exclusivamente caçador, não pastorêa. Tambem não conhece o ferro, nem o bronze: usa frechas armadas de pontas de osso ou de lascas de pedra. E' omnivoro, e sobretudo estima o mel d'abelhas. Anda nú, com uma pelle atada por uma correia á cintura, cobrindo o ventre. Não sabe ainda fazer casas: vive nas cavernas, ou debaixo d'arvores em tocas de folhagem, e toda a sua arte não vae além da construcção de uma tenda rudimentar — uma estaca d'onde pendem por cortinas umas pelles. Tem uma grande affinidade com o chimpanzé e apresenta-nos vivo em muitos traços o mais antigo homem europeu. (2)

O namaqua, ou puro hottentote, é muito superior. Provirá isso de algum cruzamento com os cafres visinhos? A linguistica, não encontrando relação genealogica entre os dois idiomas, opta pela

(1) V. *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed. pp.) 83-5 — (2) *Ibid.*, l. IV.

negativa (Müller); mas os caracteres phisicos parece abonarem a affirmativa.

O hottentote é um pouco maior do que o boschimano (1,52); tem a mesma côr, a mesma inserção dos cabellos em mechas, e uma tendencia para a steatopygia, com um prognatismo accentuado. A face é quasi tão horrenda, mas a testa, em vez de deprimida, é proeminente, o mento longo e ponteagudo. E' pastor e usa armas de fogo, compradas aos europeus do Cabo. Vive de carne e lacticinios e sabe fazer fermentar o mel. Veste-se e constroe cabanas.

Taes são — namaquas, boschimanos — os dois typos de homens inferiores a todos os que habitam como autochtonas a Africa.

Na lucta das raças, ou indígenas ou nacionalisadas por antiquissimas emigrações, succederia ao hottentote o que muitos querem que na Europa tivesse succedido a uma primitiva raça amarella? Assim devia ser, e assim é por toda a parte: um typo superior repelle e acaba por exterminar o inferior, porque a vida natural é uma lucta constantemente devoradora. A extincção do hottentote, porém, não traduz senão a victoria do cafre e do negro — typos que apenas de longe se avisinham do typo superior do homem.

Para que melhor se abranja o systema dos povos que habitam a Africa, tal como o esboçam hoje as observações, decerto ainda incompletas dos viajantes, e as deducções mais ou menos bem inferidas, terminamos este estudo com dois quadros onde o leitor poderá vêr as actuaes conclusões da ethnogenia sobre o systema das raças africanas, e a distribuição geographica das populações, segundo as mais recentes informações dos viajantes.

I

SCHEMA ETHNO-GEOGRAPHICO DA AFRICA CENTRO-AUSTRAL

A. — A Nigricia

1.º grupo; do Senegal ao Equador, ou Senegambia e Guiné.

RAÇAS	TYPOS	NAÇÕES OU TRIBUS	HABITAT
NEGRO BERBÈRE	*a)* **Mestiços**	1 Fulos, Mandingas, etc.	Senegambia alpestre.
		2 Susos, Falupes, etc.	Idem: Rio grande a Serra Leoa.
		3 Ashantis, Fantis, Accras, etc.	Costa da Mina.
		4 Jolofos, Casangas, etc.	Senegal ao Gambia.
	b) **Guinés**	5 Papeis, Bijagoz, etc.	Guiné portugueza.
		6 Dahomés, Biafres, Mahis, Ibos, Calabares, Bulus, etc.	Bahia do Benim, delta do Niger, ao Gabão.

2.º grupo; do Equador á Hottentotia, no litoral, e á Cafraria no centro.

RAÇAS	TYPOS	NAÇÕES OU TRIBUS	HABITAT
NEGRA	*c)* **Congos**	7 Balumbos.	Vertentes da serra Comprida até ao Congo.
		8 Mussorongos, Mushicongos, N'Bambas, etc.	Dembo, entre Congo e Loge.
		9 Quissamas, Cellis, Muquandos, Muquices, etc.	Litoral de Angola, do Loge ao cabo Negro.
		10 Basombos, Libollos, Basingues, Nanos, Kimbandis, etc.	Fronteiras orientaes do Angola para o Muata Yanvos.
		11 Bundas, Quiboques, Barotses, etc.	Plan'alto meridional; caboceiras do Chobe e do Liba,
		(reino do Muata-Yanvos)	Entre 0 e 15°; a oeste dos lagos Tanganika e Banguelo.
			Região dos lagos centraes superiores.
			Africa central superior.
NEGRO CAFRE	*d)* **Molunas**		
	e) **Balundas**		
	f) **Ugandas**		

B. — A Hottentotia

QUAIQUA	*a)* **Damaras** Ovahereros, Ovanbantieurus, etc.	De 18° ao Tropico	Plan'altos maritimos occidentaes.
	b) **Namaquas** (puro hottentote)	Do Tropico ao rio Orange	
HOLLANDO-HOTTENTOTE	*c)* **Saabs** ou **Boschimanos**	Zona interior (18° ao rio Orange), limit. a leste pelo Cubango e o Kalahari.	
	d) **Griequas**	Centro, margens norte do Orange.	

C. — A Cafraria

CAFRO HOTTENTOTE	*a)* **Bechuanas**	1 (orient.) Basutos, etc.	Sul do Limpopo	Africa central inferior; limit. oeste pelo Kalahari.
		2 (occid.) Makololos, Batokos, etc.	Alto Zambeze	
		3 Makalakas	*Reino de Matabele*, entre Limpopo e Zambeze	
		4 Mashonas, etc.		
CAFRE	*b)* **Cafres da costa**	5 Cafres	Entre o Cabo o Natal.	
		6 Zulus	» Natal e Lourenço Marques.	
		7 Tongas, Matucas, Batongas, Macombes, etc. *(reino de Umzila)*	Africa oriental portugueza; entre Limpopo e Zambeze (Sofala).	
	c) **Moçambiques**	8 Babisas, Basongas, Maravis	Zambezia, oeste do Chire e lago Nyassa	Do Zambeze ao Zanzibar.
		9 Vahiaos, Macuas, Mahibas, etc.	Vertentes orientaes do lago Nyassa	
	d) **Zanzibares**	10 Macondas, Waruas, etc.	Transição para os Gallas e Somalis, do Equador, negroides da Africa oriental, a entestar com a Abyssinia, pelo litoral.	

II

SCHEMA ETHNOGENICO DA AFRICA

LISSOTRICES

Euplocomi

Ortognathas

(XI) raça **Nubia** (1)

(no Sudão) **Fullos** (lingua prop.)

(na reg. nilotica) **Nubios** (lingua prop.)

ZONA DOS CRUZAMENTOS

Negroides

a) Mandingas, Susos, Felupes, na Senegambia.
b) Niam-Niams, Mombuttus, etc., no Sudão.—Linguas negras.

Fuidjis, de Senaar; Gallas, Somâlis, etc. na costa oriental: linguas nubias (e hamitas) — caracteres negros.

Guinés (Jolofos, Ibos, Accras, etc.)

Nilotas (Baris, Chilucos, Nués, etc.)

(IV) raça **Negra**
(côr preta; idiomas proprios)
Lingua bantu

(III raça **Cafre** (côr pardo amarello; lingua propria, a bantu).

Cafres-da-Costa, Moçambiques, Zanzibares, etc. (linguas do grupo oriental de Muller).

Congos, Moluas, Balundas, etc. (linguas do grupo occidental de Muller).

(II) raça **Hottentote** ou Quaiqua

Hottentotes (lingua propria)

Bechuanas ou cafro-hottentotes, (linguas bantu, do grupo central de Muller).

Boschimanos (lingua propria; côr castanha; pequena estatura; steatopygia).
Vestigios dispersos: obongos no Gabão; akkas, no Equador.

(III-VI) **Eriocomi**

(II) **Lophocomi**

Prognathas

ULLOTRICES

(1) V. a classificação das raças humanas nos *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) pp. 177-9 e *Raças humanas*, I, pp. 19 e 32-3.

III

A civilisação africana

O poetico plano da educação dos pretos seduz hoje em dia os animos enthusiastas que, não o podendo conceber já com as velhas religiões, imaginam fundar novos cultos philanthropicos. Entre o vasto numero das superstições ingenuas do nosso tempo, não é esta, nem a menos geral, nem a menos conspicua.

Acode, porém, uma pergunta: de que modo e porque processo ha de commetter-se essa obra imprevista e nova nos annaes da historia? Ou a Africa tropical se presta á immigração dos europeus, e n'esse caso as leis inevitaveis que condemnam por toda a parte as raças inferiores se repetirão; ou a Africa tropical repelle as raças europêas, e não se concebe de que modo, nem com que mestres se daria a educação ao negro. Occupando militarmente o continente, impondo um dominio protector? E que orçamentos bastariam, que milhões de homens seriam necessarios para preencher as baixas dos exercitos? E a Europa industrial e utilitaria deixar-se-hia arrastar por tão ruinosa chimera? Toda a historia prova, porém, que só pela força se educam os povos barbaros.

Apesar d'isso, a philanthropia insiste em esperar que a Biblia, traduzida em bundo ou em bantu, converterá os selvagens; que a férula do mestre-eschola fará d'elles homens como nós. Espera-se da alliança mystica do Testamento e das facturas de algodões o que os sinos e os crucifixos, a musica

e o incenso do culto catholico, não poderam conseguir outr'ora, nem na America, nem na Africa. Os resultados presentes fallam em vão, porque, diz Gervinus, «todas as licções da historia são perdidas para aquelle que continúa a attribuir as mesmas aptidões a todas as raças humanas; depois das experiencias politicas do Haiti, depois das experiencias sociaes da Liberia; depois das licções que á economia politica fornece a Jamaica, e dos resultados pedagogicos dados pelas escholas mixtas dos philanthropos da Nova-Inglaterra, onde as creanças de côr jámais vão além de um limite de desenvolvimento intellectual, que é o limite constitucional da raça.»

Sempre o preto produziu em todos esta impressão: é uma creança adulta. A precocidade, a mobilidade, a agudeza proprias das creanças não lhe faltam; mas essas qualidades infantís não se transformam em faculdades intellectuaes superiores. Resta educal-os, dizem, desenvolver e germinar as sementes.

Não haverá, porém, motivos para suppôr que esse facto do limite da capacidade intellectual das raças negras, provado em tantos e tão diversos momentos e lugares, tenha uma causa intima e constitucional? Ha decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um typo anthropologicamente inferior, não raro proximo do anthropoide, e bem pouco digno do nome de homem. A transição de um para o outro manifesta-se, como se sabe, em diversos caracteres: o augmento de capacidade da cavidade cerebral, a diminuição inversamente relativa do craneo e da face, a abertura do angulo facial que d'ahi deriva, e a situação do orificio occipital. Em todos estes signaes os negros se encontram collocados entre o

homem e o anthropoide. (1) E os estudos de archeologia prehistorica não authorisam a suppôr que dentro de uma raça, isto é, sem o cruzamento de sangue estranho, possam dar-se progressos sensiveis na anatomia do cerebro. Não bastarão acaso estas provas para demonstrar a chimera da civilisação dos selvagens, que foi o sonho vão dos jesuitas? E se não ha relações entre a anatomia do craneo e a capacidade intellectual e moral, porque ha de parar a philanthropia no negro? porque não ha de ensinar-se a Biblia ao gorilla ou ao orango, que nem por não terem falla, deixam de ter ouvidos, e hão de entender, quasi tanto como entende o preto, a metaphisica da encarnação do Verbo e o dogma da Trindade?

---

(1) *a)* Capacidade craniana; centim. cub.

OBSERVAÇÕES DE		BROCA	MORTON
Europeus	Parisienses.....	1:558	1:534
	Bascos hespanhoes....	1:574	
	Corsos.....	1:552	
Negros africanos (occidentaes).....		1:430	1:364
Americanos		—	1:239

b) Relação do craneo para a face; Cuvier:

Brancos.....	1 : 1
Negros.....	1,25 : 4

c) Angulos faciaes de Cloquet; observações de Broca:

Bretões.....	72º
Hottentotes....	56
Gorillas.....	31

d) O orificio occipital acha-se no europeu a egual distancia da parte anterior e posterior do craneo; no negro é mais posterior; no anthropoide muito; até que no cavallo e no hippopotamo deixa de fazer parte da base do craneo. (Broca). — Os ossos proprios do nariz ficam separados da linha média, até uma avançada edade, no europeu; até aos 20 ou 25 annos no hottentote e no negro; e até aos dois apenas nos anthropoides. V. *Elem. de Anthropol.* (3.ª ed.) l. II, 3.

A idéa de uma educação dos negros é, portanto, absurda não só perante a historia, como tambem perante a capacidade mental d'essas raças inferiores. Só um lento e longo cruzamento com sangue mais fecundo poderá gradualmente ir transformando-as; e é exactamente isso o que de um modo espontaneo e natural veio succedendo desde uma edade em que ainda os europeus se não preoccupavam com a Africa. Esse sangue não foi, nem poderá ser, o da Europa: é o sangue africano das raças septentrionaes e o sangue arabe, fundidos n'um só corpo pelo islamismo. Os cruzamentos, d'onde já saíu a civilisação do valle do Niger, e de todas as nações negroides do Sudão e da Abyssinia; os cruzamentos que já deram a muitos cafres uma relativa superioridade, eis ahi o que, no lento decorrer de seculos, poderá civilisar a Africa centro-austral — se é que para isso não ha obstaculos de força maior, provenientes do clima.

Que farão entretanto os Europeus? Lerão a Biblia e venderão algodões aos cincoenta milhões de negros, satisfazendo assim a um tempo as exigencias poeticas e as necessidades mais praticas da industria. Emquanto a acção dos cruzamentos das raças acclimataveis fôr caminhando, de um modo tão lento que só é apreciavel no decurso de seculos, a exploração commercial do continente caminhará, com a rapidez, porém, que a força e os recursos da civilisação europêa proporcionam. As feitorias espalhar-se-hão por toda a parte onde puder chegar uma lancha, uma estrada, um caminho de ferro... e as espingardas e os canhões: porque o commercio interno da Africa será feito á sombra das armas, como foram sempre e em toda a parte as transacções com os povos selvagens. A Europa fabril adquirirá um mercado vastissimo para cer-

tos dos seus productos; e a Africa pagar-lhe-ha barateando pela abundancia os preços dos generos ultramarinos. Mas a civilisação das raças negras só póde caminhar pelo cruzamento com os negroides islamitas do Oriente: o Occidente não lhes dará, como especies por ellas assimilaveis, mais do que pannos para se vestirem, aguardente para se embriagarem, polvora para se exterminarem.

Se esta opinião exprime a verdade de um futuro em parte remotissimo, em parte quasi immediato, que será d'aqui por muitos seculos das raças negras? Obedecendo a leis inherentes á existencia do homem sobre a terra, terão desapparecido, em vez de se terem civilisado. E' em nossa opinião mais provavel que isso se dê pela absorpção no seio de raças relativamente superiores, como ha oito ou nove seculos se deu no Sudão, do que pelo exterminio executado pelas raças brancas, a exemplo do que succedeu aos indigenas da America, e, na propria Africa, aos hottentotes do Cabo. As condições geographicas e climatericas da Africa determinarão decerto as variedades particulares do processo; mas a consequencia ultima será aquella que se impõe á Africa e a todo o mundo, com um caracter de generalidade inalteravel.

Concluindo, portanto, seja-nos licito perguntar: E nós? E a nossa Angola? E Moçambique? *Iremos vivendo,* que é a fórmula consagrada com que se define ingenuamente a apathia nacional. Iremos declamando, que é o alimento mais aprazivel ao paladar portuguez. Todavia, nós, desde que não somos um povo fabril, ou deviamos empenhar-nos seriamente em fazer de Angola uma boa *fazenda* á hollandeza, sem escrupulos, preconceitos, nem chimeras, se depois de maduro estudo julgassemos que valia a pena o sacrificio; ou deviamos com

franqueza applicar tambem a Angola o unico systema sensato a seguir com todo o resto: enfeodal-o a quem podesse fazer o que nós decididamente não podemos; repetir o que se praticou com a India e esteve a ponto de se fazer com Lourenço-Marques.

Estar de arma — sem gatilho! — ao hombro, sobre os muros de uma fortaleza arruinada, com uma alfandega e um palacio onde vegetam maus empregados mal pagos, a assistir de braços cruzados ao commercio que os estranhos fazem e nós não podemos fazer; a esperar todos os dias os ataques dos negros, e a ouvir a todas as horas o escarneo e o desdem com que fallam de nós todos os que viajam na Africa — não vale, sinceramente, a pena.

BIBLIOGRAPHIA

Visconde de Santarem — *Essai sur l'histoire de la cosmographie.* Paris, 1849-52. 3 vol. 8.º

Id. *Demonstração dos direitos que tem a corôa de Portugal ao territorio de Molembo, Cabinda e Ambriz.* Lisboa, 1855.

Id. *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la cote d'Afrique*, etc. Paris, 1842.

Id. *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Americ Vespuce et ses voyages.* Paris.

Lopes de Lima — *Ensaios sobre a estatistica das possessões ultramarinas (Cabo Verde, S. Thomé, Angola).* Lisboa, 1844-6. 3 vol. 8.º

F. M. Bordalo — *Idem (Moçambique, India).* Lisboa, 1859-62. 2 vol. 8.º

M. de Sá da Bandeira — *O trabalho rural africano e a administração colonial.* Lisboa, 1873. 8.º

Id. *Documentos officiaes relativos ao tratado para a suppressão da escravatura.* Lisboa, 1839. fol.

Id. *O trafico da escravatura e o bill de Lord Palmerston.* Lisboa, 1840. 8.º

Id. *Factos e considerações relativos aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molemba, Cabinda e Ambriz.* Lisboa, 1856.

D. José de Lacerda — *Exame das viagens do doutor Livingstone.* Lisboa, 1867. 8.º

A. M. de Castilho — *Descripção e roteiro da costa occidental d'Africa.* Lisboa, 1866-7. 2 vol. 8.º

Miguel de Bulhões — *Les colonies portugaises.* Lisboa, 1878. 8.º

Affonso de Castro — *As possessões portuguezas na Oceania.* Lisboa, 1867. 8.º

Visconde de Paiva Manso — *Historia do Congo* (ed. da Academia). Lisboa, 1877. 8.º

Id. *Memorias sobre Lourenço Marques.* Ibid., 1870.

Academia Real das Sciencias (ed. da) — *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.* Lisboa, 1812-41. 7 vol. 4.º

— *Conferencias academicas.* Lisboa, 1877. 3 fasc. 8.º

— *Collecção de opusculos reimpressos*, etc. Lisboa, 1844-58. 4.º

— *Annaes maritimos e coloniaes.* Lisboa, 1840-46. 6 vol. 8.º

— *Memorial ultramarino e maritimo.* Lisboa, 1836.

— *Annaes da marinha e ultramar.* Lisboa, 1866, etc.

— *Annaes do conselho ultramarino.* Lisboa, 1867, etc.
— *Annaes da commissão central permanente de geographia.* Lisboa, 1876.
— *Boletim da sociedade de geographia de Lisboa.* Lisboa, 1877, etc.
— *Boletim da sociedade de geographia commercial do Porto.* Porto, 1880 e segg.
— *Indice chronologico das nav., viagens e descobrimentos dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o seculo* XV. Lisboa, 1841.

Gomes Eannes de Azurara — *Chronica da conquista da Guiné.* Paris, 1841. 4.º

Diogo de Couto — *Soldado pratico* (ed. da Acad.) Lisboa, 1790. 8.º

Ruy de Pina — *Chronica de D. João II* (Ineditos da Acad., II. pp. 11 e 144).

André Alvares de Almada — (ed. D. Kopke) *Tratado breve dos rios de Guiné* (1594). Porto, 1841. 8.º

Sebastião Xavier Botelho—*Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa.* Lisboa, 1835-7.

Gamitto — *O Muata Cazembe.* Lisboa, 1854.

Manuel Ferreira Ribeiro — *A provincia de S. Thomé e Principe,* etc. Lisboa. 1877 8.º

Vicente Pinheiro — *As ilhas de S. Thomé e Principe.* Lisboa, 1884.

L. A. Rebello da Silva — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII.* Lisboa, 5 vol. 8.º (V. espec. I, 4; III, 2 a 5; V, 5; VI, 4 e 5; VII, 3; e VIII, 1).
— *Relatorios apresentados* (pelos ministros Mendes Leal, Rebello da Silva, e Corvo) ao parlamento. 1864, 70 e 75.

J. Andrade Corvo — *Estudos sobre as provincias ultramarinas.* Lisboa, 1883-4 3 vol.

Conde de Ficalho — *Plantas uteis da Africa portugueza.* Lisboa, 1884.

Serpa Pinto — *Como eu atravessei a Africa.* Lisboa, 1880. 2 vol.

Capello e Ivens — *De Benguella ás terras de Iacca.* Lisboa, 1881. 2 vol.

Opusculos diversos

Saldanha da Gama — *Mem. sobre as colonias de Portugal.* Paris, 1839.

Gomes Loureiro — *Mem. dos estabel. portug.* Lisboa, 1835.

Luciano Cordeiro — *Portugal e o mov. geogr. mod.* Lisboa, 1877.
— *L'hydrog. afr. au XVIme siècle.* Lisboa, 1878.
— *(edit.) Memorias do Ultramar; viag. expl. e conq. dos port.* Lisboa, 1881. 3 num.

A. F. Nogueira — *A raça negra sob o ponto de vista da civilisação de Africa.* Lisboa, 1881.
R. Pequito — *A soc. geogr. e o m. de Sá da Bandeira.* Lisboa, 1877.
J. de Mendonça — *Colonias e poss. port.* Lisboa, 1877.
A. Campos Jun — *As possessões port.* Lisboa, 1877.
D. J. Oliveira — *Moçambique e o Bonga.* Coimbra, 1879.
Castro Ferreri — *Angoche.* Lisboa 1881.
Cunha Mattos — *Chron. hist. S. Thomé e Principe.* Porto, 1842.
C. de Magalhães — *A occupação do Congo.* Lisboa 1885.
Id. *Le Zaire et les contrats de l'assoc. internat.* Lisboa, 1884.
Id. *Memoria da questão do Zaire.* 1883.
José Falcão — *A questão do Zaire.* Coimbra, 1883.
H. de Barros Gomes — *O tratado do Zaire e a conf. de Berlim* (disc. parl.) Lisboa, 1885.
Id. *A qvestão do Zaire* (id.) Lisboa, 1885.
V. Pinheiro — *Admin. colonial: creação do districto do Congo* (id.) Lisboa, 1885.
Id. *Politica colonial* (id.) Lisboa, 1885.
G. Villain — *La question du Congo.* Paris, 1884.
A. de Castilho — *O Districto de Lourenço Marques*, etc. Lisboa, 1882.
Id. *Portugal e a Gran-Bretanha no tratado de Lourenço Marques.* Lisboa, 1880.
V. de Arriaga — *Lourenço Marques.* Lisboa, 1881.
J. de Anchieta — *Traços geol. da Africa occid. port.* Benguella, 1885.
A. J. de Seixas — *A questão colonial portugueza.* Lisboa, 1881.

R. H. Major — *Vida do infante D. Henrique* (tr. Brandão). Lisboa, 1876, 8.º
Jh. Vogel — *Le Portugal et ses colonies.* Paris, 1860. 8.º
J. Miantoli — *Portugal und seine colonien.* Stuttgard, 1805. 8.º
Ed. Septenville — *Découvertes et conquêtes du Portugal.* Paris, 1863, 12.º
Ed. J. Payne — *History of european colonies.* Londres, 1878. 8.º
Karl Ritter (tr. Buret et Desor) — *Geographie generale comparée.* Paris, 1836. Africa, 3. vol. 8.º
L. Magyar (tr Hanfalvy) — *Reisen in Sud Africa.* Leipzig, 1860.
P. F. Rainier — *Afrique (Geog. appliquée).* Paris, 1878. 4.º
R. Hartmann — *Die nigritien.* Berlim, 1879. 4.º
A. E. Lux — *Von Loanda nach Kinbundu.* Vienna, 1879. 8.º
Dr. Barth — *Travels and Discoveries in north and central Africa.* Londres, 1849-55.
Dr. Livingstone — *Missionary travels and researches in South Africa.* Londres, 1857.
V. L. Cameron — *Across Africa.* Leipzig, 2 vol. 12.º

H. M. Stanley — *Through the dark continent*. Londres, 1878. 2 vol. 8.º

J. Monteiro — *Angola and the river Congo*. Londres, 1875. 2 vol. 8.º

J. Tams — (tr. Lloyd, do all.) — *Visit to the portuguese possessions of Africa*. Londres, 1845. 2 vol. 8.º

J. Barrow — *Travels in the interior of southern Africa*. Londres, 1801. 2 vol.

F. Müller — *Allgemeine etnographie*. Wien, 1873. 8.º

A. Petermann — *Süd Africa* \ *Madagascar* (Atlas do Stieler n.º 71) Gotha (Justus Perthes), 1879. fol.

R. Kiepert — *Carte du Bassin du Congo*. Berlim, 1885.

Id. *Beitraqe zur Entdeckungsgeschicse Africa's*. Berlim, 1881.

F. A. Varnhagen — *Historia geral do Brazil*. Madrid, 1854-7. 2 vol.

B. M. Pereira da Silva — *Varões illustres do Brazil*. Paris, 1858. 2 vol. 8.º

Id. *Hist. dà fundação do imperio brazileiro*. Rio, 1870.

Sebastião da Rocha Pitta — *Historia da America portugueza*. Lisboa, 1730. fol.

Luiz Gonçalves dos Santos — *Memorias para a historia do Brazil*. Lisboa, 1825. 2 vol. 4.º

F. S. Constancio — *Historia do Brazil*. Paris, 1839. 2 v. 8.º

P. Simão Vasconcellos — *Chronica da companhia de Jesus no estado do Brazil*. Lisboa, 1663. fol.

Id. *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil*. Lisboa, 1668. 4.º

P. Fernão Guerreiro — *Relação annual*, etc. Lisboa, 1605-11. 4 vol. 4.º

J. M. Latino Coelho — *Elogio historico de J. Bonifacio de Andrade*. Lisboa, 1877. 4.º

— *Revista trimensal do Instituto historico e geographico do Brazil*. Rio, an. de 1839, 4 vol. 8.º

A. J. Mello Moraes — *Chorographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Brazil*. Rio, 1858-63, 5 vol. 8.º

Id. *Brazil historico*. Rio, 1864-70. 4 vol. 8.º

Bartholomeu Guerreiro — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade de S. Salvador da Bahia*. Lisboa, 1625. 4.º

João de Medeiros — *Relação verdadeira de todo o succedido na restauração do Brazil*. Lisboa, 1625. 4.º

Duarte de Albuquerque Coelho — *Memorias diarias de la guerra del Brazil*. Madrid, 1654.

F. G. da Silva — *Memorias offerecidas á nação brazileira*. Londres, 1831. 8.º

José de Vasconcellos — *Datas celebres e factos notaveis da historia do Brazil*, etc. Pernambuco, 1872.

Fr. João de S. Joseph Queirol — (ed. Camillo Castello Branco) *Memorias*. Porto, 1868.
R. Raphael de Jesus — *Castrioto lusitano*. Lisboa, 1679.
Alexandre de Gusmão — *Collecção de escriptos*. Porto, 1841, com o *Complemento*; ibid., 1844.
Candido Mendes de Almeida—*Atlas do imperio do Brazil*. Rio, 1868. fol.
Gabriel Soares de Souza — (ed. Varnhagem.) *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. Rio, 1851. 8.º
J. M. de Macedo — (tr. Halbout) *Notions de chrographie du Brazil*. Leipzig, 1873. 8.º
Manoel Ayres do Casal — *Chorog. brasilica*. Rio, 1817, 4.º
Th. M. Souza Brazil — *Compendio elementar de geographia geral e especial do Brazil*. Rio, 1848. 8.º
J. A. de Cerqueira e Silva — *Ensaio chorographico do imperio do Brazil*. Rio, 1851.
Paulo Porto-Alegre — *Monogr. do café*. Lisboa, 1879. 8.º
— *O imp. do Brazil na exp. de Philadelp*. Rio, 1875.
Augusto de Carvalho — *O Brazil* (2.ª ed.) Porto, 1876. 8.º
J. N. Souza Silva — *Historia da conjuração mineira*. Rio de Janeiro de 1873.

J. Henderson — *History of Brasil*. Londres, 1821. 4.º
Robert Southey — *History of Brasil*. Londres, 1810, 12, 19, 3 vol. 4.º
F. Denis — *Besumé de l'histoire du Brésil* Paris, 1825. 12.º
F. Gervinus — (tr. Minssen) *Histoire du XIXme siècle*. Paris, 1866. 2 vol. 8.º (V. IX, p. 203 e x, p. 241 e segg.)
J. Netescher — *Les hollandais au Brésil*. Hayr. 1853. 1 vol.
G. Barlaei — *Rerum per octennium in Brasilia*, etc. Amsterdam, 1647.
P. Claude Abbeville — *Histoire de la mission des pères capucins à l'ile de Maragnon*. Paris, 1614. 8.º
C. Straten-Ponthoz — *Le budjet du Brésil* Bruxelles, 1854, 2 vol.
Aug. Saint-Hilaire — *Voyages dans les provinces do Rio de Janeiro et de Minae Geraes*, etc. Paris, 1830-3. 4 vol. 8.º
D. Felix de Azara — *Voyagei dans l'Amerique meridionale*. Paris, 1809. 4 vol. 8.º
E. de Freycinet — *Voyage de l'Uranie*. Paris, 1824. 8 vol. (V. *Hist. du voyage)*.
Jean de Lery — *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Ruão, 1578. 8.º
Baron von Eschwege — *Brasilien nach einem 11 Jachrigen Aufhemthalte*, br. 1830.
Spix und Martius — *Reise in Brasilien (1807-20)*. Munich, 1823-31. vol. 4.º
J. Mawe — (tr. Eyriés) *Vovages dans l'interieur du Brésil*. Paris, 1816. 2 vol. 8.º

Pr. Max. de Wied — *Reise nach Brasilien (1815-17)* Frankfort, 1819-21. 2 vol. 4.º
H. Koster — *Travels in Brasil.* Londres, 1816. 4.º
Milliet de St. Adolphe — (tr. C. L. Moura) *Diccionario geographice do Brasil.* Paris, 1845. 2 vol. 8.º
J. B. Debret — *Voyage pittoresque et historique au Brésil (1816-31).* Paris, 1839. fol.
Ch. Darwin — (tr. Barbier) *Voyage d'un naturaliste.* Paris, 1875. 8.º
R. A. Lallemant — *Reise durch Sud-Brasilien.* Leipzig, 1859.
Maria Graham — *Journ. of a voyage to Brazil.* Lond., 1824.
Horace Say — *Histoire des relations commerciales de la France et du Brésil.* Paris, 1839. 8.º
V. L. Baril — *L'empire du Brésil.* Paris, 1862. 8.º
Ch. Reybaud — *La colonisation au Brésil.* Paris, 1858. 8.º

A. Herculano — *A emigração.* Nos Opusculos, tom. IV. Lisboa, 1879.
A. A. dos Santos Jun — *Acclimação dos portuguezes na provincia de Angola* (these in.) Porto, 1883.
J. F. Laranjo — *Theoria geral da emigr.* Coimbra, 1878. 8.º
A. P. Carvalho — *Das origens da escravidão moderna em Portugal.* Op. Lisboa, 1877.
J. S. Maciel da Costa — *Mem. sobre a necessidade de abolir a introducção de escravos afriranos no Brazil.* Coimbra, 1821. 8.º
— *Annuario estat. do reino de Port.* Lisboa, 1877. 4.º
— *Primeiro inquerito parlamentar sobre a emigração portugueza.* Lisboa. 1873. 8.º
P. Leroy Beaulieu — *De la colonisation chez les peuples modernes.* 1874. 8.º
Jules Duval — *Histoire de l'emigration.* Paris, 1862. 8.º
Adam Smith — *Recherches sur la nature et les causes de la richesse de nations* (tr. Blanqui). Paris, 1842. 2 vol. 4.º
M. Chevalier — *La monnaie.* Bruxelles, 1851. 8.º (V. Sect. V).
Cournot — *Considérations sur la marche des idées et des évènements.* Parir, 1872. 2 v. 8.º (V. tom. I, cap. 8).
R. M. de Labra—*La abolicion de la esclavitud.* Madrid, 1874 8.º
Moreau de Jonnès — *Recherches statistiques sur l'esclavage.* Paris, 1842. 8.º
James Bandinel — *Some account of the trade in slaves in Africa.* Londres, 1842. 8.º
Fowell Buxton — *The african slave trade.* Londres, 1840.
H. Merivale — *Lectures on colonisation and colonies.* Londres, 1841. 1 vol.
W. Wilberforce—*A letter on the slave trade.* Londres, 1807. 8.º
V. Schoelcher — *De l'esclavage des noirs et de la legislation coloniale.* Paris, 1833. 8.º
Th. Clarkson — *The history of raise, progress, and abolition of the slave trade.* Londres, 1808. 8.º

INDICE

Advertencia v

LIVRO PRIMEIRO

Formação das colonias na Africa e America

I A descoberta e a occupação 1
II A organisação 7
III A exploração dos sertões 16
IV As missões 20
V Os jesuitas e os indigenas no Brazil 24
VI A crise do Ultramar 31
VII Os holladezes em Pernambuco 38

LIVRO SEGUNDO

Negros, assucar e ouro

I O trafico da escravatura 49
II A escravidão no Brazil 60
III O Estado do Maranhão 66
IV A expulsão dos jesuitas 69
V O Brazil pombalino 74
VI A descoberta das minas 78
VII O ouro do Brazil 83
VIII Constituição geographica da nação 89
IX As colonias africanas 95

LIVRO TERCEIRO

O imperio do Brazil

I Historia da independencia 101
II Geographia brazilica 118
III A divisão do imperio 126

IV Os indigenas 133
V A immigração africana e asiatica 146
VI A immigração europêa 154
VII O desenvolvimento da riqueza 166

LIVRO QUARTO

A Africa portugueza

I Estatistica das colonias 179
II O systema colonial africano 194
III Os tres typ s de colonias 201
IV As feitorias africanas e a concorrencia 210
V As plantações e o trabalho indigena 217
VI A colonisação e a emigração portugueza 238
VII A emigração e a metropole 249

LIVRO QUINTO

A exploração do continente africano

I Africa portentosa 259
II As raç s indigenas 269
III A civilisação africana 283

Bibliographia 289

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

A vida de Nun'Alvares, 4.ª ed., 1 volume illustrado.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal, 1.ª ed., 1 volume.
Historia da civilisação iberica, 7.ª ed., 1 volume.
Historia de Portugal, 10.ª ed., 2 volumes.
O Brazil e as colonias portuguezas, 5.ª ed., 1 volume.
O Principe Perfeito, 3.ª ed., 1 volume illustrado.
Os Filhos de D. João I, 5.ª ed., 1 volume illustrado.
Portugal contemporaneo, 6.ª ed., 2 volumes.
Portugal nos mares, 3.ª ed., 2 volumes.

II. Historia geral:

As raças humanas e a civilisação primitiva, 4.ª ed., 2 volumes.
Elementos de anthropologia, 6.ª ed., 1 volume.
Historia da republica romana, 4.ª ed., 2 volumes.
O hellenismo e a civilisação christã, 3.ª ed., 1 volume.
Quadro das instituições primitivas, 3.ª ed., 1 volume.
Regime das riquezas, 3.ª ed., 1 volume.
Systema dos mythos religiosos, 4.ª ed., 1 volume.
Taboas de chronologia e geographia historica, 1 volume.

III. Varia

A circulação fiduciaria, 3.ª ed., 1 volume.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante, 3.ª ed., 1 volume.
A reorganisação do Banco de Portugal, opusculo.
Cartas peninsulares, 2.ª ed., 1 volume.
Carteira de um jornalista: I, Portugal em Africa, 1 volume.
O artigo «Banco» no Diccionario Universal Portuguez, 1 volume.
Politica e economia nacional, 1 volume.
Projecto de lei de fomento rural, apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887, 1 volume.
A Edade Media na Historia da Civilisação, polemica entre Anthero do Quental, J. P. Oliveira Martins e Dr. Julio de Vilhena, 1 volume.
Correspondencia de J. P. Oliveira Martins, 1 volume.

Parceria A. M. Pereira — Livraria editora

Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA